OBRAS
DE
LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

SEGUNDA EDIÇÃO,

Da que, na Officina Luiſiana, ſe fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780.

TOMO II.

LISBOA.

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA,

ANNO M. DCC. LXXXIII.

Com licença da Real Meza Cenſoria.

ADVERTENCIA DO EDITOR AOS QUE LEREM.

POrque naõ falte cousa que possa enriquecer esta nossa Ediçaõ, e porque vá acompanhada de tudo o que de alguma maneira póde ser interessante, dar gosto aos Leitores, e servir-lhes de instrucçaõ, lançaremos aqui o Prologo, feito pelo excellente Jurista, e Poeta Fernando Rodrigues Lobo Surrupita, com o qual, no anno de 1595. em Lisboa, sahíram impressas a primeira vez algumas Rhythmas do nosso Poeta. He, pois, o referido Prologo como se segue:

COmo eſte Livro ha de vir ás mãos de muitos, e naõ he poſſivel em todos ſer igual a noticia das couſas, que ſe requerem para entendimento delle, naõ pareceo pouco acertado advertir brevemente algumas, aſſi ſobre o titulo, e diviſaõ da Obra, como tambem ſobre o Author della. E começando pelo titulo, eſta palavra *Rhythmas* (que os Italianos, e Francezes pronunciam ſem aſpirações) deſcende de ῥυθμὸς, vocabulo Grego, que quer dizer, *número*, ou *harmonía*; como declara Diomedes Grammatico, e Nicoláo Perotto, na Cornucopia, no Commento do quarto Epigramma; e em ambas as ſignificações convém propriamente ao verſo de medida Italiana, porque naõ ſómente conſiſte em certo número de ſyllabas, mas tambem na harmonía, cauſada dos accentos, e conſoantes, como prova Benedetto Varchi, no Dialogo Herculano, na pergunta 9. Nem iſto recebe dúvida, porque geralmente o corpo de toda a ſorte de Poema ſe forma de número, e harmonía; donde naſceo chamar-lhe Poſſidonio Eſtoico, *Dicçaõ numeroſa*, que conſta de medida certa;

co-

como refere Laercio, na vida de Zenaõ. Em tanto, que sendo Socrates avisado, por hum Oraculo, se queria alcançar a bemaventurança, applicasse o animo á Musica; entendeo que satisfazia ao intento daquelle aviso, em se empregar todo em fazer versos, por ser a harmonía, e numeros delles, parte da mesma Musica, como conta Celio Calcagnino, na Oraçaõ que fez em louvor das Artes. Donde tambem procedeo a etymologia deste nome *Poeta*, que conforme a opiniaõ de Eustathio, seguida por Rhodegino, no livro quarto, se deriva de ποιῶ, que significa ἐμμέτρως ἄδειν, que quer dizer *cantar*: e o mesmo nome de *Musa* significa *Canto*, como affirma o mesmo Nicolao Perotto, sobre o quinto Epigramma: e por isso Dante chamou á Poesia, ficçaõ Rhetorica, posta em Musica. E que o titulo de Rhythmas convenha a toda esta Obra, mostra-se tambem claramente por hum Discurso que fez o Cardeal Pedro Bembo, no livro 2. das Prosas, onde diz que as Rhythmas (ou Rimas, como elle escreve) saõ de tres maneiras; porque ou saõ reguladas, ou livres; ou parte livres, e parte reguladas. Reguladas se chamam

aquel-

aquellas, que vaõ sempre atadas a huma mesma regra, como saõ os Tercetos, de que se crê ser inventor Dante, porque antes delle se naõ acham feitos por outrem (*). E assim as Oitavas, que in-

(*) Postoque naõ existam hoje, sabe-se com tudo, que antes de Dante, e Petrarca houve versos Hendecasyllabos, e Tercetos. Na Dedicatoria da sua Chronica Geral de Hespanha, impressa em Valença no anno de 1546., affirma Pedro Antaõ Beuter, que em Valença hum certo Mossen Jordi, que floreceo pelos annos de 1250., escrevia Sonetos, Sextinas, e Terceroles, que saõ Tercetos: e he de opiniaõ o mesmo Beuter, que este Author, neste genero de versos, imitava a outros ainda mais antigos, como o Imperador Federico II., e seu filho, que viviam pelos annos de 1200. Consta ao certo, que Dante nasceo em 1265., donde naõ fica lugar a duvidar, que antes de Dante se escreviam versos Hendecasyllabos, e Tercetos. Para maior prova copiaremos huns versos, que do mesmo Jordi traz Beuter naquella Dedicatoria, ou naquelle Prologo; e saõ os que se seguem:

E no be pau, e no tinch quim guarreig:
Vol sobrel cel, e non movi de terra,
E no estrench res, etot lo man abrás:
Hoy be de mi, e vull altri gran bè,
Si no Amor, dons aço que sem.

Versos que Petrarca, que nasceo em 1304., imitou; ou para melhor dizer, traduzio desta maneira:

inventáram os Sicilianos, fazendo-as de dous consoantes até ao rabo: e despois foram reduzidas a melhor fórma pelos Toscanos, accrescentando-lhe terceiro consoante nos dous versos ultimos: e as Sextinas, que foram invenção dos Provençaes, especialmente de Arnaldo Danielo (*). Rhythmas

Pace no trovo, e non ho da far guerra:
E volo sopra il Cielo, e ghiacio in terra,
E nulla stringo, e tutto il mondo abraccio:
Et ho in odio me stesso, & amo altrui
S'amor non è, che dunque è quel ch'io sento.

A'lém do que fica dito, tambem nos consta de manuscriptos dignos de toda a fé, e credito, que o nosso Rei, o Senhor D. Diniz, que nasceo primeiro que Dante tres ou quatro annos, compuzera muitos versos Hendecasyllabos, entre os quaes se faz crivel entrassem tambem Tercetos. Na Chronica de Cister, escripta por Fr. Bernardo de Brito, liv. 6. cap. 1. m. fol 372., achará o Leitor versos deste genero, compostos por Gonçalo Hermigues, que florecia pelos annos de 1090., tempo em que o Conde D. Henrique naõ havia ainda entrado em Portugal, e 170. annos antes do Senhor Rei D. Diniz.

(*) Muitos se persuadíram serem as Sextinas invençaõ de Petrarca; porém enganáram-se, porque 50. annos primeiro que Petrarca, as escreveo Dante, e primeiro que Dante o tal Arnaldo Danielo, de quem aqui faz mençaõ Surrupita Em Portugal foi primeiro em as escrever Jorge de Monte Maior, e quasi pelos mesmos tempos Luis de Camões.

mas livres saõ aquellas, que naõ guardam regra alguma, nem no número dos versos, nem na correspondencia dos consoantes, como saõ os Madrigaes derivados de Mandra, palavra Toscana, por ser composiçaõ villanesca, à que respondem os nossos Villancetes. Rhythmas parte livres, parte reguladas, saõ as que em algumas cousas vaõ sujeitas a regra, e n'outras saõ isentas della; como saõ os Sonetos, e Cançóes: porque os Sonetos, ainda que no número dos versos, e disposiçaõ delles, tem obrigaçaõ de seguir sempre huma mesma regra; com tudo, na correspondencia dos consoantes, naõ tem obrigaçaõ certa, como mostra Rengifo, na sua Arte Poetica, no cap. 43., seguindo todavia a observaçaõ, que com muito engenho, e juizo, advertio Torquato Tasso, no seu Dialogo da Poesia Toscana: e as Cançóes tem a mesma natureza, como aponta o mesmo Rengifo, no cap. 59. e nos seguintes. E com isto temos satisfeito ao titulo.

Segue-se a divisaõ da Obra, que vai repartida em cinco partes, porque o número quinquenario pertence particularmente a Obras de Poesia, e Eloquencia; o que se vê claramente, porque

con-

conforme a doutrina dos Platonicos, era dedicada a Mercurio, e aos outros deoses, que no seu rito Gentilico eram Padroeiros das Artes, como escreve Rhodigino, lib. 12. cap. 10. E a Mercurio tinham elles por divindade da Eloquencia; e por isso lhe consagravam as Linguas, como refere Vincencio Cartario no Livro das Imagẽes dos Deoses, sobre a Imagem de Mercurio; e sendo assi da Eloquencia, ficava tambem sendo da Poesia, pela liança que entre si tem, conforme a definiçaõ de Dante, e Possidonio. E por isso a quinta letra do Alphabeto Grego era dedicada a Apollo, como escreve Guillelmo Onciaco, no Livro dos Lugares, cap. 5. E as Musas, posto que sejam nove, só a cinco dellas tocava o ministerio da Poesia, porque a Clio se attribuia o sogeito della, presidindo à Historia: a Polymnia o ornamento da linguagem; a Calliope o verso Heroico: a Melpomene o Tragico: a Thalia o Comico, conforme ao Epigramma vulgar, que anda entre os de Virgilio. Seguindo, pois, esta divisaõ, se deo a primeira parte aos Sonetos, por ser composiçaõ de mais merecimento, por causa das difficuldades della, assim em naõ ad-

mit-

mittir nenhuma palavra ociosa, nem de pouca efficacia, como em haver de cerrar toda a materia delle, dentro no limite de quatorze versos: fechando o ultimo Terceto de maneira, que naõ fique ao entendimento desejo de passar avante; cousa em que muitos Poetas, que andam nas azas da fama, tiveram pouca felicidade (*) A segunda parte se deo ás Canções, e Odes, que ref-

(*) O nosso Antonio Ferreira, pouco feliz na versificaçaõ, cahio neste defeito, por quanto se acham nelle Sonetos, em cujo fim o Leitor fica como esperando pelo mais que o Poeta devia dizer. Apontaremos hum, para que com este exemplo o Estudioso que se applicar a semelhantes composições, tenha cuidado de se acautelar nesta parte, e para que se veja a justificada critica de Surrupita, que pelo que entendemos, naquelle tempo se dirigia ao mesmo Ferreira. O tal Soneto, segundo se colhe do contexto delle, parece que he feito a huns olhos, e diz assim:

O' olhos, donde amor suas frechas tira
Contra mim, cuja luz me espanta, e cega!
O' olhos, onde amor se esconde, e prega
As almas, e em pregando-as, se retira!
O' olhos, onde amor amor inspira,
E amor promette a todos, e amor nega!
O' olhos, onde amor tambem se emprega,
Porque tambem se chora, e se suspira!

respondem aos versos Lyricos, como mostra Fernando de Herrera, no seu doctissimo Commento, sobre a primeira Cançaõ de Garcilasso. A terceira a Elegias, e Oitavas, de que naõ achamos que usasse Petrarca (*), mas de ambas estas composições usou felicemente Ariosto, e por ventu-

O' olhos, cujo fogo a neve fria
Accende, e queima! O' olhos poderosos
De dar á noite luz, e vida á morte!
Olhos, por quem mais claro nasce o dia!
Por quem saõ os meus olhos taõ ditosos,
Que de chorar por vós lhe coube em sorte!

Sem por ora fazermos outras reflexões, só diremos, que, na opiniaõ de Antonio Ferreira, com o primeiro destes quatorze versos estava feito o Soneto, porque os que se seguem a esse mesmo primeiro nenhuma outra cousa accrescentam.

(*) Naõ compoz Petrarca Elegias com este titulo: mas escreveo os seus Triumphos em Tercetos, que naõ saõ outra cousa, que humas puras Elegias. Em algumas Edições das Obras deste Poeta, assim como na de Napoles de 1609., em 16., se acha hum pequeno Poema em Tercetos, com o titulo de Capitulo, (talvez posto por Impressores) que naõ deixa de ser huma Elegia. Principia:

Nel cor pien de amarissima dolcezza
Risonavan' ancor gli ultimi accenti
Del ragionar, ch'ei sòi bramo, & apprezza, &c.

tura que soube melhor imitar na graça, e perfeição do verso Elegiaco a Tibullo, e Propercio; que saõ os Principes deste genero, que na magestade do Heroico a Virgilio. A quarta a Eclogas, por ser especie de composiçaõ, em que se requere menos sufficiencia; e nella, deixando a Theocrito, e Virgilio, teve particular excellencia Sannazaro, como nas Piscatorias Berardino Rota (*). A quinta, e ultima parte se deo ás Grosas, e voltas, e outras composições de verso pequeno, que saõ proprias da nossa Hespanha (**), em que Gregorio Sylvestre se avantajou

(*) A Sannazaro, e Rota, podia; sem muito escrupulo, accrescentar Lodovico Paterno na Italia, e Garcilasso na Hespanha.

(**) Diz que as *Grosas, e voltas, e outras composições de verso pequeno, saõ proprias da Hespanha*, e nisto ha engano. Em quanto ás *Grosas, e voltas*, he certo que só os Hespanhoes as usáram, e que em nenhum tempo apparecêram fóra da Hespanha: em quanto aos versos pequenos naõ tem razaõ, porque Gregos, e Latinos os usáram, e os Italianos em todos os tempos no seu Idioma: o que seria facil provar. O juizo que faz de Gregorio Sylvestre he o mais ajustado com a razaõ, porque na verdade foi insigne, tanto nos versos pequenos, como nas chamadas *Grosas*. Foi Portuguez, e natu-

jou notavelmente, entre todos os Hespanhoes, e tivera o primeiro lugar, se Luis de Camões lho naõ ganhára, assi na agudeza dos conceitos, e propriedade das palavras, como na habilidade de meter regras impossiveis; que mostrou muito mais nas outras Rhythmas, como logo diremos. E continuando com elle, (que he a terceira parte deste Prologo) he evidente temerida-de querer louvá-lo; porque ainda que os outros Poetas fossem particularmente abalizados em alguma perfeiçaõ especial, todavia a huns faltou a natureza, que lhes fizesse facil a contextura do verso, lavrando-o com tanta aspereza, e difficuldade (*), que parece que estaõ alli as palavras vio-

---

ral de Lisboa: porém creou-se, e viveo sempre na Hespanha, onde tratou outros tambem egregios no mesmo genero de versificaçaõ; assim como Garcia Sanches de Badajoz, Bartholomeu de Torres Navarro, D. Joaõ Fernandes de Heredia, e Christovaõ de Castilejo. As Obras de Sylvestre se imprimiram em Lisboa, por Manoel de Lyra, anno de 1592, em doze, e depois em Granada, por Sebastiam de Mena, anno de 1599, em oitavo.

(*) Aqui deve entrar o mesmo Ferreira, de quem já acima fallámos, o qual postoque tivesse bastante liçaõ dos Poetas, segundo alcançamos das suas Obras;

violentadas, e os conceitos encerrados nellas por força: e assi carecem da suavidade, em que consis-

como lhe faltasse o espirito, e natureza, para a suavidade, e melodia metrica, tem versos de tal aspereza, e escabrosidade, que parece deixam os ouvidos escalavrados a quem os ouve recitar. Naõ bastam os muitos estudos Poeticos, para constituir hum Poeta egregio: tambem he necessario que a indole, o genio, e a natureza, concorram. Horacio o diz claramente na Poetica, vers. 408.:

Natura fieret laudabile carmen, an arte
Quæsitum est: ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius sic
Altera poscit opem res, & conjurat amicè.

Porém este defeito que aqui aponta Surrupita, naõ procedeo tanto no Ferreira da falta do espirito, ou natureza, quanto da pouca extensaõ que este Poeta tinha no Idioma Portuguez, e de se mostrar menos instruido na Arte versificatoria. O Poeta que deseja constituir-se tal, deve entre outras muitas cousas, saber manejar bem aquella Lingua em que escreve, e estar senhor della, para que lhe naõ succeda o mesmo que ao Ferreira, que para encher versos, a cada passo se está servindo das mesmas palavras, como o *sprito*, (já naquelle tempo se dizia *espirito*) e outras taes, de que nunca se póde sahir. Deve ter conhecimento da natureza, ou (como lhe chama certo Author) virtude, e poder das letras: deve saber quaes saõ suaves, quaes saõ brandas, asperas, humildes, sonoras, graves, &c. Deve tambem conhe-

sistc a mesma Poesia, confórme a doutrina de Fracastorio, no seu Dialogo intitulado, Naugerio,

---

cer das syllabas, dos diphthongos, e das palavras, que se compõe dessas mesmas letras, e syllabas. Deve ter noticia da contracçaõ das vogaes; em que lugares do verso se devem, ou podem contrahir, sem deformidade, ou offensa dos ouvidos, e em que lugares naõ. Deve tambem saber, em quanto ás palavras, quaes saõ simples, quaes compostas, usadas, antigas, estranhas, novas, proprias, translatas, e figuradas. Deve, em fim, naõ ignorar que cousa seja huma a que os Gregos chamam *εὐφωνία*, e Quintiliano, *vocalitas*; e assentar com Aristoteles no cap. primeiro da sua Poetica, que quem produzio a Poesia foi a imitaçaõ, a harmonia, e o numero. Todas estas, e outras cousas, que deixamos aos que fizerem Tratados da versificaçaõ, deve saber o Poeta, que quizer fazer versos que se possam ler: aliàs lhe succederá o mesmo que aconteceo ao Ferreira, que naõ só por falta de genio, mas por naõ ter os estudos sufficientes, nos deixou huns versos confragosos, duros, aridos, insipidos, desabridos, muitas vezes errados, e taes que ainda naquelles que tem as mesmas onze syllabas de que devem constar, nos naõ he possivel descobrir alguma cadencia, ou harmonia metrica, como aqui se verá, sem sahirmos dos Sonetos.

Que folgaria entaõ poder esquecer-vos
Nem o dourado Sol, nem o Ceo estrellado:
Tranças louras de que esphera, ou estrellas:
A luz, e o fogo, que assim em mim se atea:

rio, tirada de Horacio, e Quintiliano. Outros que alcançáram ter mais natureza, ou por acertarem de ser pouco felices na eleiçaõ das palavras, ou por naõ terem cabedál com que ataviar à Oraçaõ, assi da lindeza da linguagem, como de tropos, e figuras, sem as quaes Cicero, nem Virgilio, nunca fallâram, usam de huns termos taõ

Eu como abrandarei huma dura serra:
Daquella que venceo estrellas, e fados:
E traz nos brancos cornos as luminosas:
D'outro desejo mais saõ, d'outros amores.

Disto a cada passo neste Poeta: e poderemos nós chamar numerosos a estes versos taõ dignamente, como Luis de Camões (no Canto 1. Estancia ix.) fallando com o Senhor Rei D. Sebastiam, chamava aos seus,

. . . . Vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos?

Pelo menos, se ahi se acha suavidade, brandura, número metrico, Musica ou consonancia metrica, como lhe chamam os Mestres, confessamos ingenuamente, que naõ atinamos com ella. Destes mesmos achaques, aindaque com melhores symptomas, adoeceo Diogo Bernardes, de quem pouco differe seu contemporaneo, e amigo, Pedro de Andrade Caminha, do qual vimos humas Elegias, com outros versos, que correm manuscriptos.

taõ humildes, e vulgares, como se a natureza da Poesia naõ consistíra em ser levantada do uso commum de fallar, confórme a opiniaõ de Plutarco, no seu Tratado da Poetica, e de Rhodigino, no cap. 4. do livro 4. Outros que se melhoram mais na linguagem, naõ tem nenhuma erudiçaõ com que illustrem suas Obras, sendo verdade, como diz Rhodigino, no cap. 2. do mesmo Livro, que só aquelles se chamam Poetas legitimos, que mostráram noticia de diversas Sciencias em suas Obras, como Orpheo, Homero, Virgilio, e Pindaro. E pelo contrario, Luis de Camões está taõ affastado de todos estes defeitos, que juntamente vemos nelle natureza promptissima, para declarar seus pensamentos, acompanhada de huma facilidade natural, que enche os seus versos de suavidade; e com ella huma linguagem taõ pura, e ornada de todos os lumes da elocuçaõ, e taõ rica de conceitos, e diversas joias de todas as Sciencias, que parece que nelle só ajuntou a arte, e a natureza, tudo o que convinha para subir ao mais alto da Poesia. E com ser excellente em toda a sorte de Rhythmas, e em especial do verso pequeno

como já dissemos (*), muito mais o foi nas

Can-

(*) Por huma constante observaçaõ se tem assentado, que nem todos os Poetas se acham igualmente grandes em todas as composições: observase, que huns se abalizáram mais em humas, e que outros se distinguíram mais em outras. O desprezarse o conselho que Horacio dá no

Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam
Viribus, &c.

póde ser tenha dado occasiaõ a alguns se despenharem. Já acima vimos (e o poderáõ ver todos os que livres de paixaõ o quizerem ler) quanto Antonio Ferreira pôde nos versos hendeçasyllabos, ou maiores: agora trataremos de mais alguns Portuguezes. O nosso Sá e Miranda, pelas durezas he nos versos grandes insupportavel; ao mesmo tempo que nos pequenos he sentencioso, suave, brando, e digno de ler-se. Diogo Bernardes ao contrario; tiradas tambem certas durezas, e a phrase baixa, e humilde, com que se explicou em muitos lugares, he melhor nos maiores, que nos menores. Naõ existem versos pequenos de Vasco Mausinho de Quevedo, nem tam pouco de Gabriel Pereira de Castro, que a haveлos, póde ser que os naõ vissemos taõ harmoniosos, e cheios de suavidade metrica, como os grandes, que temos destes dous Poetas. O nosso Francisco Rodrigues Lobo meteo-se a fazer hum Poema Epico; mas pela froxidaõ de espirito; falta de genio, e forças, veio a perder aquelle credito, que aliàs conseguíra nas composições humildes, e pequenas, que soube tratar. As suas dez Eclogas de

Canções (*), onde guardou de maneira todas as leis dellas, que nenhuma inveja póde ter a Petrarca, Bembo, e Garcilasso, que neste genero saõ os mais louvados; e o mesmo lugar tem na maior parte dos Sonetos, e o tivera em todos, se alguns que aqui vaõ impressos por seus, naõ foram feitos sem cuidado, á importunaçaõ de amigos; onde acontece muitas vezes acudir mais á pressa (**) com

versos menores, estimam-se naquelle genero, por huma das melhores cousas da Hespanha. Assim este Author naõ andará taõ corrupto, e depravado pela ignorancia Typografica! Este juizo, que aqui se faz destes Authores (poderá ser de mais alguns, mas por naõ fazermos longo este escripto, os omittimos) poderá padecer suas contradicções de alguns apaixonados; porém como elle naõ he nosso (com a maior ingenuidade reconhecemos a pobreza dos nossos estudos) lá se hajam os que tem seus caprichos na Poetica, com os que vieram primeiro que nós, e que tambem souberam seu pouco de Poesia.

(*) He muito difficil de se decidir, em que Obras se avantajou mais Luis de Camões, sendo taõ grande em todas; neste lugar parece que pertende Surrupita, que se prefiram as Canções a todas as outras Rhythmas do Poeta; porém naõ faltam bons intelligentes, que estejam mais a favor das Odes, que das Canções.

(**) Ainda aqui se dá outra razaõ, e vem a ser que intervém grande differença em escrever vo-

com que os pedem, que á obrigaçaõ de os limar; e despois, sem vontade do Author se publicam por seus. Tratar do estylo Heroico naõ he deste lugar: poderá fazê-lo quem commentar a sua Lusiada (*): mas o que com razaõ se póde affirmar he, que cumprio nella tanto á risca as obrigações do Poema Epico, que se naõ parecêra arrogancia, puderamos dar-lhe assento muito perto de Virgilio. Porque na grandeza, gravidade, e harmonía das palavras; na traça,

e

---

luntario, ou constrangido, e obrigado. Aquelles assumptos que saõ escolhidos pelo mesmo Poeta, sempre devemos presumir que haõ de ser mais bem tratados, que outros, que de fóra se lhe propõe: o nosso discurso ordinariamente repugna nestes ultimos, ao mesmo tempo que experimentamos, que muito gostoso abraça os primeiros.

(*) *Tratar do estylo Heroico naõ he deste lugar: poderá fazê-lo quem commentar a sua Lusiada.* Assim sahio esta passagem na primeira Ediçaõ, que he como seu Author a escreveo. Segunda vez se imprimio este Prologo; mas os apaixonados de Manoel Correa, talvez para fazerem valer o seu Commento, (na verdade pouco merecedor deste nome) viciáram este lugar, e imprimiram: *Tratar do estylo Heroico naõ he deste lugar; porque o Licenciado Manoel Correa, que está commentando suas Lusiadas terá esse cuidado.*

e discurso da Obra; na alteza do sogeito, seguio em tudo as pizadas de Virgilio; e nas ficções allegoricas (sem as quaes naõ póde haver nenhum Poema Heroico, confórme a opiniaõ de Aristoteles, referida por Rhodigino, no mesmo liv. 4. cap. 4.; e ao que escreveo Plutarcho, no lugar acima allegado, reprehendendo a Empedocles, Parmenides, Nicandro, e Theognides, por usurparem o nome de Poetas, só com versos ricos de doutrina; mas desacompanhados de ficções) mostrou taõ admiravel engenho, que quasi se igualou a Homero: e oxalá pudera humilhar a grandeza delle, em algumas das Eclogas, conformando-se mais com o estylo Bucolico (*).

E

(*) Todos concordam que no estylo Bucolico se déve dar o primeiro lugar a Theocrito; e querem que depois delle se siga logo Virgilio, naõ obstante ter pensamentos levantados, e sublimes, menos proprios das composições deste genero. O nosso Camões, ou por muito exacto imitador de Virgilio, ou pelo costume de discorrer sobre assumptos nobres, e heroicos; ou talvez por se naõ poder domar a si mesmo no seu enthusiasmo, cahio no mesmo defeito; especialmente nas Eclogas primeira, segunda, e sexta: porém os intelligentes lhe concedem sempre hum lugar mui distincto,

E postoque naõ faltam murmuradores que calumniáram suas Obras, naõ escurece isso o merecimento dellas; porque tambem Virgilio, e Homero, passáram por este trance, que he natural a todos os engenhos raros: em tanto, que só de erros de Virgilio, compoz Carbilio, Grammatico, hum livro inteiro: e Cesár Caligula ousou affirmar, que nenhuma habilidade, nem erudiçaõ tivera; e esteve determinado para mandar meter no fogo suas obras, e retratos, que havia em algumas Livrarias, como conta Suetonio Tranquillo, e Pedro Crinito, no liv. 3. dos Poetas Latinos. E com isto naõ resta mais que lembrar, que os erros que houver nesta impressaõ, naõ passáram por alto a quem ajudou a copiar este Livro; mas achou-se que era menos inconveniente irem assim como se acháram, por conferencia de alguns Livros de máo, onde estas Obras an-

---

merecido por estes Poemas. Saõ muito estimadas as Eclogas de Nemesiano, de Hieronymo Vida, e do nosso Portuguez Henrique Caiado. Na Italia tem-se pelas melhores as de Berardino Rota, Lodoviço Paterno, Panfilo Sasso, Serafino Aquilano, e Sannazaro, na Arcadia. Na Hespanha naõ tem iguaes as de Garcilasso.

andavam efpedaçadas, que naõ violar as compofições alheias, fem certeza evidente de fer a emenda verdadeira; porque fempre aos bons entendimentos fica refervado julgarem, que naõ faõ erros do Author, fenaõ vicio do tempo, e inadvertencia de quem as trasladou (*). E fegue-fe nifto o parecer de Augufto Cefar; que na commiffaõ que deo a Vario, e a Tucca, para emendar a Eneida de Virgilio, lhe defendeo expreffamente, que nenhuma coufa mudaffem, nem accrefcentaffem; porque em effeito he confundir a fubftancia dos verfos, e conceitos do Author, com as palavras, e invençaõ de quem emenda; fem ficar ao diante certeza fe o que fe lê he proprio,

(*) Os muitos vicios, e erros, que Fernando Rodrigues Lobo Surrupita achou (e de que juftiffimamente fe queixa) nas cópias que defcobrio deffas poucas Rhythmas de Camões, que fe imprimiram no anno de 1595., deram occafiaõ a que as mefmas Rhythmas, neffa primeira Ediçaõ fahiffem muito erradas. Defte defgofto porém nos tirou, alguns annos depois, Manoel de Faria e Soufa; o qual, alcançando com immenfo trabalho, e incrivel diligencia, Manufcriptos do Poeta, nos deo (á excepçaõ dos verfos menores) hum corpo das fuas Obras, completo em quanto á certeza.

prio, se emendado. E por isso se naõ bulio em mais, que só naquillo que claramente constou ser vicio da penna; e o mais vai assi como se achou escripto, e muito differente do que houvera de ir, se Luis de Camões em sua vida o dera á Impressaõ. Mas assi debaixo destas affrontas, que o tempo, e a ignorancia lhe fizera, resplandece tanto a luz de seus merecimentos, que basta para neste genero de Poesia naõ havermos inveja a nenhuma Naçaõ Estrangeira.

O Licenciado Fernaõ Rodrigues Lobo Surrupita, Advogado nesta Corte.

RHYTHMAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.
PARTE PRIMEIRA.
SONETOS.

I.

Em quanto quiz fortuna que tiveſſe
Eſperança de algum contentamento,
O goſto de hum ſuave penſamento
Me fez que ſeus effeitos eſcreveſſe.
Po rém temendo amor que aviſo déſſe
Minha eſcriptura a algum juizo iſento,
Eſcureceo-me o engenho co' o tormento,
Para que ſeus enganos naõ diſſeſſe.
O' vós, que amor obriga a ſer ſujeitos
A diverſas vontades; quando lerdes
N'hum breve livro caſos taõ diverſos;
Verdades puras ſaõ, e naõ defeitos.
Entendei que ſegundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus verſos.

II.

EU cantarei de amor taõ docemente,
Por huũs termos em si taõ concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que naõ sente.
Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, e pena ausente.
Tambem, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda, e rigorosa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte:
Porém para cantar de vosso gesto
A composiçaõ alta, e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, e arte.

III.

COm grandes esperanças já cantei,
Com que os deoses no Olympo conquistára;
Depois vim a chorar porque cantára,
E agora chóro já porque chorei.
Se cuido nas passadas que já dei,
Custa-me esta lembrança só taõ cara,
Que a dor de ver as mágoas que passára,
Tenho por a mór mágoa que passei.
Pois logo, se está claro que hum tormento
Dá causa que outro na alma se accrescente,
Já nunca posso ter contentamento.
Mas esta phantasia se me mente?
Oh ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente?

IV.

IV.

DEspois que quiz amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartio,
Entregou-me á fortuna, porque vio
Que naõ tinha mais mal que em mi mostrasse.
Ella, porque do amor se avantajasse
Na pena a que elle só me reduzio,
O que para ninguem se consentio,
Para mim consentio que se inventasse.
Eis-me aqui vou com vário som gritando,
Copioso e exemplario para a gente,
Que destes dous tyrannos he sujeita:
Desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que deste taõ pequeno está contente!

V.

EM prisões baixas fui hum tempo atado;
Vergonhoso castigo de meus erros:
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte, a meu pezar, tem já quebrado.
Sacrifiquei á vida a meu cuidado;
Que amor naõ quer cordeiros, nem bezerros:
Vi mágoas, vi miserias, vi desterros:
Parece-me que estava assi ordenado.
Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoso,
Só por ver que cousa era viver lédo.
Mas minha estrella, que eu já agora entendo,
A morte cega, e o caso duvidoso,
Me fizeram de gostos haver medo.

VI.

VI.

I Lluſtre e digno ramo dos Menezes,
Aos quaes o providente, e largo Ceo
(Que errar naõ ſabe) em dote concedeo,
Que rompeſſe os Mahometicos arnezes:
Deſprezando a fortuna, e ſeus revezes,
Ide para onde o fado vos moveo:
Erguei flammas no mar alto Erythreo,
E ſereis nova luz aos Portuguezes.
Opprimí com taõ firme e forte peito
O Pirata inſolente, que ſe eſpante
E trema Taprobana, e Gedroſia.
Dai nova cauſa á côr do Arabo Eſtreito;
Aſſi que o Roxo mar de aqui em diante,
O ſeja ſó com ſangue de Turquia.

VII.

NO tempo que de amor viver ſohia
Nem ſempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em várias flammas váriamente ardia.
Que ardeſſe n'hum ſó fogo naõ queria
O Ceo, porque tiveſſe exprimentado,
Que nem mudar as cauſas ao cuidado,
Mudança na ventura me faria.
E ſe algum pouco tempo andava iſento,
Foi como quem co' o pezo deſcanſou
Por tornar a canſar com mais alento.
Louvado ſeja amor em meu tormento,
Pois para paſſatempo ſeu tomou
Eſte meu taõ canſado ſoffrimento.

VIII.

AMor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro crystal se derretia
Por entre vivas rosas, e alva neve.
A vista, que em si mesma naõ se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao soffrimento doce, e leve.
Jura amor, que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito: o pensamento
Endoudece, se cuida que he verdade.
Olhai como amor géra em hum momento,
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

IX.

TAnto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio:
Sem causa juntamente chóro, e rio;
O mundo todo abarco, e nada aperto.
He tudo quanto sinto hum desconcerto;
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum rio:
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvario, agora acerto.
Estando em terra chego ao Ceo voando:
N'huma hora acho mil annos, e he de geito,
Que em mil annos naõ posso achar huma hora.
Se me pergunta alguem, porque assi ando;
Respondo, que naõ sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

X.

X.

TRansforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Naõ tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se nella está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente póde descansar,
Pois com elle tal alma está liada.
Mas esta linda, e pura semidéa,
Que como o accidente em seu sojeito,
Assi com a alma minha se confórma;
Está no pensamento como idéa:
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a fórma.

XI.

PAsso por meus trabalhos taõ isento
De sentimento grande, nem pequeno;
Que só por a vontade com que peno
Me fica amor devendo mais tormento.
Mas vai-me amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co' o veneno;
Que do penar a ordem desordeno,
Porque naõ mo consente o soffrimento.
Porém se esta fineza o amor sente;
E pagar-me meu mal com mal pertende,
Torna-me com prazer como ao Sol neve.
Mas se me vê co' os males taõ contente;
Faz-se avaro da pena, porque entende,
Que quanto mais me paga, mais me deve.

XII.

XII.

EM flor vos arrancou, de entaõ crescida,
(Ah Senhor Dom Antonio!) a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antiguos esquecida.
  Huma só razaõ tenho conhecida,
Com que tamanha mágoa se conforte;
Que se no Mundo havia honrada morte,
Naõ podieis vós ter mais larga vida.
  Se meus humildes versos podem tanto
Que co' o desejo meu se iguale á Arte,
Especial materia me sereis.
  E celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

XIII.

N'Hum jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima várias flores,
Entrou hum dia a deosa dos amores,
Com a deosa da caça, e da espessura.
  Diana tomou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lyrio, dos melhores:
Mas excediam muito ás outras flores,
As violas na graça, e formosura.
  Perguntam a Cupido, que alli estava,
Qual de aquellas tres flores tomaria,
Por mais suave, e pura, e mais formosa.
  Sorrindo-se o minino lhes tornava:
Todas formosas saõ; mas eu queria
Viola antes, que lyrio, nem que rosa.

XIV.

TOdo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor della naõ sentia;
Que o repouso do fogo em que elle ardia,
Consistia na Nympha que buscava.
Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia:
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava.
Cansado já de andar por a espessura,
No tronco de huma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

XV.

BUsque amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que naõ póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu naõ tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Pois naõ temo contrastes, nem mudanças,
Andando em bravo mar perdido o lenho.
Mas com quanto naõ póde haver desgosto
Onde esperança falta; lá me esconde
Amor hũ mal, que mata, e naõ se vê.
Que dias ha que na alma me tem posto
Hũ naõ sei que, que nasce naõ sei onde;
Vem naõ sei como, e doe naõ sei porque.

XVI.

XVI.

QUem vê, Senhora, claro, e manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Senaõ perder a vista só com vellos,
Já naõ paga o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantagem merecellos,
Dei mais a vida, e alma, por querellos,
Donde já me naõ fica mais de resto.
Assi que alma, que vida, que esperança,
E que quanto for meu, he tudo vosso:
Mas de tudo o interesse eu só o levo.
Porque he tamanha bemaventurança
O dar-vos quanto tenho, e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

XVII.

QUando da bella vista, e doce riso,
Tomando estaõ meus olhos mantimento,
Taõ elevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o Paraiso.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento:
Assi que em termo tal, segundo sento,
Pouco vem a fazer quem perde o siso.
Em louvar-vos, Senhora, naõ me fundo;
Porque quem vossas graças claro sente,
Sentirá que naõ póde conhecellas.
Pois de tanta estranheza sois ao Mundo,
Que naõ he de estranhar, Dama excellente,
Que quem vos fez, fizesse Ceo, e Estrellas.

XVIII.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou fortuna, roubadora;
Deixai-me descansar em paz huma hora,
Que comigo ganhais pouca victoria.
Impressa tenho na alma larga historia
Deste passado bem, que nunca fora;
Ou fora, e naõ passára: mas já agora
Em mi naõ póde haver mais que a memoria.
Vivo em lembranças, morro de esquecido
De que sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado taõ contente.
Oh quem tornar pudéra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

XIX.

ALma minha gentil, que te partiste
Taõ cedo desta vida descontente;
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Naõ te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus taõ puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dor, que me ficou
Da mágoa, sem remedio de perder-te;
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que taõ cedo de cá me leve a ver-te,
Quaõ cedo de meus olhos te levou.

XX.

N'Hũ bosque, q̃ das Nymphas se habitava,
Sibella, Nympha linda, andava hũ dia;
E subida em huma arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.
Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sésta á sombra fria,
Em hum ramo, arco, e séttas, que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.
A Nympha, como idoneo tempo víra
Para tamanha empreza, naõ dilata;
Mas com as armas foge ao moço esquivo.
As séttas traz nos olhos, com que tira.
O' Pastores; fugi, que a todos mata,
Senaõ a mim, que de matar-me vivo.

XXI.

OS Reinos, e os Imperios poderosos,
Que em grandeza no Mundo mais crescêram,
Ou por valor de esforço florecêram,
Ou por Barões nas letras espantosos.
Teve Grecia Themistocles famosos;
Os Scipiões a Roma engrandecêram;
Doze Pares a França gloria deram;
Cides a Hespanha, e Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal, que agora vemos
Taõ differente de seu ser primeiro,
Os vossos deram honra, e liberdade.
E em vós, grão successor, e novo herdeiro
Do Bragançaõ Estado, ha mil extremos
Iguaes ao sangue, e móres que a idade.

XXII.

DE vós me parto, ó vida, e em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento.
Naõ sei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança.
Mas doù-vos esta firme segurança,
Que postoque me mate o meu tormento,
Por as aguas do eterno esquecimento
Segura passará minha lembrança:
Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
Que com cousa outra alguma se contentem:
Antes os esqueçais, que vos esqueçam.
Antes, nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereçam
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

XXIII.

CHara minha inimiga, em cuja maõ
Poz meus contentamentos a ventura;
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mi consolaçaõ.
Eternamente as aguas lograráõ
A tua peregrina formosura:
Mas em quanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharáõ.
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possam prometter-te longa historia,
De aquelle amor taõ puro, e verdadeiro;
Celebrada serás sempre em meu canto:
Porque em quanto no Mundo houver memoria,
Será a minha escriptura o teu letreiro.

XXIV.

XXIV.

AQuella triste e léda madrugada,
Chea toda de mágoa, e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella só, quando amena, e marchetada,
Sahia, dando á terra claridade,
Vio apartar-se de huma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.
Ella só vio as lagrimas em fio,
Que de hũus e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formáram largo rio.
Ella ouvio as palavras magoadas,
Que pudéram tornar o fogo frio,
E dar descanço ás almas condemnadas.

XXV.

SE quando vos perdi, minha esperança,
A memoria perdêra juntamente;
Do doce bem passado, e mal presente,
Pouco sentíra a dor de tal mudança.
Mas amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi lédo, e contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que apenas hum signal
Havia, porque as dei ao esquecimento,
Me vejo com memorias perseguido.
Ah dura estrella minha! Ah grão tormento!
Que mal póde ser mór, que no meu mal
Ter lembranças do bem que he já passado?

XXVI.

XXVI.

EM formosa Lethea se confia,
Por onde vaidade tanta alcança;
Que tornada em soberba a confiança,
Com os deoses celestes competia.
Porque naõ fosse avante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puzeram a vingança
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Naõ lhe soffrendo amor que supportasse
Duro castigo em tanta formosura;
Quiz a pena tomar da culpa alhea:
Mas porque a morte amor naõ apartasse,
Ambos tornados saõ em pedra dura.

XXVII.

MAles, que contra mim vos conjurastes;
Quanto ha de durar taõ duro intento?
Se dura, porque dure meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.
Mas se assi porfiais, porque cuidastes
Derribar o meu alto pensamento;
Mais póde a causa delle, em que o sustento,
Que vós, que della mesma o ser tomastes.
E pois vossa tençaõ, com minha morte,
Ha de acabar o mál destes amores,
Dai já fim a tormento taõ comprido.
Assi de ambos contente será a sorte:
Em vós por acabar-me, vencedores,
Em mim porque acabei de vós vencido.

XXVIII.

XXVIII.

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa, e honesta;
Nas bellas faces, e na boca, e testa,
Cecées, rosas, e cravos debuxando.
De sorte, o vosso gesto matizando,
Natura quanto póde manifesta;
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estaõ de vós, Senhora, namorando.
Se agora naõ quereis que quem vos ama
Possa colher o fructo destas flores,
Perderáõ toda a graça os vossos olhos.
Porque pouco aproveita, ó linda Dama,
Que semeasse o amor em vós amores,
Se vossa condiçaõ produze abrolhos.

XXIX.

Sete annos de Pastor Jacob servia
Labaõ, pai de Raquel, Serrana bella;
Mas naõ servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.
Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vella;
Porém o pai, usando de cautella,
Em lugar de Rachel lhe deo a Lia.
Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a naõ tivera merecida;
Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servíra, senaõ fora
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

XXX.

Está o lascivo, e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre, e brando,
Despedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado, e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.
Desta arte o coraçaõ, que livre andava,
(Postoque já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o frécheiro cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

XXXI.

Pede o desejo, Dama, que vos veja:
Naõ entende o que pede; está enganado.
He este amor taõ fino, e taõ delgado,
Que quem o tem, naõ sabe o que deseja.
Naõ ha cousa, a qual natural seja,
Que naõ queira perpétuo o seu estado.
Naõ quer logo o desejo o desejado,
Só porque nunca falte onde sobeja.
Mas este puro affecto em mim se dana:
Que como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da natureza:
Assi meu pensamento por a parte
Que vai tomar de mi, terreste, e humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

XXXII.

XXXII.

POrque quereis, Senhora, que offereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos naſce do pouco que eu mereço,
Bem por naſcer eſtá quem vos mereça.
Entendei, que por muito que vos peça,
Poderei merecer quanto vos peço,
Pois naõ conſente amor q̃ em baixo preço
Taõ alto penſamento ſe conheça.
Aſſi que a paga igual de minhas dores
Com nada ſe reſtaura; mas deveiſma,
Por ſer capaz de tantos desfavores.
E ſe o valor de voſſos amadores
Houver de ſer igual comvoſco meſma,
Vós ſó comvoſco meſma andai de amores.

XXXIII.

SE tanta pena tenho merecida
Em pago de ſoffrer tantas durezas;
Provai, Senhora, em mi voſſas cruezas,
Que aqui tendes huma alma offerecida.
Nella experimentai, ſe ſois ſervida,
Deſprezos, desfavores, e aſperezas;
Que móres ſoffrimentos, e firmezas,
Suſtentarei na guerra deſta vida.
Mas contra voſſos olhos quaes ſeraõ?
He preciſo que tudo ſe lhes renda;
Mas porei por eſcudo o coraçaõ.
Porque em taõ dura, e aſpera contenda,
He bem, que pois naõ acho defenſaõ,
Com meter-me nas lanças me defenda.

XXXIV.

XXXIV.

QUando o Sol encoberto vai moſtrando
Ao Mundo a luz quieta, e duvidoſa,
Ao longo de hũa praia deleitoſa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co' a mão na face, taõ formoſa;
Aqui fallando alegre, alli cuidoſa;
Agora eſtando queda, agora andando.
Aqui eſteve ſentada, alli me vió,
Erguendo aquelles olhos, taõ iſentos;
Commovida aqui hum pouco, alli ſegura.
Aqui ſe entriſteceo, alli ſe rio;
E, em fim, neſtes canſados penſamentos
Paſſo eſta vida vãa, que ſempre dura.

XXXV.

HUm mover de olhos, brando, e piedoſo,
Sem ver de que; hũ riſo brando, e honeſto,
Quaſi forçado; hũ doce e humilde geſto,
De qualquer alegria duvidoſo:
Hum deſpejo quieto, e vergonhoſo;
Hum repouſo graviſſimo, e modeſto;
Huma pura bondade, manifeſto
Indicio da alma, limpo, e gracioſo:
Hũ encolhido ouſar; huma brandura;
Hũ medo ſem ter culpa; hũ ar ſereno;
Hũ longo e obediente ſoffrimento:
Eſta foi a celeſte formoſura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu penſamento.

XXXVI.

XXXVI.

TOmou-me vossa vista soberana
Aonde tinha as armas mais á maõ,
Por mostrar a quem busca defensaõ
Contra esses bellos olhos, que se engana.
Por ficar da victoria mais usana,
Deixou-me armar primeiro da razaõ.
Bem salvar-me cuidei, mas foi em vaõ,
Que contra o Ceo naõ val defensa humana.
Com tudo, se vos tinha promettido
O vosso alto destino esta victoria;
Ser-vos ella bem pouca está entendido.
Pois, inda que eu me achasse apercebido,
Naõ levais de vencer-me grande gloria,
Eu a levo maior de ser vencido.

XXXVII.

NAõ passes, caminhante. Quem me chama?
Huma memoria nova, e nunca ouvida,
De hũ que trocou finita, e humana vida,
Por divina, infinita, e clara fama.
Quem he, que taõ gentil louvor derrama?
Quem derramar seu sangue naõ duvida,
Por seguir a bandeira esclarecida
De hũ Capitam de Christo que mais ama.
Ditoso fim, ditoso sacrificio,
Que a Deos se fez e ao Mundo juntamente:
Pregoando direi taõ alta sorte.
Mais poderás contar a toda a gente;
Que sempre deo na vida claro indicio
De vir a merecer taõ santa morte.

XXXVIII.

FOrmosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do Ceo certissimos signais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.
Vereis que do viver me desapossa
Aquelle riso com que a vida dais:
Vereis como de amor naõ quero mais,
Por mais que o tempo corra, o damno possa.
E se ver-vos nesta alma, em fim, quizerdes,
Como em hum claro espelho, alli vereis
Tambem a vossa Angelica, e serena.
Mas eu cuido, que só por me naõ verdes,
Ver-vos em mim, Senhora, naõ quereis.
Tanto gosto levais de minha pena!

XXXIX.

O Fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil, que eu na alma vejo,
Se accendeo de outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz, que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo;
E remettendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flamma que se atreve
A apagar seus ardores, e tormentos,
Na vista a quem o Sol temores deve.
Namoram-se, Senhora, os elementos
De vós; e queima o fogo aquella neve
Que queima coraçóes, e pensamentos.

XXXX.

ALegres campos, verdes arvoredos,
Claras, e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:
Sylvestres montes, asperos penedos,
Compostos de concerto desigual;
Sabei que sem licença de meu mal
Já naõ podeis fazer meus olhos lédos.
E pois já me naõ vedes como vistes,
Naõ me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vem.
Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nasceráõ saudades de meu bem.

XXXXI.

QUantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seo,
Outras tantas de hum aspero receo
Salteado Laurenio a côr perdia.
Ella, que a Sylvio mais que a si queria,
Para podê-lo ver naõ tinha meo.
Ora como curára o mal alheo
Quem o seu mal taõ mal curar podia?
Elle, que vio taõ clara esta verdade,
Com soluços dizia (que a espessura
Inclinavam, de mágoa, a piedade)
Como póde a desordem da natura
Fazer taõ differentes na vontade
Aos que fez taõ conformes na ventura?

XXXXII.

XXXXII.

Lindo, e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço;
Se só comtigo, vendo-te, endondeço,
Que fora co' os cabellos que apertaste?
Aquellas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do Sol tem em pouco preço,
Naõ sei se ou para engano do que peço,
Ou para me matar as desataste.
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfaçaõ de minhas dores,
Como quem naõ tem outra, hei de tomar-te
E senaõ for contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que nesta regra dos amores,
Por o todo tambem se toma a parte.

XXXXIII.

O Cysne quando sente ser chegada
A hora que põe termo á sua vida,
Harmonía maior, com voz sentida,
Levanta por a praia inhabitada.
Deseja lograr vida prolongada,
E della está chorando a despedida:
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assi, Senhora minha, quando eu via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio;
Com mais suave accento de harmonía
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fé, y el amor mio.

XXXXIV.

XXXXIV.

POr os raios extremos que mostrou
Em sabia, Pallas, Venus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
Africa, Europa, e Asia as adorou.
Aquelle saber grande que juntou
Esprito, e corpo, em liga generosa,
Esta mundana máchina lustrosa,
De sós quatro elementos fabricou.
Mas fez maior milagre a natureza
Em vós, Senhoras, pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio.
A vós seu resplandor deo Sol, e Lũa:
A vós com viva luz, graça, e pureza,
Ar, fogo, terra, e agua, vos servio.

XXXXV.

TOmava Daliana por vingança
Da culpa do Pastor que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro; e em si vingava
O erro alheo, e pérfida esquivança.
A discriçaõ segura, a confiança
Das rosas que o seu rosto debuxava,
O descontentamento lhas mudava;
Que tudo muda huma aspera mudança.
Gentil planta disposta em secca terra;
Lindo fructo de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor, e fé perjura:
Tomáram verde prado em serra dura;
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a formosura.

XXXXVI.

GRão tempo ha já que soube da ventura
A vida que me tinha destinada;
Que a longa experiencia da passada,
Me dava claro indicio da futura.
Amor fero, e cruel, fortuna escura,
Bem tendes vossa força exprimentada:
Assolai, destruí, naõ fique nada;
Vingai-vos desta vida, que inda dura.
Soube amor da ventura que a naõ tinha,
E porque mais sentisse a falta della,
De imagẽes impossiveis me mantinha.
Mas vós, Senhora, pois que minha estrella
Naõ foi melhor, vivei nesta alma minha,
Que naõ tem a fortuna poder nella.

XXXXVII.

SE sómente hora alguma em vós piedade
De taõ longo tormento se sentíra,
Amor sofrêra mal que eu me partíra
De vossos olhos, minha saudade.
Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Me faz crer que esta ausencia he de mentira,
Porém venho à provar que he de verdade.
Ir-me-hei, Senhora; e neste apartamento
Lagrimas tristes tomaráõ vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.
Desta arte darei vida a meu tormento;
Que, em fim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

XXXXVIII.

XXXXVIII.

OH como se me alonga de anno em ano
A peregrinaçaõ cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve, e vão discurso humano!
Mingoando a idade vai, crescendo o dano;
Perdeo-se-me hum remedio, que inda tinha;
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.
Corro apoz este bem que naõ se alcança;
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.
Quando elle foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a ver se inda apparece,
Da vista se me perde, e da esperança.

XXXXIX.

JA' he tempo já, que minha confiança
Se desça de huma falsa opiniaõ;
Mas amor naõ se rege por razaõ;
Naõ posso perder, logo, a esperança.
A vida si; que huma aspera mudança
Naõ deixa viver tanto hum coraçaõ,
E eu só na morte tenho a salvaçaõ.
Si: mas quem a deseja naõ a alcança.
Forçado he logo que eu espere, e viva.
Ah dura lei de amor, que naõ consente
Quietaçaõ n'huma alma que he captiva!
Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva
De huma esperança vãa que me atormente?

L.

AMor, com a esperança já perdida,
Teu soberano Templo visitei:
Por signal do naufragio que passei,
Em lugar dos vestidos, puz a vida.
Que mais queres de mi, pois destruida
Me tens a gloria toda que alcancei?
Naõ cuides de render-me; que naõ sei
Tornar a entrar-me onde naõ ha sahida.
Vês aqui a vida, e a alma, e a esperança,
Doces despojos de meu bem passado,
Em quanto o quiz aquella que eu adoro.
Nellas podes tomar de mi vingança:
E se te queres inda mais vingado,
Contenta-te co' as lagrimas que chóro.

LI.

APollo e as nove Musas descantando,
Com a dourada lyra me influiam
Na suave harmonía que faziam,
Quando tomei a penna, começando:
Ditoso seja o dia, e hora, quando
Taõ delicados olhos me feriam:
Ditosos os sentidos que sentiam
Estar-se em seu desejo traspassando.
Assi cantava, quando amor virou
A roda á esperança, que corria
Taõ ligeira, que quasi era invisibil.
Converteo-se-me em noite o claro dia;
E se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se for possibil.

LII.

LEmbranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Naõ vivo com meu mal taõ enganado,
Que naõ espere delle muito mais.
De longo tempo já me costumais
A viver de algum bem desesperado:
Já tenho co' a fortuna concertado
De soffrer os tormentos que me dais.
Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos desgostos der a vida;
Cuide quanto quizer o pensamento.
Que pois naõ posso ter mais resistencia,
Para taõ dura quéda de subida,
Aparar-lhe-hei debaixo o soffrimento.

LIII.

APartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava,
Que o Pastor na memoria a debuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.
Por hũa praia do Indico Oceano
Sobre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as aguas alongava,
Que pouco se doiam de seu dano.
Pois com tamanha mágoa, e saudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testimunhas tómo Ceo, e estrellas.
Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois assi me levais a causa dellas.

LIV.

QUando vejo que meu destino ordena,
Que por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem taõ grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena:
O duro desfavor, que me condena,
Quando por a memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte,
Que a dor da ausencia fica mais pequena.
Mas como póde ser que na mudança
D'aquillo que mais quero, estê taõ fóra
De me naõ apartar tambem da vida?
Eu refrearei taõ aspera esquivança:
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

LV.

DEspois de tantos dias mal gastados,
Despois de tantas noites mal dormidas,
Despois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos vãamente dados:
Como naõ sois vós já desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas,
Quereis remediar mortaes feridas,
Que amor fez sẽ remedio, o tempo, os fados?
Se naõ tivereis já longa experiencia
Das semrazões de amor a quem servistes,
Fraqueza fora em vós a resistencia.
Mas pois por vosso mal seus máles vistes,
Que o tempo naõ curou, nem larga ausencia,
Qual bem delle esperais, desejos tristes?

LVI.

NAiades, vós que os rios habitais,
Que os saudosos campos vaõ regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros que quasi aos vossos saõ iguais.
Driades, que com sétta sempre andais
Os fugitivos cervos derribando,
Outros olhos vereis que triumphando
Derribam corações que valem mais.
Deixai, logo, as aljavas, e aguas frias;
E vinde, Nymphas bellas, se quereis,
A ver como de hũus olhos nascem mágoas.
Notareis como em vão passam os dias:
Mas em vão naõ vereis, porque vereis
Nos seus as séttas, e nos meus as agoas.

LVII.

MUdam-se os tempos, mudam-se as vontades;
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o Mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas calidades.
Continuamente vemos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria;
E em mi converte em choro o doce canto.
E afóra este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que naõ se muda já como sohia.

LVIII.

LVIII.

SE as perfas com que amor taõ mal me trata
Permittirem que eu tanto viva dellas,
Que veja efcuro o lume das eftrellas,
Em cuja vifta o meu fe accende, e mata:
E fe o tempo, que tudo desbarata,
Seccar as frefcas rofas, fem colhellas,
Deixando a linda côr das tranças bellas
Mudada de ouro fino em fina prata:
Tambem, Senhora, entaõ vereis mudado
O penfamento da afpereza voffa,
Quando naõ firva já fua mudança.
Ver-vos-heis fufpirar pot o paffado,
Em tempo quando executar-fe poffa
No voffo arrepender minha vingança.

LIX.

QUem jaz no grão fepulchro, que defcreve
Taõ illuftres fignaes no forte efcudo?
Ninguem: que niffo, em fim fe toma tudo:
Mas foi quem tudo pôde, e tudo teve.
Foi Rei? Fez tudo quanto a Rei fe deve:
Poz na guerra, e na paz, devido eftudo:
Mas quaõ pezado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe feja agora a terra leve.
Alexandro ferá? Ninguem fe engane:
Mais que o adquirir, o fuftentar eftima.
Será Hadriano grão Senhor do Mundo?
Mais obfervante foi da Lei de cima.
He Numa? Numa naõ; mas he Joane,
De Portugal Terceiro fem fegundo.

LX.

QUem póde livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juizo socegado,
Se o menino, que de olhos he privado,
Nas meninas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli vive das gentes venerado;
Que o vivo lume, e o rosto delicado,
Imagées saõ adonde amor se adora.
Quem vê que em branca neve nascem rosas,
Que crespos fios de ouro vaõ cercando,
Se por entre esta luz a vista passa;
Raios de ouro verá, que as duvidosas
Almas estaõ no peito traspassando,
Assi como hum crystal o Sol traspassa.

LXI.

COmo fizeste, ó Porcia, tal ferida?
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
He que amor fazer só quiz experiencia
Se podia eu soffrer tirar-me a vida.
E com teu proprio sangue te convida
A que faças á morte resistencia?
He que costume faço da paciencia,
Porque o temor, morrer me naõ impida.
Pois porque estás comendo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? He que ordena
Amor que morra, e pene juntamente.
E tens a dor do ferro por pequena?
Si; que a dor costumada naõ se sente;
E naõ quero eu a morte sem a pena.

LXII.

DE taõ divino accepto em voz humana
De elegancias que saõ taõ peregrinas,
Sei bem que minhas obras naõ saõ dinas;
Que o rudo engenho meu me desengana.
Porém da vossa penna illustre mana
Licor que vence as agoas Caballinas;
E comvosco do Tejo as flores finas
Faraõ inveja á cópia Mantuana.
E pois a vós, de si naõ sendo avaras
As filhas de Mnemosine formosa,
Partes dadas vos tem ao Mundo claras:
A minha Musa, e a vossa taõ famosa,
Ambas se podem nelle chamar raras
A vossa de alta, a minha de invejosa.

LXIII.

DEbaixo desta pedra está metido,
Das sanguinosas armas descansado,
O Capitam illustre, e assignalado,
Dom Fernando de Castro, e esclarecido.
Este por todo o Oriente taõ temido,
Este da propria inveja taõ cantado.
Este, em fim, raio de Mavorte irado,
Aqui está agora em terra convertido.
Alegra-te, ó guerreira Lusitania,
Por est'outro Viriato que criaste,
E chora a perda sua eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania;
Que se a Roma com elle anniquilaste,
Nem por isso Carthago está contente.

LXIV.

LXIV.

QUe vençais no Oriente tantos Reis;
Que de novo nos deis da India o Estado;
Que escureçais a fama que haõ ganhado
Aquelles que a ganháraõ de infiéis:
Que vencidas tenhais da morte as leis;
E que vencesseis tudo, em fim, armado;
Mais he vencer na patria desarmado,
Os monstros, e as Chimeras que venceis:
Sobre vencerdes, pois, tanto inimigo,
E por armas fazer, que sem segundo
No Mundo o vosso nome ouvido seja;
O que vos dá mais fama inda no Mundo,
He vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, taõ grande inveja.

LXV.

VOssos olhos, Senhora, que competem
Com o Sol em belleza, e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas de vê-los se derretem.
Meus sentidos prostrados se submetem
Assi cegos a tanta magestade;
E da triste prisaõ da escuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Porém se entaõ me vedes por acerto,
Esse aspero desprezo com que olhais
Me torna a animar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto!
Que dareis co'hum favor, que vós naõ dais,
Quando com hum desprezo me dais vida?

LXVI.

LXVI.

FOrmosura do Ceo a nós descida,
Que nenhum coraçaõ deixas isento,
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem que sejas de algum bem entendida:
Qual lingua póde haver taõ atrevida,
Que tenha de louvar-te atrevimiento,
Pois a parte maior do entendimento,
No menos que em ti ha se vê perdida?
Se em teu valor contemplo a melhor parte,
Vendo que abre na terra hum paraiso,
Logo o engenho me falta, o esprito mingoa.
Mas o que mais me impede inda louvar-te,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando naõ te vejo perco o siso.

LXVII.

POis meus olhos naõ cansam de chorar
Tristezas naõ cansadas de cansar-me;
Pois naõ se abranda o fogo em que abrazar-me
Póde quem eu já mais pude abrandar:
Naõ canse o cego amor de me guiar
Donde nunca de lá possa tornar-me;
Nem deixe o Mundo todo de escutar-me,
Em quanto a fraca voz me naõ deixar.
E se em montes, se em prados, e se em valles,
Piedade mora alguma; algum amor
Em feras mora, em aves, pedras, agoas;
Ouçam a longa historia de meus males,
E curem sua dor com minha dor;
Que grandes mágoas pódem curar mágoas.

LXVIII.

DAi-me hũa lei, Senhora, de querer-vos,
Porque a guarde ſobpena de enojar-vos;
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos,
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, ſenaõ ſó ver-vos,
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que ſe aſſi naõ chegar a contentar-vos,
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.
E ſe eſſa condiçaõ cruel, e eſquiva,
Que me deis lei de vida naõ conſente,
Dai-ma, Senhora, já, ſeja de morte.
Se nem eſſa me dais, he bem que viva
Sem ſaber como vivo triſtemente;
Mas contente eſtarei com minha ſorte.

LXIX.

FErido ſem ter cura perecia
O forte, e duro Télepho temido,
Por aquelle que na agua foi metido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.
Quando a Apollineo Oraculo pedia
Conſelho para ſer reſtituido;
Reſpondeo-lhe, tornaſſe a ſer ferido
Por quem o já feríra, e ſararia.
Aſſi, Senhora, quer minha ventura,
Que ferido de ver-vos claramente,
Com tornar-vós a ver amor me cura.
Mas he taõ doce voſſa formoſura,
Que fico como o hydropico doente,
Que bebendo lhe creſce mór ſecura.

LXX.

LXX.

NA metade do Ceo subido ardia
O claro, almo Paſtor, quando deixavam
O verde paſto as cabras, e buſcavam
A freſcura ſuave da agua fria.
Com a folha das arvores, ſombria,
Do raio ardente as aves ſe amparavam:
O módulo cantar de que ceſſavam,
Só nas roucas cigarras ſe ſentia.
Quando Liſo Paſtor, n'hum campo verde,
Natercia, crua Nympha, ſó buſcava
Com mil ſuſpiros triſtes que derrama.
Porque te vás de quem por ti ſe perde,
Para quem pouco te ama? (ſuſpirava)
E o eco lhe reſponde: Pouco te ama.

LXXI.

JA' a roxa, e branca Aurora deſtoucava
Os ſeus cabellos de ouro delicados,
E das flores os campos eſmaltados,
Com cryſtallino orvalho borriſava:
Quando o formoſo gado ſe eſpalhava
De Sylvio, e de Laurente, por os prados;
Paſtores ambos, e ambos apartados,
De quem o meſmo amor naõ ſe apartava.
Com verdadeiras lagrimas Laurente;
Naõ ſei, (dizia) ó Nympha delicada,
Porque naõ morre já quem vive auſente.
Pois a vida ſem ti naõ preſta nada;
Reſponde Sylvio; amor naõ o conſente:
Que offende as eſperanças da tornada.

LXXII.

QUando de minhas mágoas a comprida
Maginaçaõ os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mi foi sonho nesta vida.
  Lá n'huma soidade, onde estendida
A vista por o campo desfallece,
Corro apoz ella; e ella entaõ parece
Que mais de mi se alonga, compellida.
  Brado: Naõ me fujais, sombra benina.
Ella (os olhos em mi co' hum brando pejo,
Como quem diz, que já naõ póde ser)
Torna a fugir-me: tórno a bradar: *Dina*;
E antes que acabe em *mene*, acórdo, e vejo,
Que nem hum breve engano posso ter.

LXXIII.

SUspiros inflammados que cantais
A tristeza com que eu vivi taõ lédo;
Eu morro, e naõ vos levo, porque hei medo
Que ao passar do Letheo vos percais.
  Escriptos para sempre já ficais
Onde vos mostraráõ todos co' o dedo,
Como exemplo de males; e eu concedo
Que para aviso de outros estejais.
  Em quem, pois, virdes largas esperanças
De amor, e da fortuna, (cujos danos
Algũus teraõ por bemaventuranças)
  Dizei-lhe, que os servistes muitos anos,
E que em fortuna tudo saõ mudanças,
E que em amor naõ ha senaõ enganos.

LXXIV.

LXXIV.

AQuella fera humana que enriquece
A sua presunçosa tyrannia,
Destas minhas, entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece:
Se nella o Ceo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao Mundo pertendia;
Porque de minha vida se injuría?
Porque de minha morte se ennobrece?
Ora, em fim sublimai vossa victoria,
Senhora, com vencer-me, e captivar-me:
Fazei della no Mundo larga historia.
Pois, por mais que vos veja atormentar-me,
Já me fico logrando desta gloria
De ver que tendes tanta de matar-me.

LXXV.

DItoso seja aquelle que sómente
Se queixa de amorosas esquivanças,
Pois por ellas naõ perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente.
Ditoso seja quem estando ausente
Naõ sente mais que a pena das lembranças;
Porqu'inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor quando se sente.
Ditoso seja, em fim, qualquer estado,
Onde enganos, desprezos, e isençaõ,
Trazem hum coraçaõ atormentado.
Mas triste quem se sente magoado
De erros em que naõ póde haver perdaõ
Sem ficar na alma a mágoa do peccado.

LXXVI.

LXXVI.

QUem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha,
Que despois de perder hum bem q̃ tinha,
Naõ sabe mais que cousa he ser contente.
E quem fosse apartando-se da gente,
Ella por companheira, e por vesinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
E eu a ella tambem a que ella sente.
Ditosa ave, que ao menos se a natura
A seu primeiro bem naõ dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste quem de longe quiz ventura,
Que para respirar lhe falte o vento,
E para tudo, em fim, lhe falte o Mundo.

LXXVII.

O Culto divinal se celebrava
No Templo donde toda creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado Sangue restaurava.
Amor alli, que o tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com huma rara, e Angelica figura
A vista da razaõ me salteava.
Eu crendo que o lugar me defendia,
De seu livre costume naõ sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia;
Deixei-me captivar; mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

LXXVIII.

LXXVIII.

LEda ſerenidade deleitoſa,
Que repreſenta em terra hum paraiſo;
Entre rubjis, e perlas, doce riſo,
Debaixo de ouro, e neve, côr de roſa:
Preſença moderada, e graciosa,
Onde enſinando eſtaõ deſpejo, e ſiſo,
Que ſe póde por arte, e por aviſo,
Como por natureza, ſer formoſa:
Fallande que ou já vida, ou morte pende,
Rara, e ſuave; em fim, Senhora, voſſa;
Repouſo na alegria comedido:
Eſtas as armas ſaõ com que me rende,
E me captiva amor; mas naõ que poſſa
Deſpojar-me da gloria de rendido.

LXXIX.

BEm ſei, amor, que he certo o que receo;
Mas tu, porque com iſſo mais te apuras,
De manhoſo mo negas, e mo juras
Neſſe teu arco de ouro, e eu te creo.
A mão tenho metida no teu ſeo,
E naõ vejo os meus damnos ás eſcuras:
Porém porfias tanto, e me aſſeguras,
Que me digo que minto, e que me enleo.
Nem ſómente conſinto neſte engano,
Mas inda to agradeço; e a mi me nego
Tudo o que vejo, e ſinto de meu dano.
Oh poderoſo mal a que me entrego!
Que no meio do juſto deſengano
Me poſſa inda cegar hum moço cego!

LXXX.

COmo quando do mar tempestuoso
O marinheiro todo trabalhado,
De hum naufragio cruel sahindo a nado,
Só de ouvir fallar nelle está medroso:
Firme jura que o vê-lo bonançoso
Do seu lar o naõ tire, socegado;
Mas esquecido já do horror passado
Delle a fiar se torna, cobiçoso:
Assi, Senhora, eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de naõ mais em outra ver-me;
Com a alma que de vós nunca se ausenta,
Me tórno, por cobiça de ganhar-me,
Onde estive taõ perto de perder-me.

LXXXI.

AMor he hum fogo que arde sem se ver;
He ferida que doe, e naõ se sente;
He hum contentamento descontente;
He dor que desatina sem doer:
He hũ naõ querer mais que bem querer;
He solitario andar por entre a gente;
He hum naõ contentar-se de contente;
He cuidar que se ganha em se perder:
He hum estar-se preso por vontade;
He servir a quem vence o vencedor;
He hum ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si taõ contrario o mesmo amor?

LXXXII.

SE pena por amar-vos se merece,
Quem della estará livre? Quem isento?
E que alma, que razaõ, que entendimento,
No instante em que vos vê naõ obedece?
Qual mór gloria na vida já se offrece,
Que a de occupar-se em vós o pensamento?
Naõ só todo rigor, todo tormento,
Com ver-vos naõ magôa, mas se esquece.
Porém se heis de matar a quem amando,
Ser vosso de amor tanto só pertende,
O Mundo matareis, que todo he vosso.
Em mi podeis, Senhora, ir começando,
Pois bem claro se mostra, e bem se entende,
Amar-vos quanto devo, e quanto posso.

LXXXIII.

QUe levas, cruel morte? Hum claro dia.
Aque horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Naõ o entendo.
Pois quem to faz levar? Quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo.
Que diz? Naõ mereci a grão Maria.
Mataste a quem a vio? Já morto estava.
Que discorre o amor? Fallar naõ ousa.
E quem o faz callar? Minha vontade.
Na Corte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que ver? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

LXXXIV.

ONdados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora ſobre as roſas eſparzidos
Fazeis que a ſua graça ſe accreſcente:
Olhos, que vos moveis taõ docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma, e ſentidos,
Que fora, ſe eu de vós naõ fora auſente?
Honeſto riſo, que entre a mór fineza
De perlas, e coraes, naſce, e apparece;
Oh quem ſeus doces ecos já lhe ouviſſe!
Se imaginando ſó tanta belleza,
De ſi com nova gloria a alma ſe eſquece,
Que fará quando a vir? Ah quem a viſſe!

LXXXV.

FOi já n'hum tempo doce couſa amar
Em quanto me enganou hũa eſperança:
O coraçaõ com eſta confiança
Todo ſe desfazia em deſejar.
Oh vão, caduco, e debil eſperar!
Como, em fim, deſengana huma mudança!
Que quanto he mór a bemaventurança,
Tanto menos ſe crê que ha de durar.
Quem já ſe vio com goſtos proſperado,
Vendo-ſe brevemente em pena tanta,
Razaõ tem de viver bem magoado.
Mas quem já tem o Mundo exprimentado,
Naõ o magôa a pena, nem o eſpanta:
Que mal ſe eſtranhará o coſtumado.

LXXXVI.

DOs antigos Illuſtres que deixáram
Hum nome digno de immortal memoria,
Ficou por luz do tempo a larga hiſtoria
Dos feitos em que mais ſe avantajáram.
Se com ſuas acções ſe cotejáram
Mil voſſas, cada hũa taõ notoria,
Vencêra a menor dellas a mór gloria
Que elles em tantos annos alcançáram.
A gloria ſua foi: ninguem lha tome:
Seguindo cada qual varios caminhos
Eſtatuas mereceo no heroico Templo.
Vós honra Portugueza, e dos Coutinhos,
Clariſſimo Dom Joaõ, com melhor nome
A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.

LXXXVII.

COnverſaçaõ domeſtica affeiçoa,
Ora em fórma de limpa e sãa vontade,
Ora de huma amoroſa piedade,
Sem olhar calidade de peſſoa.
Se deſpois, por ventura, vos magôa
Com deſamor, e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo, em fim, perdôa.
Naõ ſaõ iſto que fallo conjeituras
Que o penſamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas eſcripturas.
Metida tenho a mão na conſciencia;
E naõ fallo ſenaõ verdades puras
Que me enſinou a viva experiencia.

LXXXVIII.

ESforço grande iguál ao penſamento,
Penſamentos em obras divulgados,
E naõ em peito timido encerrados,
E desfeitos deſpois em chuva, e vento:
Animo da cobiça baixa iſento,
Digno por iſto ſó de altos eſtados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Póvos do Malabar ſanguinolento:
Gentileza de membros corporaes,
Ornados de pudíca continencia;
Obra por certo da celeſte altura;
Eſtas virtudes raras, e outras mais;
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debaixo deſta ſepultura.

LXXXIX.

NO Mundo quiz o tempo que ſe achaſſe
O bem que por acerto, ou ſorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
Quiz que a fortuna em mi ſe exprimentaſſe.
Mas porque o meu deſtino me moſtraſſe
Que nem ter eſperanças me convinha,
Nunca neſta taõ longa vida minha
Couſa me deixou ver que deſejaſſe.
Mudando andei coſtume, terra, eſtado,
Por ver ſe ſe mudava a ſorte dura;
A vida puz nas mãos de hum leve lenho,
Mas, ſegundo o que o Ceo me tem moſtrado,
Já ſei que deſte meu buſcar ventura,
Achado tenho já que naõ a tenho.

LXXXX.

LXXXX.

A Perfeiçaõ, a graça, o doce geito,
A Primavera cheia de frescura,
Que sempre em vós florece; a que a ventura,
E a razaõ, entregáram este peito:
Aquelle crystallino, e puro aspeito,
Que em si comprehende toda a formosura;
O resplandor dos olhos, e a brandura,
Donde amor a ninguem quiz ter respeito:
S'isto que em vós se vê, ver desejais,
Como digno de ver-se claramente,
Por muito que de amor vos isentais:
Traduzido o vereis taõ fielmente
No meio deste espirito onde estais,
Que vendo-vos sintais o que elle sente.

LXXXXI.

VO's que de olhos suaves, e serenos,
Com justa causa a vida captivais,
E que os outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos, e pequenos;
Se de amor os domesticos venenos
Nunca provastes, quero que saibais
Que he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto saõ mais as causas de ser menos.
E naõ presuma alguem que algum defeito,
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito:
Antes o dobra mais; e se atormenta,
Pouco a pouco desculpa o brando peito,
Que amor com seus contrarios se accrescenta.

LXXXII.

QUe poderei do Mundo já querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Naõ vi senaõ desgosto, e desfavor,
E morte, em fim, que mais naõ póde ser?
Pois me naó farta a vida de viver,
Pois já sei que naõ mata grande dor,
Se houver cousa que mágoa dê maior,
Eu a verei, que tudo posso ver.
A morte, a meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha: já perdi
O que a perder o medo me ensinou.
Na vida desamor sómente vi;
Na morte a grande dor que me ficou.
Parece que para isto só nasci.

LXXXIII.

PEnsamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mi resuscitais,
Dizeime: E ainda naõ vos contentais
De ter a quem vos tem taõ descontente?
Que phantasia he esta, que presente
Cad'hora ante os meus olhos me mostrais?
Com hũus sonhos taõ vãos, inda tentais
Quem nem por sonhos póde ser contente?
Vejo-vos, pensamentos, alterados.
E naõ quereis, de esquivos, declarar-me,
Que he isto que vos traz taõ enleados?
Naõ me negueis, se andais para negar-me;
Porque se contra mi estais levantados,
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

LXXXIV.

SE tómo a minha pena em penitencia
Do error em que cahio o penſamento,
Naõ abrando, mas dobro meu tormento,
Que a tanto, e mais, obriga a paciencia,
E ſe huma côr de morto na apparencia,
Hum eſpalhar ſuſpiros vãos ao vento,
Naõ faz em vós, Senhora, movimento,
Fique o meu mal em voſſa conſciencia.
Mas ſe de qualquer eſpera mudança
Toda vontade iſenta amor caſtiga,
(Como eu vejo no mal que me condena)
E ſe em vós naõ ſe entende haver vingança,
Será forçado (pois amor me obriga)
Que eu ſó da culpa voſſa pague a pena.

LXXXV.

AQuella que, de pura caſtidade,
De ſi meſma tomou cruel vingança,
Por huma breve, e ſubita mudança,
Contrária á ſua honra, e calidade;
Venceo á formoſura a honeſtidade;
Venceo no fim da vida a eſperança,
Porque ficaſſe viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De ſi, da gente, e do Mundo eſquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em ſangue a força do tyrano.
Oh ouſadia eſtranha! Eſtranho feito!
Que dando breve morte ao corpo humano,
Tenha ſua memoria larga vida!

LXXXXVI.

LXXXXVI.

OS vestidos Elisa revolvia,
Que Enéas lhe deixára por memoria;
Doces despojos da passada gloria;
Doces quando seu fado o consentia.
Entre elles a formosa espada via,
Que instrumento, em fim, foi da triste historia;
E como quem de si tinha a victoria,
Fallando só com ella, assi dizia:
Formosa, e nova espada, se ficaste
Só porque executasses os enganos
De quem te quiz deixar, em minha vida;
Sabe que tu comigo te enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobeja-me a tristeza da partida.

LXXXXVII.

OH quaõ caro me custa o entender-te,
Molesto amor, que só por alcançar-te,
De dor em dor me tẽes trazido a parte,
Donde em ti odio, e ira se converte!
Cuidei que para em tudo conhecer-te
Me naõ faltava experiencia, e arte;
Mas na alma vejo agora accrescentar-te
Aquillo que era causa de perder-te.
Estavas taõ secreto no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, naõ sabia
Que me senhoreavas deste geito.
Descubriste-te agora; e foi por via,
Que teu descobrimento, e meu defeito,
Hum me envergonha, e outro me injuría.

LXXXXVIII.

LXXXVIII.

SE despois de esperança taõ perdida,
Amor por causa alguma consentisse
Que inda algum'hora breve alegre visse,
De quantas tristes vio taõ longa vida;
Hum'alma já taõ fraca, e taõ cahida
(Quando a sorte mais alto me subisse)
Naõ tenho para mi que consentisse
Alegria taõ tarde consentida.
Nem tamsómente o amor me naõ mostrou
Hum'hora em que vivesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou;
Mas inda tanta pena me consente,
Que co' o contentamento me tirou
O gosto de algum'hora ser contente.

LXXXIX.

O Raio crystallino se estendia
Por o Mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise, Pastora delicada,
Donde a vida deixava se partia.
Dos olhos com que o Sol escurecia,
Levando a luz em lagrimas banhada,
De si, do fado, e tempo, magoada
Pondo os olhos no Ceo, assi dizia:
Nasce, sereno Sol, puro, e luzente;
Resplandece purpurea, e branca Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente;
Que a minha, sabe tu que desde agora
Já mais na vida a podes ver contente,
Nem taõ triste nenhuma outra Pastora

C.

C.

NO Mundo poucos annos, e canſados,
Vivi, cheos de vil miſeria, e dura:
Foi-me taõ cedo à luz do dia eſcura,
Que naõ vi cinco luſtros acabados.
Corri terras, e mares apartados,
Buſcando á vida algum remedio, ou cura:
Mas aquillo que em fim, naõ dá ventura,
Naõ o daõ os trabalhos arriſcados.
Criou-me Portugal na verde, e chara
Patria minha Alemqüer; mas ar corruto,
Que neſte meu terreno vaſo tinha,
Me fez manjar de peixes em ti bruto
Mar, que bates a Abáſſia fera, e avara,
Taõ longe da ditoſa Patria minha.

CI.

VO's que eſcuitais em Rhythmas derramado
Dos ſuſpiros o ſom que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que ſou mudado:
Sabei que buſca ſó do já cantado
No tempo em que ou temia, ou eſperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, e naõ perdaõ, o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho ſentimento
Só me rendeo ſer fabula da gente,
(Do que comigo meſmo me envergonho)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheçam claramente
Que quanto ao Mundo apraz he breve ſonho.

CII.

DE amor escrevo; de amor trato, e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto naõ seja ser de amor captivo.
De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No immenso resplandor de hũ raio esquivo.
Mas ai, que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante,
De seu triumpho cada qual só trata.
Nada, em fim, me aproveita; q̃ a esperança,
Se anima alguma vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

CIII.

SE' da célebre Laura a formosura
Hum numeroso Cysne ufano escreve,
Huma Angelica penna se te deve,
Pois o Ceo em formar-te mais se apura.
E se voz menos alta te procura
Celebrar, (oh Natercia!) em vão se atreve:
De ver-te já a ventura Liso teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura.
No Ceo nasceste, certo, e naõ na terra;
Para gloria do Mundo cá desceste:
Quem mais isto negar, muito mais erra.
E eu imagino que de lá vieste
Para emendar os vicios que elle encerra,
Co' os divinos poderes que trouxeste.

CIV.

ESſes cabellos louros, e eſcolhidos,
Que o ſer ao aureo Sol eſtaõ tirando:
Eſſe ar immenſo, adonde naufragando
Eſtaõ continuamente os meus ſentidos:
Eſſes furtados olhos taõ fingidos,
Que minha vida, e morte, eſtaõ cauſando:
Eſſa divina graça, que em fallando,
Finge os meus penſamentos naõ ſer cridos:
Eſſe compaſſo certo, eſſa medida,
Que faz dobrar no corpo a gentileza;
A divindade em terra, taõ ſubida:
Moſtrem já piedade, e naõ crueza,
Que ſaõ laços que amor tece na vida,
Sendo em mi ſoffrimento, em vós dureza.

CV.

QUem pudéra julgar de vós, Senhora,
Que hũa tal fé pudeſſe aſſi perder-vos?
Se por amar-vos chego a aborrecer-vos,
Deixar naõ poſſo o amar-vos algum'hora.
Deixais a quem vos ama, ou vos adora,
Por ver a quem quiçá naõ ſabe ver-vos?
Mas eu ſou quem naõ ſoube merecer-vos,
E eſta minha ignorancia entendo agora.
Nunca ſoube entender voſſa vontade,
Nem a minha moſtrar-vos verdadeira,
Indaque clara eſtava eſta verdade.
Eſta, em quanto eu vos vir, vereis inteira;
E ſe em vão meu querer vos perſuade,
Mais voſſo naõ querer faz que vos queira.

CVI.

QUem, Senhora, presume de louvar-vos
Com discurso que baixe de divino,
De tanto maior pena será dino,
Quanto vós sois maior ao contemplar-vos.
Naõ aspire algum canto a celebrar-vos,
Por mais que seja raro, ou peregrino;
Pois de vossa belleza eu imagino,
Que só comvosco o Ceo quiz comparar-vos.
Ditosa esta alma vossa a que quezestes
Pôr em posse de prenda taõ subida,
Qual esta que benigna, em fim, me déstes.
Sempre será anteposta á mesma vida:
Esta estimar em menos me fizestes,
Se antes que essoutra a quero ver perdida.

CVII.

MOradoras gentís, e delicadas,
Do claro, e aureo Tejo, que metidas
Estais em suas grutas escondidas,
E com doce repouso socegadas.
Agora esteis de amores inflammadas,
Nos crystallinos Paços entretidas;
Agora no exercicio embevecidas,
Das télas de ouro puro matizadas.
Movei dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo
Que lagrimas derramem de tristura.
E assi com dor mais propria ireis ouvindo
As queixas que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai seguindo.

CVIII.

BRandas aguas do Tejo que passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, hervas, e flores, e animais,
Pastores, Nymphas, ides alegrando:
Naõ sei, (ah doces aguas!) naõ sei quando
Vos tornarei a ver; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar já vou desconfiando.
Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.
Saudoso de vós, delle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

CIX.

NOvos casos de amor, novos enganos;
Envoltos em lisonjas conhecidas;
Do bem promessas falsas, e escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos:
Como naõ tomais já por desenganos,
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida naõ basta, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos anos?
Hum novo coraçaõ mister havia,
Com outros olhos menos aggravados,
Para tornar a crer o que eu vos cria.
Andais comigo, enganos, enganados;
E se o quizerdes ver, cuidai hum dia
O que se diz dos bem acutilados.

CX.

CX.

ONde porei meus olhos que naõ veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte me irei co' o pensamento,
Que para descansar parte me seja?
Já sei como se engana quem deseja
Em vão amor, fiel contentamento;
De que nos gostos seus, que saõ de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.
Mas inda, sobre o claro desengano,
Assi me traz esta alma sobjugada,
Que delle está pendendo o meu desejo.
E vou de dia em dia, de anno em ano,
Apoz hum naõ sei que, apoz hum nada;
Que quanto mais me chego menos vejo.

CXI.

JA do Mondego as aguas apparecem
A meus olhos, naõ meus, antes alheos;
Que de outras differentes vindo cheos,
Na sua branda vista inda mais crecem.
Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detém em seus rodeos.
Triste! Por quantos modos, quantos meos,
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos, que duvída
De conseguir o fim desta jornada.
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que naõ vai da alma acompanhada;
Que se deixou ficar onde tem vida.

CXII.

QUe doudo pensamento he o que sigo?
Apoz que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mi! Que naõ me entendo;
Nem o que callo sei, nem o que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo;
De quem guerra me faz naõ me defendo.
De falsas esperanças que pertendo?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?
Porque, se nasci livre, me captivo?
E pois o quero ser, porque o naõ quero?
Como me engano mais com desenganos?
Se já desesperei, que mais espero?
E se inda espero mais, porque naõ vivo?
E se vivo, que accuso mortaes danos?

CXIII.

HUm firme coraçaõ posto em ventura;
Hum desejar honesto, que se engeite
De vossa condiçaõ, sem que respeite
A meu taõ puro amor, a fé taõ pura;
Hum ver-vos, de piedade, e de brandura,
Sempre inimiga, faz-me que suspeite
Se alguma Hyrcana fera vos deo leite,
Ou se nascestes de huma pedra dura.
Ando buscando causa, que desculpe
Crueza taõ estranha; porém quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata.
Donde vem, q̃ naõ ha quem nos naõ culpe;
A vós, porque matais quem vos quer tanto;
A mim, por querer tanto a quem me mata.

CXIV.

AR, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada já com meu tormento;
Agua, que com mil lagrimas sustento;
Fogo, que mais accendo no meu seio.
Em paz estais em mim; e assi o creio,
Sem esse ser o vosso proprio intento;
Pois em dor onde falta o soffrimento,
A vida se sostém por vosso meio.
Ai imiga fortuna! Ai vingativo
Amor! A que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Fogo, fortuna, amor, ar, terra, e agoa?

CXV.

JA' claro vejo bem, já bem conheço
Quanto augmentando vou o meu tormento;
Pois sei q̃ fundo em agua, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;
Que Arachné sou, pois já com Pallas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a hum vaso intento,
Aspirando a esse Ceo que naõ mereço.
Quero achar paz em hum confuso inferno;
Na noite, do Sol puro a claridade;
E o suave Veraõ, no duro Inverno.
Busco em luzente Olympo escuridade;
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

CXVI.

DE cá, donde sómente o imaginar-vos
A rigorosa ausencia me consente,
Sobre as azas de amor, ousadamente
O mal soffrido esprito vai buscar-vos.
E se naõ receára de abrazar-vos
Nas chammas que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco, e vós presente
Aprendêra de vós a contentar-vos.
Mas pois que estar ausente lhe he forçado,
Por Senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagées vossas inclinado.
E pois vedes a fé que vos offrece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

CXVII.

NAõ ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vós se vê, bella Senhóra:
Vós sois vosso louvor: quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho, e a arte.
Quanto por muitas damas se reparte
De bello, e de formoso, em vós agora
Se junta em modo tal, que pouco fora
Dizer que sois o todo; ellas a parte.
Culpa logo naõ he, se vou louvar-vos,
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo avantajar-vos.
Seja a culpa de vossos resplandores;
E a que elles tem vos dou, só para dar-vos
O mór louvor de todos os maiores.

CXVIII.

NAõ vás ao monte, Nise, com teu gado;
Que lá vi que Cupido te buscava:
Por ti sómente a todos perguntava,
No gesto menos placido que irado.
Elle publica, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpões da sua aljava;
E com hum dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado.
Fuge de ver-te lá nesta aventura,
Porque se contra ti o tées iroso,
Póde ser que te alcance com mão dura.
Mas ai, que em vão te advirto temeroso,
Se á tua incomparavel formosura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

CXIX.

A Violeta mais bella que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre, e formosura,
Por mais bella, Violante, te obedece.
Perguntas-me, porque? Porque apparece
Em ti seu nome, e sua côr mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.
Oh luminosa flor! Oh Sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido,
Naõ permittas que amor me seja avaro.
Oh penetrante setta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser neste valle Enéas desta Dido?

CXX.

CXX.

TOrnai essa brancura á alva assucena,
E essa purpurea côr ás puras rosas:
Tornai ao Sol as chammas luminosas
De essa vista que a roubos vos condena.
Tornai á suavissima sirena
De essa voz as cadencias deleitosas:
Tornai a graça ás Graças, que queixosas
Estaõ de a ter por vós menos serena.
Tornai á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o engenho, e a arte;
E a pureza á castissima Diana.
Despojai-vos de toda essa grandeza
De dões; e ficareis em toda parte
Comvosco só, que he só ser inhumana.

CXXI.

DE mil suspeitas váas se me levantam
Trabalhos, e desgostos verdadeiros.
Ai, que estes bées de amor saõ feiticeiros,
Que com hum naõ sei q̃ toda alma encantam!
Como serêas docemente cantam,
Para enganar os tristes marinheiros:
Os meus assi me attrahem lisongeiros,
E despois com horrores mil me espantam.
Quando cuido que tómo porto, ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio.
Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum amante,
Fiado a ondas de amor, dellas me fio.

CXXII.

CXXII.

MIl vezes determino naõ vós ver,
Por ver se abranda mais o meu penar:
E se cuido de assi me magoar,
Cuidai o que será, se houver de ser.
  Pouco me importa já muito soffrer,
Despois que amor me poz em tal lugar;
E o que inda me doe mais he só cuidar,
Que mal sem esta dor posso viver.
  Assi naõ busco eu cura contra a dor,
Porque buscando alguma entendo bem,
Que nesse mesmo ponto me perdi.
  Quereis que víva, em fim, neste rigor?
Sómente o querer vosso me convém.
Assi quereis que seja? Seja assi.

CXXIII.

A Chaga que, Senhora, me fizestes,
Naõ foi para curar-se em hum só dia;
Porque crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes.
  De causar tanta dor vos naõ doestes?
Mas a doer-vos, dor me naõ seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vós que em mi visse naõ quizestes.
  Os olhos com que todo me roubastes
Foram causa do mal que vou passando;
E vós estais fingindo o naõ causastes.
  Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
Ir-se a minha alma nelles abrazando.

CXXIV.

SE com desprezos, Nympha, te parece
Que podes desviar do seu cuidado
Hum coraçaõ constante, que se offrece
A ter por gloria o ser atormentado.
Deixa a tua porfia, e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado,
Pois naõ sentes, nem vês, q̃ em teu mal crece,
Crescendo em mi de ti mais desamado.
O esquivo desamor com que me tratas,
Converte em piedade, senaõ queres
Que cresça o meu querer, e o teu desgosto.
Vencer-me com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar, e bem me matas,
Mas sempre ha de viver meu presupposto.

CXXV.

SEnhora minha, se eu de vós ausente
Me defendêra de hum penar severo,
Suspeito que offendêra o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.
Traz este, logo sinto outro accidente,
E he ver que se da vida desespero,
Perco a gloria que vendo-vos espero,
E assi estou em meus males differente.
E nesta differença meus sentidos
Combatem com taõ aspera porfia,
Que julgo este meu mal por deshumano.
Entre si sempre os vejo divididos;
E se acaso concordam algum dia,
He só conjuraçaõ para o meu dano.

CXXVI.

CXXVI.

NO regaço da mãi amor eſtava,
Dormindo taõ formoſo que movia
O coraçaõ que mais iſento o via,
E a ſua propria mãi de amor matava.
Ella co' os olhos nelle contemplava
A quanto eſtrago o Mundo reduzia:
Elle porém, ſonhando lhe dizia,
Que todo aquelle mal ella o cauſava.
Soliſo, que graduado em ſeus amores,
De ſaber de ambos mais teve a ventura,
Aſſi ſoltou a duvida aos Paſtores:
Se bem me ferem ſempre ſem ter cura
Do menino os ardentes paſſadores;
Mais me fere da mãi a formoſura

CXXVII.

ESte terreſte cáos com ſeus vapores
Naõ póde condenſar as nuvêes tanto,
Que o claro Sol naõ rompa o negro manto
Com ſuas bellas, e luzentes cores.
A ingratidaõ eſquiva de rigores
Oppoſta nuvem he, que dura em quanto
Nos naõ converte o Ceo em triſte pranto
Suas vãas eſperanças, ſeus favores.
Póde-ſe contrapôr ao Ceo a terra,
E eſtar o Sol por horas eclipſado,
Mas naõ póde ficar eſcurecido.
Póde prevalecer a voſſa guerra;
Mas a pezar das nuvêes, declarado
Ha de ſer voſſo Sol, e obedecido.

CXXVIII.

CXXVIII.

HUma admiravel herva se conhece,
Que vai ao Sol seguindo de hora em hora
Logo que elle do Euphrates se vê fóra,
E quando está mais alto, entaõ florece.
Mas quando ao Oceano o carro dece,
Toda a sua belleza perde Flora,
Porque ella se emmurchece, e se descora;
Tanto co' a luz ausente se entristece.
Meu Sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flores em seu contentamento.
Mas logo, em naõ vos vendo, entristecida
Se murcha, e se consume em grão tormento;
Nem ha quem vossa ausencia soffrer possa.

CXXIX.

CRescei, desejo meu, pois que a ventura
Já vos tem nos seus braços levantado;
Que a bella causa de que sois gerado,
O mais ditoso fim vos assegura.
Se aspirais por ousado a tanta altura,
Naõ vos espante haver ao Sol chegado;
Porque he de Aguia Real vosso cuidado,
Que quanto mais o soffre mais se apura.
Animo, coraçaõ; que o pensamento
Te póde inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.
Que cresças inda mais he já forçoso;
Porque se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoso.

CXXX.

HE o gozado bem em agua escrito;
Vive no desejar, morre no effeito:
O desejado sempre, he mais perfeito,
Porque tem parte alguma de infinito.
Dar a huma alma immortal gozo prescrito,
Em verdadeiro amor, fora defeito:
Por modo superior, naõ imperfeito,
Sois exceiçaõ de quanto aqui limito.
De huma esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar naõ alcançada,
Sereis mais desejada possuida.
Naõ podeis da esperança ser amada:
Vista podereis ser, e entaõ mais crida;
Porém, naõ sem aggravo, comparada.

CXXXI.

DE quantas graças tinha a natureza,
Fez hum bello, e riquissimo thesouro;
E com rubijs, e rosas; neve, e ouro,
Formou sublime, e Angelica belleza.
Poz na boca os rubijs, e na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho accesa.
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum Sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Em fim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas, rubijs, neve, e luz pura.

CXXXII.

CXXXII.

NUnca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a fortuna á ousadia;
Porque sempre a encolhida covardia,
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A Estrella nelle encontra que lhe he guia;
Que o bem que encerra em si a phantasia
Saõ humas illusões que leva o vento.
Abrir se devem passos á ventura:
Sem si proprio ninguem será ditoso:
Os principios sómente a sorte os move.
Atrever-se he valor, e naõ loucura.
Perderá por covarde o venturoso,
Que vos vê, se os temores naõ remove.

CXXXIII.

DOces, e claras aguas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, e perfida esperança,
Longo tempo apoz si me trouxe cego.
De vós me aparto, si; porém naõ nego,
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me naõ deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.
Bem poderá a fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova, e estranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.
Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha.

CXXXIV.

CXXXIV.

SEnhor Joaõ Lopes, o meu baixo estado
Hontem vi posto em grão taõ excellente,
Que sendo vós inveja a toda a gente,
Só por mi vos quezereis ver trocado.
O gesto vi suave, e delicado,
Que já vos fez contente, e descontente,
Lançar ao vento a voz taõ docemente,
Que fez o ar sereno, e socegado.
Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muitas: mas eu chego
A espirar só de ouvir a doce fala.
Oh mal o haja a fortuna, e o moço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os estados desiguala.

CXXXV.

A Morte, que da vida o nó desata,
Os nós, que dá o amor, cortar quizera
Co' a ausencia que he sobre elle espada fera,
E co' o tempo que tudo desbarata.
Duas contrárias, que huma a outra mata,
A morte contra amor junta, e altera;
Huma, razaõ contra a fortuna austera;
Outra, contra a razaõ fortuna ingrata.
Mas mostre a sua imperial potencia
A morte em apartar de hum corpo a alma,
O amor n'hum corpo duas almas una.
Para que assi triumphante leve a palma
Da morte amor a grão pesar da ausencia,
Do tempo, da razaõ, e da fortuna.

CXXXVI.

CXXXVI.

ARvore, cujo pomo bello, e brando,
Natureza de leite, e sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgineas faces imitando.
Nunca do vento, e ira, que arrancando
Os troncos vaõ, o teu injuria sinta;
Nem por malicia de ar te seja extinta
A côr que está teu fructo debuxando.
E pois emprestas doce, e idoneo abrigo
A meu contentamento, e favoreces
Com teu suave cheiro a minha gloria;
Se eu naõ te celebrar como mereces,
Cantando-te, sequer farei comigo
Doce nos casos tristes a memoria.

CXXXVII.

O Filho de Latona esclarecido,
Que com seu raio alegra a humana gente,
Matar pode a Phytonica serpente,
Que mortes mil havia produzido.
Ferio com arco, e de arco foi ferido,
Com ponta aguda de ouro reluzente:
Nas Thessalicas praias docemente
Por a Nympha Penea andou perdido.
Naõ lhe pode valer contra seu dano
Saber, nem diligencias, nem respeito
De quanto era celeste, e soberano.
Pois se hũ deos nunca vio nem hũ engano
De quem era taõ pouco em seu respeito,
Eu q̃ espero de hum ser, q̃ he mais q̃ humano?

CXXXVIII.

CXXXVIII.

PResença bella, Angelica figura,
Em quem, quanto o Ceo tinha, nos tẽ dado;
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se está rindo a formosura:
Olhos, onde tem feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado,
Que vemos já no verde delicado,
Naõ esperança, mas inveja escura:
Brandura, aviso, e graça, que augmentando
A natural belleza cõ hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta,
Saõ as prizões de hum coraçaõ, que prezo
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a sereã na tormenta.

CXXXIX.

POr cima destas aguas forte, e firme
Irei aonde os fados o ordenáraõ,
Pois por cima de quantas derramáraõ
Aquelles claros olhos pude vir-me.
Já chegado era o fim de despedir-me;
Já mil impedimentos se acabáraõ,
Quando rios de amor se atravessáraõ
A me impedir o passo de partir-me.
Passei-os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada, e gloriosa,
Faz o vencido já desesperado.
Em qual figura, ou gesto desusado,
Póde já fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pés rendido, e atado?

CXXXX.

CXXXX.

TAl mostra de si dá vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças, e o poder da natureza,
Com sua claridade mais apura.
Quem confiança ha visto taõ segura,
Taõ singular esmalte da belleza,
Que naõ padeça mal de mais graveza,
Se resistir a seu amor procura?
Eu, pois, por escusar tal esquivança,
A razaõ sujeitei ao pensamento,
A quem logo os sentidos se entregáram.
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficáram.

CXXXXI.

NA desesperaçaõ já repousava
O peito longamente magoado;
E com seu damno eterno concertado,
Já naõ temia, já naõ desejava.
Quando huma sombra vãa me assegurava,
Que algum bem me podia estar guardado
Em taõ formosa imagem, que o traslado
Na alma ficou, que nella se elevava.
Que credito que dá taõ facilmente
O coraçaõ a aquillo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!
Ah! Deixem-me enganar; que eu sou contente:
Pois postoque maior meu damno seja,
Fica-me a gloria já do que imagino.

CXXXXII.

CXXXXII.

DIversos dões reparte o Ceo benino,
E quer que cada hũa alma hũ só possua;
Por isso ornou de casto peito a Lua,
Que o primeiro orbe illustra, crystallino.
De graça a mãi formosa do menino,
Que nessa vista tem perdido a sua;
Pallas, de sciencia naõ maior que a tua,
Tem Juno da nobreza o Imperio diuo.
Mas junto agora o largo Ceo derrama
Em ti o mais que tinha, e foi o menos,
Em respeito do Author da natureza.
Que a seu pezar te daõ, formosa Dama,
Seu peito a Lũa, sua graça Venos,
Sua sciencia Pallas, Juno sua nobreza.

CXXXXIII.

GEntil Senhora, se a fortuna imiga,
Que contra mi com todo o Ceo conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga.
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa de mar, de fogo, e d'ira,
A dar-vos a memoria, que suspira,
Só por fazer comvosco eterna liga.
Nesta alma, onde a fortuna póde pouco,
Taõ viva vos terei, que frio, e fome,
Vos naõ possam tirar, nem mais perigos.
Antes com som de voz trémulo, e rouço,
Por vós chamando, só com vosso nome
Farei fugir os ventos, e os imigos.

CXXXXIV.

CXXXXIV.

QUe modo taõ subtil da natureza
Para fugir ao Mundo, e seus enganos!
Permitte que se esconda em tenros anos,
Debaixo de hum burel tanta belleza.
Mas naõ póde esconder-se aquella alteza,
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos,
Resistencia naõ sinto, ou fortaleza.
Quem quer livre ficar de dor, e pena,
Vendo-a já, já trazendo-a na memoria,
Na mesma razaõ sua se condena.
Porque quem mereceo ver tanta gloria,
Captivo ha de ficar; que amor ordena,
Que de juro tenha ella esta victoria.

CXXXXV.

QUando se vir com agua o fogo arder,
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura
Em que se vem os Ceos prevalecer.
Quando amor á razaõ obedecer,
E em todos for igual huma ventura,
Deixarei eu de ver tal formosura,
E de a amar deixarei depois de a ver.
Porém naõ sendo vista esta mudança
No Mundo, porque, em fim, naõ póde ver-se;
Ninguem mudar me queira de querer-vos.
Que basta estar em vós minha esperança,
E o ganhar-se a minha alma, ou o perder-se,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

CXXXXVI.

QUando a suprema dor muito me aperta,
Se digo que deseјo esquecimento,
He força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.
Assi de erro taõ grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.
Porque essa propria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-mo de hum certo modo ser presente.
Ditosa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa della em mi se sente
Hum bem que inda sem ver-vos reconheço.

CXXXXVII.

NA margem de hum ribeiro, que fendia
Com liquido crystal hum verde prado,
O triste Pastor Liso debruçado
Sobre o tronco de hum freixo assi dizia:
Ah Natercia cruel! Quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foi de aquella fé que tu me déste?
De àquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pode taõ asinha?
Quando esses olhos teus n'outro puzeste,
Como te naõ lembrou que me juraste
Por toda a sua luz, que eres só minha?

CXXXXVIII.

SE me vem tanta gloria só de olhar-te,
Hc pena desigual deixar de ver-te.
Se presumo com obras merecer-te,
Grão paga de hum engano he desejar-te.
Se aspiro por quem es a celebrar-te,
Sei certo por quem sou que hei de offender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Que premio querer posso mais que amar-te?
Porque hũ taõ caro amor naõ me soccorre?
Oh humano thesouro! Oh doce gloria!
Ditoso quem á morte por ti corre!
Sempre escripta estarás nesta memoria;
E esta alma viverá, pois por ti morre;
Porque ao fim da batalha he a victoria.

CXXXXIX.

SEmpre a razaõ vencida foi de amor;
Mas porque assi o pedia o coraçaõ,
Quiz amor ser vencido da razaõ.
Ora que caso póde haver maior!
Novo modo de morte, e nova dor!
Estranheza de grande admiraçaõ!
Pois, em fim, seu vigor perde a affeiçaõ,
Porque naõ perca a pena o seu vigor.
Fraqueza nunca a houve no querer,
Mas antes muito mais se esforça assim
Hum contrario com outro por vencer.
Mas a razaõ que a luta vence, em fim,
Naõ creo que he razaõ, mas deve ser
Inclinaçaõ que eu tenho contra mim.

CL.

COitado, que em hũ tempo chóro, e rio;
Espero, e temo; quero, e aborreço;
Juntamente me alegro, e me entristeço;
Confio de huma cousa, e desconfio.
  Vôo sem azas; estou cego, e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Entaõ fallo melhor quando emmudeço;
Sem ter contradiçaõ sempre porfio.
  Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudar-me estar-me quedo;
Usar de liberdade, e ser captivo.
  Queria visto ser, ser invisivel;
Ver-me desenredado amando o enredo;
Taes os extremos saõ com que hoje vivo.

CLI.

JUlga-me a gente toda por perdido;
Vendo-me taõ entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homẽes apartado,
E de humanos commercios esquecido.
  Mas eu que tenho o Mundo conhecido,
E quasi que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, e enganado,
Quem naõ he com meu mal engrandecido.
  Vá revolvendo a terra, o mar, e o vento,
Honras busque, e riquezas, a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio, e calma.
  Que eu por amor sómente me contento
De trazer esculpido, eternamente,
Vosso formoso gesto dentro da alma.

CLII.

OLhos, aonde o Ceo com luz mais pura
Quiz dar de ſeu poder claros ſignais,
Se quizerdes ver bem quanto poſſais,
Vede-me a mi que ſou voſſa feitura.
Em mi viva vereis voſſa figura,
Mais propria que em puriſſimos cryſtais,
Porque neſta alma he certo que vejais
Melhor que em hum cryſtal tal formoſura.
De meu naõ quero mais que o meu deſejo,
Se acaſo por querer-vos mais mereço,
Porque o voſſo poder em mi ſe aſſelle.
Do Mundo outra memoria em mi naõ vejo:
Com lembrar-me de vós, delle me eſqueço;
Com triumphardes de mi, triumpharei delle.

CLIII.

CReou a natureza Damas bellas,
Que foram de altos plectros celebradas,
Dellas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor dellas.
Ellas diante vós ſaõ as Eſtrellas,
Que ficam com vos ver logo eclipſadas:
Mas ſe ellas tem por Sol eſſas roſadas
Luzes de Sol maior, felices ellas!
Em perfeiçaõ, em graça, e gentileza,
Por hũ modo entre humanos peregrino,
A todo bello excede eſſa belleza.
Oh quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas ſe pureza
De amor val ante vós, de vós ſou dino.

CLIV.

CLIV.

QUe esperais, esperança? Desespero.
Quem disso a causa foi? Hũa mudança.
Vós, vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coração? Que muito quero.
Que sentis, alma, vós? Que amor he fero.
E, em fim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Huma lembrança.
E só nella esperais? Só nella espero.
Em que podeis parar? Nisto em que estou.
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E tende-lo por bem? Amor o quer.
Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo está rendida.
A quem rendida estais? A hum só querer.

CLV.

SE como em tudo o mais fostes perfeita,
Foreis de condiçaõ menos esquiva;
Fora a minha fortuna mais altiva,
Fora a sua altiveza mais sujeita.
Mas quando a vida a vossos pés se deita,
Porque naõ a acceitais, naõ quer que eu viva:
Ella propria de si já a mi me priva;
Que porque me engeitais, tambem me engeita.
Se nisso contradiz vossa vontade,
Mandai-lhe vós, Senhora, que dè fim
A' minha profundissima tristeza.
Pois ella naõ mo dá porque piedade
Tenha deste meu mal, mas porque em mim
Possais assi fartar vossa crueza.

CLVI.

CLVI.

SE algum'hora essa vista mais suave
Acaso a mi volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que naõ temo que damno algum me aggrave.
Mas quando com desdem esquivo, e grave,
O bello rosto me mostrais isento,
Huma dor provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem a ser que naõ me acabe.
Assi está minha vida, ou minha morte,
No volver de esses olhos; pois podeis
Dar co' huma volta delles morte, ou vida.
Ditoso eu, se o Ceo quer, ou minha sorte,
Que ou vida para dar-vo-la me deis,
Ou morte para haver morte querida.

CLVII.

TAnto se foram, Nympha, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vaõ passando já por natureza,
O que por accidente hiam passando.
No que ao somno se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza:
O choro naõ abranda esta aspereza,
E meus olhos estaõ sempre chorando.
Assi de dor em dor, de mágoa em mágoa,
Consumindo-se vaõ inutilmente,
E esta vida tambem vaõ consumindo:
Sobre o fogo de amor inutil agoa!
Pois eu em chóro estou continuamente,
E do que vou chorando te vás rindo.
Assi nova corrente
Levas de choro em fóro,
Porque de ver-te rir, de novo chóro.

CLVIII.

CLVIII.

EU me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida:
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razaõ leva vencida,
Presto veraõ o fim á triste vida,
Se vos naõ tórno a ver como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Veraõ partir de mi vossa lembrança.
Amor, que vai comigo, o certifica.
Por mais que no tornar haja tardança,
Me faraõ sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

CLIX.

VEncido está de amor — Meu pensamento
O mais q̃ póde ser, — Vencida a vida,
Sujeita a vos servir, e — Instituida,
Offerecendo tudo — A vosso intento:
Contente deste bem — Louva o momento,
Ou hora em que se vio — Tambem perdida;
Mil vezes desejando — Assi ferida,
Outras mil renovar — Seu perdimento.
Com esta pertensaõ — Está segura
A causa que me guia — Nesta empreza,
Taõ sobrenatural, — Honrosa, e alta:
Jurando naõ querer — Outra ventura,
Votando só por vós — Rara firmeza,
Ou ser no vosso amor — Achado em falta.

CLX.

Divina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olympo monte
Ou sobre as margẽes da Castalia fonte
Vossos estudos tendes mais sagrados:
Pois por destino dos immoveis fados
Quereis que em vosso número me conte;
No eterno Templo de Belorofonte
Ponde em bronze estes versos entalhados.
Soliso (porque em seculos futuros
Se veja da belleza o que merece
Quem de sábia doudice a mente inflama)
Seus escriptos, da sorte já seguros,
A estas aras em huma maõ offrece,
E a alma em outra á sua bella Dama.

CLXI.

A La margen del Tajo en claro dia,
Con rayado marfil peynando estava
Natercia sus cabellos, y quitava
Con sus ojos la luz al Sol que ardia.
Soliso, que qual Clicie la seguia,
Lexos de si, mas cerca della estava:
Al son de su zampoña celebrava
La causa de su ardor, y a ssi dezia:
Si tantas, como tu tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las llevàras
Colgada cada qual del uno dellos.
De no tenerlas tu me consolàras,
Si tantas vezes mil como son ellos,
En ellos la que tengo me enredàras.

CLXII.

CLXII.

POr gloria tuve un tiempo el ser perdido;
Perdiame de puro bien ganado;
Gané quando perdi ser libertado;
Libre agora me veo, mas vencido.
Venci quando de Nise fuy rendido;
Rendime por no ser della dexado:
Dexôme en la memoria el bien passado;
Passo agora a llorar lo que he servido.
Servia al premio de la luz que amava;
Amandola esperavale por cierto;
Incierto me salió quanto esperava.
La esperança se queda en desconcierto;
El concierto en el mal que no pensava;
El pensamiento con un fin incierto.

CLXIII.

REbuelvo en la ineffable phantasia,
Quando me he visto en mas dichoso estado,
Si agora que de amor vivo inflammado;
Si quando de su ardor libre vivia.
Entonces desta llama solo huia
Despreciando en mi vida su cuidado:
Agora, con dolor de lo passado,
Tengo por gloria aquello que temia.
Bien veo que era vida deleitosa
Aquella que lograva sin temores,
Quando gustos de amor tuve por viento.
Mas viendo oy a Natercia tan hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas por libre hallo tormento.

CLXIV.

CLXIV.

LAs peñas retumbavan al gemido
Del misero zagal, que lamentava
El dolor que a su alma lastimava,
De un obstinado desamor nacido.
El mar que las batia, su bramido
Con los retumbos dellas ayuntava;
Confuso son el viento derramava
En cavernosos valles repetido.
Responden a mi llanto duras peñas;
Ai de mi! (dixo) la mar brama, y gime;
Los ecòs suenan de tristeza llenos.
Y tu, por quien la muerte en mi se imprime,
De oir las ansias mias te desdeñas;
Y quando lloro màs, te abrando menos.

CLXV.

EN una selva al dispuntar del dia
Estava Endimion triste, y lloroso,
Buelto al rayo del Sol, que presuroso
Por la falda de un monte descendia.
Mirando al turbador de su alegria,
Contrario de su bien, y su reposo,
Tras un suspiro, y otro, congoxoso,
Razones semejantes le dezia:
Luz clara, para mi la màs escura,
Que con esse passeo apresurado,
Mi Sol con tu tiniebla escureciste;
Si allà pueden moverte en essa altura
Las quexas de un Pastor enamorado,
No tardes en bolver adó saliste.

CLXVI.

CLXVI.

ORpheo enamorado que tañia
Por la perdida Nympha que buſcava,
En el Orco implacable donde eſtava,
Con la arpa, y con la voz la enternecia.
La rueda de Ixion no ſe movia,
Ningun atormentado ſe quexava;
Las penas de los otros ablandava,
Y todas las de todos èl ſentia.
El ſon pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardon de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,
Le mandaron bolver ſu compañera,
Y bolviola a perder el deſdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.

CLXVII.

EU cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei taõ confiado:
Parece que no canto já paſſado
Se eſtavam minhas lagrimas criando.
Cantei; mas ſe me alguem pergunta, quando,
Naõ ſei, que tambem fui niſſo enganado.
He taõ triſte eſte meu preſente eſtado,
Que o paſſado por lédo eſtou julgando.
Fizeram-me cantar manhoſamente
Contentamentos naõ, mas confianças:
Cantava, mas já era ao ſom dos ferros.
De quem me queixarei, ſe tudo mente?
Porém, que culpas ponho ás eſperanças,
Onde a fortuna injuſta he mais que os erros?

CLXVIII.

CLXVIII.

AI amiga cruel! Que apartamento
He este que fazeis da patria terra?
Ai! Quem do amado ninho vos desterra,
Gloria dos olhos, bem do pensamento?
His tentar da fortuna o movimento,
E dos ventos cruéis a dura guerra?
Ver brenhas de ondas? Feito o mar em serra,
Levantada de hum vento, e de outro vento?
Mas já que vós partis sem vos partirdes,
Parta comvosco o Ceo tanta ventura,
Que se avantaje áquella que esperardes.
E só desta verdade ide segura,
Que fazeis mais saudades com vos irdes,
Do que levais desejos por chegardes.

CLXIX.

CAmpo nas Syrtes deste mar da vida,
Apoz naufragios seus taboa segura:
Claras bonanças em tormenta escura,
Habitaçaõ da paz, de amor guarida:
A ti fujo: e se vence tal fugida,
E quem mudou lugar mudou ventura,
Cantemos a victoria; e na espessura
Triumphe a honra da ambiçaõ vencida.
Em flor, e fructo de Veraõ, e Outono,
Utilmente murmuram claras aguas:
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.
Amantes rouxinoes rompem-me o sono
Que ata o descanso: aqui sepulto mágoas
Que Já foram sepulchros de alegria.

CLXX.

CLXX.

AH minha Dinamene! Aſſi deixaſte
Quem nunca deixar póde de querer-te?
Que já, Nympha gentil, naõ poſſa ver-te?
Que taõ veloz a vida deſprezaſte?
Como por tempo eterno te apartaſte
De quem taõ longe andava de perder-te?
Puderam eſſas aguas defender-te
Que naõ viſſes quem tanto magoaſte?
Nem ſómente fallar-te a dura morte
Me deixou, que apreſſada o negro manto
Lançar ſobre os teus olhos conſentiſte.
Oh mar! Oh Ceo! Oh minha eſcura ſorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triſte?

CLXXI.

GUardando em mi a ſorte o ſeu direito,
Em verde me cortou minha alegria.
Oh quanto feneceo naquelle dia,
Cuja triſte lembrança arde em meu peito!
Quando mais o imagino bem ſuſpeito
Que a tal bem tal deſconto ſe devia;
Por naõ dizer o Mundo que podia
Achar-ſe em ſeus enganos bem perfeito.
Pois ſe a fortuna o fez por deſcontar-me
Eſſe deſgoſto, em cujo ſentimento
A memoria naõ faz ſenaõ matar-me;
Que culpas póde dar-me o penſamento,
Se a cauſa que elle tem de atormentar-me,
Tenho eu de ſoffrer mal o ſeu tormento?

CLXXII.

CLXXII.

CAntando estava hũ dia bem seguro,
Quando passava Sylvio, e me dizia:
(Sylvio, Pastor antiguo que sabia
Por o canto das aves o futuro)
Liso, quando quizer o fado escuro,
A opprimir-te viráõ em hum só dia
Dous lobos; logo a voz, e a melodia,
Te fugiráõ, e o som suave, e puro.
Bem foi assi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava, e tinha,
De que grandes soldadas esperava.
E por mais damno o outro me matou
A Cordeira gentil, que eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha.

CLXXIII.

O Ceo, a terra, o vento socegado,
As ondas que se estendem por a area,
Os peixes que no mar o somno enfrea,
O nocturno silencio repousado:
O Pescador Aonio, que deitado
Onde co' o vento a agua se menea,
Chorando, o nome amado em vão nomea,
Que naõ póde ser mais que nomeado.
Ondas (dizia) antes que amor me mate,
Tornai-me a minha Nympha, que taõ cedo
Me fizestes á morte estar sujeita.
Ninguem responde; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

CLXXIV.

AH fortuna cruel! Ah duros fados!
Quaõ asinha em meu damno vos mudastes!
Com os vossos cuidados me cansastes,
E gora descansais co' os meus cuidados.
Fizestes-me provar gostos passados,
E vossa condiçaõ nelles provastes:
Singelos em hum'hora mos levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.
Quanto melhor me fora que naõ víra
Os doces bées de amor? Ah bées suaves!
Quem me deixa sem vós, porque me deixa?
De queixar-te, alma minha, te retira:
Alma, de alto cahida em penas graves,
Pois tanto amaste em váo, em váo te queixa.

CLXXV.

QUanto tempo, olhos meus, com tal lamento
Vos hei de ver taõ tristes, e aggavados?
Naõ bastam meus suspiros inflammados,
Que sempre em mi renovam seu tormento?
Naõ basta consentir meu pensamento
Em mágoas, em tristezas, e em cuidados?
Senaõ que haveis de andar taõ maltratados,
Que lagrimas tenhais por mantimento?
Naõ sei porque tomais esta vingança,
Mostrando-vos na ausencia taõ saudosos,
Se sabeis quanto póde huma esperança.
Olhos, naõ aggraveis outros formosos,
Tornando hum puro amor em esquivança,
Pois ficais por esquivos desdenhosos.

CLXXVI.

LEmbranças, que lembrais o bem passado,
Para que sinta mais o mal presente,
Deixai-me, se quereis, viver contente,
Morrer naõ me deixeis em tal estado.
Se de todo, com tudo, está do fado,
Que eu morra de viver taõ descontente,
Venha-me todo o bem por accidente,
E todo o mal me venha por cuidado.
Que muito melhor he perder-se a vida,
Perdendo-se as lembranças da memoria,
Pois fazem tanto damno ao pensamento.
Porque, em fim nada perde quem perdida
A esperança tem já de aquella gloria
Que fazia suave o seu tormento.

CLXXVII.

QUando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido;
Que tudo emprego foi mal empregado.
Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.
Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em hum momento.
Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.
Triste o que espera! Triste o que confia!

CLXXVIII.

JA' cantei, já chorei a dura guerra
Por amor sustentada longos anos;
Vezes mil me vedou dizer seus danos,
Por naõ ver quem o segue o muito que erra.
Nymphas, por quem Castalia se abre, e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos,
Concedei-me já alentos soberanos,
Para que diga o mal que amor encerra.
Para que aquelle, que o seguir ardente,
Veja em meus puros versos hum exemplo
De quanto em glorias promettidas mente.
Que inda que em triste estado me contemplo,
Se neste assumpto me inspirais, contente
Darei a minha lyra ao vosso templo.

CLXXIX.

OS meus alegres, venturosos dias,
Passáram como raio brevemente;
Movem-se os tristes mais pezadamente
Apoz das fugitivas alegrias.
Ah falsas pertensões! Váas phantasias!
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chamma ardente,
O tempo reduzio a cinzas frias.
Nellas revolvo agora erros passados,
Que outro fructo naõ deo a mocidade,
A quem vergonha, e dor minha alma deve.
Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
Para que leve tudo o tempo leve.

CLXXX.

HOras breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo quando vos tinha,
Que vos visse mudadas taõ asinha
Em taõ compridos annos de tormento.
As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sostinha:
Do mal que me ficou a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãas fiz fundamento.
Amor com brandas mostras apparece;
Tudo possivel faz tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.
Estranho mal! Estranha desventura!
Por hum pequeno bem que desfallece,
Hum bem aventurar, que sempre dura!

CLXXXI.

ONde acharei lugar taõ apartado,
E taõ isento em tudo da ventura,
Que, naõ digo eu de humana creatura,
Mas nem de feras seja frequentado?
Algum bosque medonho, e carregado,
Ou selva solitaria, triste, e escura,
Sem fonte clara, ou placida verdura;
Em fim, lugar conforme a meu cuidado?
Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa, e livremente.
Que pois a minha pena he sem medida,
Alli naõ serei triste em dias ledos,
E dias tristes me faraõ contente.

CLXXXII.

AQui de longos damnos breve historia
Veraõ os que se jactam de amadores:
Reparo póde ser das suas dores
Naõ apartar as minhas da memoria.
Escrevi, naõ por fama, nem por gloria,
De qne outros versos saõ merecedores;
Mas por mostrar seus triumphos, seus rigores,
A quem de mi logrou tanta victoria.
Crescendo foi a dor co' o tempo tanto,
Que em número me fez, alheo de arte;
Dizer do cego amor que me venceo.
Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna à maõ, esta só parte
De minhas tristes penas escreveo.

CLXXXIII.

POr sua Nympha Céphalo deixava
A Aurora, que por elle se perdia,
Postoque dá princípio ao claro dia,
Postoque as roxas flores imitava.
Elle, que a bella Procris tanto amava,
Que só por ella tudo engeitaria,
Deseja de tentar se lhe acharia
Taõ firme fé como ella nelle achava.
Mudado o trage, tece hum duro engano:
Outro se finge; preço põe diante:
Quebra-se a fé mudavel, e consente.
Oh subtil invençaõ para seu dano!
Vede que manhas busca hum cego amante,
Para que sempre seja descontente!

CLXXXIV.

SEntindo-se alcançada a bella esposa
De Cephalo no crime consentido,
Para os montes, fugia do marido;
E naõ sei se de astuta, ou vergonhosa.
  Porque elle, em fim, soffrendo a dor ciosa,
Da cegueira obrigado de Cupido,
Apoz ella se vai como perdido,
Já perdoando a culpa criminosa.
  Deita-se aos pés da Nympha endurecida,
Que do cioso engano está aggravada;
Já lhe pede perdaõ, já pede a vida.
  Oh força de affeiçaõ desatinada!
Que da culpa contr'elle commettida,
Perdaõ pedia á parte que he culpada!

CLXXXV.

SEguia aquelle fogo que o guiava,
Leandro contra o mar, e contra o vento;
Quebravam-lhe ondas o animoso alento,
Por mais, e mais que amor lho renovava.
  Com sentir já que quasi lhe faltava,
Sem nada esmorecer, no pensamento
(Naõ podendo fallar) de seu intento
O fim ao surdo mar encommendava.
  O' mar, (dizia o moço só comsigo)
Já te naõ peço a vida; só queria
Que a de Ero me salvasses: naõ me veja.
  Este defunto corpo lá o desvia
De aquella torre: sê-me nisto amigo,
Pois no meu maior bem me houveste inveja.

CLXXXVI.

OS olhos onde o casto amor ardiá,
Lédo de se ver nelles abrazado;
O rosto onde com lustre desusado
Purpurea rosa sobre neve ardia.
O cabello que inveja ao Sol fazia;
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca máo, o corpo bem talhado,
Tudo aqui se reduz a terra fria.
Perfeita formosura em tenra idade,
Qual flor que anticipada foi colhida,
Murchada está da máo da morte dura.
Como naõ morre amor de piedade?
Naõ della, que se foi á clara vida;
Mas de si, que ficou em noite escura.

CLXXXVII.

DItosa penna, como a máo que a guia,
Com tantas perfeições da subtil arte,
Que quando com razaõ venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a phantasia.
Porém amor, que effeitos varios cria,
De ti cantar me manda em toda parte,
Naõ em plectro belligero de Marte,
Mas em suave, e branda melodia.
Teu nome Emmanuel, de hũ n'outro Polo,
Voando se levanta, e te prégoa,
Agora que ninguem te levantava.
E porque immortal sejas, eis Apolo
Te offerece de flores a coroa,
Que já de longo tempo te guardava.

CLXXXVIII.

CLXXXVIII.

ESpanta crescer tanto o crocodilo
Só por seu limitado nascimento;
Que se maior nascêra, mais isento
Estivera de espanto o patrio Nilo.
Em vão levantará meu baixo estilo
Vosso Pontifical, novo ornamento,
Pois no ventre o immortal merecimento
Vo-lo talhou para despois vesti-lo.
Tardou, mas veio: que a quem mais merece,
Vir o premio mais tarde he sempre certo,
Inda que vez alguma venha cedo.
Os Ceos que do primeiro estaõ mais perto,
Mais devagar se movem. Quem conhece
Sobre aquelle segredo, este segredo!

CLXXXIX.

ORnou sublime esforço ao grande Atlante,
Com que a celeste máchina sustenta;
Honrou a Homero o engenho, com que intenta
Grecia do quarto Ceo passá-lo avante.
Coroou claro amor, de amor constante
A Orphéo, na paz firme, e na tormenta;
Inspirou a fortuna, em tudo isenta,
A Cesar de quem foi hum tempo amante.
Exaltaste tu, fama, a gloria alta
De Alcides lá no monte em q̃ resides;
Mas Castro, em quem o Ceo seus dões derrama,
Mais orna, honra, coroa, inspira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orpheo, Cesar, e Alcides,
Esforço, engenho, amor, fortuna, e fama.

CLXXXX.

CLXXXX.

DEspois que vio Cibele o corpo humano
Do formoso Atis seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorava o grave dano.
E á sua dor fazendo illustre engano,
A Jupiter pedio, que o verdadeiro
Preço da nobre palma, e do loureiro,
Ao seu pinheiro désse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso,
Que crescendo, as Estrellas tocar possa,
Vendo os segredos lá do Ceo superno.
Oh ditoso pinheiro! Oh mais ditoso
Quem se vir coroar da rama vossa,
Cantando á vossa sombra verso eterno!

CLXXXXI.

POis torna por seu Rei, e juntamente
Por Christo, a governar aquella parte
Onde se tem mostrado hũ Numa, hũ Marte,
O famoso Luis, justo, e valente:
O Tejo espere ver de todo o Oriente,
Onde taõ raros dões o Ceo reparte,
Render a tanto esforço, aviso, e arte,
Mil palmas, mil tributos novamente.
Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A quem pouco valêram lança, e escudo,
O render-se teraõ por bom partido.
O Euphrates temerá, seu nome ouvindo:
Que para delle ver vencido tudo,
Já vio do braço seu tudo vencido.

CLXXXXII.

CLXXXXII.

AGora toma a espada, agora à pena,
Estacio nosso, em ambas celebrado,
Sendo, ou no salso mar de Marte amado,
Ou na agua doce amante da Camena.
Cysne sonoro por Ribeira amena,
De mi para cantar-te he cobiçado;
Porque naõ pódes tu ser bem cantado
De ruda frauta, nem de agreste avena
Se eu que a penna tomei, tomei a espada,
Para poder jogar licença tenho,
Desta alta influiçaõ de dous Planetas;
Com huma, e outra luz delles lograda,
Tu com pujante braço, ardente engenho,
Serás Faro a Soldados, e a Poetas.

CLXXXXIII.

ERros meus, má fortuna, amor ardente,
Em minha perdiçaõ se conjuráram:
Os erros, e a fortuna sobejáram,
Que para mi bastava amor sómente.
Tudo passei, mas tenho taõ presente
A grande dor das cousas que passáram,
Que já as frequencias suas me ensináram
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa a que a fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De amor naõ vi senaõ breves enganos.
Oh quem tanto pudesse que fartasse
Este meu duro genio de vinganças!

CLXXXXIV.

CLXXXIV.

CA' nesta Babylonia, adonde mana
Materia a quanto mal o Mundo cria:
Cá donde o puro amor naõ tem valia;
Que a mãi, que manda mais, tudo profana:
Cá donde o mal se affina, o bem se dana;
E póde mais que a honra a tyrannia:
Cá donde a errada, e cega Monarchia
Cuida que hum nome vão a desengana:
Cá neste labyrintho onde a nobreza,
O valor, e o saber, pedindo vaõ
A's portas da cobiça, e da vileza:
Cá neste escuro caos de confusaõ,
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, *Siaõ*!

CLXXXV.

COrrem turbas as aguas deste rio,
Que as rápidas enchentes enturbáram:
Os florecidos campos se seccáram;
Intratavel se fez o valle, e frio.
Passou, como o Veraõ, o ardente Estio;
Humas cousas por outras se trocáram:
Os fementidos fados já deixáram
Do Mundo o regimento, ou desvario.
Já o tempo a ordem sua tem sabida;
O Mundo naõ; mas anda taõ confuso,
Que parece que delle Deos se esquece.
Casos, opiniões, natura, e uso,
Fazem que nos pareça desta vida
Que naõ ha nella mais do que parece.

CLXXXVI.

CLXXXXVI.

VO'soutros que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercicios;
A quem, vendo do Mundo os beneficios,
O regimento seu fica encoberto;
Dedicai, se quereis, ao desconcerto
Novas honras, e cegos sacrificios;
Que por castigo igual de antiguos vicios,
Quer Deos que andem as cousas por acerto.
Naõ cahio neste modo de castigo
Quem poz culpa lá fortuna, quem sòmente
Crê que acontecimentos há no Mundo.
A grande experiencia he grão perigo:
Mas o que a Deos he justo, e evidente,
Parece injusto aos homẽes, e profundo.

CLXXXXVII.

PAra se namorar do que creou,
Te fez Deos, sacra Phenix, Virgem pura.
Vede que tal seria esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou!
No seu alto conceito te formou
Primeiro que à primeira creatura;
Para que unica fosse a compostura
Que de taõ longo tempo se estudou.
Naõ sei se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras calidades
Que quiz crear em ti quem tu criaste.
Es Filha, Mãi, e Esposa: se alcançaste
Huma só, tres taõ altas dignidades,
Foi porque a Tres de Hum só tanto agradaste.

CLXXXXVIII.

CLXXXVIII.

DEsce do Ceo immenso Deos benino,
Para incarnar na Virgem soberana.
Porque desce divino a cousa humana?
Para subir o humano a ser divino.
Pois como vem taõ pobre, e taõ menino,
Rendendo-se ao poder da mão tyrana?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adaõ o desatino.
He possivel que os dous o fructo comem
Que de quem lhes deo tanto foi vedado?
Si, porque o proprio ser de deoses tomem.
E por esta razaõ foi humanado?
Si; porque foi com causa decretado,
Se quiz o homem ser Deos, q̃ Deos fosse homem.

CLXXXIX.

DOs Ceos á terra desce á mór belleza;
Une-se à nossa carne, e a faz nobre:
E sendo a humanidade de antes pobre,
Hoje subida fica a mór riqueza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que como ao Mundo o seu amor descobre,
De palhas vís o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.
Como? Deos em pobreza á terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que este sómente rico lhe parece.
Pobreza este Presepio representa;
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quanto mais o he, mais lhe contenta.

CC.

CC.

POrque a tamanhas penas se offerece
Por o peccado alheio, e erro insano,
O Trino Deos? Porque o sogeito humano
Naõ póde co'o castigo que merece.
Quem padecerá as penas que padece?
Quem soffrerá deshonra, morte, e dano?
Quem será, senaõ for o Soberano,
Que reina, e servos manda, e obedece?
Foi a força do homem taõ pequena,
Que naõ pode soster tanta aspereza,
Pois naõ gosteve a Lei que Deos ordena.
Mas soffre-a aquella immensa Fortaleza
Por amor puro: que a mortal fraqueza
Foi para o erro, e naõ já para a pena.

CCI.

DEspois de haver chorado os meus tormentos,
Quer amor que lhe cante as suas glorias.
Canto de huma belleza os vencimentos,
De hũ longo padecer chóro as memorias.
Porém, se as minhas penas saõ victorias
Por a causa, a meus altos pensamentos;
Dilatem-se em larguissimas historias
Estes meus gloriosos rendimentos.
Mova-se em todo o Mundo unico espanto,
De que he, por a belleza que eu adoro,
Do que cantado tenho, premio, o pranto.
Contente offreço a amor taõ triste foro:
Que se chôro naõ ha como o meu canto,
Naõ sei canto melhor q̃ este meu chôro.

CCII.

ONde mereci eu tal penſamento,
Nunca de ſer humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co' o vencimento?
Em gloria ſe converte o meu tormento,
Quando vendo-me eſtou taõ bem perdido;
Pois naõ foi tanto mal ſer atrevido,
Como foi gloria o meſmo atrevimento.
Vivo, Senhora, ſó de de contemplar-vos;
E pois eſta alma tenho taõ rendida,
Em lagrimas desfeito acabarei.
Porque naõ me faraõ deixar de amar-vos,
Receos de perder por vós a vida,
Que por vós vezes mil a perderei.

CCIII.

DE freſcas belvederes rodeadas
Eſtaõ as puras aguas deſta fonte:
Formoſas Nymphas lhes eſtaõ defronte,
A vencer, e a matar acoſtumadas.
Andam contra Cupido levantadas
As ſuas graças, que naõ ha quem conte:
De outro valle eſquecidas, de outro monte,
A vida paſſam neſte ſocegadas.
O ſeu poder juntou, ſua valia,
Amor já naõ ſoffrendo eſte deſprezo,
Sómente por ſe ver dellas vingado.
Mas vendo-as, entendeo que naõ podia
De ſer morto livrar-ſe, ou de ſer prezo,
E ficou-ſe com ellas deſarmado.

CCIV.

CCIV.

NOs braços de hũ Sylvano adormecendo
Se estava aquella Nympha que eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foi escurecendo.
Oh bella Venus! Porque estás soffrendo
Que a maior formosura do teu coro,
Em hum poder taõ vil perca o decoro
Que o merito maior lhe está devendo?
Eu levarei de aqui pro presupposto
Desta nova estranheza que fizeste,
Que em ti naõ póde haver cousa segura.
Que pois o claro lume, o bello rosto
A'quelle moustro taõ disforme deste,
Naõ creio que haja amor, senaõ ventura.

CCV.

QUem diz que amor he falso, ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, váo, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel, ou rigoroso.
Amor he brando, he doce, e he piedoso;
Quem o contrário diz naõ seja crido;
Seja por cego, e apaixonado rido,
E aos homẽes, e inda aos deoses odioso.
Se males faz amor, em mi se vem;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao Mundo quiz mostrar quanto podia.
Mas todas suas iras saõ de amor:
Todos estes seus males saõ hum bem,
Que eu por todo outro bem naõ trocaría.

CCVI.

CCVI.

FOrmosa Beatriz, tendes taes geitos
N'hum brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplá-los, senaõ vellos,
Se inflammam corações, e humanos peitos.
Em toda perfeiçaõ saõ taõ perfeitos,
Que o desengano daõ de merecellos:
Naõ póde haver quem possa conhecellos,
Sem nelle amor fazer grandes effeitos.
Sentíram, por meu mal, taõ graves danos
Os meus, que com os ver cegos, e tristes,
Ficáram sem prazer, co'a luz perdida.
Mas já que vós com elles me feristes,
Tornai-me a ver com elles mais humanos,
E deixareis curada esta ferida.

CCVII.

ALegres campos, verdes, deleitosos,
Suaves me seraõ vossas boninas,
Em quanto forem vistos das meninas
Dos olhos de Ignez bella taõ formosos.
Dos meus, que vos seraõ sempre invejosos
Por naõ verem estrellas taõ divinas,
Sereis regados de aguas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.
E vós, douradas flores por ventura
Se Ignez quizer fazer de meus amores
Experiencias na folha derradeira.
Mostrai-lhe, para ver minha fé pura,
O bem que sempre quiz, formosas flores,
Que entaõ naõ sentirei que mal me queira.

CCVIII.

ONdados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o penſamento,
Que quanto mais vos ſolta o freſco vento,
Mais preſo fico então de meu cuidado.
Amor, de hũus bellos olhos ſempre armado,
Me combate co' as forças do tormento,
Provando da minha alma o ſoffrimento,
Que á juſta lei da paz trago obrigado.
Aſſi que em voſſo geſto mais que humano
Amo a paz juntamente, e o perigo;
E em amar hum, e outro naõ me engano.
Muitas vezes dizendo eſtou comigo,
Que pois he tal a cauſa de meu dano,
He juſta a guerra, he juſta a paz que ſigo.

CCIX.

AMor que em ſonhos vãos do penſamento
Paga o zelo maior de ſeu cuidado,
Em toda condiçaõ, em todo eſtado,
Tributario me fez de ſeu tormento.
Eu ſirvo, eu canſo; e o grão merecimento
De quanto tenho a amor ſacrificado,
Nas mãos da ingratidaõ deſpedaçado
Por preſa vai do eterno eſquecimento.
Mas quando muito, em fim, creſça o perigo
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor naõ he, mas inimigo;
Tenho hũ grande deſcanſo em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto ſigo,
Naõ póde ſer co' os males mais pequena.

CCX.

NEm o tremendo estrepito da guerra,
Com armas, com incendios espantosos,
Que despacham pelouros perigosos,
Bastantes a abalar huma alta serra;
  Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Despois que vio os olhos taõ formosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos,
De mi todo se aparta, e se desterra.
  A vida posso ao fogo, e ferro dar,
E perdê-la em qualquer duro perigo,
E nelle, como phenix, renovar.
  Naõ póde mal haver para comigo,
De que eu já me naõ possa bem livrar,
Senaõ do que me ordena amor imigo.

CCXI.

FIou-se o coraçaõ, de muito isento
De si; cuidando mal que tomaria
Taõ illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento.
  Mas os olhos pintaram taõ attento
Outros que vistos tem na phantasia,
Que a razaõ temerosa do que via,
Fugio deixando o campo ao pensamento.
  O' Hippolyto casto, que de geito
De Phedra tua madrasta foste amado,
Que naõ sabia ter nenhum respeito;
  Em mi vingou amor teu casto peito:
Mas está deste aggravo taõ vingado,
Que se arrepende já do que tem feito.

CCXII.

CCXII.

QUem quizer ver de amor hũa excellencia,
Onde sua fineza mais se apura,
Attente onde me põe minha ventura,
Porque de minha fé faça experiencia.
Onde lembranças mata a larga ausencia,
Em temeroso mar, em guerra dura,
A saudade alli está mais segura,
Quando risco maior corre a paciencia.
Mas ponha-me a fortuna, e o duro fado,
Em morte, ou nojo, ou damño, ou perdiçaõ,
Ou em sublime, e próspera ventura.
Ponha-me, em fim, em baixo ou alto estado,
Que até na dura morte me acharáõ
Na lingua o nome, e na alma a vista pura.

CCXIII.

LOs ojos que con blando movimento
Al passar enternecen la alma mia,
Si detener pudiera solo un dia,
Pudiera bien librarla de tormento.
Deste tan amoroso sentimento
El importuno mal se acabaria;
O tambien su accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.
O si ya tu esquivez me permitiesse
Que al ver, ò Nynpha, tu semblante hermoso,
A manos de tus ojos yo muriesse!
O si los detuvieras! Quan dichoso
Seria aquel momento en que me viesse
Vida en ellos cobrar, cobrar reposo!

CCXIV.

NO baſtava que amor puro, y ardiente,
Por terminos la vida me quitaſſe;
Mas que la muerte aſſi ſe apreſuraſſe
Con un deshumaniſſimo accidente?
No pretendiò mi alma, aunque lo ſiente,
Que el riguroſo curſo ſe atajaſſe,
Porque nunca morir ſe exprimentaſſe,
Deſamado el que amó tan dulcemente.
Mas vueſtra voluntad tan poderoſa
Con eſſas gracias vueſtras ordenaron
Crueldad aſſi impoſſible, o nunca oida.
Aquel frio deſden, y la amoroſa
Furia, de un golpe ſolo me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida.

CCXV.

AYudame, Señora, a ſer vengança
De tal ſelvatiquez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi baxeza,
Oſado a ti elevava la eſperança.
A eſſa tu perfecion, que no ſe alcança;
A eſſas ſublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegó naturaleza,
Mas de bolver perdió la confiança.
Aquello que en ti miro contemplando,
Que apenas contemplarlo me conſiente,
Contemplandolo màs, menos lo eſpero.
Si gloria de mi pena en ti ſe ſiente,
Derrama en mi tus iras, deſamando;
Que al ofenderme màs yo màs te quiero.

CCXVI.

CCXVI.

O Claras aguas deste blando rio,
Que en vós al natural estais pintando
El frondifero adorno con que alzando
Se vá a los Cielos este bosque umbrio.
Assi las llubias, assi el Austro frio
Jamàs puedan veniros enturbiando,
Que os vays del seco Estio preservando
Con socorreros deste llanto mio.
Y quando en vós Marfisa se mirare
Mi figura, qual veys desfallecida,
Ante sus claros ojos puesta sea.
Y si por mi de vós los apartare,
De verme alli mostrandose offendida,
En pena de no verme no se vea.

CCXVII.

MIl vezes entre sueños tu figura,
O bella Nynpha, claramente veo:
Y quando màs la miro, màs deseo
Gozar libre de sueños su hermosura.
En tanto que este dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que posseo:
Mas quanto alli se eleva mi deseo,
Viene a caer despierto en sombra escura.
Dueleme el despertar por contemplarte;
Que si bien sè te huelgas de no verme,
Huelgome de ser ciego por mirarte.
Mas si quiero de engaños mantenerme,
Y tu quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podrè perderme.

CCXVIII.

MI gusto y tu beldad se desposaron;
Terceros por mi mal mis ojos fueron:
Su logro ha sido tal, que, alfin, hizieron
Un hijo hermoso a quien amor llamaron.
Tan fuera de compàs le regalaron,
Que quando màs alegres estuvieron,
Sin entender el mal que produxeron,
Perdidos por amores se miraron.
La beldad desposada deste suelo,
Vino a parir un monstro con dós alas;
La madre a la sobervia, es nido el zelo.
O madre que a tu hijo en todo igualas!
Quien mortal haze al immortal abuelo,
Y al padre mortal dá immortales salas?

CCXIX.

SI el fuego que me enciende, consumido
De algũ màs suelto Aquario ser pudiesse;
Si el alto suspirar me convertiesse
En ayre por el ayre desparzidio:
Si un horrible rumor siendo sentido,
La alma a dexar el cuerpo reduxesse;
O por estos mis ojos al mar fuesse
Este mi cuerpo en llanto convertido;
Nunca podria la fortuna airada,
Con todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de su gloria.
Porque en vuestra beldad ya transformada,
Ni del Estygio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

CCXX.

CCXX.

QUe me quereis perpétuas ſaudades?
Com que eſperanças inda me enganais?
O tempo que ſe vai naõ torna mais,
E ſe torna naõ tornam as idades.
Razaõ he já, ó annos, que vos vades,
Porque eſtes taõ ligeiros que paſſais,
Nem todos para hum goſto ſaõ iguais,
Nem ſempre ſaõ conformes as vontades.
Aquillo a que já quiz he taõ mudado,
Que quaſi he outra couſa; porque os dias
Tem o primeiro goſto já damnado.
Eſperanças de novas alegrias,
Naõ mas deixa a fortuna, e o tempo irado,
Que do contentamento ſaõ eſpias.

CCXXI.

OH rigoroſa auſencia deſejada
De mi ſempre, mas nunca conhecida!
Saudade n'outro tempo taõ temida,
Como em meu damno agora exprimentada!
Já rigoroſamente começada
Tendes voſſa eſperança em minha vida;
Mas tanto, que já temo que opprimida
Sejais com ella cedo, ou acabada.
Os dias mais alegres me entriſtecem;
As noites com cuidados as deſconto,
Em que ſem vós ſem conto me parecem.
Eu deſejando eſpero, e os annos conto;
Mas com a vida, em fim, elles falecem;
Nem baſta á carne enferma eſprito pronto.

CCXXII.

CCXXII.

AY! Quien darà a mis ojos una fuente
De lagrimas que manen noche, y dia?
Respiràra si quiera la alma mia,
Llorando lo passado, y lo presente.
Quien me diera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfia,
Con la triste memoria, y phantasia,
Del bien por quien mal tanto assi se siente!
Quien me darà palabras con que iguale
El duro agravio que el amor me ha hecho,
Donde tan poco el sufrimiento vale?
Quien me abrirà profundamente el pecho,
Do està escrito el secreto que no sale
Con tanto dolor mio a mi despecho?

CCXXIII.

COn razon os vays, aguas, fatigando
Por llegar do sereys bien recebidas;
Y en aquel mar immenso convertidas,
Que ya de tantos dias vays buscando.
Triste de aquel que siempre anda llorando
Las vanas esperanças ya perdidas;
Y con dolor las lagrimas vertidas
Nunca alfin pertendido van llegando.
Vosotras sin traer derecha via,
Al termino llegays tan deseado,
Por màs que os embarace el gran rodeo.
Mas yo siempre afligido noche, y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamàs puedo llegar donde deseo.

CCXXIV.

CCXXIV.

O Cesse ya, Señor, tu dura mano.
No llegues tanto al cabo con mi vida.
Baste el estar por ti tan consumida,
Que ya no se halla en ella lugar sano.
Ay estraña hermosura! Ay deshumano
Hado, a que nunca puedo hallar salida!
Si tu de tu piedad no eres movida,
Roto el hilo vital veràs temprano.
Un blando desamor, un amor blando,
Bien basta para un hombre tan perdido,
Que de su mal ningun remedio espera.
Y si estimas en poco el ver qual ando,
Aqui me tienes ante ti rendido.
Viva tu gusto, mi esperança muera.

CCXXV.

DUlces engaños de mis ojos tristes;
Quan vivo despertays mi pensamiento!
Aquello que pudiera dar contento,
En sombra de pintura lo bolvistes.
De blando sobresalto enternecistes
Con vista arrebatada el sentimiento;
Mas no le assegurastes un momento
Aaqueste vano bien que le ofrecistes.
Veo que la figura era fingida,
Y no aquella que en si mi alma esconde,
Aunque en esta se llega al natural.
Assi escucha mi llanto, assi responde;
Assi se condolece de mi vida,
Como si fuera el proprio original.

CCXXVI.

QUanto tiempo ha que lloro un dia triste,
Cómo si alguno alegre yo esperara?
Como, ó Tajo, al passar essa tu clara
Agua, no la alteraste, y no me hundiste?
El passo me cerraste, el pecho abriste.
O mi ventura, de mi bien avara!
A Dios, montañas, de hermosura rara;
A Dios, mi corazon, que no partiste.
Si adonde quedas en dichosa suerte,
No bevieres las aguas del olvido,
En tanto bien no quieras olvidarte.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque asta el hueco monte sin sentido,
Suelta su ronca voz por consolarme.

CCXXVII.

LEvantai, minhas Tagides, a frente,
Deixando o Tejo ás sombras nemorosas:
Dourai o valle umbroso, as frescas rosas,
E o monte com as arvores frondente.
Fique de vós hum pouco o rio ausente;
Cessem agora as lyras numerosas:
Cesse vosso louvor, Nymphas formosas;
Cesse da fonte vossa a grão corrente.
Vinde a ver a Theodosio grande, e claro,
A quem está offrecendo maior canto
Na cithara dourada o louro Apolo.
Minerva, do saber dá-lhe o dom raro;
Palas lhe dá o valor de mais espanto;
E a fama o leva já de Polo a Polo.

CCXXVIII.

CCXXVIII.

VO's Nymphas da Gangetica espessura
Cantai suavemente, em voz sonora,
Hũ grande Capitam que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.
Ajuntou-se a caterva negra, e dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta mora,
Para lançar do charo ninho fóra
Aquelles que mais podem que a ventura.
Mas hum forte leaõ, com pouca gente,
A multidaõ taõ fera como necia,
Destruindo castiga, e torna fraca.
O' Nymphas, cantai, pois, que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leoniz fez em Malaca.

CCXXIX.

ALma gentil, que á firme eternidade
Subiste clara, e valerosamente,
Cá durará de ti perpetuamente
A fama, a gloria, o nome, e a saudade.
Naõ sei se he mór espanto em tal idade
Deixar de teu valor inveja á gente;
Se hum peito de diamante, ou de serpente,
Fizeres que se mova a piedade.
Invejosa da tua acho mil sortes,
E a minha mais que todas invejosa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.
Oh ditoso morrer! Sorte ditosa!
Pois o que naõ se alcança com mil mortes,
Tu com huma só morte o alcançaste.

CCXXX.

CCXXX.

DEbaixo desta pedra, sepultada
jaz do Mundo a mais nobre formosura,
A quem a morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida tem roubada;
Sem ter respeito a aquella assi estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia; cujá alvura
Do Sol a clara luz tinha eclipsada.
Do Sol peitada foste, cruel morte,
Para o livrar de quem o escurecia;
E da Lũa, que ante ella luz naõ tinha.
Como de tal poder tiveste sorte?
E se a tiveste, como taõ asinha
Tornaste a luz do Mundo em terra fria?

CCXXXI.

IMagẽes vãas me imprime a phantasia;
Discursos novos acha o pensamento;
Com q̃ daõ á minha alma grão tormento
Cuidados de cem annos n'hum só dia.
Se fim grande tivessem, bem seria
Responder a esperança ao fundamento:
Mas o fado naõ corre taõ attento,
Que reserve á razaõ sua valia.
Caso, e fortuna, pódem acertar;
Mas se por accidente daõ victoria,
Sempre o favor da fama he falsa historia.
Excede ao saber, determinar:
A' constancia se deve toda a gloria:
O animo livre he digno de memoria.

CCXXXII.

CCXXXII.

QUanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos!
Pois todos vão fazer seus fundamentos
Só no mesmo em q̃ está seu proprio dano.
Na incerta vida estribam de hum humano;
Daõ credito a palavras que saõ ventos;
Choram despois as horas, e os momentos,
Que riram com mais gosto em todo o ano.
Naõ haja em apparencias confianças;
Entendei que o viver he de emprestado;
Que o de q̃ vive o Mundo saõ mudanças.
Mudai, pois, o sentido, e o cuidado,
Sómente amando aquellas esperanças
Que duram para sempre com o amado.

CCXXXIII.

MAl, q̃ *de* tempo em tempo vás crescendo!
Quem te visse de hũ bem acompanhado!
A vida passaria descansado
Da morte naõ temêra o rosto horrendo.
Se os vãos cuidados fora convertendo
Em suspiros que daõ outro cuidado,
Oh quaõ prudente, oh quaõ affortunado
A capella de louro irá tecendo!
Tempo he já de esquecer contentamentos,
Passados, co'a esperança que passou,
E de que triumphem novos pensamentos.
A fé, que viva na alma me ficou,
Dê já fim aos caducos ardimentos
A que o passado bem se condemnou.

CCXXXIV.

OH quanto melhor he o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh quanto melhor he hum só momento,
Que livra de annos tantos de agonia!
De alcançar outro bem cesse a porfia;
Cesse todo applicado pensamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.
O que do seu fez Deos seu despenseiro,
Tem mais estreita conta que lhe dar:
Entaõ parece rico o ovelheiro.
Triste de quem no dia derradeiro,
Tem o suor alheo por pagar;
Pois a alma ha de vender por o dinheiro!

CCXXXV.

COmo podes (oh cego peccador!)
Estar em teus errores taõ isento,
Sabendo que esta vida he hum momento,
Se comparada com a eterna for?
Naõ cuides tu que o justo Julgador
Deixará tuas culpas sem tormento,
Nem que passando vai o tempo lento
Do dia de horrendissimo pavor.
Naõ gastes horas, dias, mezes, annos,
Em seguir de teus damnos a amisade,
De que despois resultam mores danos.
E pois de teus enganos a verdade
Conheces, deixa já tantos enganos,
Pedindo a Deos perdaõ com humildade.

CCXXXVI.

CCXXXVI.

VErdade, amor, razaõ merecimento,
Qualquer alma faraõ segura, e forte:
Porém fortuna, caso, tempo, e sorte,
Tem do confuso Mundo o regimento.
Effeitos mil revolve o pensamento,
E naõ sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o que he mais q̃ vida, e morte,
Naõ se alcança de humano entendimento.
Doctos varões daraõ razões subidas;
Mas saõ as experiencias mais provadas:
E por tanto he melhor ter muito visto.
Cousas ha hi que passam sem ser cridas:
E cousas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo he crer em Christo.

CCXXXVII.

DE Babel sobre os rios nos sentámos,
De nossa doce patria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saudades de ti, Siaõ, chorámos.
Os orgãos nos salgueiros pendurámos,
Em outro tempo bem de nós tocados:
Outro era elle, por certo; outros cuidados;
Mas por deixar saudades os deixámos.
Aquelles que captivos nos traziam,
Por cantigas alegres perguntavam.
Cantai (nos dizem) hymnos de Siaõ.
Sobre tal pena, pena tal nos daõ,
Pois tyranicamente pertendiam
Que cantassem aquelles que choravam.

CCXXXVIII.

CCXXXVIII.

SObre os rios do Reino escuro, quando
Tristes, quaes nossas culpas o ordenáram,
Lagrimas nossos olhos derramáram,
Por ti, Siaõ divina, suspirando:
Os que hiam nossas almas infestando,
De contino em error, as captiváram;
E em vão por nossos Psalmos perguntáram,
Que tudo era silencio miserando.
Dizendo estamos: Como cantaremos
As acceitas canções a Deos benino,
Quando a contrarios seus obedecemos?
Mas já, Senhor só Santo, determino,
Deixando viciosissimos extremos,
Os cantos proseguir de Amor Divino.

CCXXXIX.

EM Babylonia sobre os rios, quando
De ti Siaõ sagrada nos lembrámos,
Alli com grão saudade nos sentámos,
O bem perdido, miseros, chorando.
Os instrumento musicos deixando,
Nos estranhos salgueiros pendurámos;
Quando aos cantares, q̃ já em ti cantámos,
Nos estavam imigos incitando.
A's esquadras, dizemos, inimigas:
Como hemos de cantar em terra alhea,
As cantigas de Deos, sacras cantigas?
Se a lembrança eu perder que me recrea
Cá nestas penosissimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea.

CCXXXX.

CCXXXX.

APonta a bella Aurora, luz primeira;
Que a grão nova nos deo do claro dia,
Vesti-vos, corações, já de alegria,
E recebei da vida a Mensageira.
Da humana Redempçaõ nasce a Terceira:
Alegra-te, Divina Monarchia;
Da terra terás cedo a companhia;
Do Ceo verás tambem a nossa feira.
De tal obra se espanta a natureza,
Confuso fica de temor o inferno,
Vendo a que nasce isenta da defeza.
Lei geral era posta desde eterno:
Mas o Senhor da Lei, toda limpeza
Para o Sacrario seu guardou, Materno.

CCXXXXI.

POrquê a terra no Ceo agasalhasse
O Ceo na terra Deos agasalhou:
Lá naõ cabendo, cá se accommodou,
Porque lá de cá indo se alargasse.
Porq̃ o homem a ser Deos por Deos chegasse,
Por o homem a ser homem Deos chegou:
Seu divino poder tanto humanou,
Porque o humano em divino se tomasse.
Vede bem o que deo, e recebeo:
Naõ se perca hũ bem tanto da memoria:
Deo-nos a vida, a morte padeceo.
Trocou por nossa pena a sua gloria:
Deo-nos o triumpho que elle mereceo:
Porque amor foi auctor desta victoria.

CCXXXII.

QUe estilla a Arvore sacra? Hũ licor santo.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz delle? Hum remedio soberano.
Para que? Para a culpa, e triste pranto.
E que obra? Reduzir Lusbel a espanto.
Porque? Porque co' hũ pomo fez grão dano.
Que foi? A morte deo com hum engano.
Tanto pode? Sem falta pode tanto.
Quem sobe a ella? Quem do Ceo desceo.
A que desce? A subir a creatura.
Que quiz da terra? Só levá-la ao Ceo.
He escada para ir lá? E a mais segura.
Quem o obrigou? De amor só se venceo.
Que amava este Feitor? Sua feitura.

CCXXXIII.

OH Arma, unicamente só triumphante,
Propugnaculo só de nossas vidas,
Por quem foram ganhadas as perdidas,
Com q̃ o Tartaro horrendo andava ovante!
Sigua-se esta bandeira militante,
Por quem saõ taes victorias conseguidas,
Por quantas almas, dellas divertidas,
No ponente erram cá, lá no Levante.
Oh Arvore sublime, e marchetada
De branco, e carmesi, de ouro embutida,
Dos rubijs mais preciosos esmaltada,
De trophéos mais claros guarnecida!
A' vida a morte vimos em ti dada,
Para que em ti se desse á morte a vida.

CCXXXIV.

AOs homẽes hum só homem poz espanto,
E o poz a toda a humana natureza,
Que de homẽ teve o ser, de Anjo a pureza,
Porque antes que nascesse era já Santo.
Propheta foi na Mãi; em fim, foi tanto,
Que entre os nascidos houve a mór alteza;
Que da Luz, sem a ver, vio a grandeza,
Tendo por trompa o Verbo Sacrosanto.
Aquella voz foi elle, sonorosa,
No concavo dos Orbes resonante,
E que a Carne inculpavel baptizou;
Quem do mór Pai ouvio a voz amante;
Quem a subtil pergunta, industriosa,
Com syncera resposta socegou.

CCXXXV.

VO's só podeis, sagrado Evangelista,
Angelico abrazado Seraphim,
E na sciencia mais alto Cherubim,
Do q̃ he mais sabio Amor ser Coronista.
Divina, e real Aguia, cuja vista
Vio o q̃ he sem principio, o q̃ he sem fim;
De Jacob mais querido Benjamim,
Quem mais campêa de Joseph na lista.
Apostolo, e Propheta, e Patriarca;
Ao Principe dos Ceos o mais acceito;
Que em seu seo dormindo entaõ mais via.
A quem o mesmo Deos por irmão marca;
Quem por filho da Mãi unica feito,
Em corpo, e alma goza o claro dia.

CCXXXVI.

COmo louvarei eu, Seraphim ſanto,
Tanta humildade, tanta penitencia?
Caſtidade, e pobreza, e paciencia,
Com eſte meu inculto, e rudo canto?
 Argumento que ás Muſas pōe eſpanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem, que a Divina Providencia
De ſi viva em vós fez para bem tanto!
 Foſtes de Santos hũa rara mina;
Almas de mil a mil ao Ceo mandaſtes
Do Mundo, que perdido reformaſtes.
 E naõ roubáveis ſó com a doutrina
As vontades mortaes, mas a Divina,
Pois os ſeus rubijs cinco lhe roubaſtes.

CCXXXVII.

DItoſas almas, que ambas juntamente
Ao Ceo de Venus, e de Amor voaſtes,
Onde hũ bem que taõ breve cá lograſtes,
Eſtais logrando agora eternamente.
 Aquelle eſtado voſſo taõ contente,
Que ſó por durar pouco triſte achaſtes,
Por outro mais contente já o trocaſtes,
Onde ſem ſobreſalto o bem ſe ſente.
 Triſte de quem cá vive taõ cercado
Na amoroſa fineza, de hum tormento,
Que a gloria lhe perturba mais creſcida!
 Triſte, pois me naõ val o ſoffrimento;
E amor para mais damno me tem dado
Para taõ duro mal taõ larga vida.

CCXXXVIII.

CCXXXVIII.

COntente vivi já, vendo-me isento
Deste mal de que a muitos queixar via:
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria
Discordia, e sem razaõ; guerra, e tormento.
Enganou-me co'o nome o pensamento.
Quem com tal nome naõ se enganaria?
Agora tal estou, que temo hum dia
Em que venha a faltar-me o soffrimento.
Com desesperaçaõ, e com desejo,
Me paga o que por elle estou passando,
E inda está do meu mal, mal satisfeito.
Pois sobre tantos damnos inda vejo
para dar-me outros mil, hum olhar brando;
E para os naõ curar hum duro peito.

CCXXXIX.

DEixa Apollo o correr taõ apressado,
Naõ sigas essa Nympha taõ ufano:
Naõ te leva o amor, leva-te o engano,
Com sombras de algũ bem a mal dobrado.
E quando seja amor, será forçado;
E se forçado for, será teu dano:
Hum parecer naõ queiras mais que humano,
Em hum sylvestre adorno ver tornado.
Naõ percas por hum vão contentamento
A vista que te faz viver contente:
Modéra em teu favor o pensamento
Porque menos mal he tendo-a presente,
Soffrer sua crueza, e teu tormento,
Que sentir sua ausencia eternamente.

CCL

CCL.

NAs Cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos valles, e nos montes, teus louvores
Sempre te cantem musicos Pastores,
Nas manhãas frias, nas ardentes sestas.
E neste Templo donde manifestas,
E repartes agora teus favores,
Com Psalmos, hymnos, e com várias flores,
Sejam celebres sempre as tuas festas.
Estes te offreçam pés, essoutros mãos;
De aquelles pendam sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidaõ prisãos.
Que eu cuidados, enganos, e affeiçãos,
Muito maiores monstros, e milhares,
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

CCLI.

VI queixosos de amor mil namorados,
E nenhũus inda vi com seus louvores:
E aquelle que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de seus cuidados.
Se das dores de amor sóis mal tratados,
Porque tanto buscais de amor as dores?
E se tambem as tendes por favores,
Porque dellas fallais como aggravados?
Naõ queirais alegria achar algũa
No amor, porque he composto de tristeza;
Na fortuna que achei mais agradavel.
Nella, e nelle achei sempre a mesma Lũa,
Em quem nunca se vio outra firmeza,
Que naõ seja a de ser sempre mudavel.

CCLII.

CCLII.

SE lagrimas choradas de verdade
O marmore abrandar podem mais duro,
Porque as minhas que nascem de amor puro
Hum coraçaõ naõ rendem á piedade?
Por vós perdi, Senhora, a liberdade,
E nem da propria vida estou seguro.
Rompei de esse rigor o forte muro;
Naõ passe tanto avante a crueldade.
Ao prezar de desprezos dai já fim:
Naõ vos chamem cruel; nome devido
A quem se ri de quem suspira, e ama.
Abrandai esse peito endurecido,
Por o que toca a vós, já naõ por mim:
Que eu aventuro a vida, e vós a fama.

CCLIII.

JA' me fundei em vãos contentamentos
Quando delles vivi todo enganado
De hum phantastico bem, e de hum cuidado,
De que só cuidam cegos pensamentos.
Passava dias, horas, e momentos,
Deste enleo de amores taõ pagado,
Que tinha só por bemaventurado
Quem só por elles mais bebia os ventos.
Mas agora, que já cahi na conta,
Desengana-me quanto me enganava:
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.
O amor mais caudaloso menos monta;
Que he de gostos mais rico, eu ignorava,
Aquelle que de amores he mais pobre.

CCLIV.

EM huma lapa, toda tenebrosa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sobre huma mão o rosto, vi que estava
Huma Nympha gentil, mas cuidadosa.
Igualmente, que linda, lastimosa,
Aljofar dos seus olhos distillava;
O mar os seus furores applacava
Com ver cousa taõ triste, e taõ formosa.
Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.
Com angelica voz, assi dizia:
Ah, que falta mais vezes a ventura,
Onde sobeja mais a natureza!

CCLV.

SE em mim, ó alma, vive mais lembrança
Que aquella só da gloria de querer-vos,
Eu perca todo o bem que lógro em ver-vos,
E de ver-vos tambem toda a esperança.
Veja-se em mi taõ rustica esquivança,
Que possa indigno ser de conhecer-vos;
E quando em mór empenho de aprazer-vos
Vos offenda, se em mi houver mudança.
Confirmado estou já nesta certeza;
Examine-me vossa crueldade;
Exprimente-se em mi vossa dureza.
Conhecei já de mi tanta verdade,
Pois em penhor, e fé desta pureza
Tributo vos fiz ser o que he vontade.

CCLVI.

ILlustre Gracia, nombre de una moça,
Primera malhechora en este casso
A Mondoñedo, a Palma, al coxo Trasso,
Sugeto digno de immortal coroça.
Si en medio de la Iglesia no reboça
El manto a vuestro rostro tan devasso,
Por vós dirán las gentes rezio, y passo;
Veys quien con el demonio se retoça.
Puede mover los montes sin trabajo;
Con palabras el curso al agua enfrena;
Por las ondas harà camino enxuto.
Averguenza su patria, y rico Tajo,
Que por ella hombres lleva màs que arena,
De que paga al infierno gran tributo.

CCLVII.

QUal tem a borboleta por costume,
Que elevada na luz da accesa vella,
Dando vai voltas mil, até que nella
Se queima agora, agora se consume:
Tal eu correndo vou ao vivo lume
De esses olhos gentis, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional presume.
Conheço o muito a que se atreve a vista;
O quanto se levanta o pensamento;
O como vou morrendo claramente.
Porém naõ quer amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer, q̃ em tal tormento,
Qual em gloria maior está contente.

CCLVIII.

CCLVIII.

LEmbranças de meu bem, doces lembranças,
Que taõ vivas estais nesta alma minha,
Naõ queirais mais de mi, se os bẽes que tinha
Em poder vedes todos de mudanças.
Ai cego amor! Ai mortas esperanças,
De que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sostinha,
Acabaráõ co' a vida as confianças.
Co' a vida acabaráõ, pois a ventura
Me roubou n'hum momento aquella gloria,
Que quando taõ grande he, taõ pouco dura.
Oh se apoz o prazer fora a memoria!
Ao menos estivera a alma segura
De ganhar-se com ella mais victoria.

CCLIX.

FOrmosos olhos, que cuidado dais
A' mesma luz do Sol, mais clara, e pura,
Que sua esclarecida formosura,
Com tanta gloria vossa atraz deixais!
Se por serdes taõ bellos desprezais
A fineza de amor que vos procura,
Pois tanto vedes, vede que naõ dura
O vosso resplandor quanto cuidais.
Colhei, colhei do tempo fugitivo,
E de vossa belleza o doce fruto,
Que em vão fóra de tempo he desejado.
E a mi, que por vós morro, e por vós vivo,
Fazei pagar a amor o seu tributo,
Contente de por vós lho haver pagado.

CCLX.

CCLX.

Pues siempre sin cessar, mis ojos tristes,
En lagrimas tratais la noche, el dia,
Mirad si es lagrima esta que os embia
Aquel Sol por quien vós tantas vertistes.
Si vós me assegurais, pues ya la vistes,
Que es lagrima, será ventura mia;
Por empleadas bien desde oy tendria
Las muchas que por ella sola distes.
Mas qualquier cosa mucho deseada,
Aunque viendo se estè nunca es creida;
Y menos esta, nunca imaginada.
Pero della asseguro, si es fingida,
Que basta ser por lagrima embiada,
Para que sea por lagrima tenida.

CCLXI.

Tem feito os olhos neste apartamento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que póde dar saudade á saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.
Em dor vai convertido o soffrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razaõ taõ vencida da vontade,
Que escravo faz do mal o entendimento.
A lingua naõ alcança o que a alma sente;
E assi, se alguem quizer em algum'hora
Saber que cousa he dor naõ comprehendida,
Parta-se do seu bem, porque exprimente;
Que antes de se partir, melhor me fora
Partir-se do viver para ter vida.

CCLXII.

CCLXII.

A Peregrinaçaõ de hum penſamento,
Que dos males fez hábito, e coſtume,
Tanto da triſte vida me conſume,
Quanto creſce na cauſa do tormento.
Leva á dor de vencida ao ſoffrimento;
Mas a alma eſtá de entregue taõ ſem lume,
Que elevada no bem que haver preſume,
Naõ faz caſo do mal que eſtá de aſſento.
De longe receei, ſe me valêra,
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando naõ acho em mi couſa ſegura.
Mas já conheço, (oh nunca o conhecêra!)
Que entendimentos preſos do deſejo,
Naõ tem remedio mais que o da ventura.

CCLXIII.

A Cho-me da fortuna ſalteado,
O tempo vai fugindo preſuroſo,
Deixando-me da vida duvidoſo,
E cada inſtante mais deſeſperado.
Trocou-ſe o meu deſcuido em tal cuidado,
Que donde a gloria he mais, he mais penoſo:
Nem vivo, de perder-me, receoſo;
Nem, de poder ganhar-me, confiado.
Qualquer ave nos montes mais agreſtes,
Qualquer fera na cova repouſando,
Tem horas de alegria; eu todas triſtes.
Vós, ſaudoſos olhos, que o quizeſtes,
(Pois com tormento amor me eſtá pagando)
Chorai, como que vedes, o que viſtes.

CCLXIV.

SE no que tenho dito vos offendo,
Naõ he a intençaõ minha de offender-vos;
Que inda que naõ pertenda merecer-vos,
Naõ vos desmerecer sempre pertendo.
  Mas he meu fado tal, segundo entendo,
Que por quanto ganhava em entender-vos,
Naõ me deixa até agora conhecer-vos,
Por a mi proprio me ir desconhecendo.
  Os dias ajudados da ventura,
A cada qual de si daõ desenganos,
E a outros soe dá-lo a desventura.
  Qual destas sirva a mi, diraõ os danos;
Ou gostos que eu tiver, em quanto dura
Esta vida, taõ larga, em poucos anos.

Atéqui os Sonetos que se acham na ediçaõ de Manoel de Faria e Sousa. Joseph Lopes Ferreira, immprimindo em Lisboa, no anno de 1720, em hum volume, de folha, todas as Obras de Luis de Camões, accrescentou os que se seguem, sem nos dizer onde haviam sido achados. Na ediçaõ Parisiense do anno de 1759, e na que posterior a ella se fez em Lisboa, se acham tambem os mesmos; mas nem por isso ficamos por fiadores de que todos sejam de Luis de Camões: os Leitores intelligentes, que forem versados na liçaõ das Obras do Poeta, faraõ seu juizo.

CCLXV.

CCLXV.

DOce contentamento já passado,
Em que todo o meu bem só consistia;
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vós taõ apartado?
Quem cuidou que se visse neste estado
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura consentia,
Que de enganos vivesse meu cuidado?
Fortuna minha foi cruel, e dura,
Aquella que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem póde ter cautella.
Nem se engane nenhuma creatura,
Que naõ póde nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena sua estrella.

CCLXVI.

SEmpre cruel, Senhora, receei,
Medindo vossa grão desconfiança,
Que désse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei.
Perca-se, em fim, já tudo o que esperei,
Pois n'outro amor já tendes esperança.
Taõ potente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dei.
Dei-vos a alma, a vida, e o sentido;
De tudo o que em mi ha vos fiz senhora;
Prometteis, e negais o mesmo amor,
Agora tal estou, que de perdido
Naõ sei por onde vou, mas algum hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

CCLXVII.

CCLXVII.

FOrtuna em mim guardando ſeu direito
Em verde derrubou minha alegria.
Oh quanto ſe acabou naquelle dia,
Cuja triſte lembrança arde em meu peito!
Quando contemplo tudo, bem ſuſpeito,
Que a tal bem, tal deſcanſo ſe devia,
Por naõ dizer o Mundo, que podia
Achar-ſe em ſeu engano bem perfeito.
Mas ſe a fortuna o fez por deſcontar-me
Tamanho goſto, em cujo ſentimento
A memoria naõ faz ſenaõ matar-me:
Que culpa póde dar-me o ſoffrimento,
Se a cauſa que elle tem de atormentar-me,
Eu tenho de ſoffrer o ſeu tormento?

CCLXVIII.

SE a fortuna inquieta, e mál olhada,
Que a juſta Lei do Ceo comſigo infama,
A vida quieta, que ella mais deſama,
Me concedêra honeſta, e repouſada:
Pudera ſer que a Muſa alevantada
Com luz de mais ardente, e viva flama
Fizera ao Tejo lá na patria cama
Adormecer co' o ſom da lyra amada:
Porém, pois o deſtino trabalhoſo,
Que me eſcurece a Muſa fraca, e laſſa,
Louvor de tanto preço naõ ſuſtenta:
A voſſa de louvar-me pouco eſcaſſa
Outro ſogeito buſque valeroſo,
Tal quál em vós ao Mundo ſe apreſenta.

CCLXIX.

ESte amor, que vos tenho limpo, e puro,
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Tê-lo dentro nesta alma só procuro.
  De haver nelle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro.
  A bonina, e a flor asinha passa,
Tudo por terra o Inverno, e Estio deita,
Só para meu amor he sempre Maio.
  Mas ver-vos para mim Senhora escassa,
E que essa ingratidaõ tudo me engeita,
Traz este meu amor sempre em desmaio.

CCLXX.

SE grande gloria me vem só de olhar-te,
He pena desigual deixar de ver-te,
Se presumo com obras merecer-te,
Grande paga do engano he desejar-te.
  Se quero, por quem es, talvez louvar-te,
Sei certo, por quem sou, que he offender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te;
Que premio quero eu mais que só o amar-te?
  Extremos saõ de amor os que padéço,
O' humano thesouro, ó doce gloria;
E se cuido que acabo, entaõ começo.
  Assi te trago sempre na memoria;
Nem sei se vivo, ou morro; mas conheço,
Que ao fim da batalha he a victoria.

CCLXXI.

CCLXXI.

A Formosura desta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros;
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra:
O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do Sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvées pelo ar a branda guerra:
Em fim, tudo o que a rara natureza,
Com tanta variedade nos offrece,
Me está (se naõ te vejo) magoando:
Sem ti tudo me enoja, e me aborrece;
Sem ti perpetuamente estou passando
Nas móres alegrias, mór tristeza.

CCLXXII.

SOspechas, que en mi triste phantasia
Puestas hazeis la guerra a mi sentido,
Bolviendo y rebolviendo el afligido
Pecho con dura mano noche, y dia:
Ya se acabò la resistencia mia;
Y a la fuerça del alma ya rendido,
Vencer de vós me dexo arrepentido
De averos contrastado em tal porfia:
Llevadme a aquel lugar tan espantable,
Que por no ver mi muerte alli esculpida,
Cerrados hasta aqui tuve los ojos.
Las armas pongo ya, que concedida
No es tan larga defensa al miserable;
Colgad en vuestro carro mis despojos.

CCLXXIII.

SUstenta meu viver hũa esperança
Derivada de hum bem taõ desejado,
Que quando nella estou mais confiado,
Mór dúvida me põe qualquer mudança:
E quando inda este bem na mór pujança
De seus gostos me tem mais enlevado,
Me atormenta entaõ ver eu, que alcançado
Será por quem de vós naõ tem lembrança.
Assi, que nestas redes enlaçado,
Apenas dou a vida, sustentando
Hũa nova materia a meu cuidado:
Suspiros d'alma tristes arrancando,
Dos silvos de hũa pedra acompanhado,
Estou materias tristes lamentando.

CCLXXIV.

JA' naõ sinto, Senhora, os desenganos,
Com q̃ minha affeiçaõ sempre tratastes,
Nem ver o galardaõ, que me negastes,
Merecido por fé ha tantos anos.
A magoa chóro só, só chóro os danos,
De ver por quem, Senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidaõ, vossos enganos.
Dobrada gloria dá a qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa.
Mas eu, de vossos males, e esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Naõ o quizera eu tanto á vossa custa.

CCLXXV.

QUe póde já fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento,
De cousa que o naõ tem, nem he segura?
Que pena póde ser taõ certa, e dura,
Que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
Os males, se com elles mais se apura?
Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso já o tem seguro:
Mas eu acostumado ao veneno,
E uso de soffrer meu mal presente
Me faz naõ sentir já nada o futuro.

CCLXXVI.

QUando cuido no tempo, que contente
Vi as pérolas, neve, rosa, e ouro,
Como quem vê por sonhos hũ thesouro,
Parece tenho tudo aqui presente.
Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quaõ distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente.
Já foram dias, nom que por ventura
Vos vi, Senhora, se dize-lo posso
Com o coraçaõ seguro estar sem medo.
Agora em tanto mal naõ mo assegura
A propria phantasia, e nojo vosso:
Eu naõ posso entender este segredo.

CCLXXVII.

QUando, Senhora, quiz amor q̃ amasse
Essa grão perfeiçaõ, e gentileza,
Logo deo por sentença, que a crueza
Em vosso peito amor accrescentasse.
Determinou, que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza;
Mas que em minha rarissima firmeza
Vossa isençaõ cruel se executasse.
E pois tendes aqui offerecida
Esta alma vossa a vosso sacrificio,
Acabai de fartar vossa vontade.
Naõ lhe alargueis, Senhora, mais a vida,
Acabará morrendo em seu officio,
Sua fé defendendo, e lealdade.

CCLXXVIII.

EU vivia de lagrimas isento,
N'hum engano taõ doce, e deleitoso,
Que em q̃ outro amante fosse mais ditoso,
Naõ valiam mil glorias hum tormento.
Vendo-me possuir tal pensamento,
De nenhũa riqueza era invejoso;
Vivia bem, de nada receoso,
Com doce amor, e doce sentimento.
Cobiçosa a fortuna, me tirou
Deste meu taõ contente, e alegre estado,
E passou-se este bem, que nunca fora:
Em troco do qual bem, só me deixou
Lembranças, que me matam cada hora,
Trazendo-me á memoria o bem passado.

CCLXXIX.

CCLXXIX.

INdo o triste Pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queixas espalhava ao leve vento,
Co'hum brando suspirar da alma sahido:
A quem me queixarei, cego perdido,
Pois nas pedras naõ acho sentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, sou menos ouvido.
O' bella Nympha, porque naõ respondes?
Porque o olhar-me, tanto me encareces?
Porque queres que sempre me querelle?
Eu, quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co' o mal cresce a causa delle.

CCLXXX.

DE hum taõ felice engenho, produzido
De outro, q̃ o claro Sol naõ vio maior,
He trazer cousas altas no sentido,
Todas dignas de espanto, e de louvor.
Museo foi antiquissimo Escriptor,
Philosopho, e Poeta conhecido,
Discipulo do Musico Amador,
Que co' o som teve o inferno suspendido.
Este pode abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal, que eu já passei,
Do mancebo de Abydo mal sisudo.
Agora contam já (segundo achei)
Tasso, e o nosso Boscaõ, que disse tudo
Dos segredos que move o cego Rei.

CCLXXXI.

CCLXXXI.

DIzei, Senhora, da belleza idéa;
Para fazerdes esse aureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino,
De que escondida mina, ou de que vêa?
Dos vossos olhos essa luz Phebéa,
Esse respeito, de hum Imperio dino,
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medéa?
De que escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas Orientaes;
Que fallando mostrais no doce riso?
Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiai-vos de vós, naõ vos vejais,
Fugi das fontes, lembre-vos Narciso.

CCLXXXII.

NA ribeira do Euphrates assentado,
Discorrendo me achei pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti doce Siaõ tinha passado.
Da causa de meus males perguntado
Me foi; como naõ cantas a historia
De teu passado bem, e da victoria,
Que sempre de teu mal has alcançado?
Naõ sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, indaque grave, e rigoroso?
Canta, pois, e naõ chores dessa sorte.
Respondi com suspiros: Quando crece
A muita saudade, o piedoso
Remedio he naõ cantar, senaõ a morte

CCLXXXIII.

EL vaſo reluſiente, y cryſtalino,
De Angeles agua clara, y oloroſa,
De blanda ſeda ornado, y freſca roſa,
Ligado con cabellos de oro fino:
Bien claro parecia el don divino
Labrado por la mano artificioſa
De aquella blanca Nynpha gracioſa,
Mas que el rubio luzero matutino:
Nel vaſo vueſtro cuerpo ſe afigura,
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vueſtra anima pura:
La ſeda es la blancura, y los cabellos
Son las priſiones, y la ligadura
Con que mi libertad fue aſida dellos.

CCLXXXIV.

CHorai, Nymphas os fados poderoſos
Daquella ſoberana formoſura.
Onde foram parar na ſepultura
Aquelles Reaes olhos gracioſos?
Oh bens do mundo falſos, e enganoſos!
Que mágoas para ouvir, e que figura
Jaza ſem reſplandor na terra dura
Com tal roſto, e cabellos naõ formoſos!
Das outras que ſerá! pois poder teve
A morte ſobre couſa tanto bella,
Que ella eclipſava a luz do claro dia.
Mas o Mundo naõ era digno della,
Por iſſo mais na terra naõ eſteve,
Ao Ceo ſubio, que já ſe lhe devia.

CCLXXXV.

CCLXXXV.

SEnhora ja desta alma, perdoai
De hum vencido de amor os desatinos,
E sejam vossos olhos taõ beninos,
Com este puro amor, que d'alma sai.
A minha pura fé sómente olhai,
E vede meus extremos se saõ finos;
E se de algũa pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.
Naõ seja a dor que abraza o triste peito,
Causa por onde pene o coraçaõ,
Que tanto em firme amor vos he sujeito.
Guardai-vos do que alguns, dama, diraõ,
Que sendo raro em tudo vosso objeito
Possa morar em vós ingratidaõ.

CCLXXXVI.

QUem vos levou de mim, saudoso estado,
Que tanta sem razaõ comigo usastes?
Quem foi, por quem taõ presto me negastes,
Esquecido de todo o bem passado?
Trocastes-me hũ descanso em hum cuidado
Taõ duro taõ cruel, qual me ordenastes;
A fé, que tinheis dado, me negastes,
Quando mais nella estava confiado.
Vivia sem receo deste mal;
Fortuna, que tem tudo á sua mercê,
Amor com desamor me revolveo.
Bem sei que neste caso nada val,
Que quem nasceo chorando, justo he,
Que pague com chorar o que perdeo.

CCLXXXVII.

CCLXXXVII.

DIversos casos, varios pensamentos
Me trazem taõ confuso o entendimento,
Que em nada vejo já contentamento,
Senaõ quando se vaõ contentamentos.
Em varios casos, varios sentimentos
Succedem, por mostrar ao fundamento,
Que he o que se deseja tudo vento,
Pois pinta haver descanso em vãos intentos.
Vê-se em grandes discursos o desejo,
Quando as occasiões os tempos mudam,
Naõ ha cousa impossivel a hum cuidado:
O injusto co' o justo he já trocado:
Os duros montes seus assentos mudam,
Eu só naõ posso ver meu mal mudado.

CCLXXXIII.

DOce sonho, suave, e soberano,
Se por mais longo tempo me durára,
Ah quem de sonho tal nunca acordára,
Pois havia de ver tal desengano!
Ah deleitoso bem! Ah doce engano!
Se por mais largo espaço me enganára,
Se entaõ a vida misera acabára,
De alegria, e prazer, morrêra ufano.
Ditoso, naõ estando em mi, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera.
Olhai com que me paga meu destino!
Em fim, fóra de mim ditoso estive,
Em mentiras ter dita razaõ era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

CCLXXXIX.

DIana prateada esclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si como em espelho, reluzia.
Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceo o excellente
Raio de vosso aspecto, differente
Em graça, e em amor, do que solia.
Eu vendo-me taõ cheio de favores,
E taõ propinquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara, e a noite escura:
Pois nella destes côr a meus amores,
Donde collijo claro que naõ posso
De dia para vós já ter ventura.

CCXC.

A Lá en Monte Rei, en Bal de Laça,
A Biolante bi beira de hum rio,
Tan fermosa em berdá, que quedê frio
De ber alma inmortal em mortal maça:
De hum alto, e lindo copo à seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse, morro, corta o fio,
Bolveo, naõ cortarei, seguro paça:
E cómo passarei, se eu acá quedo?
Se passar, respondi, naõ bou seguro,
Que este corpo sem alma morra cedo.
Com a minha, que lebas, te asseguro
Que naõ morras, Pastor. Pastora ei medo;
O quedar-me parece mais seguro.

CCXCI.

POrque me faz amor inda acá torto,
O' mal te faga Deos desbergonçado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a biolante, que me ha morto.
Bila, por más non berme tomar porto
En reposo ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre que abado
As agoas dos meus olhos som conforto.
Bem vir ser tua madre Cypriana
Una mundana astrosa, deshonesta,
Cruel, falsa, sem lei, dura, e tyrana:
Que a bós ella ser outra, e naõ ser esta,
Naõ tiberas bontá taõ deshumana,
Nem fora contra mi taõ cruda besta.

CCXCII.

EM quanto Phebo os montes accendia
Do Ceo com luminosa claridade,
Por conservar illesa a castidade,
Na caça o tempo Delia despendia.
Venus, que entaõ do furto descendia,
Por captivar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando della, lhe dizia:
Tu vás com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredam o sentido.
Melhor he (respondia a deosa pura)
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomar-te alli nelles teu marido.

CCXCIII.

SE de vosso formoso, e lindo gesto
Nascêram lindas flores para os olhos,
Que para o peito saõ duros abrolhos,
Em mi se vê mui claro, e manifesto:
Pois vossa formosura, e vulto honesto,
Em os ver, de boninas vi mil mólhos;
Mas se meu coraçaõ tivera antolhos,
Naõ víra em vós seu damno e mal funesto.
Hũ mal visto por bem, hũ bem tristonho,
Que me traz elevado o pensamento
Em mil, porém diversas phantasias:
Nas quaes eu sempre ando, e sempre sonho;
E vós naõ cuidais mais que em meu tormento,
Em que fundais as vossas alegrias.

CCXCIV.

N'Hum taõ alto lugar de tanto preço
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece nelle inda o desejo,
Vendo quanto por mi o desmereço.
Quando esta tal baixeza em mi conheço;
Acho que cuidar nelle he grão despejo,
E que morrer por elle me he sobejo,
E mór bem para mi do que mereço.
O mais que natural merecimento
De quem me causa hum mal taõ duro, e forte,
O faz que vá crescendo de hora em hora.
Mas eu naõ deixarei meu pensamento,
Porque inda que este mal me causa a morte,
Un bel morir tutta la vita honora.

CCXCV.

Quantás penas, amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas tristes sem proveito,
De que mil vezes olhos, rosto, e peito,
Por ti, cego, me viste já banhados?
Quantos mortaes suspiros derramados
Do coraçaõ, por tanto a ti sujeito?
Quantos males, em fim, tu me tens feito,
Todos foram em mi bem empregados.
A tudo satisfaz (confesso-te isto)
Huma só vista branda, e amorosa,
De quem me captivou minha ventura.
Oh sempre para mi hora ditosa!
Que posso temer já, pois tenho visto
Com tanto gosto meu, tanta brandura?

CCXCVI.

O Tempo acaba, o anno, o mez, e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza:
O tempo acaba a fama, e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora:
O tempo busca, e acaba o onde mora
Qualquer ingratidaõ, qualquer dureza;
Mas naõ póde acabar minha tristeza,
Em quanto naõ quizerdes vós Senhora.
O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O tempo a tempestade em grão bonança.
Mas de abrandar o tempo estou seguro,
O peito de diamante, onde consiste
A pena, e o prazer desta esperança.

CCXCVII.

POsto me tem fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido,
Naõ tenho que perder já de perdido,
Nem tenho que mudar já de mudado.
Todo bem para mi he acabado,
De aqui dou o viver já por vivido,
Que aonde o mal he taõ conhecido,
Tambem o viver mais será escusado.
Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança naõ convém,
E curarei hum mal com outro mal.
E pois do bem taõ pouco bem espero,
Já que o mal este só remédio tem,
Naõ me culpem em querer remedio tal.

CCXCVIII.

JA' naõ fere o amor com arco forte,
As settas tem lançadas já por terra,
Como sohia, já naõ nos faz guerra,
Porque a que nos faz, he de outra sorte.
Com olhos pelos olhos nos dá morte,
E para acertar o que naõ erra,
Os vossos escolheo em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte.
Concede-vos o amor taõ grão poder,
Que vós sejais do seu livre, e isenta:
Apagou-se a candêa no meio do consoante.
Por isso, Feliza, se vos naõ contenta,
Naõ vades com o Soneto por diante,
Que he sonho o que a phantasia representa.

CCXCIX.

PUes lagrimas tratais mis ojos tristes,
Y en lagrimas passais la noche, y dia,
Mirad si es llanto este que os embia
Aquella por quien vós tantas vertistes:
Sentid mis ojos bien esta que vistes;
Y si ella lo es, ó gran ventura mia,
Por mui bien empleadas las avria,
Mil cuentos que por esta sola distes.
Mas una cosa mucho desseada,
Aunque se vea cierta, no es creida,
Quanto màs esta, que me es embiada.
Pero digo, que aunque sea fingida,
Que basta que por lagrima sea dada,
Porque sea por lagrima tenida.

CCC.

OLhos formosos em quem quiz natura
Mostrar do seu poder altos signais,
Se quizerdes saber quanto possais,
Vedeme a mi, que sou vossa feitura.
Pintada em mi se vê vossa figura,
No que eu padeço retratada estais;
Que se eu passo tormentos desiguais,
Muito mais póde vossa formosura.
De mi naõ quero mais que o meu desejo:
Ser vosso, e só de ser vosso me arreio,
Porque o vosso penhor em mi se assElle.
Naõ me lembro de mi quando vos vejo;
Nem do Mundo: e naõ érro, porque creio,
Que em lembrar-me de vós cumpro com elle.

CCCI.

CCCI.

QUem preſumir, Senhora, de louvar-vos,
Com humano ſaber, e naõ divino,
Ficará de tamanha culpa dino,
Quammanha ficais ſendo em contemplar-vos.
Naõ pertenda ninguem de louvor dar-vos,
Por mais que raro ſeja, e peregrino;
Que voſſa formoſura eu imagino,
Que Deos a elle ſó quiz comparar-vos.
Ditoſa eſta alma voſſa, que quizeſtes
Em poſſe pôr de prenda taõ ſubida,
Como, Senhora, foi a que me déſtes.
Melhòr a guardarei, que a propria vida;
Que pois mercê tamanha me fizeſtes,
De mi ſerá jámais nunca eſquecida.

ADVERTENCIA.

Na Ediçaõ das Obras de Luis de Camões, que em tres tomos de doze se fez em Lisboa no anno de 1772 na Officina de Miguel Rodrigues, onde saõ tantos os erros, como as palavras, se acham 314 Sonetos, fazendo conta a se acharem errados os numeros dos ultimos dous Sonetos; pois devendo ser 313, e 314, se vê o mesmo numero 312 duas vezes repetido. Dé nenhuma maneira devemos estar por este número de 314 Sonetos, que se acha nesta Ediçaõ, e na Parisiense de 1759; (onde no segundo Tomo se acham 236, e no terceiro 78) porque na verdade naõ saõ mais que 301 os que existem do nosso Poeta; (postoque desconfiemos que alguns o naõ sejaõ, como já advertimos na pag. 157) e se estes dous Editores augmentáram assim o número, foi porque, naõ sei se maliciosa, se negligentemente nas Impressões repetiram alguns dos mesmos Sonetos; como se poderá ver nesta ultima de Miguel Rodrigues, na qual o Soneto 6 he o mesmo que o 119, o 46 o mesmo que o 186, o 101 o mesmo que o 271, o 103 o mesmo que o 264, o 104 o mesmo que o 265, o 105 o mesmo que o 278, o 106 o mesmo que o 185, o 109 o mesmo que o 134, o 121 o mesmo que o 221, o 128 o mesmo que o 220, o 136 o mesmo

 mo

mo que o 222, e o 156 o mesmo que o 314. Advirta-se tambem que na Ediçaõ de 1720 feita por Joseph Lopes Ferreira, a qual nos apresenta 302 Sonetos, se acham tambem repetidos 4; a saber, o 101 que he o mesmo que o 226, o 103 que he o mesmo que o 217, o 104 que he o mesmo que o 218, e o 105 que he o mesmo que o 284.

CANÇÕES.

CANÇAÕ I.

FOrmoſa, e gentil Dama, quando vejo
A teſta de ouro, e neve, o lindo aſpeito,
A bocca graciosa, o riſo honeſto,
O collo de cryſtal, o branco peito;
De meu naõ quero mais que meu deſejo,
Nem mais de vós, que ver taõ lindo geſto.
Alli me manifeſto
Por voſſo a Deos, e ao Mundo; alli me inflammo
Nas lagrimas que chóro;
E de mi que vos amo,
Em ver que ſoube amar-vos me namoro:
E fico por mi ſó perdido de arte,
Que hei ciumes de mi por voſſa parte.
Se por ventura vivo deſcontente
Por fraqueza de eſprito, padecendo
A doce pena que entender naõ ſei,
Fujo de mi, e acolho-me correndo
A' voſſa viſta, e fico taõ contente,
Que zombo dos tormentos que paſſei.

De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida deste geito,
Nos males que padeço
Senaõ de meu sogeito,
Que naõ cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isto de mi cuidar naõ posso,
De estar muito soberbo com ser vosso.
Se por algum acerto amor vos erra
Por parte do desejo, commettendo
Algum nefando, e torpe desatino;
E se inda mais que ver, em fim, pertendo;
Fraquezas saõ do corpo, que he de terra,
Mas naõ do pensamento, que he divino.
Se taõ alto imagino
Que de vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpa-me o que vejo.
Porém como resisto
Contra hum taõ atrevido, e vaõ desejo,
Faço-me forte em vossa vista pura,
Armando-me da vossa formosura.
Das delicadas sobrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios desses olhos fez as settas
Com que fere quem alça os seus a vellos.
Olhos que saõ taõ bellos
Daõ armas de vantajem ao amor,
Com que as almas destrue:
Porém se he grande a dor
Com a alteza do mal a restitue:

É

E as armas com que mata saõ de sorte
Que ainda lhe ficais devendo a morte.
Lagrimas, e suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, formosa Dama,
Mimoso está do mal que por vós sente.
Qual bem maior deseja quem vos ama,
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem vive descontente
Naõ ha de dar allivio a seu desgosto,
Porque se lhe agradeça:
Mas com alegre rosto
Soffra seus males, para que os mereça:
Que quem do mal se queixa que padece,
O faz porque esta gloria naõ conhece.
De modo que se cahe o pensamento
Em alguma fraqueza, de contente,
He porque este segredo naõ conheço.
Assi que com razões naõ tam sómente
Desculpo ao amor, de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lhe agradeço.
Por esta fé mereço
A graça que esses olhos acompanha;
E o bem do doce riso.
Mas ah! Que naõ se ganha
Com hum paraiso, outro paraiso;
E de enleada assi minha esperança
Se satisfaz co' o bem que naõ alcança.
Se com razões escuso meu remedio,
Sabe, Cançaõ, que só porque naõ vejo,
Engano com palavras o desejo.

CANÇÃO II.

A Inſtabilidade da fortuna,
Os enganos ſuaves de amor cego,
(Suaves ſe duráram longamente)
Direi, por dar á vida algum ſocego;
Que pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda gente.
E ſe o paſſado bem co' o mal preſente
Me endurecer a voz no peito frio;
O grande deſvario
Dará de minha pena ſignal certo;
Que hum erro em tantos erros he concerto.
E pois neſta verdade me confio
(Se verdade ſe achar no mal que digo)
Saiba o Mundo de amor o deſengano,
Que já com a razaõ ſe fez amigo,
Só por naõ deixar culpa ſem caſtigo.
Já amor fez leis, ſem ter comigo alguma;
Já ſe tornou de cego razoado,
Só por uſar comigo ſemrazões.
E ſe em alguma couſa o tenho errado,
Com ſiſo grande dor naõ vi nenhuma:
Nem elle deo ſem erros affeições:
Mas por uſar de ſuas iſenções,
Buſcou fingidas cauſas de matar-me;
Que para derribar-me
A eſte abyſmo infernal de meu tormento,
Nunca ſoberbo foi meu penſamento:
Nem pertendeo mais alto levantar-me

De

De aquillo que elle quiz; e se ella ordena
Que eu pague seu ousado atrevimento,
Saibam que o mesmo amor que me condena
Me fez cahir na culpa, e mais na pena.
Os olhos que eu adoro, aquelle dia
Que descêram ao baixo pensamento,
Na alma os aposentei suavemente;
E pertendendo mais, como avarento,
O coraçaõ lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente:
Mas como lhes esteve alli presente,
E entendêram o fim do meu desejo;
Ou por outro despejo,
Que a lingua descobrio por desvario,
Morto de sede estou posto em hum rio,
Onde de meu servir o fructo vejo;
Mas logo se alça se a colhê-lo venho;
E foge-me a agua se em beber porfio:
Assi que em fome, e sede me mantenho;
Naõ tem Tantalo a pena que eu sostenho.
Despois q̃ aquella em quem minha alma vive,
Quiz alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo de este engano a alcancei.
A nuvem do contino pensamento
Ma figurou nos braços, e assi a tive,
Sonhando o que acordado desejei.
E porque a meu desejo me gabei
De conseguir hum bem de tanto preço;
A'lém do que padeço,
Atado em huma roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando.

Onde, se a algum bem subo, logo deço;
E assi ganho, e assi perco a confiança:
E assi de mi fugindo traz mim ando;
E assi me tem atado huma vingança,
Como Ixiaõ, taõ firme na mudança.
Quando a vista suave, e inhumana,
Meu humano desejo, de atrevido,
Commetteo, sem saber o que fazia;
(Que da sua belleza foi nascido
O cego moço, que com setta insana
O peccado vingou desta ousadia)
Afora este penar, que eu merecia,
Me deo outra maneira de tormento.
Que nunca o pensamento,
Voando sempre de huma a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte;
Imaginando como, e famulento;
Que come mais, e a fome vai crescendo;
Porque de atormentar-me naõ se aparte:
Assi que para a pena estou vivendo.
Sou outro novo Ticio, e naõ me entendo.
De vontades alhêas que eu roubava,
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito me mantinha;
O engano de maneira lhes fingia,
Que despois que a meu mando as sobjugava,
Com amor as matava, que eu naõ tinha.
Porém logo o castigo que convinha
O vingativo amor me fez sentir,
Fazendo-me subir
Ao monte da aspereza que em vós vejo,

Cõ

Co' o pezado penedo do deſejo,
Que do cume do bem me vai cahir.
Torno a ſubi-lo ao deſejado aſſento:
Torna a cahir-me; em vão, em fim pelejo.
Siſypho, naõ te eſpantes deſte alento,
Que ás coſtas o ſubi do ſoffrimento.
Deſta arte o ſummo bem ſe me offerece
Ao faminto deſejo, porque ſinta
A perda de perdê-lo mais penoſa:
Bem como o avaro, a quem o ſonho pinta
O achado de hum theſouro, onde enriquece,
E farta a ſua ſede cobiçoſa;
E acordando, com furia preſuroſa
Vai o ſitio cavar com que ſonhava:
Mas tudo o que buſcava
Lhe converte em carvaõ a deſventura:
Alli ſua cobiça mais ſe apura,
Por lhe faltar aquillo que eſperava:
O amor aſſi me faz perder o ſiſo;
Porque aquelles que eſtaõ na noite eſcura
Naõ ſentiriam tanto o triſte abiſſo,
Se ignoraſſem o bem do Paraiſo.
Cançaõ, naõ mais; que já naõ ſei que diga:
Mas porque a dor me ſeja menos forte,
Diga o pregaõ a cauſa deſta morte.

CANÇAÕ III.

JA' a roxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes deſcobrindo

A

Porque perdesse a vida co'o cuidado:
Que se viver naõ posso,
Homem formado só de carne, e osso;
Esta vida que perco, amor ma deo;
Que naõ sou meu: se morro, o damno he vosso.
  Cançaõ de cysne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura:
Que a sombra escura já me impede o dia.

CANÇAÕ IV.

VAõ as serenas agoas
  Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar naõ param:
Por onde as minhas mágoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começáram.
Alli se me mostráram
Neste lugar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro;
Riso brando, e suave; olhar sereno;
Hum gesto delicado,
Que sempre na alma me estará pintado.
  Nesta florida terra,
Leda, fresca, e serena,
Ledo, e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena

Que

Que de taõ bellos olhos procedìa.
De hum dia em outro dia,
O esperarme enganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já,
Que taõ formosos olhos naõ os ha?
  Oh quem me alli dissera,
Que de amor taõ profundo
O fim pudesse ver eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.
  Mas a mór alegria
Que de aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero;
He que nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Naõ vos dará tal pena
Como a que me condena:

Que

Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minha alma sente.
Morra eu, Senhora; e vós ficai contente.
Tu, Cançaõ, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras agoas
E por mi ficarás
Com choro suspirando;
Porque ao Mundo, dizendo tantas magoas,
Como huma larga historia,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇAÕ V.

SE este meu pensamento,
Como he doce, e suave,
Da alma pudesse vir gritando fóra,
Mostrando seu tormento
Cruel, aspero, e grave,
Diante de vós só, minha Senhora;
Pudera ser que agora
O vosso peito duro
Tornára manso, e brando.
E entaõ eu, que sempre ando
Passaro solitario, humilde, e escuro,
Tornado hum cysne puro,
Brando, e sonoro, por o ar voando,
Com canto manifesto,
Pintára a minha pena, e o vosso gesto.
Pintára os olhos bellos
Que trazem nas meninas

Que

O menino que os ſeus nelles cegou:
Os dourados cabellos
Em tranças de ouro finas,
A quem o Sol os raios ſeus baixou:
A teſta que ordenou
Natura taõ formoſa:
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que cada parte tem da freſca roſa:
A boca gracioſa,
Que o querê-la louvar he já eſcuſado:
Em fim, He hum theſouro;
Pérolas dentes, e palavras ouro.
Vira-ſe claramente,
(Oh Dama delicada!)
Que em vós ſe eſmerou mais a natureza:
Mas eu de gente em gente,
Trouxera traſladada
Em meu tormento voſſa gentileza:
E ſómente a aſpereza
De voſſa condiçaõ,
Senhora, naõ differa:
Porque ſe naõ ſoubera
Que em vós podia haver algum ſenaõ.
E ſe alguem com razaõ
Porque morres, diſſeſſe: reſpondera,
Morro, porque he taõ bella,
Que inda naõ ſou para morrer por ella.
E quando, por ventura,
Dama, vos offendeſſe,
Eſcrevendo de vós o que naõ ſento;

E vossa formosura
Tanto á terra descesse,
Que a alcançasse humano entendimento;
Seria o fundamento
De tudo o que eu cantasse,
Todo de puro amor,
Porque o vosso louvor
Em figura de mágoas se mostrasse:
E aonde se julgasse
A causa por o effeito, a minha dor
Diria alli sem medo;
Quem me sentir verá do quem procedo.
  Logo entaõ mostraria
Os olhos saudosos;
E o suspirar que traz a alma comsigo;
A fingida alegria;
Os passos vagarosos;
O fallar, e esquecer-me do que digo:
Hum pelejar comigo,
E logo desculpar-me:
Hum recear ousando;
Andar meu bem buscando,
E de o poder achar acovardar-me;
E, em fim, averiguar-me
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
Saõ lagrimas, e amores;
Saõ vossas isenções, e minhas dores.
  Mas quem terá, Senhora,
Palavras com que iguale
Com vossa formosura a minha pena;
E em doce voz de fóra

Aquella gloria falle
Que dentro na minha alma amor ordena?
Naõ póde taõ pequena
Força de engenho humano,
Com carga taõ pezada,
Senaõ for ajudada
De hum piedoso olhar, de hum doce engano;
Que fazendo-me o dano
Taõ deleitoso, e a dor taõ moderada
Em fim se convertesse
No gosto dos louvores que escrevesse.
  Cançaõ, naõ digas mais; e se teus versos
A' penna vem pequenos,
Naõ queiram de ti mais, que dirás menos.

CANÇAÕ VI.

COm força desusada
Aquenta o fogo eterno
Huma Ilha nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro Inverno
Os campos reverdece alegremente.
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas
Tem della o senhorio.
Cercada está de hum rio
De maritimas aguas saudosas.
Das hervas que aqui nascem,
Os gados juntamente, e os olhos pascem.
  Aqui minha ventura

O amor me consentia
Esperanças, desejos, e ousadia.
E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, e longa ausencia.
Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno de huma taõ grave penitencia?
Olhai que he consciencia
Por taõ pequeno erro,
Senhora, tanta pena.
Naõ vedes que he onzena?
Mas se taõ longo, e misero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca me acabe nelle o meu tormento.
Rio formoso, e claro,
E vós, ó arvoredos,
Que os justos vencedores coroais;
E ao cultor avaro,
Cotinuamente ledos,
De hum tronco só, diversos fructos dais;
Assi nunca sintais
Do tempo injúria algũa,
Que em vós achem abrigo
As mágoas que aqui digo,
Em quanto der o Sol virtude á Lũa;
Porque de gente em gente
Saibam que já naõ mata a vida ausente.
Cançaõ, neste desterro viverás,
Voz núa, e descoberta,
Até que o tempo em ecco te converta.

O ii CAN-

CANÇAÕ VII.

MAnda-me amor que cante docemente
O que elle já em minha alma tem impresso;
Com presupposto de desabafar-me;
E porque com meu mal seja contente,
Diz que o ser de taõ lindos olhos preso,
Cantá-lo bastaria a contentar-me.
Este excellente modo de enganar-me
Tomára eu só de amor por interesse,
Senaõ se arrependesse,
Com a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do gesto de que escrevo.
E se he mais o que canto que o que entendo;
Invoco o lindo aspeito,
Que póde mais que amor em meu defeito.
Sem conhecer a amor viver soia,
Seu arco, e seus enganos desprezando,
Quando vivendo delles me mantinha.
Hum amor enganoso, que fingia
Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Phebo, e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava;
Quando o amor soltava
Os fios de ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquivas;
Os olhos rutilando chammas vivas;
E as rosas entre a neve semeadas;

Co-

Co' o riſo taõ galante,
Que hum peito desfizera de diamante.
Hum naõ ſei que ſuave reſpirando,
Cauſava hum admiravel, novo eſpanto,
Que as couſas inſenſiveis o ſentiam.
Alli as garrulas aves, levantando
Vozes naõ ordinarias, em ſeu canto,
Como eu no meu deſejo, ſe encendiam.
As fontes cryſtallinas naõ corriam,
De inflammadas na viſta linda, e pura.
Florecia a verdura,
Que andando co' os divinos pés tocava.
Os ramos ſe baixavam,
Ou de inveja das hervas que pizavam;
Ou porque tudo ant'ella ſe baixava.
Naõ houve couſa, em fim,
Que naõ paſmaſſe della, e eu de mim.
Porque quando vi dar entendimento
A's couſas que o naõ tinham; o temor
Me fez cuidar que effeito em mi faria.
Conheci-me naõ ter conhecimento;
Porém ſó niſto o tive, porque amor
Mo deixou para ver o que podia.
Tanta vingança amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza
Nos montes, e a dureza
Delles em mi por troco traſpaſſava.
Oh que gentil partido,
Trocar o ſer do monte ſem ſentido,
Por o que em hum juizo humano eſtava!
Olhai que doce engano,

Ti-

Tirar commum proveito de meu daño!
Assi que indo perdendo o sentimento
A parte racional, me entristecia
Vê-la a hum appetite submettida.
Mas dentro na alma o fim do pensamento,
Por taõ sublime causa, me dizia
Que era razaõ ser a razaõ vencida.
Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdiçaõ a restaurava:
E em mansa paz estava
Cada hum com seu contrario em hum sogeito.
Oh grão concerto este!
Quem será que naõ julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coraçaõ
Que venha o appetite a ser razaõ?
Aqui senti de amor a mór fineza,
Como foi ver sentir o insensivel;
E o ver a mi de mi proprio perder-me;
E, em fim, senti negar-se a natureza:
Por onde cri que tudo era possivel
Aos lindos olhos seus, senaõ querer-me.
Despois que já senti desfallecer-me,
Em lugar do sentido que perdia,
Naõ sei quem me escrevia
Dentro na alma co' as letras da memoria,
O mais deste processo
Co' o claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de taõ longa historia.
Se bem a declarei,
Eu naõ a escrevo, da alma a trasladei.

Can-

Cançaõ, se quem te ler
Naõ crer dos olhos lindos o que dizes,
Por o que em ti se esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde)
Naõ pódem dos divinos ser juizes,
Senaõ de hum pensamento,
Que a falta suppra a fé do entendimento.

A Cançaõ que se segue he ao mesmo assumpto que a antecedente: ambas escreveo Luis de Camões imitando outra de Pedro Bembo, que principia: Perche'l piacer aragionar m'invoglia &c. *a qual vem entre as Rhythmas deste Author, impressas em Veneza, no anno de* 1567.

CANÇAÕ VIII.

MAnda-me amor que cante o q̃ a alma sente,
Caso que nunca em verso foi cantado,
Nem de antes entre a gente acontecido.
Assi me paga em parte o meu cuidado,
Pois que quer que me louve, e represente
Quaõ bem soube no Mundo ser perdido.
Sou parte, e naõ serei da gente crido:
Mas he tamanho o gosto de louvar-me,
E de manifestar-me
Por captivo de gesto taõ formoso;
Que todo o impedimento
Rompe, e desfaz a gloria do tormento,

Peregrino, suave, e deleitoso:
Que bem sei que o que canto
Ha de achar menos credito que espanto.
  Eu vivia do cego amor isento;
Porém taõ inclinado a viver preso,
Que me dava desgosto a liberdade.
Hum natural desejo tinha acceso
De algum ditoso, e doce pensamento,
Que me illustrasse a insana mocidade.
Tornava do anno já a primeira idade;
A revestida terra se alegrava,
Quando o amor me mostrava
De fios de ouro as tranças desatadas
Ao doce vento estivo;
Os olhos rutilando lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas;
O gesto grave, e ledo,
Que juntos move em mi desejo, e medo.
  Hum naõ sei que suave respirando,
Causava hum desusado, e novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiam:
Porque as garrulas aves entretanto
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo, se encendiam.
As fontes crystallinas naõ corriam,
Inflammadas na vista clara, e pura:
Florecia a verdura,
Que andando, co' os ditosos pés tocava:
As ramas se baixavam,
Ou de inveja das hervas que pizavam,
Ou porque tudo ante elles se baixava:

O

O ar, o vento, o dia,
De espiritos continuos influia.
E quando vi que dava entendimento
A cousas fóra delle, imaginei
Que milagres faria em mi que o tinha.
Vi que me desatou da minha lei,
Privando-me de todo sentimento,
E em outra transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes de amor vinha,
Que o uso dos sentidos me tirava.
E naõ sei como dava
Contra o poder, e ordem de natura,
A's arvores, aos montes,
A rudeza das hervas, e das fontes,
Que conhecêram logo a vista pura:
Fiquei eu só tornado
Quasi em hum rudo tronco de admirado.
Despois de ter perdido o sentimento
De humano, hum só desejo me ficava,
Em que toda a razaõ se convertia:
Mas naõ sei quem no peito me affirmava
Que por taõ alto, e doce pensamento,
Com razaõ a razaõ se me perdia:
Assi que quando mais perdida a via,
Na sua mesma perda se ganhava.
Em doce paz estava
Com seu contrário proprio em hum sogeito.
Oh caso estranho, e novo!
Por alta, e grande, certamente approvo
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coraçaõ

Que hum desejo sem ser seja razaõ.
Despois de entregue já ao meu desejo,
Ou quasi nelle todo convertido,
Solitario, sylvestre, e inhumano,
Taõ contente fiquei de ser perdido,
Que me parece tudo quanto vejo
Escusado, senaõ meu proprio dano.
Bebendo este suave, e doce engano,
A troco dos sentidos que perdia;
Vi que amor me esculpia
Dentro na alma a figura illustre, e bella,
A gravidade, o siso,
A mansidaõ, a graça, o doce riso:
E porque naõ cabia dentro nella
De bens tamanhos tanto,
Sahe por a boca convertida em canto.
Cançaõ, se te naõ crerem
De aquelle claro gesto quanto dizes,
Por o que em si lhe esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde)
Naõ podem dos divinos ser juizes;
Senaõ hum pensamento,
Que a falta suppra a fé do entendimento.

CANÇAÕ IX.

TOmei a triste pena
Já de desesperado
De vos lembrar as muitas que padeço;
Vendo que me condena
A ficar eu culpado

O mal que me tratais, e o que mereço.
Confesso que conheço
Que em parte a causa dei
Ao mal em que me vejo,
Pois sempre o meu desejo
A taõ largas promessas entreguei:
Mas naõ tive suspeita
Que seguisseis tençaõ taõ imperfeita.
  Se em vosso esquecimento
Taõ condemnado estou
Como os signaes demonstram que mostrais;
Neste vivo tormento,
Lembranças mais naõ dou
Que as que desta razaõ tomar queirais.
Olhai que me tratais
Assi de dia em dia
Com vossas esquivanças:
E as vossas esperanças
De que vãamente já me enriquecia,
Renovam a memoria,
Pois com a ver de vós só tenho gloria.
  E s'isto conhecesseis
Sem verdade mais pura,
Do que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que naõ quizesseis,
Essa condiçaõ dura,
Em branda se mudára facilmente.
Eu vendo-me innocente,
Senhora, neste caso,
Bem no arbitrio o puzera
De quem sentença dera

Com

Com que o que he justo se mostrasse raso;
Se, em fim, naõ receára
Que a vós por mi, e a mi por vós matára.
Em vós escripta vi
Vossa grande dureza,
E na alma escripta está, que de vós vive:
Naõ que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano que entaõ tive;
Porque antes que me prive
A dor de meus sentidos,
Ao penoso tormento
Acode o entendimento
Com dous fortes soldados guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficam sendo minha luz, e guia.
Destes acompanhado
Estou posto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene:
Póde ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penar-me me despene.
E quando me condene,
(Que he o que mais espero)
Inda a penas maiores,
Perdidos os temores,
Por mais que venham, naõ direi, naõ quero.
Estou, em fim, taõ forte,
Que naõ póde mudar-me a propria morte.
Cançaõ, se já naõ queres
Crer tanta crueldade,
Lá vai onde verás minha verdade.

CAN-

CANÇAÕ X.

JUnto de hum ſecco, duro, eſteril monte,
Inutil, e deſpido, calvo, e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphraſi infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço de alto mar reparte
A Abaſſia da Arabica aſpereza,
Em que fundada já foi Berenice,
Ficando á parte, donde
O Sol, que nella ferve, ſe lhe eſconde;
O Cabo ſe deſcobre, com que a coſta
Africana, que do Auſtro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal compoſta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apreſſurado
Entrar por a garganta deſte braço,
Me trouxe hum tempo, e teve,
Minha fera ventura.
Aqui neſta remota, aſpera, e dura
Parte do Mundo, quiz que a vida breve
Tambem de ſi deixaſſe hum breve eſpaço:

Por-

Porque ficasse a vida
Por o Mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, maos, e solitarios,
De trabalho, de dor, de ira cheios:
Naõ tendo, naõ, sómente pôr contrarios
A vida, o Sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos, e feios,
Mas os meus pensamentos, que saõ meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada, e breve gloria,
Que eu já no Mundo vi quando viví;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No Mundo muitas horas de alegria.
Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando tempo, e vida; os quaes taõ alto
Me subiam nas azas, que cahia
(Oh, vede se seria leve o salto!)
De sonhados, e váos contentamentos,
Em desesperaçaõ de ver hum dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros, e em suspiros,
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada, e de pezares;
Desamparada, e descoberta aos tiros
Da soberba fortuna;

So-

Soberba, inexoravel, e importuna.
Naõ tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dor lhe era, e causa que padeça,
Mas que pereça naõ; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh que este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfream:
Sómente o Ceo severo,
As Estrellas, e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recream;
Mostrando-se potentes, e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, e taõ pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a hũus claros olhos que já vi;
E se esta triste voz rompendo fóra,
As orelhas angélicas tocasse
De aquella em cuja vista já vivi;
A qual tornando hum pouco sobre si,
Revolvendo na mente presurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males, e furores,
Por ella padecidos, e buscados;
E (posto que já tarde) piedosa,
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse.

Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah Senhora! Ah Senhora! E que taõ rica
Estais, que cá taõ longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho, e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro, e forte
Contra o rosto feroz da féra morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que a fronte, tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas, e suaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós Senhora;
A's aves que alli voam, se vos viram;
Que fazeis, que estaveis praticando;
Onde, como, com quem, que dia, e qu'hora;
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna, e trabalho,
Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos, e querer-vos:
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
Assi vivo; e se alguem te perguntasse,

Cançaõ, porque naõ mouro;
Podes-lhe responder, que porque mouro.

CANÇAÕ XI.

Vinde cá meu taõ certo Secretario
Dos queixumes, que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena desaffogo.
As sem razões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel, e contrario
Destino, surdo a lagrimas, e a rogo.
Lancemos agua pouca em muito fogo,
Accenda-se com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja estranho.
Digamos mal tamanho
A Deos, ao Mundo, á gente, e em fim, ao vento,
A quem já muitas vezes o contei,
Tanto debalde como o conto agora.
Mas já que para errores fui nascido,
Vir este a ser hum delles naõ duvido.
E pois já de acertar estou taõ fóra,
Naõ me culpem tambem, se nisto errei.
Se quer este refugio só terei,
Fallar, e errar sem culpa, livremente.
Triste quem de taõ pouco está contente.
Já me desenganei, que de queixar-me
Naõ se alcança remedio; mas quem pena,
Forçado lhe he gritar, se a dor he grande.
Gritarei; mas he debil, e pequena
A voz para poder desabafar-me,
Porque nem com gritar a dor se abrande.

Quem me dará se quer que fóra mande
Lagrimas, e suspiros infinitos,
Iguaes ao mal que dentro na alma mora?
Mas quem póde algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Direi, em fim, aquillo que me ensinam
A ira, e mágoa, e dellas a lembrança;
Que outra dor he por si mais dura, e firme.
Chegai, desesperados, para ouvir-me;
E fujam os que vivem de esperança,
Ou aquelles que nella se imaginam;
Porque amor, e fortuna determinam
De lhes deixar poder para entenderem
A medida dos males que tiverem.

Quando vim da materna sepultura
De novo ao Mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado,
Com ter livre alvedrio mo naõ deram;
Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, e o peor segui forçado.
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse.
As lagrimas da infancia já manavam
Com huma saudade namorada;
O som dos gritos que no berço dava,
Já como de suspiros me soava.
Co'a idade, e fado estava concertado;
Porque quando por caso me embalavam,

Se de amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza,
Que taõ conforme estava co' a tristeza.
 Foi minha ama huma fera; que o destino
Naõ quiz que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi, nem a haveria.
Assi criado fui, porque bebesse
O veneno amoroso de menino,
Que na maior idade beberia,
E por costume naõ me mataria.
Logo entaõ vi a imagem, e semelhança
De aquella humana fera taõ fermosa,
Suave, e venenosa;
Que me criou aos peitos da esperança,
De quem eu vi despois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba, e soberana.
Parece-me que tinha fórma humana,
Mas scintilava espiritos divinos.
Hum meneo, e presença tinha tal,
Que se váagloriava todo o mal
Na vista della; a sombra co' a viveza
Excedia o poder da natureza.
 Que genero taõ novo de tormento
Teve amor, sem que fosse naõ sómente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas, que o fervente
Desejo, que dá força ao pensamento,
Tinham de seu proposito abalado,
E corrido de ver-se, e injuriado:
Aqui sombras phantasticas trazidas

De

De algumas temerarias esperanças:
As bemaventuranças.
Tambem nellas pintadas, e fingidas:
Mas a dôr do desprezo recebido,
Que todo o phantasiar desatinava,
Estes enganos punha em desconcerto:
Aqui o adivinhar, e o ter por certo
Que era verdade quanto adivinhava:
E logo o desdizer-me de corrido;
Dar ás cousas, que via outro sentido;
E para tudo, em fim, buscar razões:
Mas eram muitas mais as semrazões.
Naõ sei como sabia estar roubando
Co' os raios as entranhas, que fugiam
Par'ella por os olhos subtilmente!
Pouco a pouco invenciveis me sahiam;
Bem como do véo humido exhalando
Está o subtil humor o Sól ardente.
O gesto puro, em fim, e transparente,
Para quem fica baixo, e sem valia
Este nome de bello, e de formoso;
O doce, e piedoso
Mover de olhos, que as almas suspendia,
Foram as hervas magicas, que o Ceo
Me fez beber; as quaes por longos anos
N'outro ser me tiveram transformado;
E taõ contente de me ver trocado,
Que as mágoas enganava co' os enganos:
E diante dos olhos punha o véo,
Que me encobrisse o mal que assi cresceo,
Como quem com affagos se criava

De aquelle para quem crescido estava.
Pois quem póde pintar a vida ausente,
Com hum descontentar-me quanto via,
E aquelle estar taõ longe donde estava,
O fallar sem saber o que dizia,
Andar sem ver por onde, e juntamente
Suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquelle mal me atormentava,
E aquella dor que das Tartareas agoas
Sahio ao Mundo, e mais que todas doe,
Que tantas vezes sóe
Duras iras tornar em brandas magoas?
Agora co' o furor da magoa irado,
Querer, e naõ querer deixar de amar,
E mudar n'outra parte, por vingança,
O desejo privado de esperança,
Que taõ mal se podia já mudar?
Agora a saudade do passado
Tormento puro, doce, e magoado,
Que converter fazia estes furores
Em magoadas lagrimas de amores.
Que desculpas comigo só buscava,
Quando o suave amor me naõ soffria
Culpa na cousa amada, e taõ amada!
Eram, em fim, remedios que fingia
O medo do tormento, que ensinava
A vida a sustentar-se de enganada.
Nisto huma parte della foi passada,
Na qual se tive algum contentamento
Breve, imperfeito, timido, indecente,
Naõ foi senaõ semente

De

De hum comprido, e amarissimo tormento.
Este curso contino de tristeza,
Estes passos vãmente derramados,
Me foram apagando o ardente gosto,
Que tão de siso n'alma tinha posto,
De aquelles pensamentos namorados;
Com que criei a tenra natureza:
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem força humana não resiste,
Se converteo no gosto de ser triste.
Desta arte a vida em outra fui trocando;
Eu não, mas o destino fero, irado;
Que eu, inda assi, por outra a não trocara.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida chara.
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fruto seu:
E neste escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo.
Agora, peregrino, vago, errante,
Vendo nações, linguagens, e costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, fortuna injusta, que consumes
As idades, levando-lhes diante
Huma esperança em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahe se conhece
Que he fragil vidro aquillo que apparece.
A piedade humana me faltava,

A gente amiga já contrária via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, em fim, o tempo, e o Mundo.
Que segredo taõ arduo, e taõ profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella.
E naõ poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida!
Em fim, naõ houve trance de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
(Injustiças de aquelles, que o confuso
Regimento, do Mundo antigo abuso,
Faz sobre os outros homẽes poderosos)
Que eu naõ passasse atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguiçaõ de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.
Naõ conto tantos males, como aquelle
Que despois da tormenta procellosa
Os casos della conta em porto ledo,
Que inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo.
Já de mal que me venha naõ me arredo,
Nem bem que me falleça já pertendo;
Que para mi naõ val astucia humana;
De força soberana,
Da Providencia, em fim, Divina pendo.
Isto que cuido, e vejo, a vezes tomo

Para

Para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre, e naõ alcança
Senaõ memoria dos passados annos;
As aguas que entaõ bebo, e o paõ que como,
Lagrimas tristes saõ, que eu nunca domo,
Senaõ com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas de alegria.
Que se possivel fosse que tornasse
O tempo para traz, como a memoria,
Por os vestigios da primeira idade,
E de novo tecendo a antigua historia
De meus doces errores, me levasse
Por as flores que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saudade
Entaõ fosse maior contentamento,
Vendo a conversaçaõ léda, e suave,
Onde huma, e outra chave
Fsteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,
A vista, a neve, a rosa, a fermosura,
A graça, a mansidaõ, a cortezia,
A singela amizade, que desvia
Toda a baixa tençaõ, terrena, impura,
Como a qual outra alguma naõ vi mais.
Ah váas memorias! Onde me levais
O debil coraçaõ, que inda naõ posso
Domar bem este váo desejo vosso?
Naõ mais, Cançaõ, naõ mais, que irei fallando,
Sem o sentir, mil annos, e se acaso
Te culparem de larga, e de pezada,

Naõ

Naõ póde ser (lhe dizei) limitada
A agua do mar em taõ pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
Co' o gosto do louvor; mas explicando
Puras verdades já por mi passadas.
Oxalá fossem fabulas sonhadas!

CANÇAÕ XII.

NEm roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, e da verdura,
Colhida entre outras mil
Foi nunca assi agradavel á donzella
Cortez, alegre, e bella,
De sua mái cuidado, e gloria pura,
Como a mi foi a minha formosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua Esphera.
Natural fonte agreste
Naõ lavrada do artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Naõ fez já mais taõ lédo
Cansado caçador por sésta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
Do ver taõ desenfadado,
Que faz sereno a Jupiter irado.
Fructa que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto,
A quem pintada a vê de sangue, e leite;

Naõ

Naõ lhe dará o deleite
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma fermosura;
E o toucado sem arte,
Que tornára Pastor ao bravo Marte.
  A manhãa graciosa,
Que derramando sahe de entre os cabellos,
A flor, o lirio, a rosa,
Sem ajuda de ornato, ou de artificio,
Naõ faz o beneficio
Que faz a lozania dos vossos olhos bellos,
A quem os vê taõ puros, e singelos;
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.
  Outeiros adornados
Das arvores que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre, que mão destra os naõ cultiva,
Graça taõ excessiva
Naõ tem na sua natural verdura,
Quanta na desses olhos, clara, e pura,
Deposita a esperança,
Com que amor gosto, a mái tormento alcança.
  Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
De entre os verdes raminhos,
Taõ suave naõ he, taõ deleitosa,
A quem na selva umbrosa
Contente ouvindo-a está toda elevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,

Que

Que roubam a Mercurio sceptro, e siso;
De frescos rios agoa,
Que clara entre arvoredos se deriva,
Cahindo de alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Naõ nos alegra quanto a graças esquiva
De essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.
A tal luz (ó Cançaõ, que ensaste! vella!)
Vendo estás já prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda Estrella.

CANÇAÕ XIII.

OH pomar venturoso,
Onde co' a natureza
A subtil arte sem demanda incerta;
Que em sitio taõ formoso
A maior subtileza
De engenho em ti nos mostra descoberta!
Nenhum juizo acerta,
De cego, e de elevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou arte;
Se terra, ou Ceo, de ti tem mais cuidado;
Pois em feliz terreno
Gozas de hum ar mais puro, e mais sereno.

De

De teu formoso pézo
Se mostra o monte lédo,
E o caudaloso Zezere te estranha,
Porque olhas com desprezo
Seu crystal puro, e quedo,
Que com Pena os teus pés rodéa, e banha.
Em ti pintura estranha
A que Apelles cedêra;
Enigmas intricados,
E myrtos animados
Vemos, que o proprio Escopas naõ fizera:
Em ti, co' a paz interna,
Tem o santo prazer morada eterna.

Os jardins da famosa
Babel, taõ nomeados
Por maravilha, o Mundo naõ levante;
Inda que com gloriosa
Voz, que estaõ pendurados
Do instavel ar, a fama antigua cante:
Nem haja quem se espante
Dos famosos do Alcino:
Nem as mais doutas pennas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo engenho peregrino;
Mas onde quer que vôe,
De ti só falle a fama, e te pregoe.

Que se era antiguamente
De pomos de ouro bellos
O jardim das Hesperidas ornado,
E a pezar da serpente
Que os guardou, só colhellos

Pode o famoso Alcides, de colmeado;
Tu, mais avantajado,
Mostras a huma alma casta
Seguir o que deseja,
Fugir da torpe inveja;
(Pomos de ouro, que o tempo naõ contrasta)
Em fim, co' a caridade
Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.
  Por tanto, da ventura,
Para ti reservada,
Te deixe o Ceo gozar perpetuamente;
Porque sejas figura
Da gloria avantajada
Delle mesmo, e que em ti se represente;
Porque em quanto sustente
O Ceo, o mar, e a terra,
Seus feitos milagrosos,
Mysterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra;
Por onde em nossas almas
Com mais pompas triumpha, e com mais palmas.
  Goza, pois, longamente
Teu venturoso fado,
Da Mãi do teu Author bem possuido:
Que em ti sempre contente
De seu sublime estado,
A alma dos seus alegras, e consentido
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja,
Para que o Mundo os veja

Ex-

Exceder as longuissimas idades;
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.
Cançaõ, pois mais famosas
Por ti naõ podem ser
Deste monte as estancias deleitosas,
Bem póde succeder
Que aquelle que os teus numeros governa,
Por querê-las cantar se faça eterna.

CANÇAÕ XIV.

Quem com sólido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto de Athenas préza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento:
Em forjar meu tormento,
Nova Philosophia,
De experiencias feita, amor me ensina.
Das Leis do antigo tempo bem declina,
Que amor, e a natureza, em mi varía,
Donde escólas de Sabios nunca vio
Em natural sogeiçaõ,
Quanto amor em meu peito descobrio.
As aves no ar sereno,
O gado de Protheo nas agoas pasce;
Vive o homem, e nasce
Neste Mundo, qual Mundo mais pequeno.
Eu tudo desordeno;
Em todos dividido;
A boca no ar, na terra o entendimento.

Da-

Dá-me esse amor, dá-me esta o pensamento;
O coraçaõ no fogo he consumido:
Mas a agua, que dos olhos sempre desce,
Tem effeito taõ vário,
Que em hum humor contrário o fogo cresce.
Da vista amor soia
Abrir ao coraçaõ segura entrada;
Lei he já profanada:
Que quando a luz de huns olhos me feria,
Amando o que naõ via,
Qual de escopéta o lume,
Primeiro o querer vi, que a causa visse.
Quem o desejo co'a esperança unisse,
Cego iria apoz cego, e vil costume.
Que eu desta alma, das Leis do Mundo isenta,
Morta a esperança vejo,
Onde sempre o desejo se sostenta.
Em vão se considera
Que hum semelhante a outro busca, e ama,
E que foge, e desama
Todo mortal a morte esquiva, e fera:
Sigo huma linda fera,
Que esconde em vista humana
Coraçaõ de diamante, e peito de aço,
De meu sangue faminta; e satisfaço
Com cruel morte a sede deshumana:
Assi que sendo em tudo differente
Corro apoz minha sorte,
E se me entrego á morte estou contente.
Cahe em maior defeito
Quem cuida ser sciencia clara, e certa,

Que

Que a cauſa deſcoberta
Sempre produz a ſi conforme o effeito:
Rendeo-me hum lindo objeito,
Que ſendo neve pura
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva:
Que eſta formoſa fera fugitiva,
Com ſer neve, do fogo ſe aſſegura:
Donde infiro por certo, (e ceſſe a fama
Vãa, mentiroſa, e leve)
Que naõ desfaz a neve ardente chama.
Bem no effeito ſe ſente
Ceſſar, ceſſando a cauſa donde pende;
Que o fogo mais ſe accende
Eſtando á viſta donde mais auſente;
Mas na alma vivamente
A trazem debuxada,
De noite amor, de dia o penſamento:
E quando Apollo deixa o claro aſſento,
Por entre ſombras vejo a Nympha amada:
Pois ſe ſem luz amor os olhos ceva,
Cego, ſe naõ concede
Que em nada a amor impede a eſcura treva.
Erra quem atrevido
Pregôa ſer maior que a parte o todo:
Amor me tem de modo,
Que eſtou n'hum'alma minha convertido;
Deſta gloria ha naſcido
O temor de perdê-la:
E, póſtóque o receo a muitos finge
Lá na imaginaçaõ Chimera, e Sfinge,
De mal futuro, que urde imiga eſtrella,

Vejo em mi, por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.
Tem-se por manifesto
Parecer-se ao sogeito o accidente;
Mas inda em mi se sente
O pensamento, a côr, o riso, o gesto:
E sendo todo o resto
Da vida já perdido
Neste tormento meu taõ duro, e esquivo,
A gostos morto estou, apenas vivo:
E sendo morto já, vive o sentido,
Porque sinta que na alma despedida,
Póde em meu mal unir-se
O ficar, e o partir-se; a morte, e a vida.
Destas razões, Cançaõ, infiro, e creo,
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANÇAÕ XV.

QUe he isto? Sonho? Ou vejo a Nympha pura,
Que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo
O bem que em vão cada hora me assegura?
Mal póde a noute escura,
Amando a sombra fria,
Mandar-me em sonho a luz formosa, e bella,
Que se naõ torne em dia,
De seus luzentes raios inflammada.

Oh

Oh vista desejada
De graciosa Nympha, e viva Estrella!
Que ha tanto que por este mar navego,
(Sem ver meu claro Polo) escuro, e cego,
Nesses formosos olhos, de elevada,
Minha alma se esconde o,
Quando ordenava o Ceo
Que vivesse comigo desterrada.
Vós a mais certa estrada
De ver a summa alteza,
Do effeito a causa abrís a esta alma minha,
Assi mortal belleza
Só della nasce, e nella se resume:
Assi celeste lume
Lá dos Ceos se deriva, e lá caminha:
Pois como a Deos unir-me a vista possa,
Porque a negais, meu Sol, a esta alma vossa?
Se me quereis prender a parte a parte,
Cabello ondado, e louro,
Tecei-me a rede de ouro
Em que prendeo Vulcano a Cypria, e Marte.
Des que com gentil arte
Vestís de flores bellas
A terra em que tocais co' a bella planta,
Quantas vezes com vellas
Quiz n'huma de essas flores transformar-me?
Porque vendo pizár-me
De esse candido pé que a neve espanta,
Póde ser que na flor mudado fora
Que deo a Juno irada a linda Flora.
Mas onde te acolheste (ó doce vida!)

Mais leve, e presurosa,
Do que na selva umbrosa
Cerva de aguda sétta vai ferida!
Se para tal partida,
Meus olhos, vos abristes,
Cerrára-vos o somno eternamente,
Antes que ver-vos tristes,
Perdendo taõ suave, e doce engano.
Agora, com meu dano,
Vedes, para mór mágoa, claramente,
Neste bem fugitivo, e somno leve,
Que mal naõ ha mais longo, que hum bem breve.
Ditoso Endimiaõ, que a deosa chara,
Que a noite vai guiando
Teve em braços sonhando!
Ah, quem de sonho tal nunca acordára!
Tu só, Aurora avara,
Quando os olhos feriste,
Me mataste cruel de inveja pura:
Mas se de esta alma triste
A negra escuridaõ vencer quizeste,
Sabe que em vão nasceste:
Que para desfazer-se a nevoa escura
De meus olhos importa estar presente
Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.
Se a luz do meu Planeta,
Naõ me aviva, Cançaõ, branda, e quieta,
Qual flor de chuva, em breve consumida,
Verás desfeita em lagrimas a vida.

CAN-

CANÇAÕ XVI.

POr meio de humas ſerras mui fragoſas,
Cercadas de ſylveſtres arvoredos,
Retumbando por aſperos penedos,
Correm perennes aguas deleitoſas.
Na ribeira de Buína, aſſi chamada,
Celebrada,
Porque em prados
Eſmaltados
Com freſcura
De verdura,
Aſſi ſe moſtra amena, aſſi gracioſa,
Que excede a qualquer outra mais formoſa.
As correntes ſe vem que acceleradas
As hervas regalando, e as boninas,
Se vaõ a entrar nas aguas Neptuninas,
Por diverſas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea arêa
Bem ſe arrêa,
Voam aves;
Mil ſuaves
Paſſarinhos
Nos raminhos
Acordemente eſtaõ ſempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.
O doce rouxinol n'hum ramo canta,
E de outro o pintaſirgo lhe reſponde:
A perdiz de entre a mata, em que ſe eſconde,
O caçador ſentindo, ſe levanta:

Voan-

Voando vai ligeira mais que o vento;
Outro assento
Vai buscando,
Porém quando
Vai fugindo,
Retinindo,
Traz ella mais veloz a setta corre,
De que, ferida, logo cahe, e morre.
Aqui Progne de hum ramo em outro ramo,
Co' o peito ensanguentado anda voando:
Cibato para o ninho indo buscando
A léda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pertende
Com engano
Fazer dano
A' coitada,
Que enganada
De hũus esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.
Aqui soa a calhandra na parreira;
A rola geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira:
Vaõ as doces abelhas susurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco, e frio,
Por o prado
De herva ornado,
Com que o aureo licor fazem, que deo

A'

A' humana gente a industria de Aristeo.
Aqui as uvas luzidas penduradas
Das pampinosas vides resplandecem;
As frondiferas arvores se offrecem
Com differentes fructos carregadas:
Os peixes na agua clara andam saltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.
Aqui por entre as serras se levantam
Animaes Calidoneos, e os veados,
Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés se espantam.
Sahe o coelho, a lebre sahe manhosa
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Cam ligeiro,
Mas primeiro
Que ella ao contrário fervido se entregue,
A vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas, e purpureas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta;
O formoso jacintho alli naõ falta,
Lembrado dos antiguos seus amores;
Inda na flor se mostram esculpidos
Os gemidos:

Aqui

Aqui Flora
Sempre mora,
E com roſas
Mais formoſas,
Com lirios, e boninas mil fragrantes,
Alegra os ſeus amores circumſtantes.
Aqui Narciſo em líquido cryſtal
Se namora de ſua formoſura:
Nelle as pendentes ramas da eſpeſſura
Debuxando-ſe eſtaõ ao natural.
Adonis, com que a linda Cytheréa
Se recrêa,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Que Erycina
Por imagem deixou de qual ſeria
Aquelle por quem ella ſe perdia.
Lugar alegre, freſco, accommodado
Para ſe deleitar qualquer amante,
A quem com ſua ponta penetrante
O cego amor tiveſſe derribado:
E para memorar ao ſom das agoas
Suas magoas
Amoroſas,
As cheiroſas
Flores vendo;
Eſcolhendo,
Para fazer precioſas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.
Eu dellas, por penhor de meus amores,
Hu-

Huma capella á minha deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flores:
Porém, como se fora mal-mequeres,
Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiva de flores; naõ por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

No tomo V. dos Commentarios ás Rhythmas, pag. 184, traz Manoel de Faria e Sousa a seguinte Cançaõ, feita á morte de D. Antonio de Noronha, e diz a achára no ultimo Manuscripto que descobrio das Obras do Poeta. A Cançaõ vinha alli em nome de huma D. Margarida; porém o mesmo Faria ultimamente assenta que he de Luis de Camões, e que este em parte disfarçára o estylo.

CANÇAÕ XVII.

A Vida já passei assaz contente,
Livre tinha a vontade, e o pensamento,
Sem recêos de amor, nem da ventura:
Mas isto foi hum bem de hum só momento;
E á minha custa vejo claramente,
Que a vida naõ dá algum de muita dura.
No tempo em que eu vivia mais segura
De amor, e seu cuidado;

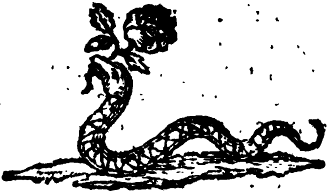
Por me ver n'hum eſtado
Em que eu cuidei que amor naõ tinha parte,
Naõ ſinto por qual arte
Me vejo entregue a elle de tal ſorte,
Que em quanto tarda a morte,
A eſperança do bem tenho perdida:
Ai! Quaõ devagar paſſa a triſte vida!
Quantas vezes eu triſte aqui ouvia
O meu Felicio, e outros mil Paſtores,
Queixar-ſe em vão de minha crueldade!
E mais ſurda entaõ eu a ſeus clamores,
Que aſpide ſurda, ou ſurda penedia,
Julgava os ſeus amores por vaidade
Agora em pago diſto a liberdade,
A vontade, e o deſejo,
De todo entregue vejo
A quem, inda que brade, naõ reſponde;
Pois vejo que ſe eſconde
Já debaixo da terra eſte que eu chamo,
Que he aquelle a quem amo,
Aquelle a quem agora eſtou rendida.
Ai! Quaõ devagar paſſa a triſte vida!
Que gloria, amor cruel, com meu tormento,
Que louvor a teu nome accreſcentaſte?
Ou que te conſtrangeo a tal crueza,
Que com tal preſſa eſta alma ſujeitaſte
A hum mal, onde naõ baſta o ſoffrimento?
Mas ſe, amor, es cruel de natureza,
Baſtava uſar comigo da aſpereza
Que uſas com outra gente:
Mas tu como ſómente

De

De ver-me estar morrendo te contentas,
Quando mais me atormentas,
Entaõ desejas mais de atormentar-me,
E naõ queres matar-me
Porque este mal de mi se naõ despida.
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!
Onde cousa acharei que alegre veja?
A quem chamarei já que me responda?
Quem me dará remedio á dor presente?
Naõ ha bem que de mi já naõ se esconda;
Nem algum verei já que a mi o seja,
Porque está quem o foi da vida ausente.
Eu alguma naõ vi taõ descontente,
Que amor taõ mal tratasse,
Que inda naõ esperasse
A seus males remedio achar vivendo:
Eu só vivo soffrendo
Hum mal taõ grave, e taõ desesperado,
Que tanto he mais pezado,
Quanto a vida com elle he mais comprida.
Ai! Quaõ de vagar passa a triste vida!
Suaves aguas, dura penedía,
Arvoredo sombrio, verde prado,
Donde eu já tive livre o pensamento;
Frescas flores; e vós, meu manso gado,
Que já me acompanhastes na alegria,
Naõ me deixeis agora no tormento.
Se do mal meu vos toca sentimento,
Dai-me para elle ajuda,
Que eu tenho a lingua muda;
O alento me vai já desamparando.

Mas

Mas quando? (ai triste!) Quando
De hum dia hum'hora me virá contente,
Que eu te veja presente,
Pastor meu, e comtigo esta alma unida?
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!
 Mas naõ sei se he sobrado atrevimento
Querer-se esta alma minha unir comtigo,
Pois della foste já taõ desprezado.
Amor me livrará deste perigo;
Que despois que lá vires meu tormento,
Creio que te haverás por bem vingado.
E se inda em ti durar o amor passado,
E aquella fé taõ pura,
Eu estou bem segura
Que has lá de receber-me brandamente.
Aprenda em mi a gente
Quaõ cara huma isençaõ com amor custa:
A pena dá bem justa
A hum'alma que lhe he pouco agradecida.
Ai! Quaõ devagar passa a triste vida!



ODES

ODES.

ODE I.

DEtém hum pouco, Musa, o largo pranto
Que amor te abre do peito;
E vestida de rico, e lédo manto,
Demos honra, e respeito,
A'quella, cujo objeito
Todo o Mundo allumía,
Trocando a noite escura em claro dia.
O' Delia, que a pezar da nevoa grossa,
Co' os teus raios de prata,
A noite escura fazes que naõ possa
Encontrar o que trata,
E o que na alma retrata
Amor por teu divino
Raio, porque endoudeço, e desatino.
Tu, que de formosissimas estrellas
Corôas, e rodêas
Tua candida fronte, e faces bellas;
E os campos formosêas
Co' as rosas que semêas,

Co'

Co' as boninas que gera
O teu celeste humor na Primavera:
Pois, Delia, do teu Ceo vendo estás quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, mágoas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades,
Outras por crús indicios
Fazem das proprias vidas sacrificios:
Já veo Endimiaõ por estes montes
O Ceo suspenso olhando;
E teu nome, co' os olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti hum'hora piedade.
Por ti feito Pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo amor contrárias,
Mas naõ como ti duras,
Onde lamenta, e chora desventuras.
Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio
Suas sombras formosas:
Para ti no Erymantho o lindo Epilio
As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheirosas
De este nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.
De qual panthera, ou tigre, ou leopardo,

As

As asperas entranhas
Naõ temêram teu fero, e agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas, e estranhas,
Ligeira atravessavas,
Taõ formosa que a amor de amor matavas.
Das castas virgées sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando-lhe as forças, e os espritos:
Mas os de aquelle triste,
Já nunca consentiste
Ouvi-los hum momento,
Para ser menos grave o seu tormento.
Naõ fujas, naõ, de mi. Ah! Naõ te escondas
De hum taõ fiel amante.
Olha como suspiram estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente
Ouvindo a minha voz fraca, e doente.
Triste de mi! Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueo a mão para matar-me
Como a cruel imigo?
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E que isto só pertende, e só me ensina.
Oh quanto ha já que o Ceo me desengana!
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana.
Tendo livre alvedrio

Naõ

Naõ fujo o desvario;
Porque este em que me vejo
Engana co' a esperança o meu desejo.
Oh quanto melhor fora que dormissem
Hum somno perennal
Estes meus olhos tristes, e naõ vissem
A causa de seu mal:
Fugir, a hum tempo tal,
Mais que de antes proterva,
Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerva!
Ai de mi, que me abrazo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado,
E quando morro mais, entaõ mais vivo!
Porque tem ordenado
Meu infelice estado,
Que quando me convida
A morte para a morte tenha vida.
Secreta noite amiga, a que obedeço;
Estas rosas (por quanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço;
E este fresco amaranto,
Humido inda do pranto,
E lagrimas da esposa
Do cioso Titam, branca, e formosa.

ODE II.

TAõ suave, taõ fresca, e taõ formosa,
Nunca no Ceo sahio
A Aurora no principio do Veraõ,
A's flores dando a graça costumada,

Co-

Como a formosa mansa fera; quando
Hum pensamento vivo me inspirou,
Por quem me desconheço.
  Bonina pudibunda, ou fresca rosa,
Nunca no campo abrio,
Quando os raios do Sol no Touro estaõ,
De cores differentes esmaltada,
Como esta flor, que os olhos inclinando,
O soffrimento triste costumou
A' pena que padeço.
  Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,
Naõ creio que seguio
Satyro, cujo brando coraçaõ
De amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, e desprezando
Este tormento, donde amor mostrou
Taõ próspero começo.
  Nunca, em fim, cousa bella, e rigorosa,
Natura produzio
Que iguale aquella fórma, e condiçaõ,
Que as dores, em que vivo estima em nada.
Mas com taõ doce gesto, irado, e brando,
O sentimento, e a vida me elevou,
Que a pena lhe agradeço.
  Bem cuidei de exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma vio
Entre a doce dureza, e mansidaõ,
Primores de belleza desusada;
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento, e engenho me cegou
Luz de taõ alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa
Que ao Mundo se encobrio;
E nos olhos Angelicos, que saõ
Senhores desta vida destinada;
E naquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento a vida me enredou,
Me alegro, e me entristeço.
Saudade, e suspeita perigosa,
Que amor constituio
Por castigo de aquelles que se vaõ:
Temores, penas da alma desprezada,
Fera esquivança que me vai tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.
Amor isento a hũs olhos me entregou,
Nos quaes a Deos conheço.

ODE III.

SE de meu pensamento
Tanta razaõ tivera de alegrar-me,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixar-me,
Puderas, triste lyra, consolar-me.
E minha voz cansada,
Que em outro tempo foi alegre, e pura,
Naõ fora assi tornada,
Com tanta desventura,
Taõ rouca, taõ pezada, nem taõ dura.
A ser como soia,
Pudera levantar vossos louvores;

Vós,

Vós, minha Hierarchia,
Ouvireis meus amores,
Que exemplo saõ ao Mundo já de dores.
  Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas, e momentos,
Oh quanto bem lembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos!
  Ai gostos fugitivos!
Ai gloria já acabada, e consumida!
Ai males taõ esquivos!
Qual me deixãis a vida!
Quam chea de pezar! Quam destruida!
  Mas como naõ he morta
Já esta vida? Como tanto dura?
Como naõ abre a porta
A tanta desventura,
Que em vão com seu poder o tempo cura?
  Mas para padecê-la
Se esforça o meu sogeito, e convalece;
Que só para dizê-la,
A força me falece,
E de todo me cansa, e me enfraquece.
  Oh bem afortunado,
Tu, que alcançaste com lyra toante,
Orphêo, ser escutado
Do fero Radamante,
E co' os teus olhos ver a doce amante!
  As infernaes figuras
Moveste com teu canto docemente;
As tres furias escuras,

Implacaveis á gente,
Applacadas se víram de repente.
Ficou, como pasmado
Todo o Estygio Reino co' o teu canto,
E quasi descansado
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisypho o grave canto.
A ordem se mudava
Das penas que regendo está Plutaõ;
Em descanso se achava
A roda de Ixiaõ;
E em gloria quantas penas alli saõ.
De todo já admirada
A Rainha infernal, e commovida,
Te deo a desejada
Esposa, que, perdida,
De tantos dias já tivera a vida.
Pois minha desventura,
Como já naõ abranda huma alma humana,
Que he contra mi mais dura,
E inda mais deshumana,
Que o furor de Callirrhoe profana?
Oh crua, esquiva, e fera,
Duro peito, cruel, e empedernido,
De alguma tigre fera
Lá na Hircania nascido,
Ou de entre as duras rochas produzido!
Mas que digo, coitado,
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós (ó do salgado
Humido Reino) bellas

E claras Nymphas, condoei-vos dellas.
  E de ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando,
Sobre as ondas erguidas
As tranças gottejando
Sahindo todas, vinde a ver qual ando.
  Sahi em companhia,
E cantando, e colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia;
Ouvireis meus amores:
E sentireis meus prantos, meus clamores.
  Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo que ha gerado,
Que está já convertido
Em choro, e neste estado
Sómente vive nelle o seu cuidado.

ODE IV.

FOrmosa fera humana,
  Em cujo coraçaõ soberbo, e rudo,
A força soberana
Do vingativo amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas séttas tinha tem quebradas:
  Amada Circe, minha,
Postoque minha naõ, com tudo amada;
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho, mais entregarei.

Pois natureza irosa,
Da razaõ te deo partes taõ contrárias,
Que sendo taõ formosa,
Folgues de te queimar em flammas várias,
Sem arder em nenhũa
Mais que em quanto allumía o Mundo a Lũa.
Pois triumphando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razaõ, de juizo, e de sentidos;
E quasi a todos dando
Aquelle bem que a todos vás negando:
Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agua, e vento solto,
A' porta, que impedido
Lhe tem seu bem, lhe mágoá adormecido.
Porque naõ tens receo
Que tantas insolencias, e esquivanças,
A deosa que põe freo
A soberbas, e doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se accenda o fero amor?
Olha a formosa Flora
De despojos de mil suspiros rica,
Por o Capitam chora,
Que lá em Thessalia, em fim, vencido fica:
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deo Roma, o nome santo.
Olha em Lesbos aquella

No ſeu ſalteiro inſigne conhecida;
Dos muitos que por ella
Se perdêram, perdeo a chara vida
Na rocha que ſe infama
Com ſer remedio extremo de quem ama.
  Por o moço eſcolhido,
Onde mais ſe moſtráram as tres Graças;
Que Venus eſcondido
Para ſi teve hum tempo entre as alfaças,
Pagou co' a morte fria
A má vida que a muitos já daria.
  E vendo-ſe deixada
De aquelle por quem tantos já deixára,
Se foi, deſeſperada,
Precipitar da infame rocha chara:
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.
  Tomai-me, bravos mares;
Vós me tomai, pois outrem me deixou;
Diſſe: e dos altos ares
Pendendo, com furor ſe arremeſſou.
Acude tu, ſuave,
Acude, poderoſa, e divina ave.
  Toma-a nas azas tuas,
Menino pio, illeſa, e ſem perigo;
Antes que neſtas cruas
Aguas cahindo apague o fogo antigo.
He digno amor tamanho
De viver, e ſer tido por eſtranho.
  Naõ: que he razaõ que ſeja
Para as lobas iſentas, que amor vendem,

Ex-

Exemplo onde se veja
Que tambem ficam presas as que prendem.
Assi o deo por sentença
Nemesis, que amor quiz que tudo vença:

ODE V.

NUnca manhãa suave
Estendendo seus raios por o Mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto náo, que já no fundo
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara a mi, dos olhos vossos.
Aquella formosura,
Que só no virar delles resplandece;
E com que a sombra escura
Clara se faz, e o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se intristece,
Ella, e sua viveza,
Me desfazem a nuvem da tristeza.
O meu peito, onde estais,
He para tanto bem pequeno vaso:
Quando aoaso virais
Os olhos, que de mi naõ fazem caso,
Todo, gentil Senhora, entaõ me abraso
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.
Se mil almas tivera,
Que a taõ formosos olhos entregára,
Todas quantas pudera

Por

Por as peſtanas delles penduráram ;
E elevadas na viſta pura , e clara ,
(Poſtoque diſſo indinas)
Se andáram ſempre vendo nas meninas :
  E vós , que deſcuidada
Agora vivireis de taes querellas ,
De almas minhas cercada
Naõ pudeſſeis tirar os olhos dellas ,
Naõ póde ſer que vendo a voſſa entr'ellas ,
A dor que lhe moſtraſſem
Tantas , huma alma ſó naõ abrandaſſem.
  Mas , pois , o peito ardente
Huma ſó póde ter , formoſa Dama ,
Baſta que eſta ſómente ,
Como ſe foſſem mil e mil , vos ama ;
Para que a dor de ſua ardente flama
Comvoſco tanto poſſa ,
Que naõ queirais ver cinza hum'alma voſſa.

ODE VI.

PO'de hum deſejo immenſo
  Arder no peito tanto ,
Que abranda , e a viva alma , o fogo intenſo ,
Lhe gaſte as nodoas do terreno manto ;
E purifique em tanta alteza o eſprito
Com olhos immortaes ,
Que faz que lêa mais do que vê eſcrito.
  Que a flamma que ſe accende
Alto , tanto allumía ,
Que ſe o nobre deſejo ao bem ſe eſtende ,

Que nunca vio; ao fonte claro dia;
E lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva côr,
N'outra especie melhor que a corporal.
  Pois vós, ó claro exemplo
De viva formosura;
Que de taõ longe cá noto, e contemplo
Na alma, que este desejo sobe; e apura;
Naõ creais que naõ vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vem,
Se de humanos naõ tem muita vantagem.
  Que se os olhos ausentes
Naõ vem a compassada
Proporçaõ, que das cores excellentes
De pureza, e vergonha he variada;
Da qual a Poesia que cantou
Até aqui só pinturas
Com mortaes formosuras igualou:
  Se naõ vem os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se naõ vem os claros olhos bellos,
De quem cantam que saõ do Sol thesouro;
E se naõ vem do rosto as excellencias;
A quem diraõ que deve
Rosa, e crystal, e neve as apparencias?
  Vem logo a graça pura,
A luz alta, e severa,
Que he raio da divina formosura;
Que na alma imprime, e fóra reverbera;
Assi como crystal do Sol ferido,
Que por fóra derrama

A recebida flamma esclarecido.
  E vem a gravidade,
Com a viva alegria,
Que misturada tem de qualidade,
Que huma da outra nunca se desvia;
Nem deixa de ser huma receada
Por léda, e por suave,
Nem outra por ser grave muito amada.
  E vem do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co' o doce, e ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores;
As palavras discretas, e suaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento, e as altas aves.
  Dos olhos o virar
Que torna tudo raso,
Do qual naõ sabe o engenho divisar
Se foi por artificio, ou feito acaso:
Da presença os meneos, e a postura,
O andar, e o mover-se,
Donde póde aprender-se formosura.
  Aquelle naõ sei que,
Que aspira naõ sei como;
Que invisivel sahindo, a vista o vê,
Mas para o comprender naõ lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz; nem Laura nunca via:
  Em vós a nossa idade,
Senhora, o póde ver,

Se

Se engenho, se sciencia, e habilidade;
Iguaes a vossa formosura der,
Qual a vi no meu longo apartamento;
Qual em ausencia a vejo.
Taes azas dá o desejo ao pensamento.
  Pois se o desejo affina
Huma alma accesa tanto,
Que por vós use as partes da divina;
Por vós levantarei naõ visto canto,
Que o Bethis me ouça, e o Tybre me levante:
Que o nosso claro Tejo,
Envolto hum pouco o vejo, e dissonante.
  O campo naõ o esmaltam
Flores, mas só abrolhos
O fazem feo; e cuido que lhe faltam
Ouvidos para mi, para vós olhos:
Mas faça o que quizer o vil costume,
Que o Sol, que em vós está,
Na escuridaõ dará mais claro lume.

ODE VII.

A Quem daraõ de Pindo as moradoras,
Taõ doctas como bellas,
Florecentes capellas
Do triumphante louro, ou myrto verde;
Da gloriosa palma, que naõ perde
A presumpçaõ sublime,
Nem por força de pezo algum se opprime?
  A quem traraõ nas faldas delicadas,
Rosas a roxa Cloris,

Con-

Conchas a branca Doris;
Estas, flores do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruivas; brancas, e amarellas,
Com danças, e coréas,
De formosas Nereidas, e Napéas?
A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphiom,
Em Lesbos Ariom,
Senaõ a vós, por quem restituida
Se vê da Porfia já perdida
A honra, e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?
Imitando os espritos já passados,
Gentís, altos, Reais,
Honra benina dais
A meu taõ baixo, quaõ zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro, e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.
O rudo canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos,
Para thesouro dos futuros anos,
Comvosco se defende
Da lei Lethéa, á qual tudo se rende.
Na vossa arvore ornada de honra, e gloria,
Achou tronco excellente
A hera florecente,
Para a minha, até aqui de baixa estima:
Nella, para trepar, se encosta, e arrima;

E nella subireis
Taõ alto, quanto os ramos estendeis.
Sempre foram engenhos peregrinos
Da fortuna invejados;
Que quanto levantados
Por hum braço nas azas saõ da fama;
Tanto por outro aquella que os defama,
Co' o pezo, e gravidade,
Os opprime, da vil necessidade.
Mas altos coraçoes dignos de Imperio,
Que vencem a fortuna,
Foram sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipiaõ, Alexandre, e Graciano,
Que vemos immortais;
E vós que o nosso seculo dourais.
Pois, logo, em quanto a cithara sonora
Se se estimar por o Mundo
Com som docto, e jucundo;
E em quanto produzir o Tejo, e o Douro,
Peitos de Marte, e Phebo, crespo, e louro,
Tereis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

O D E VIII.

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica, e ousadia,
Que mereceo no Templo
Da Fama eterna ter perpetuo dia,
O grão filho de Thetys, que dez anos

Fla-

Flagello foi dos miseros Troianos:
Naõ menos ensinado
Foi nas hervas, e Medica policia,
Que destro, e costumado
No soberbo exercicio da Milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte deram,
Tambem a muitos vida dar puderam.
E naõ se desprezou
Aquelle fero, e indomito mancebo,
Das Artes que ensinou
Para o languido corpo o intonso Phebo;
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabia.
Taes Artes aprendeo
Do semiviro Mestre, e docto velho,
Onde tanto cresceo
Em virtude, e em sciencia, e em concelho,
Que Telepho por elle vulnerado,
Só delle pode ser despois curado.
Pois vós, ó excellente
E illustrissimo Conde, do Ceo dado
Para fazer presente
De altos Heroes o seculo passado;
E em quem bem trasladada está a memoria
De vossos Ascendentes a honra, e gloria:
Postoque o pensamento
Occupado tenhais na guerra infesta,
Ou co' o sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou co' o Cambaio, occulto imigo nosso;
Que qualquer delles teme o nome vosso:

Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles estimou:
Olhai que vos obriga
O ver que em vosso tempo rebentou
O fructo de aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos naõ conhecem.
Olhai que em vossos anos
Huma Orta produze varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas, e protervas,
Medéa, e Circe, nunca conhecêram,
Postoque a lei da Magica excedêram.
E vede carregado
De annos, e traz a vária experiencia,
Hum velho, que ensinado
Das Gangeticas Musas na sciencia,
Podaliria subtil, e arte sylvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles Mestre.
O qual está pedindo
Vosso favor, e amparo, ao grão volume,
Que impresso á luz sahindo,
Dará da Medicina hum vivo lume;
E descobrir-nos-há segredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.
Assi que naõ podeis
Negar a que vos pede benigna cura:
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca, e Maura,
Ajuda quem ajuda contra a morte;
E sereis semelhante ao Grego forte.

ODE IX.

FOgem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As arvores sombrias;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.
Zephyro brando espira;
Suas séttas amor affia agora;
Progne triste suspira,
E Philomela chora;
O Ceo da fresca terra se namora.
Já a linda Cytheréa
Vem, do coro das Nymphas rodeada;
A branca Pasitéa
Despida, e delicada,
Com as duas irmâas acompanhada.
Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
Vaõ colhendo boninas
As Nymphas, e cantando;
A terra co' o ligeiro pé tocando.
Desce do aspero monte
Diana, já cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde por sorte dura
Perdeo Actéo a natural figura.
Assi se vai passando
A verde Primavera, e o secco Estio:
O Outono vem entrando;

E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por certo fio.
Ir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o sêcco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte,
Temerá o marinheiro a Orionte.
Porque, em fim, tudo passa;
Naõ sabe o tempo ter firmeza em nada:
E a nossa vida escassa
Foge taõ apressada,
Que quando se começa he acabada.
Que se fez dos Troianos
Heitor temido, Enéas piedoso?
Consumiram-te os annos,
O' Cresso taõ famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.
Todo o contentamento
Crias que estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento,
Que à custa de teu dano
Do Sabio Solon creste o desengano!
O bem que aqui se alcança,
Naõ dura por possante, nem por forte:
Que a bemaventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.
Porque, em fim, nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna;
Nem póde a deosa casta
Tomar à luz superna

Hip-

Hippolyto da escura sombra averna.
Nem Theseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valerosa,
Livrar póde o ousado
Perithoo da espantosa
Prisaõ Lethéa escura, e tenebrosa.

ODE X.

AQuelle moço fero
Nas Pelethronias covas doctrinado
Do Centauro severo;
Cujo peito esforçado
Com tutanos de tigres foi criado:
Na agua fatal, menino
O lava a mãi, presaga do futuro;
Para que ferro fino
Naõ passe o peito duro
Que de si mesmo a si se tem por muro.
A carne lhe endurece,
Porque naõ seja de armas offendida.
Cega! Pois naõ conhece
Que póde haver ferida
Na alma, e que menos doe perder a vida.
Que donde o braço irado
Dos Troianos passava arnez, e escudo,
Alli se vio passado
De aquelle ferro agudo
Do menino que em todos póde tudo.
Alli se vio captivo
Da captiva gentil que serve, e adora;

Alli ſe vio que vivo
Em vivo fogo mora,
Porque de ſeu Senhor a vê Senhora.
  Já toma a branda lyra
Na mão, que a dura Pelias meneára;
Alli canta, e ſuſpira,
Naõ como lhe enſinára
O velho, mas o moço que o cegára.
  Pois, logo, quem culpado
Será, ſe de pequeno offerecido
Foi todo a ſeu cuidado;
No berço inſtituido
A naõ poder deixar de ſer ferido?
  Quem logo fraco infante,
De outro mais poderoſo foi ſujeito;
E para cego amante
Deſde o principio feito,
Com lagrimas banhando o tenro peito?
  Se agora foi ferido
Da penetrante ponta, e força de herva;
E ſe amor he ſervido.
Que ſirva á linda ſerva,
Para quem minha Eſtrella me reſerva?
  O geſto bem talhado;
O airoſo meneo, e a poſtura;
O roſto delicado,
Que na viſta figura
Que ſe enſina por arte a formoſura:
  Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento?
Que quem naõ penetrar
Hum doce geſto attento,

Naõ lhe he nenhum louvor viver isento.
  Aquelles cujos peitos
Ornou de altas sciencias o destino,
Se víram mais sujeitos
Ao cego, e vão menino,
Arrebatados do furor divino.
  O Rei famoso Hebreo,
Que mais que todos soube mais amou;
Tanto, que a deos alheo
Falso sacrificou,
Se muito soube, e teve, muito errou.
  E o grão Sabio que ensina,
Passeando, os segredos da Sophia,
A' baixa concubina
Do vil Eunuco Hermia,
Aras ergueo, que aos deoses só devia.
  Aras ergue a quem ama
O Philosopho insigne namorado.
Doe-se a perpétua fama;
E grita que culpado
Da lesa divindade he accusado.
  Já foge donde habita;
Já paga a culpa enorme com desterro.
Mas, oh grande desdita!
Bem mostra tamanho erro,
Que doctos corações naõ saõ de ferro.
  Antes na altiva mente
No subtil sangue, e engenho mais perfeito,
Ha mais conveniente,
E conforme sogeito,
Onde se imprima o brando, e doce effeito.

ODE

ODE XI.

NAquelle tempo brando
E que ſe vê do Mundo a formoſura,
Que Tethys deſcanſando
De ſeu trabalho eſtá, formoſa, e pura,
Canſava amor o peito
Do mancebo Peleo, de hum duro affeito.
Com impeto forçoſo
Lhe havia já fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoſo,
Noto irado rebolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vaõ lambendo.
Eſperava o mancebo,
Com a profunda dor que na alma ſente,
Hum dia em que já Phebo
Começava a moſtrar-ſe ao Mundo ardente,
Soltando as tranças de ouro
Em que Clicie de amor faz ſeu theſouro.
Era no mez que Apolo
Entre os irmãos celeſtes paſſa, o tempo:
O vento enfrêa Eolo,
Para que o deleitoſo paſſatempo
Seja quieto, e mudo;
Que a tudo amor obriga, e vence tudo.
O luminoſo dia
Os amoroſos corpos deſpertava
A' cega idolatria
Que ao peito mais contenta, e mais aggrava;
On-

Onde o cego menino
Faz que os humanos crêam que he divino:
 Quando a formosa Nympha,
Com todo o ajuntamento venerando,
Na crystallina lympha
O corpo crystallino está lavando;
O qual nas aguas vendo,
Nelle, alegre de o ver, se está revendo.
 O peito diamantino,
Em cuja branca teta amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia;
A graciosa boca
Que a amor com seus amores mais provoca.
 Os rubijs graciosos;
As pérolas que escondem vivas rosas
Dos jardijs deleitosos,
Que o Ceo plantou em faces taõ formosas;
O transparente collo,
Que ciumes à Daphne faz de Apollo.
 O subtil mantimento
Dos olhos, cuja vista a amor cegou;
A amor, que com tormento
Glorioso, nunca delles se apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino.
 Os fios derramados
De aquelle ouro que o peito mais cobiça,
Donde amor enredados
Os corações humanos traz, e atiça;
E donde com desejo

Mais

Mais ardente começa a ser sobejo.
O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o Céo
Em taõ bella figura trasladado,
Mudo hũ pouco ficou,
Porque amor logo a falla lhe tirou.
Em fim, querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, amor naõ via:
Vio-se assi cego, e mudo,
Por a força de amor que póde tudo.
Agora se apparelha
Para a batalha, agora remettendo;
Agora se acônselha,
Agora vai, agora está tremendo,
Quando já de Cupido
Com nova sétta o peito vio ferido.
Remette o moço logo
Para onde estava a chaga sem socego,
E co' o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, entaõ mais cego:
E cego, e co' hum suspiro,
Na formosa donzella emprega o tiro.
Vingado assi Peleo,
Nasceo deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruiçaõ do Phrygio pensamento,
Que por naõ ser ferido
Foi nas aguas Estygias submergido.

ODE

ODE XII.

JA' a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras deleitosas;
Já de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.
Menea os altos freixos
A branda viração de quando em quando;
E de entre varios seixos
O líquido crystal sahe murmurando;
As gottas que das alvas pedras saltam,
O prado, como pérolas, esmaltam.
Da caça já cansada
Busca a casta Titanica a espessura;
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura:
E sobre o seu cabello ondado, e louro,
Deixe cahir o bosque o seu thésouro.
O Ceo desimpedido
Mostrava o lume eterno das Estrellas;
E de flores vestido
O campo, brancas, roxas, e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
Porém como o menino
Que a Jupiter por a aguia foi levado,
No cerco crystallino
For do amante de Clicie visitado;

O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte,
O mar, que agora brando
He das Nereidas candidas cortado,
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado;
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.
Lei he da natureza
Mudar-se desta sorte o tempo leve;
Succeder á belleza
Da Primavera o fructo; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.
Tudo, em fim, faz mudança,
Quanto o claro Sol vê, quanto allumía;
Naõ se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudam-se as condições muda-se a idade,
A bonança, os estados, e a vontade.
Sómente a minha imiga
A dura condiçaõ nunca mudou;
Para que o Mundo diga
Que nella lei taõ certa se quebrou:
Em naõ ver-me ella só sempre está firme,
Ou por fugir de amor, ou por fugir-me,
Mas já soffrivel fora
Que em matar-me ella só mostre firmeza,
Senaõ achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coraçaõ tenho turbado,

Sem-

Sempre de efcuras nuvées rodeado.
Sempre exprimento os fios
Que em contino receo amor me manda;
Sempre os dous caudais rios,
Que em meus olhos abrio quem nos feus anda,
Correm, fem chegar nunca o Veraõ brando,
Que tamanha afpereza vá mudando.
O Sol fereno, e puro,
Que no formofo rofto refplandece,
Envolto em manto efcuro
Do trifte efquecimento, naõ parece;
Deixando em trifte noite a trifte vida,
Que nunca de luz nova he foccorrida.
Porém feja o que for,
Mude-fe por meu damno a natureza;
Perca a inconftancia amor,
A fortuna inconftante ache firmeza;
Tudo mudavel feja contra mi,
Mas eu firme eftarei no que emprendi.



SEX-

SEXTINAS.

SEXTINA I.

FOge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por caso he verdade que inda vivo.
Vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
Chóro por o passado; e em quanto fallo
Se me passam os dias passo a passo.
Vai-se-me, em fim, a idade, e fica a pena.
Que maneira taõ aspera de pena!
Pois nunca hum'hora vio taõ longa vida,
Em que do mal, mover se visse hum passo.
Que mais me monta ser morto, que vivo?
Para que chóro, em fim? para que fallo,
Se lograr-me naõ pude de meus olhos?
Oh formosos, gentis, e claros olhos,
Cuja ausencia me move a tanta pena,
Quanta senaõ comprende em quanto fallo!
Se no fim de taõ longa, e curta vida,
De vós me inflammasse inda o raio vivo,
Por bem teria todo o mal que passo.
Mas bem sei que primeiro o extremo passo
Me

Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que amor me mostre aquelles por quem vivo.
Testimunhas seráõ a tinta, e penna,
Que escrevêram de taõ molesta vida
O menos que passei, e o mais que fallo.

Oh que naõ sei que escrevo, nem que fallo!
Pois se de hum pensamento em outro passo,
Vejo taõ triste genero de vida,
Que se lhe naõ valerem tantos olhos,
Naõ posso imaginar qual seja a penna
Que esta pena traslade com que vivo.

Na alma tenho contino hum fogo vivo,
Que senaõ respirasse no que fallo,
Estaria já feita cinza a penna:
Mas sobre a maior dor que soffro, e passo,
O temperam com lagrimas os olhos;
Com que, se foge, naõ se acaba a vida.

Morrendo estou na vida, e em morte vivo;
Vejo sem olhos; e sem lingua fallo;
E juntamente passo gloria, e pena.

SEXTINA II.

A Culpa de meu mal só tem meus olhos,
Pois que deram a amor entrada na alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem póde fugir a huma brandura,
Que despois de vos pôr em tantos males
Dá por bees o perder por ella a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condiçaõ taõ dura, e brandos olhos;

Pois

Pois de tal calidade saõ meus males,
Que o mais pequeno delles toca na alma.
Naõ se engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.
Roubadora he de toda liberdade
(E oxalá perdoasse á triste vida!)
Esta que o falso amor chama brandura.
Ai meus antes imigos, que meus olhos!
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vós lhe fazerdes tantos males?
Cresçam de dia em dia embora os males;
Perca-se embora a antigua liberdade;
Transforme-se em amor esta triste alma;
Padeça embora esta innocente vida;
Que bem me pagam tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vem, vem a brandura.
Mas como nelles póde haver brandura,
Se causadores saõ de tantos males?
Engano foi de amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade:
Já naõ tenho que dar senaõ a vida,
Se a vida já naõ deo, quem já deo a alma.
Que póde já esperar quem a sua alma
Captiva eterna fez de huma brandura,
Que quando vos dá morte diz que he vida?
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus: pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.
Chorai, meus olhos, sempre os damnos d'alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males dá mais vida.

SEXTI-

SEXTINA III.

OH trifte, oh tenebrofo, oh cruel dia,
Amanhecido fó para meu damno!
Pudefte-me apartar de aquella vifta,
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah fe o fupremo foras defta vida!
Que em ti fe começára a minha gloria.
Mas como eu naõ nafci para ter gloria,
Senaõ pena que crefça cada dia,
O Ceo me eftá negando o fim da vida,
Porque naõ tenha fim com ella o damno:
Para que nunca poffa fer contente,
Da vifta me tirou aquella vifta,
Suave, deleitofa, alegre vifta,
Donde pendia toda a minha gloria,
Por quem na mór trifteza fui contente;
Quando ferá que veja aquelle dia
Em que deixe de ver taõ grave damno;
E em que me deixe taõ penofa vida?
Como defejarei humana vida,
Aufente de hũa mais que humana vifta,
Que taõ gloriofa me fazia o damno!
Vejo o meu damno fem a fua gloria;
A' minha noite falta já feu dia:
Trifte tudo fe vê, nada contente.
Pois fem ti já naõ poffo fer contente,
Mal poffo defejar fem ti a vida:
Sem ti já ver naõ poffo claro dia:
Naõ poffo fem te ver defejar vifta;

Na

Na tua vista só se via a gloria:
Naõ ver a gloria tua he ver meu damno.
  Naõ via maior gloria que meu damno,
Quando do damno meu eras contente:
Agora me he tormento a maior gloria
Que póde prometter-me amor na vida,
Pois tornar-te naõ póde á minha vista,
Que só na tua achava a luz do dia.
  E pois de dia em dia cresce o damno,
Nem posso sem tal vista ser contente,
Só com perder a vida acharei gloria.

SEXTINA IV.

SEmpre me queixarei desta crueza
Que amor usou comigo quando o tempo,
A pezar de meu duro, e triste fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mi aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.
  Levára-me, oxalá, traz ella a vida,
Para que naõ sentíra esta crueza
De me ver apartado de tal vista!
; praza a Deos naõ veja o proprio tempo
:m mi, sem esperança de remedio,
. desesperaçaõ de hum triste fado!
  Porém já acabe o triste, e duro fado;
cabe o tempo já taõ triste vida,
ue em sua morte só tem seu remedio.
deixar-me viver he mór crueza,
ois desespero já de em algum tempo

Tornar a ver aquella doce vista.
  Duro amar, se pagava só tal vista
Todo o mal que por ti me fez meu fado,
Porque quizeste que a levasse o tempo?
E tambem se o quizeste, porque a vida
Me deixas para ver tanta crueza,
Quando em naõ vê-la só vejo o remedio?
  Tu só de minha dor eras remedio,
Suave, deleitosa, e bella vista.
Sem ti, que posso eu ver senaõ crueza?
Sem ti, qual bem me póde dar o fado,
Senaõ he consentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.
  Azas para voar vejo no tempo,
Que com voar a muitos foi remedio;
E só naõ vôa para a minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste fado
Que naõ acabe o tempo tal crueza?
  Naõ poderáõ fazer crueza, ou tempo,
Força de fado, ou falta de remedio,
Que essa vista me esqueça em toda a vida.



ELE-

ELEGIAS.

ELEGIA I.

O Poeta Simonides fallando
Co' o Capitam Themistocles hum dia,
Em cousas de sciencia praticando;
Hum'arte singular lhe promettia,
Que entaõ cumpunha, com que lhe ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia;
Onde taõ subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama, e gloria,
Quem dava regra contra o esquecimento
Que sepulta qualquer antigua historia.
Mas o Capitam claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
Do passado as lembranças, por tormento;
Oh illustre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras à memoria nova via;
Se me desses hum'arte, que em meus dias
Me

Me naõ lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra-me farias!
Se este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;
Oh como bradaria justamente,
Simonides inventa novas artes,
Naõ midas o passado co' o presente!
Que se he forçado andar por várias partes,
Buscando á vida algum descanço honesto,
Que tu, fortuna injusta, mal repartes;
E se o duro trabalho, he manifesto
Que por grave que seja ha de passar-se
Com animoso esprito, e ledo gesto;
De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senaõ de entristecer-se, e magoar-se?
Se em outro corpo hum'alma se traspassa,
Naõ como quiz Pythagoras na morte,
Mas como o quer amor na vida escassa;
E se este amor no Mundo está de sorte,
Que na virtude só de hum lindo objecto
Tem hum corpo sem alma vivo, e forte;
Onde este objecto falta, que he defecto
Tamanho para a vida que já nella
Me está chamando á pena a dura Alecto;
Porque me naõ criára a minha Estrella
Selvatico no Mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro della?
Ou no Caucaso horrendo fraco infante,
Criado ao peito de huma tigre Hircana,

Ho-

Homem fora formado de diamante?
Porque a cerviz ferina, e inhumana,
Naõ submettêra ao jugo, e dura lei,
De aquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas que estilei,
As que passei do mar, foram do Lete,
Para que me esquecêra o que passei.
Porque o bem que a esperança vãa promette,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que he mal que hum'alma em lagrimas derrete.
Já, Senhor, cahirá como a lembrança
No mal do bem passado he triste, e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quizer saber como se apura
Em almas saudosas, naõ se enfade
De ler taõ longa, e misera escriptura.
Soltava Eolo a rede, e liberdade,
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já solta á saudade.
Neptuno tinha posto o seu tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O Coro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatéa,
Comsigo socegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopéa
ndava por o mar fazendo molhos,
Ielanto, Dinamene, com Ligea.
Eu trazendo lembranças por antolhos,
razia os olhos na agua socegada,
a agua sem socego nos meus olhos.

A

A bemaventurança já passada,
Diante de mi tinha taõ presente,
Como senaõ mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto, e descontente,
Co' hum suspiro profundo, e mal ouvido,
Por naõ mostrar meu mal a toda a gente;
Dizia: Oh claras Nymphas! Se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o naõ tendes esquecido;
Se por ventura fordes alguma hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora;
Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher ouro rutilante,
Das Tagicas arêas rico fruto;
Nellas, em verso erotico, e elegante,
Escrevei co' huma concha o que em mi vistes,
Póde ser que algum peito se quebrante.
E contando de mi memorias tristes,
Os Pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
Ellas, que já no gesto me entendiam,
Nos meneos das ondas me mostravam
Que em quanto lhes pedia consentiam.
Estas lembranças que me acompanhavam
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam.
Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade, que renova,
Lembrando a longa, e aspera mudança;
Debaixo estando já da Estrella nova,

Que

e no novo Hemisphorio resplandece,
ndo do segundo azar certa prova;
Eis a noite com nuvées se escurece;
ar subitamente foge o dia;
todo o largo Oceano se embravece.
A máchina do Mundo parecia,
ie em tormentas se vinha desfazendo;
a serras todo o mar se convertia.
Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
noras tempestades levantavam,
as mãos as velas concavas rompendo.
As cordas co' o ruido assoviavam;
marinheiros, já desesperados,
om gritos para o Ceo o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados,
ibrava o fero, e aspero Tonante,
emendo os Polos ambos de assombrados.
Amor alli, mostrando-se possante,
que por algum medo naõ fugia,
as quanto mais trabalho mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dizia:
algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
ada do que passei me lembraria.
Em fim, nunca houve cousa que mudasse
firme amor intrinseco de aquelle,
m quem alguma vez de siso entrasse.
Huma cousa, Senhor, por certa assélle,
ue nunca amor se affina, nem se apura,
m quanto está presente a causa delle.
Desta arte me chegou minha ventura
esta desejada, e longa terra,

De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E nos proprios quaõ pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Huma Ilha que o Rei de Porcà tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lha, e succedeo-nos bem:
Com huma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Goa nos partimos,
Com toda a gente de armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada
Com morte, com incendios os punimos.
Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Em fim, outra Venezà trasladada.
Nella nos detivemos sós dous dias,
Que foram para algũus os derradeiros,
Pois passáram de Estyge as ondas frias.
Que estes saõ os remedios verdadeiros
Que para a vida estaõ apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.
Oh Lavradores bemaventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lher a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Naõ vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Naõ temem o furor da guerra dura.

Vive

Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grão cobiça do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado:
Senaõ tem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda, e o jacinto:
Se suas casas, de ouro naõ se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores
Onde os cabritos seus comendo saltam.
Alli lhe mostra o campo várias cores;
Vem-se os ramos pender co' o fructo ameno;
Alli se affina o canto dos Pastores.
Alli cantára Tityro, e Sileno:
Em fim, por estas partes caminhou
A sáa justiça para o Ceo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou.
Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se géra a chuva, e neve fria:
Os trabalhos do Sol, que naõ repousa;
E porque nos dá a Lũa a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:
E como teõ depressa o Ceo rodêa;
E como hum só os outros traz comsigo;
E se he benigna ou dura Cytheréa.
Bem mal póde entender isto que digo,

Quem

Quem ha de andar ſeguindo o fero Marte,
Que ſempre os olhos traz em ſeu perigo.
  Porém ſeja, Senhor, de qualquer arte,
Pois poſtoque a fortuna poſſa tanto,
Que taõ longe de todo o bem me aparte;
  Naõ poderá apartar meu duro canto
Deſta obrigaçaõ ſua, em quanto a morte
Me naõ entrega ao duro Radamanto;
  Se para triſtes ha taõ léda ſorte.

ELEGIA II.

AQuella que de amor deſcomedido
  Pelo formoſo moço ſe perdeo,
Que ſó por ſi de amores foi perdido:
  Deſpois que a Deoſa em pedra a converteo,
De ſeu humano geſto verdadeiro,
A ultima voz ſó lhe concedeo.
  Aſſi meu mal do proprio ſer primeiro,
Outra couſa nenhuma me conſente,
Que eſte canto que eſcrevo derradeiro.
  E ſe huma pouca vida eſtando auſente
Me deixa amor, he porque o penſamento
Sinta a perda do bem de eſtar preſente.
  Senhor, ſe vos eſpanta o ſoffrimento
Que tenho em tanto mal para eſcrevê-lo,
Furto eſte breve eſpaço a meu tormento.
  Porque quem tem poder para ſoffrê-lo,
Sem ſe acabar a vida, co' o cuidado,
Tambem terá poder para dizê-lo.
  Nem eu eſcrevo hum mal já acoſtumado;
Mas

Mas na alma minha triste, e saudosa,
A saudade escrevo, e eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,
E esparzindo a contínua soidade
Ao longo de huma praia soidosa.
Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso
Retumba na maior concavidade.
De furibundas ondas poderosa,
Na terra, a seu pezar, está tomando
Lugar em que se estenda cavernosa.
Ella, como mais fraca, lhe está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.
A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que naõ sei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperar-me,
Naõ posso, porque amor, e saudade,
Nem licença me daõ para matar-me.
A vezes cuido em mi, se a novidade,
E estranheza das cousas, co'a mudança,
Poderiam mudar huma vontade.
E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira progenie, a estranha usança.
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
De alli estou tanteando adonde vio
O pomar das Hesperidas matando

A ſerpe que a ſeu paſſo reſiſtio.
Eſtou-me em outra parte figurando
O poderoſo Antheo, que derribado
Mais força ſe lhe vinha accreſcentando.
Porém do Herculeo braço ſobjugado,
No ar deixando a vida, naõ podendo
Dos ſoccorros da mãi ſer ajudado.
Mas nem com iſto, em fim, q̃ eſtou dizendo,
Nem com as armas taõ continuadas,
De amoroſas lembranças me defendo.
Todas as couſas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro naõ conſente
Que eſtejam de firmeza acompanhadas.
Vi já que a Primavera de contente,
Em variadas cores reveſtia
O monte, o campo, o valle, alegremente.
Vi já das altas aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava
A algum ſuave modo de alegria.
Vi já, que tudo, em fim, me contentava,
E que, de muito cheo de firmeza,
Hum mal por mil prazeres naõ trocava.
Tal me tem a mudança, e eſtranheza,
Que ſe vou por os prados, a verdura
Parece que ſe ſéca, de triſteza.
Mas iſto he já coſtume da ventura;
Porque aos olhos que vivem deſcontentes,
Deſcontente o prazer ſe lhes figura.
Oh graves, e inſoffriveis accidentes
De fortuna, e de amor! Que penitencia
Taõ grave dais aos peitos innocentes!

Naõ

Naõ basta examinar-me a paciencia
Com temores, e falsas esperanças,
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?
Trazeis hum brando espirito em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros, e lembranças.
E se estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal naõ consentís firmeza,
Para que nunca viva descansado.
Já quieto me achava co'a tristeza,
E alli naõ me faltava hum brando engano,
Que tirasse desejos da fraqueza.
Mas vendo-me enganado, estar ufano,
Deo á roda a fortuna, e deo comigo,
Onde de novo chóro o novo dano.
Já deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo,
A quem já vio taõ aspero perigo.
E se nos brandos peitos faz abalo
Hum peito magoado, e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolá-lo;
Naõ quero mais senaõ que largamente,
Senhor, me mandeis novas della terra,
Que alguma dellas me fará contente.
Porque se o duro fado me desterra
Tanto tempo do bem, que o fraco espríto
Desampare a prisaõ onde se encerra;
Ao som das negras aguas de Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos,
Cantarei o que na alma tenho escrito.
E por entre estes horridos penedos,

A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos asperos, e medos;
  Com a tremula voz, cansada, e fria,
Celebrarei o gesto claro, e puro,
Que nunca perderei da phantasia.
  O Musico de Thracia já seguro
De perder sua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ar escuro.
  As namoradas sombras, revolvendo
Memorias do passado, me ouviráõ;
E com seu choro o rio irá crescendo.
  Em Salmonéo as penas faltaráõ,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos se encheráõ.
  Que se amor naõ se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura:
Porque, em fim, a alma vive eternamente;
  E amor he effeito da alma, e sempre dura.

ELEGIA III.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado:
  Sua chara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento;
De sua Patria os olhos apartando:
  Naõ podendo encobrir o sentimento,
Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro, e triste nascimento.
  O curso das Estrellas contemplava,

E.

E aquella ordem com que discorria
O Ceo, e o ar, e a terra adonde estava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte, procedendo
Com o seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
A' sua natureza obedecendo.
Assi só de seu proprio natural
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor naõ acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha,
Nos soidosos versos que escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
Desta arte me figura a phantasia
A vida com quem morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.
Aqui vejo caduca, e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quaõ pouca culpa tenho: me entristece
Ver sem razaõ a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della;
Mas muito doe a que se naõ merece.
Quando a roxa manhãa, dourada, e bella,
Abre as portas ao Sol, e cahe o orvalho,

E torna a ſeus queixumes Philomela ;
  Eſte cuidado que co' o ſomno atalho,
Em ſonhos me parece, que o que a gente
Por ſeu deſcanſo tem me dá trabalho.
  E deſpois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, deſacordado,
Que pouco acordo logra hum deſcontente)
  De aqui me vou, com paſſo carregado,
A hũ outeiro erguido, e alli me aſſento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.
  Deſpois de farto já de meu tormento,
Eſtendo eſtes meus olhos ſaudoſos
A' parte donde tinha o penſamento.
  Naõ vejo ſenaõ montes pedregoſos;
E ſem graça, e ſem flor, os campos vejo,
Que já floridos víra, e graciosos.
  Vejo o puro, ſuave, e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vaõ pondo em doce effeito o ſeu deſejo.
  Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cryſtallinas aguas apartando.
  De alli fallo com a agua que naõ ſente,
Com cujo ſentimento eſta alma ſai
Em lagrimas desfeita claramente.
  O' fugitivas ondas, eſperai;
Que pois me naõ levais em companhia,
Ao menos eſtas lagrimas levai.
  Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós ides, livre, e ledo.
Mas tanto tempo, quem o paſſaria?

Naõ

Naõ póde tanto bem chegar taõ cedo:
rque primeiro a vida acabará,
ue se acabe taõ aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá,
em taõ contrário estado me acabasse,
ta alma assi impaciente adonde irá?
Que se ás portas Tartaricas chegasse,
mo que tanto mal por a memoria
em ao passar do Lethe lhe passasse.
Que se a Tantalo, e Ticio for notoria
pena com que vai, e que a atormenta,
pena que lá tem teraõ por gloria.
Essa imaginaçaõ, em fim, me augmenta
lil mágoas no sentido, porque a vida
e imaginações tristes se contenta.
Que pois de todo vive consumida,
orque o mal que possue se resuma,
nagina na gloria possuida.
Até que a noite eterna me consuma,
u veja aquelle dia desejado
m que a fortuna faça o que costuma;
Se nella ha hi mudar-se hum triste estado.

ELEGIA IV.

DEspois que Magalhães teve tecida
A breve historia sua, que illustrasse
Terra Sancta Cruz, pouco sabida:
Imaginando a quem a dedicasse,
u com cujo favor defenderia
eu livro de algum zoilo que ladrasse:

Tendo nisto occupada a phantasia,
Lhe sobreveio hum somno repousado,
Antes que o Sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe apparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa;
Com que fez quem o vio todo enfadado.
Dizendo, em voz pezada, e temerosa;
Naõ he justo que a outrem se offereça
Obra alguma que possa ser famosa,
Senaõ a quem por armas resplandeça
No largo Mundo com tal nome, e fama,
Que louvor immortal sempre mereça.
Disse assi; quando Apollo, que da flama
Celeste guia os carros; de outra parte
Se lhe presenta, e por seu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, postoque Marte
Com seu terror te espante, todavia
Comigo deves só de aconselhar-te.
Hum Varaõ sapiente, em quem Thalia
Poz seus thesouros, e eu minha sciencia,
Defender tuas obras poderia.
He justo que a escriptura na prudencia
Ache só defensaõ; porque a dureza
Das armas he contraria da eloquencia.
Assi disse: e tocando com destreza
A cithara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio, que sempre costumou
Pacificar porfias duvidosas,
Co' o Caducêo na mão, que sempre usou,
Determina compôr as perigosas

Opi-

Opiniões dos deoses inimigos
Com suaves razões, e ponderosas.
 E disse: Bem sabemos dos antigos
Heroes, e dos modernos, que provaram
De Belona os gravissimos perigos;
 Como tambem mil vezes concordáram
As armas com as letras, porque as Musas
A muitos na milicia acompanháram.
 Nunca Alexandre, ou Cesar, nas confusas
Guerras o estudo deixam grande espaço;
Que as armas já mais delle são escusas.
 N'huma mão livros; n'outra ferro, e aço;
Aquella rege, e ensina; est'outra fere:
Mais co'o saber se vence, que co'o braço.
 Pois, logo, hum Varaõ grande se requere,
Que com teus dões (Apollo) illustre seja;
E de ti (Marte) palma, e gloria espere.
 Este vos darei eu, em quem se veja
Saber, e esforço, no sereno peito;
Que he hum Leoniz q̃ faz ao Mundo inveja.
 Deste as Irmãas em vendo o bom sogeito,
Todas nove nos braços o tomáram;
Criando-o co' o seu leite no seu leito.
 As Artes, e as Sciencias lhe ensináram,
Inclinaçaõ divina lhe influíram
A's virtudes moraes que logo o ornáram.
 De aqui nos exercicios o seguíram
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituíram.
 Alli taes provas fez de Cavalleiro,
Que, de Christão magnanimo, e seguro,

A si mesmo venceo por derradeiro.
  Despois, já Capitam forte, e maduro,
Governando toda a Aurea Chersoneso,
Lhe defendeo co' o braço o debil muro.
  Porque vindo a cercá-la todo o peso
Do poder dos Achées, que se sustenta
De alheo sangue, em furia todo acceso;
  Este só que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, que vencido
De ter quem vivo fique se contenta.
  E logo que este Reino defendido
Deixou, segunda vez, com maior gloria,
Para o ir governar foi elegido.
  Mas naõ perdendo ainda da memoria,
Os amigos o seu governo brando,
Os imigos o damno da victoria;
  Hũus com amor intrinseco esperando
Estaõ por elle; e os outros congelados
O estaõ com frio medo receando.
  Vede, pois, se seriam debellados
Por seu claro valor, se lá tornasse,
E dos Indicos mares degradados.
  Porque he justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olympo alto, e subido,
Favor, e ajuda com que pelejasse.
  Aqui só póde ser bem dirigido
De Magalhães o estudo: este só deve
Ser de vós, claros deoses, escolhido.
  Assi Mercurio disse; e em termo breve
Conformados se vem Apollo, e Marte;
E voou juntamente o somno leve.

Acorda Magalhães, e já se parte
A offrecer-vos, Senhor claro, e famoso,
Tudo o que nelle poz sciencia, e arte.
Tem claro estylo, e engenho curioso,
Para poder de vós ser recebido
Com mão benigna de animo amoroso.
Pois se só de naõ ser favorecido
Hum alto espirito, fica baixo, e escuro;
Este seja comvosco defendido;
Como o foi de Malaca o debil muro.

ELEGIA V.

AQuelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do crystallino rosto transparente:
Aquelle gesto immoto, e repousado,
Que estando na alma propriamente escrito;
Naõ póde ser em verso trasladado:
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprender de engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito:
Tanto a inflammar-me vem de hũ doce engano;
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que naõ vi maior gloria que meu dano.
Oh bemaventurado seja o dia
Em que tomei taõ doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!
E bemaventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.

Fa-

Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Que entaõ me salva quando me condena.
E se de taõ suaves desfavores,
Penando vive hum'alma consumida;
Oh que doce penar! Que doces dores!
E se huma condiçaõ endurecida,
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer! Que doce vida!
E se me mostra hum gesto lindo humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! Que doce engano!
E se em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir! Que doce cacha!
Assi que ponho já no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo tormento.
Se sinto tanto bem só co' a memoria
De ver-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais, que ser vossa victoria?
Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecer-vos;
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em meu proveito faz qualquer partido,
Só na vista de hũns olhos taõ serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se, em fim, os meus espritos, de pequenos,
A

A merecer naõ chegam seu tormento;
Que quero eu mais, que o mais naõ seja menos?
A causa, pois, me esforça o soffrimento;
Porque, a pezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razaõ faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA VI.

ENtre rusticas serras, e fragosas,
Compostas de asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;
Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca, e fria,
Brotando estaõ de si mil arvoredos;
Huma floresta fez verde, e sombria,
A natureza experta, que rodêa
Como elevado muro a serrania.
Neste formoso sitio se recrêa
O lascivo Cupido entre as boninas,
Que sempre hum brando Zephyro menêa.
Da candida cecem, das clavellinas,
Da salva, mangerona, e das mosquetas,
Das rubicundas flores hyacinthinas;
Muitas capellas tece, que de setas
Lhe servem contra peitos de donzellas,
A quem de inveja traz sempre inquietas.
Naõ saõ de huma só côr as flores bellas,
Que humas esmalta verde, outras rosado,
Entre as azues crescendo as amarellas.
Dos agrestes loureiros rodeado

Faz

Faz o valle huma sombra deleitosa,
Quando apparece o Sol mais levantado.
  E por cima da relva bem graciosa,
As gottas de crystal quasi imitando
Estaõ do aljofar puro a luz formosa:
  As crystallinas fontes, que brotando
Por entre alvos seixinhos se derivam,
Das arvores os troncos vaõ banhando.
  Entre as limpidas aguas, que inda esquivam
O formoso Pastor que se perdeo
Preso das falsas mostras que o captivam;
  Cresce a por cuja causa se esqueceo
A linda Cytheréa do Vulcano,
Quando presa de amor se lhe rendeo.
  Na brancura do rosto soberano,
Inda as cruéis feridas apparecem
Do javalí cerdoso, e deshumano.
  As rosas que de sangue resplandecem
Nas candidas boninas marchetadas,
Qual roxo esmalte já vista bem se offrecem.
  Do matutino orvalho rociadas
As flores rutilantes, e cheirosas,
Estaõ como por cima prateadas.
  Os humidos botões abrindo as rosas,
Que os agudos espinhos vaõ cercando,
No prado se vem rindo deliciosas.
  A mellifera abelha susurrando
Por cima das boninas, que rodêa,
Está co' o som das aguas concertando.
  Do trémulo regato a branda arêa
De jacinthos se cobre, e de vieiras,

Que

Que encrespam da corrente a branca vêa.
  Os alamos se abraçam co'as videiras
De sorte que se enxerga escassamente
Se saõ os cachos seus, se das parreiras,
  E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estaõ no fundo della brandamente.
  Ouve-se o rouxinol aqui lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Mágoas em melodías transformando.
  A solitaria rola com soidade
Desfaz o rouco peito já cansada
De que naõ move a morte a piedade.
  A domestica Progne anda banhada
No sangue de seus filhos, em vingança
Da triste Philomena profanada.
  De competir co'o merlo naõ descança
O gárrulo calhandro, que enrouquece
Por naõ perder callado a confiança.
  Em quanto o pobre ninho ajunta, e tece
O sonoro canario, modulando
Engana a grave pena que padece.
  Alguus versos se escuta, derramando
O vário pintasirgo, taõ saudaveis,
Que produzem memorias de amor brando.
  Por os direitos troncos ha notaveis
Epigrammas; alguus de antigua historia,
Que contra o duro tempo saõ duraveis.
  Hũus de cruel tormento, outros de gloria,
Conforme á liberdade do que escreve,
Estranhos casos mostram á memoria.

O

O que neſte lugar contente eſteve,
Contente declarou ſeu penſamento,
E os prazeres tambem que nelle teve.
Mas outros declarando o ſentimento
Que dos olhos deſtila triſtes agoas
Deixáram mil lembranças de tormento.
Abrazando-ſe alguns em vivas ſfragoas,
Eſcrevêram, do boſque em muitas partes,
Goſtos de amor, agora, agora mágoas.
Porque, cruel menino, o premio partes,
A quem ſerás tyranno ſe lho negas;
E injuſto, e deſigual, ſe lho repartes?
Porque enganas as almas que taõ cegas
Arraſtas apoz ti, de error captivas?
Porque a cruéis rigores as entregas?
Para que contra hum peito aſſi te eſquivas,
Que humilde ſe ſujeita a teu cuidado,
Com enganos de ſombras fugitivas?
Levas como a menino hum pobre a nado,
N'huma apparencia falſa embevecido,
Quando co' os braços corta o mar inchado.
Querendo-ſe tornar, vê-ſe perdido,
Já grita que ſe affoga, e tu zombando
Da praia entre os penedos eſcondido.
O triſte, que conhece ir-ſe affogando,
No meio da arriſcada zombaria,
Por divino ſoccorro eſtá clamando.
Mas eu de que me eſpanto, ſe dizia
Hum Sabio, que de enganos ſe temeſſe
O que tomaſſe a hum cego tal pór guia?
Nunca nelle a firmeza permanece;

Se

nos dá gosto algum, muda-se logo;
chora, já se ri, já se enfurece.
Anda co'os corações sempre em hum jogo;
umas vezes os faz de pedra fria;
utras os faz de neve, outras de fogo.
Tornando ao bosque meu, que descrevia,
espois de ter contado da frescura
Que nelle taõ pomposa apparecia;
Referir quero agora huma aventura
Que nelle ao vão Narciso aconteceo,
Digna de se chorar com mágoa pura.
Castigo foi que o moço mereceo
Por se mostrar esquivo com aquella
Que em viva pedra Juno converteo.
Ardia em fogo da alma a vãa donzella,
Soffrendo hum duro peito; que a Narciso
Quando ella mais se abraza, mais congella.
E quando a fraca Nympha mais de siso
Mostrava hum signal certo de firmeza,
Entaõ se provocava o moço a riso.
Já de huma profundissima tristeza
A descora o rigor que a consumia.
Como diz desfavor mal com belleza!
O gelado Pastor folgava, e ria;
Mas vendo-a de seu gosto andar contente,
Por naõ a contentar se entristecia.
He tal o seu rigor que naõ consente
Que seja o gosto proprio festejado,
Antes disso se mostra descontente.
Mas o cego Cupido, de affrontado,
Em vingança da fé que desprezou,

Fez

Fez que fosse de si mesmo enganado.
Casualmente hum dia se chegou
A beber n'huma fonte crystallina,
Que de si nova sede lhe causou.
Vendo a sua figura peregrina,
Que a fonte dentro em si representava,
Se perdeo por imagem taõ divina.
Como já, de elevado, naõ cuidava
Nos enganos que a sombra lhe fazia,
Vendo o formoso rosto, suspirava.
Por as avaras aguas se metia,
E quanto mais molhava os tenros braços,
Entaõ mais vivamente o fogo ardia.
Vendo-se assi prender em duros laços,
Ao sentimento obriga a paciencia,
Dando fóra de si ao vento abraços.
Embevecido todo na apparencia,
Sem saber do cuidado o que sentia,
Naõ fez ao doce engano resistencia.
Ao ver-se longe mais, mais perto via
O peregrino gesto; e se chegava,
Entaõ para mais longe lhe fugia.
Vendo, em fim, como em tudo o remedava;
Cahio no torpe engano que tivera,
A tempo que de si já preso estava.
A belleza que a tantas morte dera,
De si mesma se abraza, e se captiva.
Quaõ longe entaõ de si ver-se quizera!
Ella se abranda propria; ella se esquiva;
E sendo ella sómente a que se amava,
Ella se chama ingrata, e fugitiva.

A

A formosura, pois, que namorava,
Com tal difficuldade era seguida,
Que estando dentro em si mui longe estava.
A solitaria Nympha, que escondida
Já nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouvio foi comovida.
Das namoradas mágoas que dizia
O namorado moço, ella sómente
Os ultimos accentos repetia.
Elle vendo-se estar alli presente,
As crystallinas aguas accusáva
De que ellas o faziam descontente.
Outras vezes á fonte quando a olhava
Já cego, e sem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe mostrava.
Mas vendo que ella em nada se doia
De seu grave tormento, grita, e chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!
Já lhe pede que saia para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que nelle proprio mora.
Despois que longo espaço se deteve
Nestes queixumes seus taõ lastimosos,
Que com taõ longo ser julgou por breve;
Co' os olhos, bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede, e da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.
Entregue na vontade da ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,
Ao centro se arrojou da fonte pura.
Desta arte fenceceo em tenros anos

Nar-

Com os olhos em lagrimas banhados,
Postos no Ceo, dizia tristemente:
  Se, amor, eu te offendi com meus cuidados,
Porque mos déste tu para offender-te,
Quando livre vivia nestes prados?
  Naõ vês quanto me negas merecer-te
O bem que me mostravas, se deixasse
Ferir meu coraçaõ para soffrer-te?
  Qual bem me has dado, amor, q̃ me durasse?
Ou qual me has promettido, que hajas dado?
Ou qual déste que muito naõ custasse?
  Mostra-me quem puzeste em tal estado,
Que pudesse viver de ti contente;
Ou quem de ti naõ fosse lastimado?
  Inimigo crûel de toda a gente,
Já naõ quero teu bem, só meu mal quero;
Se de ti nem meu mal se me consente.
  Inda que de teus bées já desespero,
Naõ desprézo dos males o tormento,
Antes o prézo mais quando he mais fero.
  Arrebatado deste pensamento
Hia o triste Pastor com hum contino
Pranto, que lhe avivava o sentimento.
  Quando entrou n'hũ vergel de esmalte fino,
Que era de amor plantado; e parecendo
Lhe está menos humano que divino.
  Nelle a dor sua esteve suspendendo:
Porém naõ como cervo está ferido,
Reparo ao mal que leva pertendendo.
  Apparecia o sitio taõ florido,
Que provocava a naõ vulgar espanto,

En-

Entre hũus altos ulmeitos escondido.
De hum cryſtallino orvalho tinha o manto,
Quando entrou nelle o miſero Paſtor,
E as tenções explicou neſte ſeu canto.
O' bellas roſas, vós que ſois amor,
He, por dita humildade, ou he baixeza,
O ter apar de vós murta que he dor?
Papoulas converſais, que ſaõ triſteza!
Naõ deſprezais o cardo, que he tormento!
Admittís a hortelãa, ſendo crueza!
Dos goivos longe vejo o ſentimento;
Dos jaſmijs perto eſtou vendo o perigo.
Dos malmequeres vejo o ſoffrimento.
Deſte me temerei como inimigo;
Mas traz por armas ſalva, que he razaõ:
Com ella acabará tambem comigo.
As minhas vem a ſer huma affeiçaõ,
Que ſaõ os puros cravos miſturados
Co' a vontade ſujeita, que he limaõ.
Ai moſquetas, que ſois de amor cuidados!
Ai creſpa mangerona, que es prazer!
Vós ſós devieis adornar os prados.
Naõ pódem dous oppoſtos juntos ſer,
Onde ſe oppõe gieſta, que he lembrança,
Junto do roſmaninho, que he creſcer.
Bem péza do leve álamo a mudança;
Do róxo goivo anima o penſamento;
Do cypreſte odorifero a eſperança.
O trevo, que he ſentido apartamento,
Cérca o mangericaõ, que ſe interpreta
Memoria a quem offende o eſquecimento.

Mais importuna que o jardim de Creta,
A ameixieira a flor está soltando:
A segurelha vejo, que he discreta.
As hervas que de aqui irei tomando,
Saõ a pura cecem, que he saudade;
Cravos, medo de ver qual de amor ando.
E, de ter mui perdida a liberdade;
Tomarei madresylva entendimento;
Legacaõ tomarei, porque he verdade.
Marmeleiro me dá arrependimento:
Por a salva, que he gosto, tomarei
Coentro opposto ao meu contentamento.
Conhecimento firme nunca achei,
Que violetas saõ; e, quando o houvera,
Qual meu damno entaõ fora, bem o sei.
Oh quem, herva cidreira, oh quem pudera
Ver-vos aqui menor, pois sois victoria,
Que de mi alcançou chamma severa!
Mas se quereis que tenha alguma gloria,
Por galardaõ de amar, e ser sujeito,
Perderei de tormentos a memoria.
Porém, pois mo negais, de todo engeito
A palma, que he ventura; e na parreira,
Que he esperança perdida, me deleito.
Entretanto co' a flor da laranjeira,
Que he desafio duro, e arriscado,
Posso arguir da hora derradeira.
Já naõ se quer deter o meu cuidado
Com a romãa descanso; a brevidade
Das maravilhas só tem desejado.
E vós, ovelhas minhas, sem piedade

Vos

s apartai de mi, se algum desejo
ndes de ter do pasto mais vontade.
Se muita de me verdes em vós vejo,
da a minha de ver-vos hei perdido
força do poder de amor sobejo.
Lograi do Tejo o placido ruido;
s lograi estas veigas florecidas,
is se perde o Pastor vosso querido:
Naõ gosteis de com elle ser perdidas.

ELEGIA VIII.

Elisa, unico bem desta alma triste,
Descanso singular de minha vida;
hrono donde o poder de amor consiste:
Formosa fera, a quem está rendida
e amor a que he mais livre liberdade,
anhada mais, se mais por ti perdida:
Quaõ contrário parece na beldade,
ue os corações captiva com brandura
lguma nodoa haver de crueldade!
Quaõ contrário parece em formosura,
)ue deixa muito atraz quanto he humano,
squiva condiçaõ, ou alma dura!
Quaõ mal parece, em quem só co' hũ engano
óde dar vida ao coraçaõ sujeito,
)ar-lhe em lugar de vida hum mortal dano!
Quaõ mal parece que hum amor perfeito
Naõ seja de outro igual remunerado,
nda que seja, acaso, contrafeito!
Quaõ mal parece estar desesperado

Quem tanto por ti soffre, e tem soffrido,
Devendo estar de penas alliviado!
Porém peor parece quem rendido
Naõ for a hum parecer que tudo rende,
Por mais que em seu rigor viva offendido.
E inda peor parece quem defende
O ser essa belleza sempre amada,
Por mais que em vão se canse o que a pertende.
Se quem te mostra amor te desagrada,
Só pódes pertender o naõ ser vista,
Mas naõ despois de vista o ser deixada.
Quaõ mal sabe o valor de tua vista
Quem cuida que o que della acaso alcança
Póde achar coraçaõ que lhe resista!
Quaõ bem pareceria huma esperança
Já concedida a meu amor ardente,
Naõ sempre huma mortal desconfiança!
Se hum padecer por ti constantemente
Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
Inda esperar pudera o ser contente.
Mas eu temo que aquella immensa chama
Com que a teu bello imperio me levaste,
Te enfria tanto a ti, quanto me inflama.
Se a Olympica belleza assi imitaste,
Que brandamente move hum amor puro,
Porque taõ dura condiçaõ tomaste?
Qual elevado, qual soberbo muro,
Este mál, que me occupa o pensamento;
Contado, naõ tornára menos duro?
Tu, que es a causa só de meu tormento;
Tu, que sómente pódes gloriar-me;

Que

Queres que as minhas queixas leve o vento?
Tu, que me pagarias com matar-me,
Inda a morte me negas vezes tantas?
Ai, que me deras vida a morte dar-me!
Usa piedade, tu, que o Mundo espantas
Co' os bellos olhos com que o douras tanto,
Se acaso a vê-lo brandos os levantas.
Estende-se na terra o negro manto,
E á noute dá alegria a luz alhêa,
Mas nos meus olhos tristes dura o pranto.
Torna a manhãa despois alegre, e chêa
Da luz que o choro enxuga á bella Aurora,
Mas do meu choro nunca enxuga a vêa.
Lagrimas já naõ saõ que esta alma chora,
Mas amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos salta fóra.
Como inda a morte quer que mais aguarde?
Naõ tarde já, mas corra ao mal taõ fero.
Mas já por mais que corra virá tarde.
Nem no supremo trance de ti espero
Que inda com ver o estado em q̃ me has posto
Queiras, crua, entender quanto te quero.
Ai se volvesses esse bello rosto
Ao lugar triste em que morrer me vires,
Naõ por desgosto teu, mas por teu gosto!
Naõ quero de ti, naõ, que alli suspires,
Nem que de dar-me a morte te arrependas,
Mas que os olhos de ver-me entaõ naõ tires.
Assi nunca Pastor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas.

Co-

Como já agora naõ te satisfazes
Das penas deste amor, que por querer-te,
De teu merecimento saõ capazes?
Pois quem com outro merito render-te
Presume, (oh raro monstro de belleza!)
Muito mais longe está de merecer-te.
Este si, que merece a grão crueza
Com que tu de acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se préza.
Se cuidas que com isto desbaratas
O meu constante amor, porque naõ viva,
Elle mais vive quando mais me matas.
Se o dar-me morte tẽes por gloria altiva;
Eu me inclino a que mates: tu te inclina
A matar mais de branda que de esquiva.
Se esta alma tua julgas por indina
De aquelle grande bem que em ti se esconde,
Do descoberto mal a faze dina.
Onde (ai!) voz acharei q̃ baste, (ai!) onde,
A poder reduzir-te a ser piedosa?
Ou me acaba de todo, ou me responde.
Mas por mais que te mostres rigorosa,
Deixar meu pensamento me he impossivel,
Igualmente que a ti naõ ser formosa.
E por mais que esta dor seja terrivel,
Sómente o contemplar a causa della,
Inda que a faz maior, a faz soffrivel.
Porém chegando a naõ poder soffrê-la,
Perdendo a vida, quando a morte chame,
Naõ perderei o gosto de perdê-la.
He justo que eu por ti mil mortes ame:

Mas vê tu se te illustra, quando offensa
Minha mortal o teu valor se chame.
Bem vês que hũa beldade taõ immensa,
De vencer-me tem gloria bem pequena,
Pois só render-me tómo por defensa.
Mas já que amor taõ puro me condena;
Contente fico assaz desta victoria:
Que naõ me daõ meus males tanta pena,
Quanto o serem por ti me dá de gloria.

ELEGIA IX.

A Vida me aborrece, a morte quero;
Será eterno o meu mal, segundo entendo,
Pois na mór esperança desespero.
Sem viver vivo, por morrer vivendo;
Por naõ verdes, Senhora, como eu vejo,
Quanto de mi por vós me ando esquecendo.
Seja-me agradecido este desejo:
Ingrata naõ sejais a quem vos ama
Com puro, e honestissimo despejo.
A culpa que me pondes, ponde á fama,
Que pregôa de vós celeste vida,
Que os coraçoes de amor divino inflama.
Humana, quando naõ agradecida,
Vos mostrai ao mal meu, que me faz vosso,
Antes que a alma do corpo se despida.
Mas que posso eu fazer pois já naõ posso
Hum tormento domar taõ forte, e duro,
Homem formado só de carne, è de osso?
Em minha fé segura me asseguro;

Por-

Porque esta, quando he grande, já mais erra,
Se resulta de amor syncero, e puro.
  Essa beldade sancta me faz guerra;
Por ella hei de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura serra.
  Que cousa tenho eu já que minha seja?
Quem naõ deseja a vossa formosura,
Naõ póde assegurar que o Ceo deseja.
  De que eu sempre o deseje estai segura:
Neste desejo meu nunca mudança
Haõ de ver as mudanças da ventura.
  A vida tenho posta na balança
Da gloria singular do damno esquivo:
Que o perdê-la por vós he mór bonança.
  Se vos offendo, cuido que naõ vivo:
Olhai se muito mais que de offender-vos,
Das esperanças do viver me privo.
  O que temo sómente he só perder-vos;
O que quero sómente he só adorar-vos;
O que sómente adoro he só querer-vos.
  Querer-vos sem deixar de venerar-vos;
Desejar-vos sómente por servir-vos;
Por servir a amor vil naõ desejar-vos.
  Sómente ver-vos, e sómente ouvir-vos
Pertendo, e pois sómente isto pertendo,
Deveis a estes sentidos permittir-vos.
  Isto sómente, (oh cego!) estou dizendo!
Como se fora pouco, isto sómente!
Que mais q̃ ouvir-vos ha? q̃ estar-vos vendo?
  Se o naõ merece o meu amor decente;
Se morte por amar-vos se merece,

Morra

Morra eu, Senhora; e vós ficai contente.
  Se vos aggrava quem por vós padece;
Se vos vê a offender quem vos quer tanto;
Quem desta sorte errou naõ desmerece.
  Que quando os olhos da razaõ levanto
Ao Ceo de essa rarissima belleza,
De naõ morrer por ella só me espanto.
  Deixai-me contentar desta tristeza,
E fazer de meus olhos largo rio,
Se algum póde abrandar vossa dureza.
  Correndo sempre as lagrimas em fio,
Farei crescer as hervas por os prados,
Pois já de outra alegria desconfio.
  No monte darei pasto a meus cuidados,
E seraõ de mi sempre entre Pastores
Esses divinos olhos celebrados.
  Aprenderáõ de mi os amadores
Aquillo que se chama amor sublime,
Ouvindo o rigor vosso, e minhas dores.
  E nenhum haverá que a pena estime
Mais soberana por a causa della,
Que a que teve até entaõ naõ desestime:
  E que inveja naõ mostre á minha estrella.

ELEGIA X.

QUe tristes novas, ou que novo dano?
Que inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?
  Que vejo as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita, e turbada,

Do rumor que de bocà em boca vôa?
  He morto D. Miguel, (ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que alegre se embarcou na triste Armada.
  E de espingarda ardente, e lança fria,
Passado por o torpe, e iniquo braço,
Que nossas altas famas injuría.
  Naõ lhe valeo escudo, ou peito de aço,
Naõ animo de avôs claros herdado,
Còm que temer se fez por longo espaço.
  Naõ ver-se em de redor todo cercado
De irados inimigos, que exhalavam
A negra alma do corpo traspassado.
  Naõ as fortes palavras que voavam
A animar os incertos companheiros,
Que tímidos as costas lhe mostrávam.
  Mas já postos nos termos derradeiros,
Rotos por partes mil, e traspassados
Os membros, no valor sómente inteiros;
  Os olhos (de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentam
Dos duros inimigòs espantados)
  Postos no Ceo, parece que presentam
A alma pura á suprema Eternidade,
Por quem os Ceos, e a terra se sustentam.
  E pedindo, dos erros que na idade
Immâtura, e innocente, já fizera,
Perdaõ á pia, e justa Magestade;
  As rosas apartou da neve fria;
E como debil flamma a quem fallece
O radical humor de que vivia;

Nas

Nas mãos do Coro Angelico, que dece,
Se entrega, e vai lograr a vida eterna,
Que com morte taõ justa se merece.
Vai-te, alma, em paz á gloria sempiterna:
Vai, que quem por a Lei sacra, e divina,
A solta, áquelle a dá que o Ceo governa.
Mas se de tal valor foi morte dina,
A ausencia que do gosto nos saltêa,
A perpetua saudade nos inclina.
Deixa, pois, tu formosa Cytheréa,
Do gentil filho, e neto de Cyniras,
O pranto por a morte hórrida, e fêa.
E tu, dourado Apollo, que suspiras
Por o crespo Jacintho, moço charo,
Por quem a clara luz ao Mundo tiras,
Vinde, e chorai hum moço em tudo raro,
Naõ de ferino dente vulnerado,
Nem de risco sujeito a algum reparo:
Mas só de ferro imigo traspassado,
Que sem dúvida incerta, ou frio medo,
A vida poz nas mãos de Marte irado.
Tambem tu, moço Idalio, assiste quedo,
Deixa de dar o venenoso mel
A beber por os olhos, triste, e lédo:
Pois os formosos olhos de Miguel,
Já cobertos se vem do escuro manto
Da lei geral, a todos mais cruel.
E vós, filhas de Thespis, que com canto
Podeis bem mitigar a dor immensa
Dos irmãos generosos, e alto pranto;
Naõ consintais que façam larga offensa

A'

A' grande integridade, a que se devem
Aguas naõ só do damno recompensa.
  Que já diante os olhos me descrevem
Quando as bocas da fama voadora,
Ao patrio, e claro Tejo as novas levem;
  A profunda tristeza, que em hum'hora
Tal posse tomará dos altos peitos,
Que delles o discurso lance fóra.
  Alli de dor os coraçóes sujeitos
Haõ de lançar de si toda a memoria
De exemplos claros, sólidos respeitos.
  Mas, porém se igualais a vida á gloria,
O claro Dom Philippe, e pertendeis
Deixar-nos de acçóes vossas larga historia;
  Eu naõ vos persuado a que estreiteis
O coraçaõ na Estoica disciplina,
Onde livre de affectos vos mostreis.
  Que mal a natureza determina
Medo, esperanças, dores, e alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.
  Immanidade estupida; (dizia
O Sulmonense canto) e vil rudeza,
He naõ sentir affectos que a alma cria.
  Porém se o sentir nada for bruteza,
E se paixaõ devida se consente,
Tambem o sentir muito he já fraqueza.
  Em vós hum soffrer alto se exprimente,
Qual nos fortes Varóes foi conhecido,
Como em estranha, em Lusitana gente.
  Bem conheço que o corpo assi perdido,
Como de illustre tumulo carece,

Se-

Será de brutas feras consumido.
Mas consola-me, em fim, que se parece
Ao grande bisavô, que por a vida
Real, a sua á Maura lança offrece.
Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deixa; e com máo dura
Lhe nega a sepultura merecida.
Facil he a perda aqui da sepultura;
Diogenes prudente, e Theodoro,
Pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi formoso, e inteiro; assi decóro
Adora quem o tem, como o tomou,
Quando se ouvir o extremo som canoro.
Mas ai! Qual temor subito occupou
O vosso claro peito, ó Portuguezes?
Qual pávido temór vos congelou?
Que lançadas, que golpes, que revézes
Vos fizeram fazer tamanha injúria
Aos fortes Lusitanicos arnezes?
Ou já de Capitam sobeja incuria,
Ou fraqueza? Naõ: que elle sustentava
Com seu peito, dos barbaros a furia.
Ou já do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroam mar, e terra,
E os corações ardentes congelava?
Ah! Quem vos fez q̃ os impetos da guerra
Naõ sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o furor que a vida encerra?
A vida por a Patria, e por o Estado,
Pondo vossos avós, a nós deixáram
Em terra, e mar, exemplo sublimado.

Elles

Elles a desprezar nos ensináram
Todo temor. Pois como agora os netos
Subitamente assi degeneráram?
  Naõ pódem, certo, naõ, viver quietos
Com fêa infamia peitos generosos,
Já em publicos lugares, já em secretos.
  Mortos de Espartha os Heroes valerosos,
Da fera multidaõ, fazendo extremos,
Taes Epitaphios tinham gloriosos:
  Dirás, Hóspede, tu; que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
A's santas Leis da Patria obedecemos.
  Fugindo os Persas vaõ com frio espanto,
Mas acham as mulheres no caminho,
Mostrando-lhes o ventre em terror tanto.
  Pois do damno fugís, vendo-o visinho,
Fracos, vinde a esconder-vos (lhes diziam)
Outra vez no materno, e escuro ninho.
  Vede quaes com mais gloria ficariam,
Se aquelles que morrêram por o Estado,
Se estes a quem mulheres injuríam?
  Mas tu, claro Miguel, que já acordado
Deste sonho taõ breve, estás naquella
Torre do Ceo, seguro, e repousado;
  Onde com Deos unida a forte, e bella
Alma, com teus Maiores, reluzindo
Trocaste cada chaga em clara estrella;
  Co' os pés o crystallino Ceo medindo,
Nada de essas altissimas Espheras,
Nem da terreste aos olhos encobrindo;
  Agora hum curso, e outro consideras,

Ago-

Agora a vaidade dos mortaes,
Que; tu tambem passáras se viveras, ****

ELEGIA XI.

SE quando contemplamos as secretas
Causas porque este Mundo se sustenta,
E o revolver dos Ceos, e dos Planetas;
E se quando á memoria se presenta
Este curso do Sol, taó bem medido,
Que hũ ponto só naó mingua, nem se augmenta;
Aquelle effeito tarde conhecido
Da Lũa na mudança taó constante,
Que mingoar, e crescer he seu partido;
Aquella natureza taó possante
Dos Ceos, que taó conformes, e contrarios,
Caminham sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que naó mente,
Co'os effeitos da terra necessarios;
Se quando, em fim, revolve subtilmente
Tantas cousas a leve phantasia,
Sagaz escrutadora, e diligente;
Bem vê, se da razaó se naó desvia,
Aquelle unico Ser, alto, e divino,
Que tudo póde, manda, move, e cria.
Sem fim, e sem principio hum Ser contino;
Hum Padre grande, a quem tudo he possibil,
Por mais que o difficulte humano atino.
Hum saber infinito, incomprehensibil;
Huma verdade que nas cousas anda;

Que

Que mora no visibil, e invisibil.
  Esta potencia, em fim, que tudo manda;
Esta Causa das causas, revestida
Foi desta nossa carne miseranda.
  Do amor, e da justiça, compellida,
Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos naõ fosse) deixa a vida.
  Oh Christão descuidado, e negligente!
Pondera-o com discurso repousado;
E ver-te-has advertido facilmente.
  Olha aquelle Deos alto, e increado,
Senhor das cousas todas, que fundou
O Ceo, a terra, o fogo, o mar irado:
  Naõ do confuso caos, como cuidou
A falsa Theologia, o povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou:
  Naõ dos atomos leves de Epicuro;
Naõ do fundo Oceâno, como Thales,
Mas só do pensamento casto, e puro.
  Olha, animal humano, quanto vales,
Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estylo de morte, novos males.
  Olha que o Sol no Olympo se escurece,
Naõ por opposiçaõ de outro Planeta,
Mas só porque virtude lhe fallece.
  Naõ vês que a grande máchina inquieta
Do do Mundo se desfaz toda em tristeza,
E naõ por causa natural secreta?
  Naõ vês como se perde a natureza?
O ar se turba; o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?

Naõ

Naõ vês que cahe o monte, a terra treme?
E que lá na remota, e grande Athenas
O docto Areopagita exclama, e teme?
Oh summo Deos! Tu mesmo te condenas,
Por o mal em que eu só sou o culpado,
A tamanhas affrontas, tantas penas?
Por mi, Senhor, no Mundo reputado
Por falso, e violador da sacra Lei,
A fama a ti se póe do meu peccado?
Eu, Senhor, sou ladraõ, tu justo Rei.
Pois como entre ladrões eu naõ padeço?
A pena a ti se dá do que eu errei?
Eu servo sem valor, tu immenso preço,
Em preço vil te pões, por me tirares
Do captiveiro eterno que mereço?
Eu por perder-te, e tu por me ganhares
Te dás aos soltos homẽes, que te vendem,
Só para os homẽes presos resgatares?
A ti, que as almas sóltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante Juizes
Te accusam por o error dos que te offendem?
Chamam-te malfeitor, naõ contradizes,
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem que quem te fere prophetizes.
Rim-se de ti, tu choras a crueza
Que sobre elles virá: a gente dura,
Por quem tu vẽes ao Mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja formosura
Se veste o Ceo, e o Sol resplandecente,
Diante quem pasmada está a natura;
Com cruas bofetadas da vil gente,

De precioso sangue está banhando,
Cuspido, atropellado cruelmente.
Aquelle corpo tenro, e delicado,
Sobre todos os Santos sacrosanto,
A açoutes rigorósos desangrado.
Despois coberto mal de hum pobre manto,
Que se pegava ás carnes magoadas
Para dobrar-lhe as dores outro tanto.
Magoavam-no as chagas naõ curadas,
Hum tormento causando-lhe excessivo,
Ao despir por as mãos cruéis, e iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo,
De resplandor ornadas, se arrancavam
Para desempenhar a Adaõ captivo.
Com cordas por as ruas o levavam,
Levando sobre os hombros o trophéo
Da victoria que as almas alcançavam.
O' tu, que passas, homem Cyrenêo,
Ajuda hũ pouco a este Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraqueceo.
Olha que o corpo afflicto do marteiro
E dos longos jejũus debilitado,
Naõ póde já co' o peso do madeiro.
Oh naõ enfraqueçais, Deos incarnado!
Essas quédas, que tanto vos magôam,
Supportai, Cavalleiro sublimado.
Aquellas altas vozes que lá sôam,
Dos Padres saõ, que o Limbo tem, escuro,
E já de louro, e palma vos corôam.
Todos vos bradam que subais o muro
Da cidade infernal, e que arvoreis

Em

Em cima essa bandeira mui seguro.
  O' Santos Padres, naõ vos apresseis;
Pois muito mais a Deos que a vós custáram
Essas duras prisões em que jazeis.
  Aquellas máos que o Mundo edificáram;
Aquelles pés que pizam as estrellas,
Com durissimos pregos se encraváram.
  Mas qual será o humano que as querellas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dor, e mágoa dellas?
  E que dos olhos seus naõ destillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto signalasse?
  Oh quem lhe víra os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando
Aquellas faces bellas, e excellentes!
  Quem a ouvíra com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o Ceo
Co' os accentos dos Anjos retumbando!
  Quem víra quando o puro rosto ergueo
A ver o Filho que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!
  Que mágoas taõ chorosas que diria?
Que palavras taõ miseras, e tristes,
Para o Ceo, para a gente espalharia?
  Pois que sería, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, e com vinagre amaro,
Matar a sede ao Filho que paristes?
  Naõ era este o licor suave, e claro,
Que para o confortar entaõ darieis
A quem vos era, mais que a vida, charo.

Como, Virgem Senhora, naõ corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com ſede vieis?
Naõ era ſó, naõ, eſſe o verdadeiro
Poto, que voſſo Filho deſejava,
Morrendo por o Mundo em hũ madeiro.
Mas era a ſalvaçaõ que alli ganhava
Para o miſero Adaõ, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.
Pois, ó pura e Sanctiſſima Maria,
Que, em fim, ſentiſtes eſta mágoa quanto
A grave cauſa della o requeria;
De eſſa Fonte ſagrada, e peito ſanto,
Me alcançai huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava, e péza tanto.
Do licor ſalutifero, e ſuave,
Me abrangei, com que mate a ſede dura
Deſte Mundo taõ cego, torpe, e grave.
Aſſi, Senhora, toda creatura
Que vive, e vivirá, e que naõ conhece
A Lei de voſſo Filho a abrace pura;
O falſiſſimo herege, que carece
Da graça, e com damnado, e falſo eſprito
Perturba a Santa Igreja, que florece;
O povo pertinaz no antiguo rito,
Que ſó o deſterro ſeu, que tanto dura,
Lhe diz que he pena igual ao ſeu delito;
O torpe Iſmaelita, que miſtura
As Leis, e com preceitos taõ vicioſos
Na terra eſtende a ſeita falſa, e impura;
Os idolatras máos, ſuperſticioſos,

Va-

arios de opiniões, e de costumes,
evados de conceitos fabulosos;
As mais remotas gentes onde o lume
a nossa Fé naõ chega, nem que tenham
eligiaõ alguma se presume;
Assi todos, em fim, Senhora, venham
confessar hum Deos crucificado,
por nenhum respeito se detenham.
E de hum, e de outro o vício já deixado,
seu Nome, co' o vosso neste dia,
eja por todo o Mundo celebrado:
E respondam os Ceos: JESUS, MARIA.

ELEGIA XII. ACROSTICA.

JUizo extremo, horrifico, e tremendo,
E Juiz sempiterno, alto, e celeste,
ignificará a terra humedecendo.
'er-se-ha nelle hum suor que manifeste
Como em carne vem Deos, para que o veja
Iomem toda esta máchina terreste;
Rei justo, que dos corpos, e almas seja
uiz; e quando o Mundo cego, e inculto,
obre espinhos cruéis deitado seja.
Todo váo simulachro, e gentil culto,
Ousará engeitar a gente; e guerra
ará co' o mar o fogo, e cru tumulto.
mmensa luz, que as carnes desenterra,
Lançará fóra as portas váas do Averno,
Hum Justo, e outro, alçando á santa terra.
Outros, que saõ os máos, no fogo eterno

D.i-

Deitará, descobrindo-se os segredos,
E sendo claro todo feito interno.
Desfeitos seraõ montes, e penedos;
E será tudo pranto, e estridor duro;
Obras de grande dor, e tristes medos.
Será tornado o Sol de todo escuro;
E destruida a máchina do Mundo;
Sem luz as luzes todas do Orbe puro.
Altos seraõ os valles, e em profundo
Lugar se abateráõ os altos montes,
Vibrará mares vento furibundo.
Averá só de chammas vivas fontes:
De trombeta tremenda som terribil
Ouvido, fará pállidas as frontes.
Responderá dos maos gemido horribil.

ADVERTENCIA.

Atéqui as Elegias que se acham no exemplar de Manoel de Faria e Sousa, que seguimos, as quaes elle assentou serem indubitavelmente de Luis de Camões. Em diversos Manuscriptos confessa que vira outras muitas, e as desprezára: humas por as reputar viciadas, e outras por totalmente alheias do estylo do nosso Poeta.

Nas Edições que se seguiraõ á de Faria insensivelmente se foram accrescentando as que se seguem, e aqui damos, sempre na dúvida de serem, ou naõ, de Luis de Camões.

ELE-

ELEGIA XIII.

SE obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez maior espanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama, e triumpho, hoje tem gloria;
Se a perfeição de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, e hoje crece:
E se aquella cruel Troiana espada;
Deo com a morte vida á formosura
De Dido, por Virgilio celebrada;
E se Venus formosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos; e Diana,
Co' as nove irmãas d'Apollo tem ventura;
Que fará a formosura soberana,
De Figueiroa illustre, de quem quero
Cantar com doce lyra, e Mantuana?
Mas se me ella não falta, della espero
Cantar; não destas já, que já acabáram:
Destas cante Virgilio, cante Homero.
Que se outras com seus versos celebráram,
Foi, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) não a alcançáram.
Mas tinha-lhe a ventura Oriental cama,
Guardada lá em Damaõ, porque nascendo,
Perder fizesse ás outras gloria, e fama.
E em quanto alegre declarar pertendo,

Vós,

Vós, pai de tal thesouro, dai-me ouvidos,
Para delle dizer mais do que entendo.
Naõ reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dai-lhe louvor, para que sejam
De tal dama, e de vós favorecidos.
Que milagres d'amor farei que vejam?
Direi os olhos bellos, boca, e riso,
Mil partes, que outras damas ter desejam.
Cabellos d'ouro, em fim seu grande aviso,
Sua arte, perfeiçaõ, e formosura,
Que na terra nos mostra hum Paraiso.
Que mais? O grave aspeito, e a brandura,
A boca de rubijs, chea de perlas,
Das crystallinas mãos a neve pura.
Senhora Dona Maria entre as mais bellas,
Vós sois quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual Sol entre as Estrellas.
Por vós Damaõ, Senhora, hoje florece;
Por vós as Musas já do sacro monte,
Donde contíno o louro verde crèce,
Vos vem apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegaseas flores de Heliconte.
A vós se vem cantando, rodeadas
Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas doces lyras temperadas.
E com seu suave canto, e melodia,
Chegadas a vós já, dizem cantando:
Esta he por quem Apollo emmudecia.
Esta he por quem Vertumno desprezando
Pomona, de contino se abrazava,

Na

Na menos parte sua imaginando.
Esta he por quem em fonte se tornava
O avô de Phaetonte, e porque Orphéo
As furias infernaes aquebrantava.
Esta he por quem só Troia se perdeo,
Esta he a quem Páris deo a maçáa d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudeceo.
Esta he quem desdo Ganges até o Douro,
Só sem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo o thesouro.
Esta he quem trouxe a luz toda á nobreza
Dos de Leaõ Fajardos, que descende
Do Real tronco Inglez, na mór alteza.
Esta he a flor do lago, que se estende,
E em quem de novo nasce a Real pranta
Esta he a quem o mesmo amor se rende.
Esta he por quem a Aurora se levanta
Na parte Oriental mais clara, e pura;
Esta he por quem morrendo o cysne canta.
Esta he por quem nos dotou só a ventura,
De mil primores chea, collocada
Em rara perfeiçaõ de formosura.
Esta será de nós sempre cantada,
E dos noves Poetas mil louvores
Terá com fama eterna, e sublimada.
Na festa de deos Pam cem mil Pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levaráõ cheos de flores.
A ti as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastorís de cem mil partes,
Com versos te estaraõ sempre louvando.

E tu, que de teu ser nunca te partes,
Com formosura, e graça de contino,
Com que por fama ao Mundo te repartes;
  Com rosto branco alegre, e peregrino,
Acceitarás seus versos, coroada
De rosas, e de louro a ti só dino.
  Dalli do nosso coro venerada
Terás cargo da selva de Diana,
E entre nós tu serás mais estimada.
  Dalli, ó alta dea, e soberana,
Governarás o Indico Oriente,
E todo estado além da Taprobana.
  Dalli correndo irá de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas damas do Occidente,
  Ganhando teu louvor immortal vida.

ELEGIA XIV.

NAõ porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sei que em vós fará pouca mudança.
  Mas já perdido, triste, e magoado,
Para remedio tómo escrever dores;
Esperar de vós outro he escusado.
  O que naõ faz amor em meus amores,
O que lagrimas tristes naõ fizeram,
Bem menos o faraõ causas menores.
  Pois onde as mais tégóra se perdêram,
Percam-se estas palavras de meu ser,
Que pouco me doém já, já me doèram.

Sem-

Sempre deste meu mal tive suspeita,
Naõ que de todo em todo me faltasse,
Hũa esperança váa em fim desfeita.
Fazia-me o desejo que esperasse,
A razaõ d'outra parte, que temesse,
E de esperanças váas naõ confiasse;
Que olhasse, que por ellas naõ perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que despois em vão me arrependesse.
Amor, que tudo póde, pode tanto,
Que para ver o mal, em que me vejo,
Me naõ deo olhos mais, que para pranto.
Naõ curei a razaõ, segui o desejo;
Outras cousas segui, de qualidade,
Que chóro, e callo, por naõ ser sobejo.
Pela vossa neguei minha vontade:
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.
O que passou despois, naõ vo-lo conto:
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar hum tal desconto?
Ah esperanças minhas, já perdidas!
Agora, para mais ter que contar,
Soube que fostes váas, fostes fingidas.
Em que posso ou que devo hoje esperar?
Onde acharei de novo outros enganos,
Que possam desénganos enganar?
Mas he vento cuidar enganar danos:
O triste que nem na alma tem alento,
Tem seu remedio só no fim dos anos.
Já naõ espero ver contentamento;

Por-

Perdi quanto esperei n'hma só hora,
E naõ perdi em muitas o tormento,
E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vós a vós queixar-me,
Naõ mo consente amor, que na alma mora.
Põe-se diante, a fim só de estorvar-me,
Que vos offenderei, mostrado aqui,
Que tanta fé paguais com maltratar-me.
E entaõ este temor deixa-me assi,
Além de magoado, frio, e mudo,
Arrependido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como senaõ cuidasse, o que naõ crêo,
Naõ perder isto, como perdi tudo.
Mas vá-se o medo já, pois que já veo
O desengano, sem se ter sabida,
Que a certeza podia ter receo.
Agora naõ me dá perder a vida,
Nem a deve recear quem a despreza:
Matai-me, se de mi sois offendida.
Senaõ mate-me já minha tristeza,
Que este só bem me fica, este me val,
Se mo naõ estorvar vossa crueza.
Quem se naõ espantará, vendo-me tal!
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.
Entre sylvestres feras vos criastes
Pois dais por galardaõ do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.
Quantas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros daya noite, e dia,

Se

Se vos naõ via, e em quanto vos olhava?
  Tremia diante vós, auſente ardia,
Abrandava eſte mal ter para mim,
Que ſentia meu fogo eſſa alma fria.
  Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.
  Vida para tal vida naõ vos peço:
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vo-lo mereço.
  Porque co'a dor a lingua ſe deſata,
E com gritos vos chama, e com razaõ,
Sem fé, deſamoravel, crùel, ingrata.
  Por iſſo acabai já voſſa tençaõ;
Fartai, Senhora, já voſſas cruezas
No ſangue deſte triſte coraçaõ.
  Acabai de acabar tantas triſtezas:
Pois acabaſtes já vãas eſperanças,
Acabem já tambem minhas firmezas.
  Acabe a vida, acabaráõ lembranças,
Mas tudo eſtá por vós taõ acabado,
Como muitas em mi as confianças,
  Que tanto me trouxeram enganado.

ELEGIA XV.

FOi-me alegre o viver, já me he pezado,
  Que do contentamento que ſentia
A' minha cuſta eſtou deſenganado.
  Ao regaço da morte a dor me guia;
Porém, porque com vida mais me mata,

Di-

Dilatando-ma vai de dia em dia.
Manda-me amor fugir da morte ingrata,
Pois naõ soffre limite em vós amor,
Que elle os laços ordena, elle os desata.
Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero ver, que he seu costume
Ter azas ao fugir, freio ao tornar.
O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificar-se á vossa vista,
No coraçaõ me guarda eterno lume.
Co' o pensamento os olhos tem conquista,
Pois sempre em vós está, porque os naõ leva,
Que elle muro naõ tem, que lhe resista.
Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo naõ deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva.
Vivei, cuidados, em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois captiva;
Meu pensamento, nunca sois mudado;
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.
Suave captiveiro, doce estado,
Brando fogo de amor, que em vós guardais
A fim de meu desejo retratado;
Nunca nesta alma minha, aonde estais,
Falteis, porque entaõ falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito mais.
Senhora, em cujo peito odio, e mudança,
Lançam fóra o amor, e sua firmeza,
Que dais esquecimento por lembrança;

Ar-

Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco préza.
Mostrou-me hum leve bem, minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, e a pena dura.
A tanta dor hum leve sentimento,
Nunca em vós pude ver, quanto em váo digo;
Mais mudavel que o vento o dais ao vento
No principio meu fado me foi amigo,
Naveguei pelo mar deste desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mi sobejo;
Cresce em mi, falta em vós, e de maneira,
Que de quanto em vós vi, já nada vejo.
Mostrou-se-me o tormento na primeira
Com rosto alegre, para que o seguisse,
E lanceime ao seguir nesta cegueira.
Fortuna, porque quiz, que eu o sentisse,
Mostra-se, por mostrar qual dentro era,
Eu chôro meu engano, e ella risse.
Quem em contentamentos váos espera,
Espere cedo de desenganar-se,
Que tem breves limites sua espera.
Porém quem ha, que mais queira livrar-se
De taõ doce prisaõ? ou quem deseja
Dos nós desses cabellos desatar-se?
Os olhos, a quem as luzes tem inveja,
Que em vós o amor de amor tendes vencido;
Quem ha que vos naõ ame, e vos naõ veja?
Rosto formoso, em quem está esculpido

O

O mór bem que se póde ver na terra,
Quem ha naõ queira ser por vós perdido?
Olhai, Senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, e torna as rosas descóradas.
Ireis ver ao crystal os olhos bellos,
E já os naõ vereis quaes d'antes eram,
Pois quaes entaõ seraõ, naõ queirais vellos.
Usai dos bẽes, que vaõ como nascêram;
Olhai que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus descêram,
Mas naõ descerá nunca meu cuidado.

ELEGIA XVI.

NUnca hum appetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeituado,
Mas no fim vem mostrar o desengano.
Dureza a causa, e eu desesperado,
Pelo que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado;
E espalhando a voz ao leve vento,
Delle só consolado, delle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento.
Que monte ha, que naõ tenha já movido,
Que aspera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal naõ merecido?
Nas duras pedras acha-se brandura,
Falta nesse cruel humano peito.
Quem vio nunca maior desaventura!
Pouco póde em ti amor perfeito,

Quan-

Quando de hum movimento vive indino,
Que já mais se negou a hum sogeito.
  Da ventura, de vós, de meu destino,
Pois todos contra mi saõ conjurados,
Este valle farei de meu mal dino.
  Co' elle a noite, e o dia, meus cuidados
Passarei em acerba, e longa vida,
Em queixas, e em suspiros desusados.
  Porque sei que serás disso servida,
Naõ deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade ser movida.
  Aqui me subirei na mór alteza
Da serra, onde logo contemplada
Será tua perfeiçaõ, tua crueza.
  A alma em ti só prompta, e occupada
Estando de tormento esquivo, e duro,
Opprimida será de ti levada.
  E discorrendo hum passo, e outro escuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum amor puro.
  E vendo aqui taõ claro o desengano,
Co' os olhos feitos fontes mudará
Lugar taõ infelice, e deshumano.
  E o que mór tormento lhe dará
A lembrança de algum contentamento,
Que inda que pequeno, magoará.
  Fará por divertir o pensamento
Desta parte tristissima mudando
Huma lembrança chèa de tormento.
  Alli algum espaço porfiando,
Tendo por impossibil esquecer-te,

Ficará ao vento vozes dando.
Alli se queixará de continente:
Alli dura, cruel, desapiedosa,
Dirá: Dize, que podes já mover-te.
Mais que Venus (dirá) dize formosa,
Quando nessa belleza pura, e rara,
Se verá huma hora piedosa.
Alli dirá, cruel, e quem cuidára
De hum espirito taõ resplandecente
Taõ fera condiçaõ, e taõ avara?
Alli vivirá triste, alli ausente,
O costumado mal por si soffrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o Mundo está já conhecendo.

ELEGIA XVII.

LA sierra fatigando de contino
Los passos vagarosos voy moviendo,
Perdiendo de la vida todo el tino,
De mis suspiros tristes no pudiendo
El alma apartar, y el pensamiento
De aquella por quien yo estoy muriendo:
Que aunque la ausencia es grave tormento
Que te olvide en ello es impossible,
Que con amor no puede apartamiento.
Veote con espirito invisible:
En el muy vivo tengo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.
Todo lo màs alegre triste veo,
El fresco valle, el monte, la espessura,

La

La clara fuente enoja aun el deseo.
El dia se me buelve en noche escura,
No puede amanecer de dó ausente:
Tus claros ojos son, de tu hermosura.
Pemitte ya, Señora, que presente,
Do quiera que tu luz es detenida,
Sean el alma y vida juntamente.
En tu servicio alli prompta la vida
Porné en alma sola en contemplarte,
Aunque me seas siempre endurecida.
El mal que hazes dulce en toda parte
Sabroso es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandarte.
Que quando una hora venga, que no espero,
Piedosa, y blanda màs que las passadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.
Las tristes no seran de mi dexadas,
Que no sabré vivir sin el estado
De penas, tanto tiempo ya provadas.
Hablo como furioso, y transportado,
Pido lo que me es màs enojoso,
Holgando de me ver tan olvidado.
Quien fatigado es, no dà reposo,
Que sufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a si se es odioso.
Al tiempo que bolando ya màs viene
Mis desusadas bozes encomienda,
Que assi la triste voz en ti detiene.
La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomar en mi, que satisfaga
Lo menos que la quexa en mi te ofenda.

Incurable parece una llaga,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera amor, que yo jamás deshaga
Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XVIII.

DE peña en peña muevo las passadas,
La tristissima voz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas:
Incierto en el camino, que pisando
De un monte esquivo, al otro me encamina;
En medio del estoy en ti pensando.
Oh rigoroso passo! Y quan indina
El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan dina,
Si el alma aun no es merecedora,
Puríssima, y prefecta? Y que me puede
De esperança quedar en ti, Señora?
Mas que puedo querer, fortuna ruede,
Llevandome de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no quede.
En mi no vivo ya, es transformado
En ti, el triste espirito, que tenia,
De ti sola se quiere ver mirado.
Que aunque en fatigas passe noche, y dia,
De tu mano se viesse, ò en passo estrecho,
La firme voluntad no mudaria.
Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido,
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho;

Adó me llegaria aquel ſonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido?
Dó no ſe cantaria tu blandura?
En que region eſtraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermoſura?
Quien no puſiera eſtudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nó, mucho dixiera,
Moſtrando que cupiera en ti ablandarte?
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aſpera montaña y intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera?
Mas no quiere amor, que la uſada
Quexa, en eſtas ſierras eſparzida
De tanto tiempo ya ſea dexada.
Ni tu querràs que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun màs fiero,
Ni con tan luenga uſança interrompida.
Cada hora màs aſpera te eſpero,
Que vengas pido, el mal ſea màs duro,
Que el que puedo ſufrir, ya no lo quiero.
Pruevaſe eſte amor perfecto, y puro,
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es màs ſeguro.
Excedes à las fieras en dureza,
Quando ſe ha viſto en eſta pura, y rara
Gracia, del duro monte la aſpereza.
De los bienes que puedes dar avara,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el Mundo no penſara,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELE-

ELEGIA XIX.

ILlustre, e nobre Sylva descendido
Do grão filho de Anchises valeroso,
Por armas, e por sangue esclarecido;
Que como forte, ousado, e piedoso,
A's costas salvou o pai de longos anos,
E o filho pela mão terno, e mimoso;
E os Penates, que tinham os Troianos,
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeram tantos danos.
Crescendo foi de hũa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, e bondade,
Até chegar á nossa taõ ditosa,
Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deo,
Que a fazes com tuas obras mais formosa.
Aonde o inclyto Rei de motu seo,
Movido pelo Espirito, que o guia
A maiores proezas, que a Theseo,
Pelas partes que em ti já conhecia,
Ou decreto de cima, te escolheo
Por começo do fim que pertendia.
De Capitam de Tanger te proveo;
Em tempo que o Maluco assaz valente
O grande Imperio de Africa venceo.
E sendo esta eleiçaõ do Rei valente,
Da cega inveja foste murmurado,
Porque ninguem escapou ao maldizente.
Naõ te negáram seres esforçado;

Mas

; diziam, que á guerra em tal idade
/ia Capitam exprimentado.
: que em tempo de tal necessidade
ıvinha velho amparo, e forte escudo,
quem naõ possa haver temeridade.
Mas bem ao contrário se vio tudo,
s prudencia, e esforço juntamente
ti exprimentou o Mouro rudo.
Quando com grão conselho, e pouca gente,
avessaste os campos Africanos,
mo grão Capitam, velho, valente,
: foste a parte onde os Mauritanos
ó tinham visto lança de Christãos
via longos tempos, longos anos.
Tomaste desotiidado hum Capitam,
tempo, e assi na guerra exprimentado,
quem se confiava Tetuam.
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
ıe naõ só o seu campo defendia,
ıs entrava no nosso confiado.
Este, que toda a grande Barbaria
ıha, por mui prudente, e animoso,
ora o tées na tua estrebaria.
Que póde aqui dizer pois o invejoso,
ıde taõ claro vê, que nessa idade
ppre o nobre sangue generoso?
Naõ te dirá, que foi temeridade
ra feito como este taõ valente,
m ter seguro o campo, e a Cidade.
Nem te póde negar seres prudente,
is tempo, e conjunçaõ foste escolher,

Em

Em que naõ arriscaste a tua gente.
  Mas assi te soubeste recolher
Com grão despojo feito, denso dano,
Sem hum dos que levaste se perder.
  O' felice Varaõ, Sylva Troiano;
Quem te póde louvar, como venceste,
Pois no dia menor que tinha o ano,
  O maior feito em Africa fizeste?

ELEGIA XX.

SAiam desta alma triste, e magoada,
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao Mundo a causa declarada.
  Saia do peito a voz, com que a graveza
Sogiga, doma, e as gentes move tanto,
Por mais, e mais que tenham de dureza.
  E vós, meus olhos tristes, entretanto
Em lagrimas esta alma derretida
Chorai, que amargo choro he o meu canto.
  Quanto de mi a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e juntamente
Choremos huma morte, e huma vida.
  A bondade choremos innocente,
Cortada em flor, que pela acerba morte
Nos foi arrebatada d'entre a gente;
  E aquella immensa dor, e dura sorte
Da magoada mái, cuja alma triste
Tambem cortada foi co'o agudo corte.
  O' espirito gentil, que ao Ceo subiste;
Porque engeitaste a minha companhia,

E acompanhar-te eu naõ consentiste?
  Este he o canto heroico, e de alegria,
Que já em teu louvor apparelhava.
Como o tornou a morte em Elegia?
  Esta he a esperança que nos dava
De ti, tua tenra, e alegre mocidade,
De quem taõ grandes cousas se esperava?
  O Hymeneo, que em mais perfeita idade
Com honras mil te andava apparelhando
A mái, de quem naõ houveste piedade?
  Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em váo a casa em toda a parte,
Amado filho meu, por ti bradando.
  Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,
Que em taõ amarga, e triste despedida
Pudera esta alma minha acompanhar-te?
  Quem te privou da chara, e doce vida,
Meu filho taõ formoso, e mal logrado?
Dous coraçóes passou huma ferida.
  Em terra de desterro, ai filho amado,
Deixando-me sem ti desamparada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.
  Se hias para fazer taõ gráo jornada,
Naõ leváras em tua companhia
Esta misera mái desconsolada?
  Quiçá que algum soccorro te seria;
Que vendo vir a espada em alto erguida
Filho, com hum grito meu te avisaria.
  Ou recebêra o golpe nesta vida,
Metendo-me no meio, e tu vivêras;
Fartára de meu sangue esse homicida.

Ai

Ai filho, meu amor, que tu só eras
Quem com tua vida alegre algum descanso
A meu viver cansado dar puderas!
E tu serás tambem quem manso a manso
Me acabarás a vida que eu queria
Sem ti ver acabada de hum só lanço.
E vós tambem, mulheres, que paristes,
Ajudai-me a chorar, porque em mal tanto
Naõ satisfazem só meus olhos tristes.
Assi com grave dor de canto a canto
Até nos coraçóes de mór dureza
Soa huma voz confusa, hum amargo pranto.
O' tu, honra, e primor da natureza,
Illustre, e formosissima maria;
Naõ trates mal, Senhora, tal belleza.
Pois só costodia es, donde alegria
Defunta, e tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.
Que a ti deo o movedor do Mundo o cargo
De alegrares a mãi chorosa, e triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Postoque a dor do irmão muito sentiste,
Naõ destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso naõ consiste.
Naõ trates mal as nitidas estrellas
Dos olhos teus, com lagrimas ardentes,
Pois tem mais resplandor que todas ellas.
Naõ offendas as faces refulgentes,
Obra de Deos, com mão despiedosa,
Da patria honra, se louvor das gentes.
Mas vai com doce voz, branda, e amorosa,

Con-

Consola a triste mãi, desconsolada,
Com tua vista alegre, e taõ formosa.
Promette-lhe, que em si resuscitada
Verá sua alegria já perdida,
De todos taõ sentida, e taõ chorada.
Pois teu remedio está só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Naõ dê tanto lugar á dor crescida.
Bem se permitte á fraca humanidade
Por filho tal, e tanto tempo ausente,
Hum moderado pranto, huma saudade.
Mas taõ continua dor, que espante a gente,
E põe em tal extremo a vida amada,
Nem Mundo o quer, nem Deos naõ o consente.
Naõ foi a morte de Heitor sempre chorada
Da triste mãi, que além de filho amado,
Era por elle só Troia amparada.
Mas já despois de morto, e arrastado
Com Grego applauso, vozes, e alarido,
O corpo houve ás mãos desconjuntado.
Perdida a côr, o collo recahido,
Naõ parecia Heitor, que d'antes era,
De pó, de sangue, e de suor tingido.
Com seus olhos lavóu-lhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava,
Sem alma, e sangue, já de côr de cera.
Mas vendo, em fim, quaõ pouco aproveitava
Seu choro, e nem por mais que em vaõ bradando
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.
De lagrimas os olhos enxugando,
Desenganada já do filho amado,

Se foi co' amada filha consolando.
Nem ſempre o fero Achilles foi chorado
De Tethys ſua mãi, do branco coro,
Principe Grego taõ aſſignalado.
Tambem pagou á morte o antigo foro,
E á deoſa naõ valeo ſer prevenida,
Nem ſuſpiros valèram, nem ſeu choro.
Tambem a eſte acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, e filho amado
Da deoſa de Nereo taõ querida.
Nas aguas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro naõ pudeſſe ſer cortado.
Mas a agua naõ chegou áquella parte,
Que eſquadrinhou a ſetta aguda, e forte,
Que contra ella naõ val engenho, e arte.
Choráram as Gregas gentes ſua morte,
Os Phocas, e Delphijs tambem choráram,
Chorou do grão Nereo toda a Corte.
Tantas lagrimas triſtes derramáram,
Tanto chorou a mãi, que muito o amava,
Que a Xanto, e o Simois accreſcentáram.
Mas vendo que o chorar naõ aproveitava,
E que era dor perdida, e deſatino,
Os ſeus formoſos olhos alimpava.
E com alegre roſto de ar benino
O Ceo, a terra, o mar, tudo alegrando,
E os Cidadãos do Reino cryſtallino;
Os ſeus verdes cabellos eſpalhando
Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a viſta atraz de quando em quando;

)e Pausilipe, e Oricia acompanhada,
Doris, Menalipe, e de Melanto,
foi para Nereo consolada.
)eixai pois já, Senhora, o amargo pranto,
pena, a dor, o mal, que tanto crece,
dai lugar ao meu inculto canto.
Com grão difficuldade se offerece
grandes desventuras, taes como esta,
dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.
Por tanto eu, Senhora, agora nesta
aõ as hei de buscar por consolar-te,
ue aos tristes consolar só a razaõ presta.
Tambem seraõ perdidas nesta parte
onsolações, que em choro de amargura
orça naõ tem, por mais que tenham d'arte.
Se as lagrimas naõ vence a razaõ pura,
'ortuna sempre a outras accrescenta;
iuarde-te Deos de mór desaventura.
Naõ digo, que a alma estê de mágoa isenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza
Naõ soffrer o que Deos nos apresenta.
Naõ he este Mundo a nossa natureza;
Estrada si, por onde caminhamos,
Pertendendo chegar á summa Alteza.
Neste caminho hum passo estreito achamos,
Morte se chama, horrenda, e desabrida,
Dívida que Adaõ fez, e nós pagamos.
A todos he commum esta partida:
Quem morre, naõ morreo, partio primeiro,
E o que ha despois da morte he eterna vida.
Todo animal que nasce, está foreiro

A

A passar este passo estreito tanto;
Todos lá havemos de ir por derradeiro.
Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no Ceo resplandecente,
Já entre os Cidadãos do Coro santo.
Nossas memorias tristes naõ as sente,
Já livre; e do theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.
Da Visaõ Beatifica gozando,
Sem medo ou sobresalto de perdella,
O Mundo, e seus affagos desprezando.
Dalli contempla de hũa, e de outra estrella,
Ou fixa, e errante, o curso, e movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella.
Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de Polo a Polo, e o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.
E porque o mar continuo mingoa, e crece,
Comprende, e a quinta essencia pura, e neta,
E com que luz a Lũa resplandece.
Nem o espanta no ar qualquer Cometa;
Os pontos sabe de hũ, e de outro Signo,
Por onde faz seu curso o grão Planeta.
Hum Anjo novo tẽes, sancto, e benino:
Vive, Senhora, alegre, e consolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.
O' alma pura, em alto alevantada,
Que lá estás nesse Ceo luzente, e claro,
Desta mortal prisaõ já desatada;
O' Senhor meu Dom Tello, amigo charo,
Que do terreno Sol, onde viveste

Te

Te arrebatou sem tempo o tempo avaro;
Se ao passar do Lethe naõ perdeste
A memoria de mi, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste;
Com attençaõ escuta o meu reclamo,
Naõ desprezes de ouvir lá dessa altura
A baixa, e rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Naõ borrará o teu nome a fama escura.
Em tanto as baixas Rhythmas te offereço
Em penhor da vontade, e amor profundo,
Até cumprir o que ora aqui profeço.
Que entaõ te cantará por todo o Mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
Do patrio Tejo além da Taprobana.

ELEGIA XXI.

NAõ me julgueis, Senhora, atrevimento
O que me faz fazer hũ mal taõ forte,
Que naõ me basta nelle o soffrimento.
Que tal me traz já agora minha sorte,
Que me faz buscar vossa crueldade,
Donde só por remedio espero a morte.
Naõ vos pude callar esta verdade,
Porque força naõ tem poder humano
Contra outro, que naõ tem humanidade.
Amor, que tudo faz para mór dano,
Me deo o mal, levou-me o soffrimento.

Ah

Ah duro amor, cruel, e deshumano!
Naõ vos lembre, Senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
De eu empregar em vós meu pensamento.
Lembro-vos hum amor, que cada dia
Em mi taõ verdadeiro, e firme crece,
Que alheo me traz já do que sohia.
Naõ peço que o pagueis, como merece,
Que naõ mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mi naõ cuideis que desmerece.
Porque se só por si he de tal preço,
Que a supprir basta seu merecimento,
Quanto eu de minha parte desmereço.
Bem vejo que em tomar o soffrimento
Para viver, melhor remedio fora,
Que hum taõ desordenado atrevimento.
Mas eu que do viver menos já agora
Que de todo a livro, pois crescendo
Vaõ com a vida os males cada hora,
Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura
Quem pertende fazer o que eu pertendo.
Quizesse oh oxalá minha ventura,
Que castigasseis vós esta ousadia
Com huma cruel morte, triste, e dura!
Que naõ sería morte, mas sería
Hum suave remedio, doce, e brando,
Deste mal, que me mata cada dia.
Até quando, Senhora, e até quando
Terá lugar em vós vossa crueza,
E a morte naõ em mi, q̃ a estou chamando?

Abran-

Abrande meu amor voſſa dureza,
Que eſta alma em ſi transforma com tal cura;
Que já naõ he amor, mas natureza.
Abrande já huma vida, em que ſó dura
A alma, porque veja, e exprimente,
Que naõ tem fim a grão deſaventura.
Abrande já huma dor, que juntamente
A vida penetrou, e a alma triſte,
E lhe roubou o eſtado ſeu contente.
Moſtrai-vos poderoſa em quem reſiſte
Em deſobedecer, ou enojar-vos,
E naõ já contra quem vos naõ reſiſte.
Em quem cuidar, q̃ digno foi de amar-vos;
Moſtrai voſſo poder, pois o merece,
Em mi naõ, q̃ o naõ ſou taõ ſó de olhar-vos
Attentai por huma alma, que ſe eſquece
De ſi, porque em vós poz ſua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfallece.
Nem ſuſpeito que poſſa haver mudança
N'hum coraçaõ, que mais que a ſi vos ama:
Dai-lhe já morte, ou vida, ou eſperança,
Que tudo ſerá gloria por tal dama.

[illegible]

ESTANCIAS

PRIMEIRAS.

I.

QUem póde ser no Mundo taõ quieto?
Ou quem terá taõ livre o pensamento?
Quem taõ exprimentado, ou taõ discreto?
Taõ fóra, em fim, de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe naõ revolva, e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Ver, e notár do Mundo o desconcerto?

II.

Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes, e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpétua pena, immensos vituperios;
Se a fortuna em contrário o leva, e guia,
Mostrando, em fim, que tudo saõ mysterios
Em alteza de estados triumphante,
Que por livre que seja naõ se espante?

III.

Quem ha que veja aquelle que taõ clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito;
Se a má fortuna, ao bem sómente avara,
O reprime, e lhe nega seu direito,
Que lhe naõ fique o peito congelado,
Por mais, e mais, que seja exprimentado?

IV.

Demócrito dos deoses proferia
Que eram sós dous; a Pena, e Beneficio.
Segredo algum será da phantasia,
De que eu achar naõ posso claro indicio.
Que se ambos vem por naõ cuidada via
A quem os naõ merece, he grande vicio
Em deoses sem justiça, e sem razaõ.
Mas Demócrito o disse, e Paulo naõ.

V.

Dir-me-heis, que se este estranho desconcerto
Novamente ao Mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse, e mui experto,
Naõ era de espantar se me espantasse.
Mas que se já de Socrates foi certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, (ou de prudente, ou de constante)
Exemplo tome delle, e naõ me espante.

VI.

Parece a razaõ boa; mas eu digo
Deste uso da fortuna taõ damnado,
Que quanto he mais usado, e mais antigo,
Tanto he mais estranhado, e blasphemado.
Porque se o Ceo, das gentes taõ amigo,
Naõ dá á fortuna tempo limitado,
Bem he para causar hum grande espanto,
Que mal taõ mal olhado dure tanto.

VII.

Outro espanto maior aqui me enlêa;
Que com quanto fortuna taõ profana
Com estes desconcertos senhorêa,
A nenhuma pessoa desengana.
Naõ ha ninguem que assente, nem que crêa
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem que entenda,
Que algum pouco do Mundo naõ pertenda.

VIII.

Diogenes pisava de Plataõ
Com seus sórdidos pés o rico estrado;
Mostrando outra mais alta presumpçaõ
Em desprezar o fausto taõ prezado.
Diogenes, naõ vês que extremos saõ
Esses que segues de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prézas muito,
Já pertendes do Mundo fama, e fruito.

IX.

Deixo agora Reis grandes, cujo eſtudo
He fartar eſta ſede cubiçoſa
De querer dominar, e mandar tudo
Com fama larga, e pompa ſumptuoſa.
Deixo aquelles que tomam por eſcudo
De ſeus vicios, e vida vergonhoſa,
A nobreza de ſeus anteceſſores,
E naõ cuidam de ſi que ſaõ peores.

X.

Aquelle deixo, a quem do ſomno eſperta
O grão favor do Rei que ſerve, e adora,
E ſe mantém deſta aura falſa, e incerta,
Que de corações tantos he ſenhora:
Deixo aquelles que eſtaõ co' a boca aberta
Por ſe encher de theſouros de hora em hora;
Doentes deſta falſa hydropeſia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

XI.

Deixo outras obras vãas do vulgo errado,
A que já naõ ha alguem que contradiga;
Nem de outra couſa alguma he governado,
Que de huma opiniaõ, e uſança antiga.
Mas pergunto ora a Ceſar esforçado,
Ora a Plataõ divino, que me diga,
Eſte das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou?

XII.

Cesar dirá: Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios, e esforçados:
Fui Monarca do Mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.
He verdade: mas esse mando, e gloria,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto, e Cassio diraõ, que se venceste,
Em fim, em fim, ás mãos dos teus morreste.

XIII.

Dirá Plataõ: Por ver o Etna, e o Nilo,
Fui a Sicilia, a Egypto, e outras partes,
Só por ver, e escrever em alto estilo
Da natural sciencia em muitas artes.
O tempo he breve, e queres consumi-lo,
Plataõ, todo em trabalhos; e repartes
Taõ mal de teu estudo as breves horas,
Que, em fim, do falso Phebo o filho adoras?

XIV.

Pois quanto des que vive já apartada
A alma desta prisaõ terreste, e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada
O Cynico dirá se por ventura
No campo onde lançado morto estava
De si os cães, ou as aves, enxotava.

XV.

Quem taõ baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em móres cousas a metesse.
Que em só levar seu gado á fonte fria,
E mungir-lhe do leite que bebesse!
Quaõ bemaventurado que seria,
Que por mais que a fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena,
Que pezar-lhe de a vida ser pequena!

XVI.

Veria erguer do Sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no Horizonte:
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte:
Em Deos creria simples, e quieto,
Sem mais especular algum secreto.

XVII.

De hum certo Trasilao se lê, e escreve,
Entre as cousas da velha Antiguidade,
Que perdido grão tempo o siso teve,
Por causa de huma grave enfermidade:
E em quanto de si fóra doudo esteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,
Que eram suas, das naos que navegavam,
Quantas no porto Píreo ancoravam.

XVIII.

XVIII.

Por hum Senhor mui grande ſe teria,
(Além da vida alegre que paſſava)
Pois nas que ſe perdiam naõ perdia,
E das que vinham ſalvas ſe alegrava.
Naõ tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito, ſeu irmão, que auſente eſtava,
Chegando á patria, quando o vio perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

XIX.

Aos Medicos o entrega, e com aviſo
O faz eſtar á cura refuſada.
Triſte, que por tornar-lhe o antigo ſiſo
Lhe tira a doce vida deſcanſada!
As hervas Apollineas de improviſo
O tornam á ſaude já paſſada.
Siſudo Traſilao, ao charo irmaõ
Agradece a vontade a obra naõ.

XX.

Porque deſpois de ver-ſe no perigo
Do trabalho a que o ſiſo o obrigava;
E deſpois de naõ ver o eſtado antigo,
Que a louca preſumpçaõ lhe preſentava:
O' inimigo irmão, com côr de amigo;
Para que me tiraſte (ſuſpirava)
Da mais quieta vida, e livre em tudo,
Que nunca pôde ter algum ſiſudo?

XXI.

Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
Que me dava que o Mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora me he penosa a vida chara:
Sei que cousa he trabalho, e que tristeza.
Torna-me a meu estado; que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.

XXII.

Vedes aqui, Senhor, bem claramente
Como a fortuna em todos tem poder,
Senaõ só no que menos sabe, e sente,
Em quem nenhum desejo póde haver:
Este se póde rir da cega gente;
Neste naõ póde nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor mao da perfida esperança.

XXIII.

Mas se o sereno Ceo me concedêra
Qualquer quieto, humilde, e doce estado,
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem ver-me em terra alhêa degradado;
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem conhecêra eu outro mais honrado,
Senaõ a vós, tambem, como eu, contente,
Que bem sei que o serieis facilmente:

XXIV.
E ao longo de huma clara, e pura fonte,
Que em borbulhas nascendo convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte
Quem da chara consorte o apartasse:
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar da alma, em fim, que tudo:

XXV.
Cantára-nos aquelle que taõ claro
O fez o fogo da arvore Phebea,
A qual elle em estylo grande, e raro,
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa,
Tangéra-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa:
Passára celebrando o Tejo ufano
O brando, e doce Lasso Castelhano:

XXVI.
E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro gesto,
Na alma sómente vejo, porque nella
Está em essencia puro, e manifesto,
Por alta influiçaõ de minha estrella
Mitigando o rigor do peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o Sol em vellos:

XXVII.

E em quanto por Veraõ flores colhesse,
Ou por Inverno a fogo accommodado,
O que de mi sentíra nos dissesse,
De puro amor o peito salteado;
Naõ pedíra entaõ eu, que amor me désse
Do insano Trasilao o doudo estado,
Mas que alli me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

XXVIII.

Mas por onde me leva a phantasia?
Porque imagino em bemaventuranças,
Se taõ longe a fortuna me desvia,
Que inda me naõ consente as esperanças?
Se hum novo pensamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as esquivanças
Do bem, me fazem taõ desamparado,
Que naõ póde ser mais que imaginado?

XXIX.

Fortuna, em fim, co' o amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse:
Amor a hum váo desejo me obrigou,
Só para que a fortuna mo negasse:
O tempo a tal estado me chegou,
E nelle quiz que a vida se acabasse;
Se ha em mi acabar-se, o que eu naõ creo;
Que até da muita vida me receo.

ESTANCIAS SEGUNDAS.

I.

COmo nos vossos hombros taõ constantes
(Principe illustre , e raro) sustenteis
Tantos negocios arduos , e importantes ,
Dignos do largo Imperio que regeis ;
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido , o mar , e a terra segureis
Do Pirata insolente , e do tyrano
Jugo do potentissimo Othomano :

II.

E como com virtude necessaria ,
Mal entendida do juizo alheo ,
A' desordem do vulgo temeraria ,
Na santa paz ponhais o duro freo ;
Se com minha escriptura longa , e varia ,
Vos occupasse o tempo , certo creo
Que com vagante , e ociosa phantasia
Contra o commum proveito peccaria.

III.

E naõ menos seria reputado
Por doce adulador , sagaz , e agudo ,
Que contra meu taõ baixo , e triste estado
Busco favor em vós que podeis tudo ;
Se contra a opiniaõ do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde , e rudo ,
Diraõ , que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

IV.

Porém, porque a verdade póde tanto
No livre arbitrio, (como disse bem
Ao grão Dario o moço sabio, e santo,
Que foi reedificar Hierusalem)
Esta me obriga a que em humilde canto,
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos não alcança;
E não de premio algum vil esperança.

V.

Romulo, Baccho, e outros que alcançáram
Nomes de semideoses soberanos,
Em quanto por o Mundo exercitáram
Altos feitos, e quasi mais que humanos;
Com justissima causa se queixáram
Que não lhes respondêram os mundanos
Favores do rumor justos, e iguaes,
A seus merecimentos immortaes.

VI.

Aquelle que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Anteo,
E a quem os seus trabalhos tão famosos
Fizeram Cidadão do claro Ceo;
Achou que a má tenção dos invejosos
Não se doma senão despois que o véo
Se rompe corporal: porque na vida
Ninguem alcança a gloria merecida.

VII.

VII.

Com tudo, se Barões taõ excellentes
Foram do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudas gentes,
He louvor dos Reaes, e sublimados.
Quem no lume dos vossos Ascendentes
Poderá pôr os olhos, que abalados
Lhes naõ fiquem da luz, vendo ôs maiores
Vossos passados, Reis, e Imperadores?

VIII.

Quem verá aquelle Pai da Patria sua,
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo só, co' a espada nua,
Removeo do pescoço Lusitano;
Que naõ diga: ó grão Nuno, a eterna tua
Memoria causará, senaõ me engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunca possa ser senaõ sublime?

IX.

Nisto naõ fallo mais, porque conheço
Que da materia se me baixa o engenho;
Mas pois a dizer tudo me offereço,
(E dias ha que no desejo o tenho)
Sendo vós de taõ alto, e illustre preço,
A vida fostes pôr n'hum fraco lenho,
Por largo mar, e undosa tempestade,
Só por servir á Regia Magestade.

X.

E despois de tomar a redea dura
Na máo, do povo indomito que estava
Costumado á largueza, e á soltura
Do pezado governo que acabava;
Quem naõ terá por sancta, e justa cura,
Qual do vosso conceito se esperava,
A taõ desenfreada enfermidade
Applicar-lhe contrária qualidade?

XI.

Naõ he muito, Senhor, se o moderado
Governo se blasphema, e se desama,
Porque o povo a larguezas costumado,
A' lei serena, e justa, dura chama.
Pois o zelo em virtude só fundado
De salvar almas da Tartárea flama,
Com a agua salutifera de Christo,
Poderá por ventura ser malquisto?

XII.

Quem quizesse negar taõ grão verdade,
Qual he o seu effeito sancto, e pio;
Negue tambem ao Sol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio:
Se o successo he contrário da vontade
A's obras que saõ boas, e o desvio;
Está nas máos dos homens comettellas,
E nas de Deos está o successo dellas.

XIII.

Sei eu, e ſabem todos, que os futuros
Veraõ por vós o Eſtado accreſcentado:
Seráõ memoria voſſa os fortes muros
Do Cambaico Damaõ bem ſuſtentado:
Da ruina mortal ſeraõ ſeguros
Tendo todo o alicerce ſeu fundado
Sobre órphãas amparadas com maridos,
E pagos os ſerviços bem devidos.

XIV.

Quando de infamia aõ Principe he perder-ſe
Pouco do Eſtado ſeu que inteiro herdou,
Tanto por gloria grande póde ter-ſe
Se accreſcentado, e próſpero o deixou.
Nunca conſentio Roma ennobrecer-ſe
Com triumphos alguem, ſenaõ ganhou
Provincia com que o Imperio ſe augmentaſſe,
Por maiores victorias que alcançaſſe.

XV.

Póde tomar o voſſo nome dino
Damaõ, por honra ſua clara, e pura,
Como já do primeiro Conſtantino
Tomou Byzancio aquelle que inda dura.
E tu, Rei, que no Reino Neptunino,
Lá no ſeio Gangetico a Natura
Te apoſentou; de ſer taõ inimigo
Deſte Eſtado, naõ ficas ſem caſtigo.

XVI.

Bem viſte contra ti nadantes aves
Cortar a eſpumoſa agua navegando;
Ouviſte o ſom das tubas naõ ſuaves,
Mas com temor horrifero ſoando:
Sentiſte os golpes aſperos, e graves,
Do Luſitano braço nunca brando;
Naõ ſoffreſte o grão brado penetrante,
Que os trovões imitava do Tonante.

XVII.

Mas antes dando as coſtas, e a victoria
A' Bragancéz ventura naõ corrido,
Déſte bem a entender quaõ grande gloria
He de tal vencedor o ſer vencido.
Quem faz obras taõ dignas de memoria
Sempre ſerá famoſo, e conhecido,
Onde os altos juizos ſe eſtimarem;
Que eſtes ſós tem poder de fama darem.

XVIII.

Naõ vos temais, Senhor, do povo ignaro,
Taõ ingrato a quem tanto faz por elle,
Mas ſabei que he ſignal de ſerdes claro,
O ſer agora taõ malquiſto delle.
Themiſtocles da Patria ſua amparo,
O forte, e liberal Cimon, e aquelle
Que Leis ao povo deo de Eſpartha antigo,
Teſtimunhas ſeraõ de quanto digo.

XIX.

Pois ao justo Aristides, hum robusto,
Votando no Ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi; porque era justo
Desejava que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto
Calumnioso, dando no Senado
Conta de Lesbos, que elle já mandára,
Se tirou co' o seu ferro a vida chara.

XX.

Demosthenes lançado das tormentas
Populares, a Pallas foi dizendo,
Que de tres mõstros grandes te contentas;
Do drago, e moucho, e do vil povo horrendo?
Que glorias immortaes houve que isentas
Do veneno vulgar fossem vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos;
E vós tambem sois hum dos Lusitanos.

ESTANCIAS TERCEIRAS.

I.

MUi alto Rei, a quem os Ceos em sorte
Deram o nome augusto, e sublimado,
De aquelle Cavalleiro que na morte,
Por Christo, foi de séttas mil passado;
Pois delle o fiel peito, casto, e forte,
Co' o nome Imperial tendes tomado,
Tomai tambem a sétta veneranda
Que a vós o Successor de Pedro manda.

II.

Já por ordem do Ceo, que o consentio,
Tendes o braço seu, reliquia chara,
Defensor contra o gladio que ferio
O Povo que David contar mandára.
E pois que tudo em vós se permittio,
Presagio temos, e esperança clara,
Que sereis braço forte, e soberano,
Contra o soberbo gladio Mauritano.

III.

E o que hum presagio tal agora encerra,
Nos faz ter por mais certo, e verdadeiro,
A sétta que vos dá quem he na terra
Dos celestes thesouros Dispenseiro.
Que as vossas séttas saõ na justa guerra
Agudas, e entraráõ por derradeiro,
Cahindo a vossos pés povo sem lei,
Nos peitos que inimigos saõ do Rei.

IV.

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortissimo, com gloria,
Por as praias de Persia, e alcançava
De Nações taõ remotas a victoria;
As séttas embebidas, que tirava
O arco Armusiano, he larga historia,
Nos ares, Deos querendo, se viravam;
Pregando-se nos peitos que as tiravam.

V.

Oh querido de Deos, por quem peleja
O ar tambem, e o vento conjurado!
Ao tambor acode, porque veja
Que o que a Deos ama, he de Deos amado.
Os contrarios revéis á Madre Igreja
Atroáram co' o tom do Ceo irado,
Que assi deo já favor maior que humano,
A Josué Hebreo, a Teodosio Hispano.

VI.

Pois se as séttas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas saõ,
Que faraõ, Rei, as vossas que tem liga
Com a que já tocou Sebastiaõ?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coraçaõ,
Crendo bem que as que vós despedireis
No sangue Sarraceno as tingireis.

VII.

Ascanio, (se trazer me he concedido
Entre sanctos exemplos hum profano)
Rei do Imperio, despois taõ conhecido,
De Roma, e só reliquia do Troiano;
Vingou com sétta, e animo atrevido,
As soberbas palavras de Numano;
E logo foi de alli remunerado,
Com louvores de Apollo celebrado.

VIII.

Aſſi vós, Rei que foſtes ſegurança
De noſſa liberdade, e que nos dais
De grandes bées certiſſima eſperança,
Nos coſtumes, e aſpecto que moſtrais;
Concebemos ſegura confiança,
Que Deos a quem ſervís, e veneraís,
Vos fará vingador dos ſeus revéis,
E os premios vos dará que mereceis.

IX.

Eſtes humildes verſos, que pregáõ
Saõ deſtes voſſos Reinos com verdade,
Recebei com benigna, e Real maõ,
Pois he devido á Reis benignidade.
Tenham (ſenaõ merecem galardaõ)
Favor ſequer da Régia Mageſtade:
Aſſi tenhais de quem já tendes tanto,
Com o nome, e reliquia, favor ſanto.

ESTANCIAS QUARTAS.

I.

DEſpois que a clara Aurora a noite eſcura
Com novo reſplandor foi desfazendo;
E Phebo por os montes, e eſpeſſura,
Os ſeus dourados raios eſtendendo;
Se buſcava nos valles a verdura
O manſo gado a luz ſerena vendo;
Quando a fervida féſta já abrazava,
Todo animal da calma repouſava.

II.

II.

Já por fugir do Sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vaõ buscando:
Os tenros cabritinhos juntamente
Apoz as mansas mâis hiam saltando:
Tangendo as suas frautas docemente
Os Pastores, estavam enganando
A grão chamma Solar que entaõ ardia;
Só Liso o ardor della naõ sentia.

III.

Tristes lembranças tanto o traspassavam,
Que a dura sésta nellas só passava:
O tempo que em prazer outros gastavam,
Em celebrar seu mal elle o gastava:
As festas que com jogos celebravam,
Elle com suspirar as celebrava:
Nada buscava mais, mais naõ queria
Que o repouso do fogo em que elle ardia.

IV.

Os repetidos jogos dos Pastores,
As lutas entre a rama repetidas,
Em nada lhe divertem suas dores,
Mas antes na alegria as vê crescidas.
Como o repouso roubam os amores
A's almas que para elles saõ nascidas,
Delle, todo o repouso que esperava,
Consistia na Nympha que buscava.

V.

V.

Com o choro, que já corria em fio
Por o pallido rosto, augmenta as fontes,
Que levam agua estranha ao claro rio
Que os valles vai regando entre altos montes.
Com suspiros a quem o ecco pio
Responde de apartados Horizontes,
Os ventos parecia que enfreava,
Os montes parecia que abalava.

VI.

Que ás queixas de seus doces pensamentos
Se movessem os montes mais constantes,
Se parassem os mais veloces ventos,
Que estavam, que corriam circumstantes;
Bem se devia á dor de seus tormentos,
E inda que fosse em peitos de diamantes;
Que hum peito de diamante abrandaria
O triste som das mágoas que dizia.

VII.

Porém elle as dizia a outro peito,
Mais, que diamante, inexpugnavel, duro:
A fé lhe encarecia, a que sogeito
O tinha em pena eterna o amor puro:
Mostrava-lhe este na alma mais perfeito,
Quanto mais offendido mais seguro:
A Nympha mais segura tudo ouvia,
Mas nada o duro peito commovia.

VIII.

As láſtimas aqui tanto creſcêram,
Que ſe em montes de Hircania ſe eſcuitáram,
Tigres nos ſeios ſeus mover pudéram,
E pedras nos ſeus cumes abrandáram.
Mas ſe no peito as triſtes vozes déram
De aquella fera humana que buſcáram,
Elle de as admittir ſe retirava;
Que na vontade de outro poſto eſtava.

IX.

Deſenganado já da triſte ſorte,
De que mal fino amor ſe deſengana,
Com a eſperança ſó de ſua morte
Aquellas penas ultimas engana.
Deixando na eſpeſſura o claro norte,
Para elle de outra luz mais ſoberana,
A hum valle aberto entaõ ſahir procura,
Canſado já de andar por a eſpeſſura.

X.

Deixando as ſuas cabras que paſceſſem
Naquelle verde prado as freſcas flores;
Porque os Satyros leves o ſoubeſſem,
Ou os ſylveſtres Faunos amadores;
Tambem porque os Paſtores o entendeſſem,
Todo o proceſſo, e fim de ſeus amores
Eſcreveo (ſem em nada haver mudança)
No tronco de huma faia por lembrança.

XI.

XI.

Por lembrança no tronco de huma faia,
Que vai fahindo ao Ceo de puro altiva,
Na verde, pratcada, e aurea praia,
Por onde o claro Tejo fe deriva;
Porque tambem ao Ceo fua dor faia,
Sobre aquella corrente fugitiva,
Efcripta no papel da natureza,
Efcreve eftas palavras de trifteza.

XII.

Natercia, Nympha bella, por quem vivo
Em tal tormento, tempo algum me olhou;
Mas des que em mi fentio que era captivo
De aquelle brando olhar que me enganou,
O amor tornava em defamor efquivo,
E de hum tormento tal a outro paffou.
Em coufas taõ fujeitas a mudança
Nunca ponha ninguem fua efperança.

XIII.

Para dar proveitofos defenganos
Dos enganos que faõ de amor effeitos,
E dos dous fexos publicar, humanos,
A origem das mudanças de feus peitos;
Eftas letras aqui por longos anos
Digam, (a corações a amar fujeitos)
Em peito varonil, que de ventura;
Em peito feminil, que de natura.

XIV.

XIV.

Faltou-lhe aqui o alento, e já cansado
Cahio ao pé da faia em que escrevia,
Naõ podendo seguir o começado,
Porque a alma já do corpo lhe sahia.
Tres vezes, com accento mal formado,
Para exemplo futuro repetia;
Amantes, entendei que a mór belleza
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

ESTANCIAS QUINTAS.

I.

C*A' nesta Babylonia adonde mana*
Hypocrisia, engano, e falsidade;
Cá donde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive da vontade:
Cá donde enrouquecèo da Lusitana
Musa o furor heroico, e suavidade;
Cá donde se produz por cega via
Materia a quanto mal o Mundo cria:

II.

Cá donde o puro amor naõ tem valia,
Porque Baccho o tem hoje desterrado;
Cá donde a frecha de ouro naõ feria,
Senaõ cabello preto, e alfenado:
Cá donde a loura trança naõ servia,
Nem o rosto de sangue matizado;
Cá donde nada val á gloria humana,
Que a mãi, que manda mais, tudo profana.

III.

Cá donde o mal se affina, o bem se dana,
Se algum a terra em si quer produzir;
Cá donde a falsa gente Mahometana
A gloria toda funda em adquirir:
Cá donde multiplica a máo tyrana
Professa em mais crescer, matar, mentir;
Cá donde o fazer bem he villanía,
E póde mais que a honra a tyrannia:

IV.

Cá donde a errada, e cega Monarchia
De fabulosas leis está vivendo,
E á força de hum amor engrandecia
O nefando Alcoraõ em que está crendo:
Cá donde nada val a Poesia,
E se está da lei della escarnecendo;
Cá donde a fidalguia Mahometana
Cuida com nome vão, que a Deos engana.

V.

Cá nesta Babylonia, onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeo;
E do grão Sebastiam toda a grandeza
Irreparavelmente se abateo:
Cá donde algum mentir naõ he baixeza,
E os meritos esmola (assi cresceo
Da cobiça mortal a semrazaõ)
Com esforço, e saber, pedindo vaõ.

VI.

A's portas da cobiça, e da vileza,
Estes netos de Agar estaõ sentados,
Em bancos de torpissima riqueza,
Todos de tyrannia marchetados.
He do feo Alcoram summa a largueza
Que tem para que sejam perdoados
De quantos erros commettendo estaõ
Cá neste escuro cáos de confusaõ.

VII.

Cumprindo o curso estou da natureza,
Illustre Dama, neste labyrinto;
Mas quem usa comigo mais crueza,
He tua condiçaõ, que na alma sinto.
Acabe-se algum dia tal tristeza,
E este sentido mal que em versos pinto:
E pois na alma he sentido, e coraçaõ,
Vê se me esquecerei de ti, Siaõ.

ESTANCIAS SEXTAS.

I.

SEnhora, se encobrir por alguma arte
Pudéra esta occasiaõ de meu tormento,
Naõ crêas que chegára a declarar-te
Este meu perigoso pensamento:
Mas por mais que te offenda, naõ sou parte
No crime de tamanho atrevimento:
Elle he de amor, e delle fui forçado
A que te declarasse o meu cuidado.

II.

II.

Se merece caſtigo a confiança
Com que deſcubro agora o que padeço,
Aqui prompto me têes, toma a vingança
Que por taõ grave culpa te mereço.
Bem me podes negar toda eſperança,
Mas eu naõ deſiſtir deſte começo;
Porque tempo, e fortuna, naõ ſaõ parte
Para deixar hum'hora ſó de amar-te.

III.

Já que ver-te os meus olhos alcançáram,
Deſcanſem neſte bem com alegria,
Pois já com ver os teus tanto ganháram,
Quanto, eſtando ſem vê-los, ſe perdia.
Que gloria querem mais, ſe a ver chegáram
Aquella pura luz que vence ao dia?
Qual mór bem ha no Mundo que querer-te,
Senaõ ha mais que ver deſpois de ver-te?

IV.

Minhas dores mortaes, bella Senhora,
Tiráram a virtude ao ſoffrimento;
E fazendo-ſe mais em qualquer hora,
Levando vaõ traz ti meu penſamento:
Porém ſoberbos vejo deſde agora,
Por a cauſa gentil de ſeu tormento,
Minha alma, meu deſejo, meu ſentido,
Porque á tua belleza ſe haõ rendido.

V.

V.

A par de tua rara formosura
Se desconhece o mór merecimento:
A tua claridade torna escura
Do Sol a clara luz em hum momento.
Se Zeuxis ao formar bella figura,
A vista em ti pudera pôr attento,
Mais alto original houvera achado
Para admirar o Mundo co' o traslado.

VI.

Aquelles que escrevêraõ mil louvores
De formosura, graça, e gentileza,
Todos foram, Senhora, hũus borradores
De tua perfeitissima belleza.
Agora se vê claro em teus primores
Que em ti se esmerou mais a natureza;
E que eram os seus cantos prophecias
Do que havias de ser em nossos dias.

VII.

Vè, pois, se vinha a ser culpavel falta
Em mi o naõ render-te amante a vida,
E se a deixar de amar gloria taõ alta
Era digno da pena mais crescida.
Em fim, eu te amarei: que amor me exalta
Co' o castigo de culpa assi atrevida:
E quando della caia, maior gloria
Terá o Tejo, que o Pó com sua historia.

ADVERTENCIA.

No tomo quarto dos seus Commentarios ás Rhythmas de Luis de Camões, pag. 134, *traz Manoel de Faria e Sousa as seguintes Estancias a Santa Ursula; e ahi mesmo em hum Ante-eloquio, ou Prologo, prova concludentissimamente serem do mesmo Luis de Camões, e naõ de Diogo Bernardes, que sem algum pejo, no Livro intitulado Rhythmas ao Bom Jesus, as imprimio por suas. Naõ temos necessidade de produzir por ora estas provas: sómente advertimos ao Leitor curioso, que queira conferir este Poema com o que publicou o mesmo Diogo Bernardes, no sobredito Livro, (temos presente a ediçaõ de* 1594) *e conhecerá a differença; quanto aqui vai melhorado; e quanto o mesmo Manoel de Faria foi mais feliz em achar melhores, e mais certos Manuscriptos.*

ESTANCIAS SEPTIMAS.

I.

DE huma formosa Virgem desposada,
Que de outras onze mil, tambem formosas,
Entrou no claro Olympo acompanhada,
Com corôas de lyrios, e de rosas;
De Christo Esposo seu taõ namorada,
Que delle as quiz fazer todas Esposas;
Amor, vida, e martyrio cantar quero,
Fiado no favor que della espero.

II.

II.

Alcança, Ursula bella, (que diante
De taõ bello esquadraõ foste por guia)
Do teu suave Amor, que de ti cante
O seu amor que no teu peito ardia.
Meu verso para ti mais se levante,
O' Christifera, ó Heroica companhia:
Tanto se mostre aqui mais soberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.

III.

E vós, unica Mãi, e Virgem pura,
Pois sois das que tal ordem escolhêram,
Que fostes, sois, sereis guarda segura
Da pureza que a Deos offerecêram;
Neste canto me dai melhor ventura
Do que atégora as Musas vãas me déram;
Vossas servas seraõ de mi servidas,
Cantadas suas mortes, suas vidas.

IV.

Serenissima Infante, produzida
Do grão Tronco Real, sublime Planta;
No titulo, nas obras, e na vida
Retrato natural de Ursula Santa;
Desta Virgem, tambem de Reis nascida,
Ouvi com lédo rosto o que se canta;
Dai o sentido hum pouco a tal sogeito;
Naõ lhe tire seu preço o meu defeito.

V.

No tempo que Cyriaco se sentava
Na Cadeira de Pedro Pescador;
De que com sãa doutrina apascentava
As Ovelhas de Christo, Bom Pastor;
Teve Bretanha hum Rei, que professava
A Lei que deo no Mundo o Redemptor,
Justo, e temente ao Ceo, pio, e devoto,
Chamado Mauro de huns, e de outros Noto.

VI.

De virtudes hum novo exemplo, e raro;
Em idade, e belleza, florecia
Ursula, por quem Noto era mais claro,
Que por todo o poder que possuia;
Com quem em nada o Ceo quiz ser avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honesta, e docta, a maravilha,
De taõ ditoso Pai ditosa Filha.

VII.

Aquella que por o ar com ligeireza
As penas de mil azas abre, e cerra;
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pés corre por terra?
Aquella, que de sua natureza
Naõ cuida em quanto diz se acerta, ou erra;
E de huma em outra boca se derrama:
Aquella, em fim, a quem chamamos Fama:

VIII.

Hia por todo o Mundo divulgando
Extremos desta Virgem soberana,
Aquella formosura celebrando
Com que amor cego a tanta vista engana:
Mais hia a da alma sua publicando,
Porque era mais divina do que humana:
Já de huma, e de outra já, dizia tanto,
Que em hũus estava amor, n'outros espanto.

IX.

Ouvidos seus louvores, muitas vezes
Desejou desta Virgem fazer nora
Hum Rei que o sceptro tinha dos Inglezes,
Idólatras entaõ, cegos agora.
O' povo cego, e leve, as torpes fezes
Aparta do ouro puro, e lança fóra.
Torna-te ao teu Pastor, perdido gado;
Olha que vás sem elle mal guiado.

X.

Hum filho deste Rei, (de quem dizia
Que ser de Ursula fogro desejava)
Movido do rumor que della ouvia,
Já dentro no seu peito a namorava.
Alli seu amor, delle, lhe offrecia;
Alli por o amor, della, suspirava.
Suspira elle por ella, ella suspira
Tambem por outro amor que nunca vira.

XI.

Mandou o Rei Inglez Embaixadores
Com pompa Regia, e lustre sumptuoso,
(Do grande Reino seu grandes Senhores)
A Noto, Rei naõ tanto poderoso,
Pedio-lhe a bella Filha (que em amores
Ardia toda do celeste Esposo)
Para Esposa do Filho, que sabia
Que já de amores della todo ardia.

XII.

O Rei Bretaõ se achava descontente
Com a nova Embaixada de Inglaterra:
Recêa, que se nella naõ consente,
O Gentio lhe mova cruel guerra;
Porque sendo mais rico, e mais potente,
Assi no largo mar, como na terra,
Quando desprezos visse de seu rogo,
Podia pôr Bretanha a ferro, e fogo.

XIII.

Sobre este naõ errado pensamento
Do medo de perder seu senhorio,
Novo discurso tinha, e novo intento,
Com que se achava mais medroso, e frio.
Estranhava o fazer ajuntamento
Da Catholica Filha co' hum Gentio;
Pois nem a Lei de Christo o permittia,
Nem Ursula fiel o admittiria.

XIV.

XIV.

Estando o Pai em tal angustia posto,
Divinamente a Filha já inspirada,
Lhe assegurava com sereno rosto,
Que consentir podia na Embaixada:
Dizendo que se o Inglez levava gôsto
De ella com seu herdeiro ser casada,
Primeiro lhe mandasse dez donzellas,
Do Reino as mais illustres, as mais bellas.

XV.

Que mil daria a cada Virgem destas,
E que a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro sangue, e em vista honestas:
Desta arte a conta de onze mil fazia.
Que por trez annos dilaçaõ nas festas,
A'lém do já pedido, lhe pedia;
E náos, e mantimentos, porque todas
Fossem com ella a Roma antes das bodas.

XVI.

Alli sua pureza, e virgindade,
Queria com solemne, e sacro voto
Consagrar á Divina Potestade,
Que o Ceo, e a terra fez de proprio moto.
E que deixasse a váa Gentilidade
Seu Filho, para genro ser de Noto,
Para que neste espaço doutrinado
Fosse na Fé de Christo, e baptizado.

XVII.

Com estas condições Ursula disse
Ao charo Pai, que, a ser dellas contente,
Podia responder, e despedisse
A proposta de aquelle Rei potente:
Ou porque ouvindo-as elle desistisse,
Podendo-se acceitar difficilmente;
Ou porque, quando as Virgẽes concedesse,
Comsigo a seu Senhor onze mil désse.

XVIII.

Oh Divino saber, quaõ soberano
Concelho he sempre o teu! Quaõ remontado!
Oh quanto o mór saber te cede, humano,
Por mais que de razões vá mais ornado!
Já dos idolos deixa o cego engano
O Principe, da Virgem namorado:
Já terno pede ao Pai quanto ella pede;
Já o Pai quanto lhe roga lhe concede.

XIX.

Já para ti, ó Virgem bella, e branda,
Com hũa singular velocidade,
Juntar se via de hũa, e de outra banda,
De feminil Nobreza tenra idade.
As náos apparelhar o Rei já manda;
Já nellas se recolhe a Virgindade;
Já daõ para Bretanha ao vento vellas;
O coraçaõ do Noivo vai com ellas.

XX.

XX.

Já vem a tomar porto onde esperava
Ursula alvoroçada em grão maneira;
Que para as receber alli se achava,
Como Senhora naõ, mas companheira.
Quaõ falsa era a Lei dellas lhes mostrava,
A de Christo quaõ pura, e verdadeira.
Já se baptiza huma, e outra Dama;
Damas Ursula já, do Ceo, lhes chama.

XXI.

A fama, que naõ sabe repousar,
Voou de Reino em Reino, d'Ilha em Ilha;
A gente que concorre naõ tem par,
Por ver a nunca vista maravilha.
Outros vem por servir, e acompanhar
A Virgem de Rei Nora, de Rei Filha.
Movem-se muitos Bispos de Bretanha;
Pantolo em vida, e morte os acompanha.

XXII.

Por ti, deixando o Reino, co'a familia,
E quatro filhas suas, se embarcou
(Juliana, Victoria, Aurea, Babilia;
Hum filho tinha mais que mais levou)
Gerasina, Rainha de Sicilia,
E com devido amor te acompanhou;
Que he justo que comtigo vaõ Rainhas,
Quando tu para o Rei dos Reis caminhas.

XXIII.

Já se partem as bellas Peregrinas,
As mãos ao claro Empyreo levantadas;
Já rompem, já, por ondas crystallinas
As nãos de formosura carregadas.
Quando, dizei, ó aguas Neptuninas,
Fostes de tal belleza navegadas?
Nunca, depois que a terra descobristes,
A tal frota por vós caminho abristes.

XXIV.

Com vento sempre igual, com mar bonança,
Sem perigos algũus, sem algum pejo,
Cicla foram tomar, porto de França,
Onde pouca demora fazer vejo.
O coraçaõ da Virgem naõ descança,
Saudosa do fim de seu desejo:
Manda que levem ferro, soltem linho,
Que leve por o mar o negro pinho.

XXV.

O vento nova posse vai tomando
Das Virgẽes que lhe saõ encommendadas:
Com tal prosperidade vaõ voando,
Que já deixam atraz ondas salgadas:
Já nas doces do Rheno estaõ entrando,
Onde tem suas vidas limitadas:
Huma Cidade vem á lingua da agoa,
Que de vê-las morrer naõ teve magoa.

XXVI.

XXVI.

Ah Colonia cruel, que naõ te encobres
A taõ formosos olhos, que seguros
As altas torres viam que descobres,
Lustrosos edificios, fortes muros!
Permitte o largo Céo que fama cobres
De ser taõ dura mãi de peitos duros!
Duros peitos, que a tantos, limpos de erro
Víram abrir sem dor com impio ferro.

XXVII.

Estando neste porto a bella Armada,
Tomando o necessario mantimento,
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceira vez o treu ao vento;
Sendo parte da noite já passada,
A Virgem lá no seu retrahimento,
Quando estava dormindo toda a Frota,
A Christo orou assi, branda, e devota:

XXVIII.

Amor, divino Amor, Amor suave;
Amor, que amando vou toda rendida;
Com quem naõ ha na vida pena grave,
Sem quem gloria real naõ ha na vida;
Amor, que do meu peito tees a chave,
Amor, de cujo amor ando ferida;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXIX.

XXIX.

Amor, que de amor cheo, e de brandura,
De amor enches esta alma saudosa;
Amor, sem cujo amor, e formosura,
Naõ póde nunca haver cousa formosa;
Amor, com cujo amor anda segura
Huma vida taõ fraca, e duvidosa;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja Amor, o que naõ vejo?

XXX.

Amor, que por amor te dispuzeste
A restaurar o Mundo errado, e triste;
Amor, que por amor do Ceo desceste;
Amor, que por amor á Cruz subiste;
Amor, que por amor a vida déste;
Amor, que por amor a gloria abriste;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXI.

Amor, que mais, e mais sempre te augmentas
No coraçaõ que lá comtigo trazes;
Amor, que de amor puro te sustentas
No fogo em que tu mesmo arder me fazes;
Amor, que sem amor naõ te contentas,
De tudo com amor te satisfazes;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXII.

Amor, que com amor me captivaste
(Se livre póde ser quem naõ captivas)
Amor, que em taes prisões me asseguraste
As esperanças de antes fugitivas:
Amor, que suspirando me ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas:
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

XXXIII.

Quando verei hum dia em que offereça
Por ti ao cruel ferro o peito forte,
E cercada de Virgées appareça
Na tua soberana, e eterna Corte?
Onde lá cada huma te mereça,
Cá passando comigo a propria morte:
E todas dando o sangue juntas, todas
Celebremos comtigo eternas bodas.

XXXIV.

Faze-me já, Senhor, esta vontade
Que tenho de te ver, que sempre tive
Des que me deo lugar a tenra idade,
E lume da razaõ nesta alma vive.
Naõ queiras, meu Amor, que a saudade
Sem tal bem a mi só da vida prive,
Que se muito se alarga este desterro,
Por ella irei a ti, naõ por o ferro.

XXXV.

Desata o meu espirito saudoso,
Do nó mortal em que se vai detendo,
Primeiro que tres vezes presuroso
O Sol os doze Signos vá correndo:
Espaço he que tomei, meu doce Esposo,
Para outro esposo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de ti creo
Que acabes com a vida o meu receo.

XXXVI.

Inda neste fervente, e justo fogo
Ursula suspirando procedia,
Quando de hum resplandor como de fogo,
Divina voz ouvio, que alli dizia:
O' Virgem, que soubeste fazer jogo
Do que no Mundo tem maior valia;
Entende que da volta que fizeres,
Aqui quero que seja o que tu queres.

XXXVII.

Tanto que tal resposta do Ceo teve,
Naõ quiz do que esperava perder hora:
Já lhe parece larga a noite breve,
E que Já tarda muito a bella Aurora.
Em descobrindo Apollo o carro leve,
Do porto de Colonia sahio fóra:
Já Basiléa em breve tempo toma,
E a pé de alli partiram para Roma.

XXXVIII.

O Pastor summo, Ciriaco santo,
As sahe a receber, e as acompanha
Com gozo espritual, com grande espanto
De ver em tal idade fé tamanha.
Dizer se póde mal, mal cuidar quanto
Se gosa o Real sangue de Bretanha,
Os veneraveis Templos visitando
De aquelles que tambem foi imitando.

XXXIX.

Na propria noite deste proprio dia
Que Roma ver as Virgées mereceo,
A quem de Pedro a Barca entaõ regia,
Revelou o que rege a terra, e Ceo;
Que martyrio tambem receberia
Onde Ursula co'as mais o recebeo:
Deixa contente o grão Pontificado,
Desejoso de ser martyrizado.

XL.

Por mais que todo o Clero soffre mal
Mover-se por aquellas Estrangeiras,
Movido da Vontade divinal,
O bom Pastor se vai com as Cordeiras.
Hum Arcebispo leva, hum Cardeal:
Tres Bispos deixam vagas tres Cadeiras,
De Luca, Ravicana, e de Ravenna:
Mauricio me ficava já na penna.

XLI.

Despois de na agua entrar donde sahiram ;
Com taõ formoso Sol tantas Estrellas ;
Já as ancoras debaixo acima tiram ,
E de cima já abaixo soltam vellas.
Estas náos lá adiante outras náos viram ,
Que fazendo-se vem na volta dellas :
Conhecêram-se logo as duas Frotas :
Ambas de hum Reino saõ , ambas devotas.

XLII.

Alli (já Rei erguido de Inglaterra)
Vinha de Ursula bella o bello Esposo ,
Que reinar naõ queria já na terra ,
Do Ceo já namorado , e saudoso.
Do seu primeiro amor venceo a guerra ,
A força de outro amor mais poderoso :
Amando já em seu Deos a Esposa bella ,
Para o poder achar buscava a ella.

XLIII.

A Mãi , já convertida , traz comsigo ;
O Pai já Christão feito fallecêra ,
Com que soube evitar o grão castigo
Que morrendo Gentio naõ soubera.
Amor celeste ; como aqui naõ digo
O teu sublime obrar ? Ah quem pudera !
Por meio de huma Virgem fosse meio
Com que gente copiosa a Christo veio.

XLIV.

Vinha mais nesta nova companhia
Florencia, irmãa do Rei, da Mãi cuidado;
Florencia, que em belleza florecia,
Como flor em jardim bem cultivado:
Tambem a Frota Bispos dous trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado:
O primeiro já em Grecia bago teve;
Do segundo o Bispado não se escreve.

XLV.

Outra Virgem viuva alli mais vinha,
Que desposada sendo em tenra idade,
Antes das bodas enviuvado tinha,
E promettida a Christo a castidade.
Esta do mesmo Rei era sobrinha,
Filha da Imperatriz da grão Cidade,
Onde por culpa nossa, ou pouca dita,
Seu throno agora tem o fero Scita.

XLVI.

Estes que advente repetida Historia
Deixáram só por Deos altos Estados,
Com outros de que he menos a memoria,
Foram divinamente amoestados,
Que todos (para entrar juntos na gloria)
Ao Coro Virginal fossem juntados,
Com quem na terra Martyres seriam,
E no Ceo para sempre reinariam.

XLVII.

Seria eſtranho o gozo que ſentíram
Aquellas bem naſcidas Almas ſantas,
Quando juntas alli todas ſe víram
De partes taõ remotas, e de tantas.
Sem eſtorvos, que de antes o impedíram,
As duas, mais que todas, bellas plantas,
Alli abraços ſe daõ ſem algum pejo,
Ambas conformes já n'hum ſó deſejo.

XLVIII.

Alli faria o Rei acatamento
A quem deixou da Barca o grão governo;
E elle, conforme a ſeu merecimento,
Reſponderia com amor paterno.
Naõ faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos eſtados differentes,
Todos ſeríam hũus em ſer contentes.

XLIX.

O vento as brancas vélas naõ enchia;
Corria o frio Rheno entaõ mais quedo;
Antes para Colonia naõ corria,
Porque as Virgẽes naõ foſſem lá taõ cedo.
Parece que já claro conhecia,
(Oh Coro Virginal, ſereno, e lédo!)
Que lá vos eſperava a ímpia morte.
Agora, ó Muſa, conta de que ſorte.

L.

Aquelle que na fórma de serpente
Deixou aos dous primeiros enganados,
Invejoso de ver que tanta gente
Se converria á Lei dos Baptizados;
No coraçaõ entrou manhosamente
De dous Gentios, Principes damnados,
Da soberba Romãa Cavaleria,
Por encurtar a Fé que se estendia

LI.

A fama os assegura com certeza
Que a Virgem a Colonia já voltava,
Com toda a casta juvenil belleza,
Que por amor do Ceo peregrinava.
Fizeram avisar com grão presteza
A hum parente, que Julio se chamava,
Soberbo Capitam dos Hunnos feros;
Que todos para todas foram Neros.

LII.

Eis logo o cego Principe Gentio,
Com gente innumeravel de seu mando,
A praia a tomar vem do mesmo rio
Por onde as Virgẽes vinham navegando.
Já descobrem aquelle, este navio,
Os que estaõ do mais alto atalaiando:
A's armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no sangue novo.

LIII.

Vindo a Frota a fugir junto do muro,
Onde lhe parecia estar segura,
(Oh Virgées que buscais lugar seguro
Adonde vos espera a sepultura!)
Entra com mão armada o povo duro
Por esta peregrina formosura:
Já começa a provar os aços fortes;
Eis tudo sangue já, já eis tudo mortes.

LIV.

Já nú todas as Virgées offreciam
O delicado collo, o terno peito:
Era para caber quantas cahiam,
Todo largo lugar lugar estreito.
Do puro sangue os rios que corriam,
Outro vermelho mar já tinham feito.
Tu só, Córdula, á morte te escondeste;
Mas despois a buscaste, e recebeste.

LV.

Ciriáco o primeiro, bem constante,
A vida ao ferro offrece sem espanto:
O moço Rei Inglez cahio diante
De aquelles castos olhos que amou tanto.
Espera, brando Esposo hum breve instante;
Espera a tua doce Esposa, em tanto
Que outro Amor outro golpe lhe prepara;
E juntos entrareis na Patria chara.

LVI.

LVI.

Em qual terra, ó cruéis, em qual Cidade,
Entre quaes gentes mais a furor dadas,
Se naõ usou de amor, e de piedade,
Com formosas donzellas desarmadas?
Como belleza tanta, e tal idade,
Vos deixou arrancar vossas espadas?
Ah lobos, carniceiros, tigres bravos,
Filhos de crueldade, de ira escravos!

LVII.

De quantos animais sustenta a terra,
Nunca tanta crueza foi usada;
Inda que tenham hũus com outros guerra,
Nunca do macho a femia he lastimada:
Anda a cerva co' o cervo por a serra,
A novilha do touro acompanhada,
A' leoneza o leaõ defender préza:
Vós sós quebrais as leis da natureza?

LVIII.

Puderam outros olhos por ventura
De lagrimas divinas escusar-se,
Vendo, cuberta já de nevoa escura,
A luz de tantos bellos apagar-se?
Vendo a purpurea rosa, a cecem pura
Em taõ formosas faces descorar-se?
As tranças de ouro vendo, espedaçadas
Por debaixo dos pés andar pizadas?

LIX.

Na força deſta furia acceſa, e brava,
O Tyranno cruel a viſta ergueo
A' Virgem, que invencivel animava
As Almas que juntára para o Ceo.
Aſſi já envolta em ſangue como andava,
Da ſua formoſura ſe venceo;
E com doces razões, que amor enſina,
A vencê-la de amor ſe determina.

LX.

Fingindo ſe arrepende do paſſado,
(E de fingí-lo ſe arrepende azinha)
Sua vida lhe offrece, e ſeu Eſtado,
Sem ver que Eſtado, e vida a perder vinha.
O ſeu amor lhe pede confiado;
O ſeu amor que dado a ſeu Deos tinha:
Pede-lhe o ſeu amor, antes naõ ſeu,
Porque já dado o havia a quem lho deu.

LXI.

Uſa de mil liſonjas, mil enganos,
Por conſeguir o ſeu deſejo bruto.
A flor logra (dizia) de teus ãnos;
Colhe de eſſa belleza o doce fruto:
Naõ dês materia nova a novos danos,
Naõ pagues verde á morte o ſeu tributo:
Olha que tees em mi (naõ ſaõ cautelas)
Outro Reino, outro Eſpoſo, outras Donzelas.

LXII.

Naõ faças mentirosa a natureza,
Que dá de amor em ti grande esperança,
Que se póde alcançar do essa beleza,
Se já piedade della naõ se alcança?
Aos tigres, aos leões, deixa a braveza,
E deixa aos meus soldados a vingança:
Se por ver-me cruel queres ser crua,
Já te vingas de mi em cousa tua.

LXIII.

Volve esses olhos já com mais brandura;
Esses olhos, de amor doce morada:
Delles naõ faça em mi a formosura,
O que em tantos já fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura,
Que delles estar vejo pendurada,
Acabarei de ver quaõ pouca tenho,
Pois donde a matar vim a morrer venho.

LXIV.

Como do rogo meu naõ te aproveitas,
Quando o teu risco a me rogar te obriga?
Ou naõ conheces bem a quem engeitas,
Ou me engeitas por mais que seja, e diga.
Em que cuidas, Senhora, ou que suspeitas?
Mais proprio era chamar-te dura imiga.
Mas naõ conferem amor nome taõ duro,
Em parecer taõ brando, e taõ seguro.

LXV.

Os raios desses olhos já serenos
Enxuguem desse rosto as puras rosas:
O triste suspirar já soo menos
Nestas concavidades saudosas.
Naõ façam grande mal males pequenos;
Quem naõ soffre esperanças vagarosas
Que anda costumado em seus amores
A medir por seu gosto seus favores.

LXVI.

Que gosto podes ter de maltratar-me?
Vendo-me do passado arrependido?
Attenta que mais ganhas em ganhar-me,
Do que neste destroço tées perdido.
Se queres insistir em desprezar-me,
Ver-me-has, sobre amoroso, enfurecido.
Naõ me declaro mais, porque naõ quero
Que o medo faça o que de amor espero.

LXVII.

Ah perfido amador! Deixa o teu erro.
Naõ vês quanto enganado, e cego andas?
Aquella a quem naõ vence o duro ferro,
Como a podem vencer palavras brandas?
Manda a sua alma já deste desterro,
Com essas que a seu doce Esposo mandas.
Naõ a detenhas mais em teus amores,
Se dobrar-lhe naõ queres suas dores.

LXVIII.

Vendo o cruel, em fim, que o que dizia,
Tomava a bella Virgem por affronta;
E que quanto de amor mais se accendia,
Ella delle fazia menos conta;
No concavo arco que na mão trazia,
Huma sétta embebeo de aguda ponta,
E o peito lhe passou de banda a banda.
Assi rendeo o espirito a Virgem branda.

LXIX.

Vai-te, Espirito gentil, desta baixeza;
As azas abre já, já a luz derrama;
Vôa com desusada ligeireza,
Onde o teu Bem te espera, onde te chama.
Verás baixa do Mundo a mór alteza;
Verás que engana mais a quem mais ama;
E lá do teu Amor, cá suspirado,
O fructo colherás taõ desejado.

LXX.

Em paz te vai, ó Alma pura, e bella,
Mais bella inda no sangue que verteste;
Vai-te alegre a gozar, vai, já de aquella
Formosa Regiaõ, alta, e celeste.
Corôada de gloria, immortal nella
Com Christo lograrás, a quem te déste
Com tantas, e taõ bem nascidas Almas,
(Formosura do Ceo) onze mil palmas.

IN-

INDICE DOS POEMAS
desta Parte das Rhythmas,

Com a declaração do assumpto, e argumento de alguns delles, mais difficeis de entender.

Os números marginaes accusam as paginas.

SONETOS.

A

A

Ven-

e

E

B

C

Cho-

Creou

D

Dia-

A Manoel Barata, publicando a sua Arte de escrever, pelos annos de 1572. Era morador em Lisboa, mas natural de Pampilhosa: foi o primeiro que na Europa publicou traslados abertos em chapa. Em poder de certo amigo vi neste presente anno de 1783 hum exemplar desta Obra, em cujo principio se acha este Soneto, que lançarei aqui da mesma sorte que alli vem; para que o Leitor veja, e pondere quanto o nosso Poeta emendava, limava, e melhorava as proprias composições.

Ditosa penna, ditosa mão que a guia
Com tantas perfeições da subtil arte;
Que quando com razão venho a louvarte
Em teus louvores perco a phantasia.
Mas o amor que effeitos varios cria,
Me manda de ti cante em toda a parte,
Não em plectro belligero de Marte,
Mas em suave, e branda melodia.
Teu nome Emanuel de hum a outro Polo
Correndo se levanta, e te apregoa,
Agora que ninguem te levantava:
E porque immortal sejas, eis Apollo
Te offerece de flores a coroa,
Que já de muitos annos te guardava.

Ainda muito mais consideravel differença (como bem observei em hum Exemplar do Livro do mesmo Orta) se acha entre a Ode que o Poeta imprimio em Goa, no Livro de Garcia d'Or-

E

ro filho do segundo Conde de Linhares Dom Francisco, e da Condessa D. Violante, que os Mouros matárão em Ceuta em 18 de Abril de 1553 annos, sendo elle de desasete. D. Joanna de Noronha, sua Irmãa, que nunca casou, e fez esta Capella á sua custa, quando a acabou, que foi no anno de 1622, trasladou seus ossos da Sé de Ceuta a esta Sepultura; e não a deo aos mais Irmãos seus, porque dous delles morrêrão em Africa com ElRei D. Sebastião, e os outros dous nas partes da India: e dous são Religiosos da Ordem de Santo Agostinho.

Ce-

G

H

Des-

I

L

No

O

O

P

tos

tos de novos amores, repreſentando-lhe algum futuro contentamento.

Pois meus olhos naõ cansam de chorar. 58.

Quer que conſte ao Mundo o ſeu tormento amoroſo.

Pois torna por ſeu Rei, e juntamente. 120.

Ao clariſſimo D. Luis de Ataïde, voltando ſegunda vez a governar a India, que foi no fim do anno de 1577. Eſte Soneto, que o inſolente Bernardes imprimio por ſeu, e he nas ſuas Rhythmas o 115, foi das ultimas couſas que eſcreveo Luis de Camões, pois morreo logo no anno de 1579.

Por cima deſtas aguas forte, e firme. 94.

Em huma deſpedida, que ſe julga foi quando partio de Lisboa para a India.

Por gloria tuve un tiempo el ſer perdido. 106.

Eſte Soneto, em quanto ao argumento, eſtá claro: he feito com o artificio de principiar cada hum dos verſos repetindo a palavra ultima do antecedente, de que ſe acham exemplos, aſſim como nas Rhythmas de Vaſco Mauſinho de Quevedo.

Paſtora mia gloria de la vida;
Vida, que vida y muerte dás por ſuerte;
Suerte mejor que vida, y peor que muerte;
Muerte, &c.

Por os raros extremos que moſtrou. 47.

Elogiando igualmente a quatro Damas.

Porque quereis, Senhora, que offereça. 41.

Fallando com a ſua amada lhe diz, que ſe o deſpreza por elle merecer pouco, que bem fóra eſtá de que venha ao Mundo quem dignamente a mereça.

Porque a tamanhas penas ſe offerece. 125.

Q

Po-

R

S

te Soneto de Luis de Camões. Diz assim a primeira em versos Senarios.

Deserviebat annos per septem Jacob
Pastor, Labano bellæ Rachelis patri;
Non patri serviebat tamen, at filiæ,
Solam petebat quam laboris præmium.
In spem diei agebat unius dies,
Dulci contentus aspectu illius frui.
Sed usus arte fallaci vafer parens,
Ipsi Rachelis in locum dabat liam.
Aspiciens tristis Pastor, cum dolo suam
Sibi puellam denegatam, non secus
Ac si nequaquam promeritus illam foret;
Alios per annos septem servire occipit,
Dicens, diutius ipse servirem, nisi
Esset; tam longum ad amorem, vita tam brevis.

ALITER.

Septem annos Pastor curabat ovile Labani
Cujus erat Rachel filia pulchra, Jacob.
Non famulabatur patri tamem ille, sed illi,
Quam sibi poscebat præmia sola dari.
Cernere dilectam contentus, spéque diei
Ducebat placidos unius ipse dies.
At pro formosa genitor Rachele, sororem
Subdebat tacita callidus arte Liam.
Mœstus ut advertit pastor, sibi fraude negata
Tanquam non merito, Virginis ora sua.
Deservire iterum septenis incipit annis,
Taliaque ex imo pectore verba refert:
Servirem longo mage tempore tam breve vita
Si non pro tanto tempus amore foret.

Se

T

se em amar. Parece que foi o Poeta assaltado de algum desejo menos decente.

V.

Vencido està de amor meu pensamento. 104.
Verdade, amor, razaõ, merecimento. 143.
Desengano das cousas do Mundo.

Vi queixosos de amor mil namorados. 150.
Que tudo no amor he tristeza, e tormento.

Vòs outros que buscais repouso certo. 123.
Ao engano com que os homẽes vivem, e daõ credito ás cousas do Mundo, procurando achar repouso nellas, e perdendo-se pelas mesmas.

Vós Nymphas da Gangetica espessura. 139.
A D. Leonis Pereira, filho illegitimo de Dom Manoel Pereira, terceiro Conde da Feira. Tendo á sua conta a Praça de Malaca, entaõ huma das mais importantes daquelle Estado, e sendo esta invadida por ElRei de Achem com huma poderosa Armada, elle a defendeo valerosamente. Succedeo isto no anno de 1568, em que o Poeta sahio da India para Sofála, donde partio para Lisboa, chegando aqui no anno de 1569.

Vós, que de olhos suaves, e serenos, 70.
He do mesmo argumento que o Soneto 87, e vem a ser ciume a que a sua Dama deo causa.

Vós que escutais em Rhythmas derramado. 75.
He traducçaõ de hum Soneto, que serve de Proemio aos Sonetos de Petrarca, e principia:
Voi ch'ascoltate in Rime sparse il suóno,
Di quei suspiri ond'io nudriva il cuore, &c.

Vos-

CANÇÕES.

ODES.

ODES.

For-

Formosa fera humana. 245.
A certa Dama Lisbonense, que pelo contexto se entende ser semelhante á de que falla Horacio na Ode X. do Livro terceiro.

Já a calma nos deixou. 265.
He o mesmo argumento, que o da Ode IX., com a differença de que lá principiou com a entrada da Primavera, e aqui começa com o rigoroso do Verão.

Naquelle tempo brando. 262.
Amores de Peleo, e Tethys, e como delles nasceo o forte Achilles.

Nunca manhãa suave. 248.
Escripta em obsequio de certa Dama.

Póde hum desejo immenso. 249.
Foi escripta em ausencia, na qual só em vivas representações da imaginação via a sua amada.

Se de meu pensamento. 242.
Escreveo o Poeta esta Ode, quando já cansado com as trabalhosas experiencias de amor, e fortuna, que o havíam reduzido a hum estado de naõ poder cantar como costumava.

Taõ suave, taõ fresca, e taõ formosa. 247.
Da Estancia septima desta Ode se entende que foi escripta em huma despedida; porque diz que aquelles que se vaõ soffrem saüdades, suspeitas, temores, penas, &c., e conclue o Poeta dizendo, que se expõe a soffrer tudo. He escripta com o mesmo artificio que outras, que escrevêram Poetas insignes, assim como Francisco Petrarca, Pedro Bembo, e Luis Grotto na Italia; na Hespanha Alonso Peres; e em Portugal Fernando Alvares do Oriente. Ha suspeita de que esta de Luis de

Ca-

SEXTINAS.

ELEGIAS.

ESTANCIAS.

Fim do Tomo segundo.

ERRATAS.

Pag.	*regr.*	*Erros.*	*Emendas.*
34	12	De que sempre.	De quem sempre
112	6	E gora	E agora
120	4	Atis	Atys
Ibid.	10	pinheiro	Pinheiro
Ibid.	14	pinheiro	Pinheiro.